

**UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**DIRETRIZES EDUCACIONAIS DA IGREJA
METODISTA E SUA APROXIMAÇÃO COM A
PROPOSTA DE EDUCAÇÃO LIBERTADORA
EM PAULO FREIRE**

JOSUÉ ADAM LAZIER

**PIRACICABA, SP
2010**

**DIRETRIZES EDUCACIONAIS DA IGREJA
METODISTA E SUA APROXIMAÇÃO COM A
PROPOSTA DE EDUCAÇÃO LIBERTADORA
EM PAULO FREIRE**

JOSUÉ ADAM LAZIER

ORIENTADOR: PROF. DR. ELIAS BOAVENTURA

**Tese apresentada à Banca
Examinadora do Programa de
Pós-Graduação em Educação
da UNIMEP como exigência
parcial para obtenção do título
de Doutor em Educação**

**Piracicaba, SP
2010**

BANCA EXAMINADORA

Dr. Elias Boaventura – Orientador

Dr^a. Anna Maria Lunardi Padilha

Dr. Carlos Ribeiro Caldas Filho

Dr. Geoval Jacinto da Silva

Dr. José Maria Paiva

AGRADECIMENTOS

Agradeço àquela e aqueles que têm me acompanhado em minha busca pelo saber e por uma ação transformadora da vida, Joceli, minha esposa, Tiago e Lucas, meus filhos.

Agradeço aos professores e professoras que mediaram até aqui a busca pelo saber durante o mestrado e o doutorado: Dr. Elias Boaventura, Dr. José Maria Paiva, Dr^a. Maria Guiomar Carneiro Tomazello, Dr^a. Anna Maria Lunardi Padilha, Dr. Bruno Pucci, Dr^a. Raquel Pereira C. Gandini, Dr^a. Maria Cecília Rafael de Góes, Dr^a. Roseli Pacheco Schnetzler, Dr. Valdemar Sguissardi, Dr^a. Maria Nazaré da Cruz, Dr. Cleiton de Oliveira, Dr. Geoval Jacinto da Silva (banca mestrado e doutorado) e Dr. Carlos Ribeiro Caldas Filho (banca doutorado).

RESUMO

O presente trabalho decorre da hipótese de que as *Diretrizes para a Educação na Igreja Metodista* - DEIM apresentam aproximações com a educação libertadora preconizada pelo educador Paulo Freire. Para a realização da pesquisa, é feito um levantamento dos documentos que antecederam a aprovação do DEIM, bem como assinalado o contexto onde estes documentos foram gestados. Destacam-se destes documentos aspectos fundantes da filosofia educacional metodista que vai se formando com a busca de uma igreja que se faça presente no contexto social e cuja ação educacional responda aos desafios da sociedade. São indicados os conceitos e concepções que dão o contorno da missão da Igreja Metodista e da educação como uma das ações que visam o cumprimento da sua missão. Busca-se, no que concerne à educação libertadora em Paulo Freire, os aspectos fundamentais de sua pedagogia, bem como um breve histórico do contexto onde se desenvolveu a chamada Pedagogia do Oprimido e os desdobramentos desta em outros escritos do referido educador. Ao elencar aspectos fundamentais da educação libertadora freireana destacam-se chaves que serão utilizadas para a leitura do documento da Igreja Metodista intitulado *Diretrizes para a Educação na Igreja Metodista*, com o objetivo de verificar se há aproximações entre as duas filosofias educacionais. Constata-se que há aproximações da educação libertadora na perspectiva de Paulo Freire na elaboração das diretrizes educacionais da Igreja Metodista.

Palavras chaves: Educação, Educação Libertadora, Metodismo.

ABSTRACT

The present study derives from the hypotheses that the "Guidelines for Education at the Methodist Church" (Diretrizes para a Educação na Igreja Metodista - DEIM) present approaches with the education for liberty professed by educator Paulo Freire. For the realization of the research, it was collected the documents that preceded the approval of the DEIM and also considered the context where these documents were nourished. It was detached from this documents the founding aspects of the Methodist educational philosophy that were formed along the search of a church that makes itself present in the social context and which educational action is capable of facing the challenges of society. It was signaled the concepts and conceptions that give the shape of the mission of the Methodist Church and of education as one of the actions that is part of the fulfillment of its mission. In regard of the education for liberty in Paulo Freire, it was searched the fundamental aspects of his pedagogy, and presented a brief description of the context where it was developed the Pedagogy of the Oppressed, together with its unfolding in other writings of the mentioned author. Of the discussion of the fundamental aspects of Freire's education for liberty it is detached assembling keys that will be used in the reading of the document of the Methodist Church called Guidelines for Education at the Methodist Church, with the purpose of verifying if exist proximities between the two educational philosophies. It was verified that in fact there are proximities of the education for liberty in Paulo Freire's perspectives in the elaboration of the educational guidelines of the Methodist Church.

Key-words: Education, Education for liberty, Methodism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I – ANTECEDENTES DAS DIRETRIZES PARA A EDUCAÇÃO NA IGREJA METODISTA.....	17
INTRODUÇÃO.....	17
1.1. DOCUMENTOS QUE ANTECEDERAM AS DIRETRIZES PARA A EDUCAÇÃO NA IGREJA METODISTA.....	20
1.1.1. Credo Social.....	20
1.1.2. Regras Gerais.....	24
1.1.3. 1º Plano Quadrienal.....	25
1.1.4. 2º Plano Quadrienal.....	28
1.2. A BUSCA POR UMA NOVA FILOSOFIA EDUCACIONAL.....	29
1.2.1. Esboço de Filosofia de Educação dos Educandários da Igreja Metodista do Brasil.....	30
1.2.2. Objetivo e filosofia Educacional das Instituições de Ensino da Igreja Metodista.....	31
1.2.3. Fundamentos, Diretrizes, Políticas e Objetivos para o Sistema Educacional Metodista.....	32
1.2.4. A educação cristã: um posicionamento metodista.....	34
1.3. PLANO PARA A VIDA E MISSÃO DA IGREJA.....	35
1.3.1. Definição de missão.....	35
1.3.2. Definição sobre o Reino de Deus.....	38
1.4. CONTEXTO ONDE OS DOCUMENTOS FORAM GERADOS.....	39
SÍNTESE DO CAPÍTULO.....	44
CAPÍTULO II – FILOSOFIA EDUCACIONAL EM PAULO FREIRE.....	44
INTRODUÇÃO.....	46

2.1 DADOS BIOGRÁFICOS.....	47
2.1.1. Antecedentes da Pedagogia do Oprimido.....	47
2.1.2. Influências recebidas.....	50
2.2. FILOSOFIA EDUCACIONAL EM PAULO FREIRE.....	52
2.2.1. A educação.....	52
2.2.2. A visão de mundo.....	58
2.2.3. O ser humano.....	61
2.2.4. A opressão.....	63
2.2.5. Educação e Libertação.....	65
2.2.6. Educação e Práxis.....	69
2.2.7. A Religião.....	71
SÍNTESE DO CAPÍTULO.....	75
CAPÍTULO III – DIRETRIZES PARA A EDUCAÇÃO NA IGREJA METODISTA – UMA LEITURA FREIREANA.....	76
INTRODUÇÃO.....	76
3.1. A VISÃO EDUCACIONAL DA IGREJA METODISTA.....	77
3.1.1. Diretrizes para Educação na Igreja Metodista.....	77
3.1.2. A Filosofia Educacional da Igreja Metodista.....	79
3.2. APROXIMAÇÕES COM A EDUCAÇÃO FREIREANA.....	85
3.2.1. A educação.....	85
3.2.2. Dialogicidade.....	87
3.2.3. Consciência crítica.....	90
3.2.4. A visão de mundo.....	91
3.2.5. O ser humano.....	92
3.2.6. Opressão e libertação.....	93
3.2.7. A religião.....	94
SÍNTESE DO CAPÍTULO.....	96
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	98
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	105

ANEXOS.....110

Anexo 1 – Credo Social – Primeira versão aprovada em 1930.....	111
Anexo 2 – Credo Social – Versão atual aprovada em 1997.....	112
Anexo 3 – As Regras Gerais da Igreja Metodista.....	116
Anexo 4 – 1º Plano Quadrienal 1975 a 1978.....	119
Anexo 5 – 2º Plano Quadrienal 1979 a 1982.....	126
Anexo 6 – Esboço de uma Filosofia de Educação das Instituições da Igreja Metodista do Brasil.....	140
Anexo 7 – Objetivo e Filosofia Educacional das Instituições de Ensino da Igreja Metodista.....	151
Anexo 8 – Fundamentos, Diretrizes, Políticas e Objetivos para o Sistema Educativo Metodista.....	153
Anexo 9 – A Educação Cristã – um posicionamento metodista.....	158
Anexo 10 – Plano para a Vida e Missão da Igreja.....	159
Anexo 11 – Diretrizes para a Educação na Igreja Metodista.....	169

SIGLÁRIO

CEBs - Comunidades Eclesiais de Base

CELADEC - Comisión Evangélica Latino Americana de Educación Cristiana

CEMETRE - Centro Metodista de Ensino e Treinamento

COGEAM - Coordenação Geral de Ação Missionária da Igreja Metodista

COGEIME - Conselho Geral das Instituições de Ensino da Igreja Metodista

CONEC - Coordenação Nacional de Educação Cristã da Igreja Metodista

CONET - Coordenação Nacional de Educação Teológica da Igreja Metodista

DEIM - Diretrizes para a Educação na Igreja Metodista

DNED - Departamento Nacional da Escola Dominical da Igreja Metodista

ICIRA - Instituto de Pesquisa e Treinamento em Reforma Agrária

IEP - Instituto Educacional Piracicabano

M.C.P. - Movimento de Cultura Popular

PVM - Plano para a Vida e Missão da Igreja Metodista

SESI - Serviço Social da Indústria

UMESP - Universidade Metodista de São Paulo

UNIMEP - Universidade Metodista de Piracicaba

INTRODUÇÃO

No início da década de 1980, sensível ao processo de profundas transformações que se estruturavam no seio da sociedade brasileira, a Igreja Metodista estabeleceu novas diretrizes educacionais. No Concílio Geral realizado em julho de 1982 foram aprovados dois documentos que orientam a vida, a missão e apresentam a filosofia educacional. O primeiro deles é o *Plano para a Vida e Missão da Igreja Metodista - PVM*, que trata da vida e missão da Igreja Metodista e o segundo que apresenta as *Diretrizes para a Educação na Igreja Metodista - DEIM*.

O documento com as *Diretrizes para a Educação na Igreja Metodista* será objeto de reflexão neste trabalho, por apresentar uma nova filosofia educacional que questiona a tendência liberal e individualizante presente até então nos documentos da Igreja Metodista.

A escolha pelo núcleo de História e Filosofia da Educação do Programa de Pós Graduação e Educação da UNIMEP e pelo objeto de pesquisa, ou seja, as *Diretrizes Educacionais da Igreja Metodista* e sua aproximação com a proposta de educação libertadora em Paulo Freire decorrem da participação do autor do trabalho ao longo de 28 anos na área educacional da Igreja Metodista, como Diretor e professor do Centro Metodista de Ensino e Treinamento - CEMETRE, instituição ligada à Sexta Região Eclesiástica¹; como redator de um dos periódicos da Igreja Metodista para a Escola Dominical, no caso a revista

¹ A Igreja Metodista no Brasil está organizada em Regiões Eclesiásticas e em Regiões Missionárias. Ao todo são oito Regiões. A Sexta Região Eclesiástica compreende os Estados do Paraná e Santa Catarina. O CEMETRE, mantido pela Sexta Região Eclesiástica era responsável pelos cursos de formação teológica para agentes de pastoral e preparação inicial dos alunos que se destinavam à formação superior em Bacharel em Teologia. O CEMETRE é também conhecido como Seminário Evangélico Metodista de Teologia.

*Flâmula Juvenil*²; como Secretário Executivo da Coordenação Nacional de Educação Teológica da Igreja Metodista - CONET³; como membro do Conselho Diretor da Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP; como bispo assistente do Conselho Diretor da Faculdade de Teologia da Universidade Metodista de São Paulo - UMESP e como bispo assistente da Coordenação Nacional de Educação Teológica da Igreja Metodista - CONET. Atualmente atua como professor de Teologia Pastoral na Faculdade de Teologia da Universidade Metodista de São Paulo - UMESP, no Módulo: *Pedagogia e Gestão na Prática Eclesial*; como bispo assistente da Coordenação Nacional de Educação Cristã da Igreja Metodista - CONEC; bispo assistente do Departamento Nacional de Escola Dominical da Igreja Metodista - DNEN e Coordenador da Pastoral Escolar e Universitária do Instituto Educacional Piracicabano - IEP.

Esta vivência levou o autor considerar que os dois documentos sofreram resistências desde a sua aprovação por parte de pessoas e segmentos da Igreja Metodista. Estas resistências se deram por diversas razões. No que diz respeito ao documento com as *Diretrizes para a Educação na Igreja Metodista* - DEIM, uma das razões principais está vinculada aos fatores ideológicos, presentes na concepção de uma educação libertadora que as Diretrizes para a Educação professam. A hipótese para a pesquisa é que o documento, que tem a inspiração da teologia da libertação, da educação popular por meio das Comunidades Eclesiais de Base - CEBs, se aproxima fundamentalmente da Educação Libertadora preconizada pelo educador Paulo Freire. Ao assumir uma proposta educacional de cunho libertador e transformador, a Igreja Metodista indica

² A Igreja Metodista produz por meio do Departamento Nacional de Escola Dominical, material didático para as classes de Escola Dominical das comunidades metodistas, de acordo com as diferentes faixas etárias. Os materiais publicados são: Bem-te-vi Jardim da Infância; Bem-te-vi I; Bem-te-vi II; Flâmula Juvenil; Cruz de Malta e Em Marcha. A revista Flâmula Juvenil é destinada aos adolescentes da faixa etária dos 12 aos 17 anos.

³ A Igreja Metodista tem em sua estrutura três órgãos que coordenam e integram os diferentes segmentos da educação. No caso da educação secular o órgão de coordenação é o COGEIME; no caso da educação teológica o órgão de coordenação é a CONET e no caso da educação cristã é a CONEC.

fazer uma confissão de culpa pela ação educacional até então desenvolvida.

O objetivo da pesquisa é verificar se há e quais são as aproximações da filosofia educacional da Igreja Metodista com a proposta educacional em Paulo Freire. As aproximações com a educação libertadora do referido educador explicariam, pelo menos em parte, as dificuldades em assimilar tal documento por integrantes e segmentos da Igreja Metodista, não tanto pela influência da teologia da libertação, como é afirmado insistentemente por diversas pessoas da Igreja Metodista, mas principalmente por causa do questionamento que o documento faz acerca da educação bancária praticada pela Igreja Metodista, de forma geral, quando apresenta uma educação libertadora.

Ao se confirmar esta hipótese da aproximação com a educação libertadora fica evidente a relevância do documento, mesmo tendo passado mais de 25 anos da sua aprovação, por indicar uma filosofia educacional que promove a pessoa como ser que se constrói no relacionamento com as outras e na relação com o meio social e não meramente como receptáculo do conhecimento.

Desta forma, far-se-á uma leitura do DEIM a partir da hipótese de que o referido documento apresenta aproximações, em sua concepção educacional, com a educação preconizada por Paulo Freire, conhecida como educação libertadora. Seguindo por esse caminho, será feita uma análise do documento a partir das aproximações com a pedagogia freireana.

Este trabalho se inicia com a hipótese de que o DEIM é relevante, ao lado do *Plano para a Vida e Missão da Igreja - PVM*, e pontua aspectos da missão e da educação que alimentam uma prática libertadora e transformadora da realidade. Neste sentido, o Colégio Episcopal e a COGEAM (Coordenação Geral de Ação Missionária - órgão da administração geral da Igreja Metodista) rejeitaram proposta de mudança nas *Diretrizes para a Educação na Igreja Metodista* apresentada pelo COGEIME

(Conselho Geral das Instituições Metodistas de Ensino), como matéria a ser enviada ao XVIII Concílio Geral, realizado em julho de 2006. Na ótica do autor deste trabalho, que na ocasião era membro ativo dos dois órgãos superiores da Igreja Metodista, a razão principal que levou o Colégio Episcopal e COGEAM a rejeitarem tal proposta se deu pelo fato de a mesma apresentar uma concepção liberal, individualista e mercantilista da educação, numa clara visão retroativa daquilo que se pretendeu superar. Desta forma, embora ainda haja dificuldades no seio da Igreja Metodista em conceber uma educação libertadora e em implantar o documento com as diretrizes em todas as suas ações educacionais, o DEIM foi reafirmado como documento base do projeto educacional da Igreja Metodista.

Para o trabalho de análise dos documentos da Igreja Metodista será usado o método comparativo. Lakatos e Marconi (1986: pg. 80) comentando este método afirmam:

Considerando que o estudo das semelhanças e diferenças entre os diversos tipos de grupos, sociedades ou povos contribui para uma melhor compreensão do comportamento humano, este método realiza comparações com a finalidade de verificar as similitudes e explicar divergências. O método comparativo é usado tanto para comparações de grupos no presente, no passado, ou entre os existentes e os do passado, quanto entre sociedades de iguais ou de diferentes estágios de desenvolvimento.

Com este método de comparação entre os documentos da Igreja Metodista será possível verificar o desenvolvimento de conceitos fundantes para a filosofia educacional, tais como missão, reino de Deus e educação. Por meio deste método comparativo é feita a

[...] análise sistemática da forma, do funcionamento, dos elementos e de suas inter-relações, da dinâmica interna de um fato, de uma instituição, de uma comunidade ou de uma sociedade. (HIRANO, 1988: p. 35).

Este método comparativo não é estático e tampouco alcança o todo dos documentos analisados, ou seja, ele não esgota as pesquisas, pois o próprio autor poderá, em outros momentos, perceber aspectos que não ficaram perceptíveis no primeiro momento da análise. Este método é utilizado no primeiro capítulo, onde os documentos da Igreja Metodista que antecederam as *Diretrizes para a Educação na Igreja Metodista* são analisados. Eles evidenciavam um segmento religioso no Brasil que estava buscando se inserir na realidade e, sem neutralidade, ou apoio ao sistema dominante, atuar na perspectiva da libertação e transformação social.

Desta forma, O primeiro capítulo versará sobre os antecedentes das *Diretrizes para a Educação na Igreja Metodista*, apresentando conceitos fundantes para a missão e para a educação preconizada pela Igreja Metodista, bem como concepções que dão o contorno da filosofia educacional da Igreja Metodista. Os antecedentes são importantes para se verificar que ao longo dos anos buscava-se uma nova filosofia educacional e que ela é desenvolvida em respostas às questões que a própria Igreja Metodista apresenta nos documentos que antecedem o DEIM.

Além dos conceitos e concepções, são apresentados os documentos que antecederam a aprovação das Diretrizes para a Educação, tais como Credo Social aprovado em 1930; Credo Social aprovado em 1997; Regras Gerais da Igreja Metodista; 1º Plano Quadrienal 1975-1978; 2º Plano Quadrienal 1979-1982; Esboço de uma Filosofia de Educação das Instituições da Igreja Metodista do Brasil; Objetivo e Filosofia Educacional das Instituições de Ensino da Igreja Metodista; Fundamentos, Diretrizes, Políticas e Objetivos para o Sistema Educacional Metodista; Educação Cristã: um posicionamento metodista e Plano para a Vida e Missão da Igreja Metodista. Estes documentos estão anexados ao final deste trabalho. Ao se

discorrer sobre os antecedentes será assinalado o contexto onde os documentos foram gerados e aprovados.

O segundo capítulo abordará a filosofia educacional de Paulo Freire, indicando alguns dados biográficos e destacando os antecedentes da Pedagogia do Oprimido. Para isto, discorrer-se-á sobre alguns aspectos da filosofia educacional do referido educador, extraíndo conceitos e concepções fundantes da educação libertadora e que serão utilizadas como chaves de leitura da Filosofia Educacional da Igreja Metodista. Ao se fazer isto, faz-se também um recorte no pensamento do referido educador, sem, no entanto, minimizar ou esgotar o assunto.

Por certo, há outros aspectos que poderiam ser elencados, mas os que são apresentados orientam a leitura dos documentos para se verificar a aproximação da filosofia educacional da Igreja Metodista com a educação libertadora de Paulo Freire. Entre os aspectos a serem destacados estão a concepção de educação, a visão de mundo, o ser humano, a opressão, a libertação, a práxis libertadora e a religião.

Ao se utilizar o pensamento de Paulo Freire como uma referência de análise do documento da Igreja Metodista não se determina que ele seja o único referencial, mas sim que é um dos que expressou a busca por libertação e transformação social. No caso de Paulo Freire, esta busca dá através de uma educação que conscientize o/a cidadão/ã e ajude-o/a na construção de uma sociedade de indivíduos livres, conscientizados e críticos.

O terceiro capítulo utilizará os aspectos da educação freireana descritos no capítulo anterior como chaves de leitura da filosofia educacional presente no documento com as *Diretrizes para a Educação na Igreja Metodista*, para verificar as possíveis aproximações ou distanciamentos que o documento da Igreja Metodista apresenta frente à educação libertadora na compreensão freireana.

É importante destacar que em alguns momentos será citado o *Plano para a Vida e Missão da Igreja*, tendo-se em vista que é o documento norteador da missão da Igreja Metodista e contém as conceituações de educação que são detalhadas no segundo documento, o DEIM. Estes dois documentos estão vigentes até a data de hoje.

CAPÍTULO I

ANTECEDENTES DAS DIRETRIZES PARA A EDUCAÇÃO NA IGREJA METODISTA

"1-A Igreja Metodista afirma sua responsabilidade cristã pelo bem-estar integral do homem como decorrente de sua fidelidade à Palavra de Deus expressa nas Escrituras do Antigo e Novo Testamentos. 2- Essa consciência de responsabilidade social constitui parte da preciosa herança confiada aos metodistas pelo testemunho histórico de João Wesley. 3- O exercício dessa missão é inseparável do Metodismo Universal ao qual está vinculada a Igreja Metodista por unidade de fé e relações de ordem estrutural estabelecidas nos Cânones. 4- A Igreja Metodista participa dos propósitos de unidade cristã e serviço mundial, do Conselho Mundial de Igrejas. 5- No presente século de gigantesco progresso científico e tecnológico, a Igreja Metodista reafirma a verdade proclamada por João Wesley no século XVIII na Inglaterra: "Vamos unir ciência e piedade vital há tanto tempo separadas" (CREDO SOCIAL, 1999: p 16).

INTRODUÇÃO

Neste primeiro capítulo serão assinalados os documentos que antecederam a aprovação das *Diretrizes para a Educação na Igreja Metodista*, bem como conceitos e definições que vão se estabelecendo com o desenvolvimento da Igreja Metodista e de suas Instituições Educacionais.

Por ocasião da aprovação do DEIM foi aprovado também o *Plano para a Vida e Missão da Igreja*, documento norteador da vida e da missão da Igreja Metodista e que será citado em alguns momentos.

Conceitos acerca da missão, definições sobre o Reino de Deus e concepções educacionais gestados nos Planos Quadrienais, no Credo Social e nos documentos do Conselho Geral das Instituições Metodistas de Ensino (COGEIME), a saber, *As Instituições de Ensino e Filosofia e Política Educacional*, além de outros documentos, são sinalizadores dos

conceitos e concepções que o PVM e o DEIM apresentam sobre a missão da Igreja Metodista e suas Instituições e da sua filosofia educacional, bem como o conceito de Reino de Deus que é fundante dos demais.

Para se compreender as implicações das afirmações de fé, de missão e de vida expressas nos dois documentos aprovados em 1982, bem como a educação preconizada pela Igreja Metodista, há que se conhecer seus antecedentes, documentos que indicam movimentos internos da Igreja Metodista e seu contexto social e político.

O *Plano para a Vida e Missão da Igreja* surge para balizar as ações da Igreja Metodista e orientar a vida e missão em atendimento a eclesiologia professada pela Igreja Metodista.

O DEIM é resultado da busca que a Igreja Metodista faz de uma educação que se insira na cultura e no ambiente social da sociedade brasileira e promova a construção do ser humano para atuar na realidade a fim de transformá-la. Esta busca se concretiza com a aprovação do DEIM. As *Diretrizes para a Educação na Igreja Metodista* surgem como balizadoras da educação desenvolvida pela Igreja Metodista.

Os dois documentos foram aprovados pelo XIII Concílio Geral realizado na cidade de Belo Horizonte/MG no ano de 1982.⁴ Neste sentido, o PVM e o DEIM são inovadores e balizadores de uma nova mentalidade educacional e ênfase na política e na filosofia educacional, ao indicarem uma concepção libertadora e humanizadora da educação. O PVM apresenta os conceitos de educação que serão detalhados no documento com as diretrizes. Para a Igreja Metodista a educação se apresenta de três formas: educação secular, educação cristã e educação teológica.

A educação intitulada de *secular* é a desenvolvida pelas Instituições de Ensino mantidas pela Igreja Metodista; a

⁴ Para este trabalho será utilizada a edição dos dois documentos feita em 1996. A primeira edição publicada do PVM e DEIM foi em 1982, pela Editora UNIMEP, Piracicaba, SP.

educação intitulada de *cristã* é a realizada no interior das igrejas locais e congregações, seja na Escola Dominical ou outros segmentos na vida da Igreja Metodista; e a educação designada de *teológica* é a que acontece no âmbito das Faculdades de Teologia e Institutos Teológicos Regionais, também mantidos pela Igreja Metodista.

É importante ressaltar a afirmação de Paulo Freire (2000) de que a igreja não é neutra na história e de que a missão que ela preconiza e desenvolve também não é, pois a igreja está inserida na realidade concreta onde se encontra e não há como estabelecer neutralidade na sua vida e missão com este contexto histórico. Paulo Freire (2000: p. 105) afirma que

As Igrejas, de fato, não existem, como entidades abstratas. Elas são constituídas por mulheres e homens 'situados', condicionados por uma realidade concreta, econômica, política, social e cultural. São instituições inseridas na história, onde a educação também se dá. Da mesma forma, o que fazer educativo das Igrejas não pode ser compreendido fora do condicionamento da realidade concreta em que se acham.

Nas palavras do educador Paulo Freire (1998), a educação não é e nunca foi, ou poderá ser neutra ou indiferente à reprodução da ideologia dominante ou a contestação da mesma, ou mesmo manter neutralidade em relação a ambas.

Considerando estes fatores, os Planos aprovados pela Igreja Metodista são resultados da busca por uma igreja que se apresente de forma contextualizada e libertadora e que sinalize, em sua vida e missão, os contornos da sua confessionalidade e do seu compromisso com o Reino de Deus, bem como sinalize uma preocupação com a vida e com os problemas presentes na sociedade. Assim se expressa o documento PVM a respeito da missão da Igreja Metodista:

A missão de Deus no mundo é estabelecer o Seu Reino. Participar da construção do reino de Deus em nosso mundo, pelo Espírito Santo, constitui-se na tarefa evangelizante da Igreja. (PLANO, 1996: p. 14).

1.1 - DOCUMENTOS QUE ANTECEDERAM AS DIRETRIZES PARA A EDUCAÇÃO NA IGREJA METODISTA

Os documentos elencados na sequência apresentam os antecedentes das diretrizes educacionais. Eles indicam que a Igreja Metodista buscava sinalizar a sua presença na sociedade através de uma ação mais efetiva em termos do cumprimento da sua missão, bem como através da ação educativa, seja no âmbito eclesial e, em especial, no contexto de suas instituições educacionais.

1.1.1 - O credo social

O Credo Social é a doutrina social da Igreja Metodista, ou seja, a formulação e concepção da responsabilidade da Igreja Metodista e sua membresia, frente à sociedade e às questões que a envolvem. Além das Bases Bíblicas que são como um texto litúrgico, o Credo Social apresenta o que poderia ser designado de doutrina social e onde se evidenciam aspectos da compreensão e da leitura que a Igreja Metodista tem do mundo e da sociedade e a responsabilidade da mesma na sua imersão no contexto social.

A primeira versão do Credo Social da Igreja Metodista do Brasil data de 1930, por ocasião da autonomia da Igreja Metodista (anexo 1). Ele vai ser incorporado no primeiro Cânones definido pela Igreja Metodista no Brasil, em 1934. Os Cânones apresentam a lei ordinária que rege a Igreja Metodista, aprovados nos Concílios Gerais.

A primeira versão do Credo Social se baseou num documento semelhante aprovado pela Igreja Metodista Episcopal do Sul dos Estados Unidos da América no ano de 1918. Mas, segundo Renders (2003: p. 53), o Credo Social da Igreja Metodista nasceu em

1908 no Concílio Geral da Igreja Metodista Episcopal (EUA) e era designado de "A Igreja e os Problemas Sociais".

O Credo Social aprovado pela Igreja Metodista brasileira em 1930 e que permaneceu até o ano de 1960, quando sofreu sua primeira alteração, estava assim delineado na sua apresentação:

Visto que a Igreja de Deus foi devidamente comissionada para apresentar Jesus Cristo a cada geração como o único meio de solucionar os problemas humanos e para trabalhar afim de que a Ele todas as cousas se sujeitam, a Igreja Metodista do Brasil considera os problemas de uma nova e justa orientação industrial e social como um desafio à sua comissão, e, por isso, interpretando o Evangelho tanto para o indivíduo como para a sociedade, declara-se solidária com os demais ramos da Igreja de Cristo na defesa dos seguintes princípios, que constituem o seu Credo Social. (CÂNONES, 1934: p. 11).

Este Credo indica os seguintes itens: direitos iguais para todos; justiça para todos e em todas as camadas sociais; cuidado com a família; abolição da exploração de crianças através do trabalho; oferecimento de uma educação que propicie o desenvolvimento das crianças; regulamentação do trabalho para as mulheres; proteção do indivíduo e da sociedade contra os males da bebida alcoólica e tóxicos, bem como dos prejuízos causados pelo comércio destas substâncias e da prática do jogo e da prostituição; sustento para o operário em sua velhice ou em caso de invalidez ou desemprego; descanso semanal e horas de trabalho razoável; salário que sustente a família do trabalhador; repúdio à guerra; direito do voto (CÂNONES, 1934).

O VIII Concílio Geral realizado em 1960 fez as primeiras mudanças no Credo Social. Neste Concílio ele foi ampliado em sua redação e organizado em itens, a saber, (CÂNONES, 1960): I. Nossa Herança; II. Base Teológica; III. Ordem Político-Social e Econômica; IV. Males Sociais; V. Responsabilidades Cívicas; VI. Ecumenismo e VII. Nossa Ordem - Ler, Estudar, Aplicar.

Esta segunda versão do Credo Social enfatizava a busca pela justiça social, política e econômica. Para a época era um documento de grande abrangência e de uma abertura no interior da Igreja Metodista no sentido de conceber a sua missão de forma contextualizada, profética, sinalizadora da vida, educativa e formadora da cidadania e de perceber as oportunidades de cumprimento da missão que a Igreja Metodista professava de forma concreta e relevante.

O Credo Social pretendia "ser uma formulação da doutrina social ou da responsabilidade da Igreja Metodista do Brasil" (SILVA, 1968: p. 10). Além desta constatação acerca do comprometimento social da Igreja Metodista, assim se expressa Silva (1968: p. 10), então secretário executivo da Junta Geral de Ação Social da Igreja Metodista daquele período eclesialístico:

É evidente que o Credo Social faz mais justiça à obra pastoral e social de João Wesley como dos pioneiros do metodismo na Inglaterra e no mundo todo. Precisamente, na repercussão social da pregação de Wesley e dos leigos do metodismo primitivo, é que se pode avaliar a amplitude de sua visão do Evangelho e dos problemas humanos. Sua luta incessante contra a corrupção política, a luxúria e avaria dos ricos, o desemprego, a escravidão, a guerra e sua desumanidade, a escola como privilégio de minoria, o alcoolismo como força de degeneração da personalidade, é que mostram a visão social do pioneiro do metodismo. Assim, o teste mais relevante para avaliarmos o pensamento social de Wesley como evangelista é o impacto de sua mensagem na sociedade da Inglaterra.

O Credo Social se nutre desta vertente wesleyana, que estabelece as *Regras Gerais* para tratar da disciplina individual e comportamental do metodista e a *Doutrina Social* para trabalhar a responsabilidade do metodista como cidadão e, portanto, responsável pela construção de uma sociedade mais justa e mais fraterna. Sobre educação o Credo Social propõe

[...] um programa educativo que leve o homem do campo à consciência de suas relações com Deus, com o solo e com todas as riquezas naturais, bem como à consciência de

seus deveres para com a família, a Igreja e o bem estar da comunidade. (CÂNONES, 1960: p. 238).

O X Concílio Geral realizado em 1970 aprovou novas e maiores mudanças no Credo Social, incluindo-o como parágrafo do artigo 4^a da Constituição, item intitulado Das Doutrinas (CÂNONES, 1970: p. 12): "a doutrina social da Igreja Metodista se expressa no Credo Social". Para Oliveira (1982: p. 41) esta inclusão do Credo Social na Constituição "é resultado natural da mudança de teologia, que se coloca ao dispor da ação de Deus no Mundo". O Concílio alterou sua concepção de uma igreja que tinha várias finalidades para uma igreja de missão e assim se expressou no caput e no parágrafo único:

A missão da Igreja Metodista é participar da ação de Deus no seu propósito de salvar o mundo. Parágrafo único: A Igreja Metodista cumpre a sua missão realizando o culto de Deus, pregando a sua Palavra, ministrando os sacramentos, promovendo a fraternidade e a disciplina cristãs e proporcionando a seus membros meios para alcançarem uma experiência cristã progressiva, visando ao desempenho de seu testemunho e serviço no mundo. (CÂNONES, 1970: p. 11).

Comentando esta mudança na concepção conciliar sobre missão, Oliveira (1982: p. 41) afirma o seguinte:

[...] passando de uma filosofia empresarial, secular, para uma filosofia missionária, de um enfoque individual para um enfoque mais amplo, de caráter social.... A mudança é radical, é revolucionária, pois significa uma nova teologia e, assim, uma nova ideologia - a eficiência da empresa cede lugar à ação do Reino de Deus.

É neste ambiente de mudanças que a nova versão do Credo Social de 1970 é concebida. O Credo segue a estrutura do anterior, mas apresenta uma proposta mais contextualizada com a realidade brasileira e com a presença da Igreja Metodista em solo brasileiro. A versão aprovada no X Concílio Geral apresenta uma nova seção intitulada *Dos Costumes*, onde estão

inseridas as Regras Gerais, o código de conduta cristã para os membros da Igreja Metodista.

Os fundamentos da nova doutrina social da Igreja Metodista passam pelos temas da justiça social e econômica, democracia, compromisso com os marginalizados e oprimidos e direitos humanos e apontam pressupostos teológicos que orientam a concepção da doutrina social.

O XVI Concílio Geral realizado em 1997 também fez uma revisão e contextualizou o Credo Social (anexo 2), retirando a seção que apresentava as Regras Gerais. Desta forma, podemos apreender que a doutrina social professada pela Igreja Metodista ao longo de seus Concílios Gerais indicou os caminhos pelos quais seguiram os idealizadores do Plano para a Vida e Missão da Igreja e das Diretrizes para Educação na Igreja Metodista. Entre as alterações feitas nesta versão do Credo Social estão uma ampliação da participação ecumênica da Igreja Metodista e o resgate da preocupação de João Wesley em unir ciência e piedade (CREDO, 1999: p.17). Esta versão aprovada em 1997 continua vigente até a data de hoje.

1.1.2 - As regras gerais

As Regras Gerais tratam da disciplina individual e comportamental do cristão metodista. Estas regras desafiam a pessoa a refletir sobre seu comportamento com Deus, com o próximo e com a sociedade, a fim de evidenciar a experiência cristã de uma forma equilibrada e inserida no contexto da vida. O objetivo é criar o equilíbrio entre as questões doutrinárias e de fé e a prática destas doutrinas e desta fé no contexto social.

O bispo César Dacorso Filho, primeiro bispo brasileiro da Igreja Metodista, num comentário às Regras Gerais (anexo 3), afirma que elas

[...] não são mais nem menos do que um resumidíssimo código de conduta a que prometem sujeitar-se todos os que se filiam à Igreja. Por isso mesmo, elas tentam evitar, na vida deles, umas tantas práticas e ao mesmo tempo estimular outras tantas que constituem, como facilmente se vê, não só as características da Igreja como um corpo, mas também, as de cada um dos que a ela pertencem, quer como simples homens, quer como cristãos. São, como claro fica, para orientação certa, sistematizada, insofismável, do poder evangélico em face do século, por parte de quem deseja e busca a perfeição. Seu fim é produzir santidade como sinal do coração regenerado pelo Espírito Santo. (DACORSO, p. 2).

Vale ressaltar que DACORSO, quando menciona a perfeição e a santidade, está se referindo à doutrina da Igreja Metodista intitulada de perfeição cristã ou de santidade bíblica.

1.1.3 - O 1º plano quadrienal - 1975-1978

A Igreja Metodista aprovou dois Planos chamados de Quadrienais. Os Planos Quadrienais representam as bases e os princípios, sobre os quais a Igreja Metodista organiza o seu trabalho para o período eclesiástico correspondente de quatro anos e sintetiza o anseio de membros da Igreja Metodista representados pelos conciliares eleitos para os referidos Concílios Gerais que aprovaram os respectivos Planos Quadrienais.

O XI Concílio Geral da Igreja Metodista, realizado no ano de 1974, aprovou o Plano Quadrienal para o período eclesiástico seguinte, que compreende os anos de 1975 a 1978 (anexo 4). Este foi o primeiro Plano Quadrienal. O tema norteador do documento foi "missão e ministério". Neste documento a Igreja Metodista definiu a sua missão a partir de um conceito bíblico-teológico mais amplo e abrangente do que simplesmente a vida eclesial, ou seja, o Reino de Deus. Assim se expressa o 1º Plano Quadrienal (1975: p. 9):

O propósito de Deus é libertar o ser humano de todas as coisas que o escravizam, concedendo-lhe uma nova vida à imagem de Jesus Cristo, através da ação e poder do Espírito Santo, a fim de que, como Igreja, constitua neste mundo e neste momento histórico, sinais concretos do Reino de Deus; a missão da Igreja é participar da ação de Deus nesse seu propósito.

A libertação e transformação da pessoa à imagem de Cristo são sinais concretos e evidências de que o Reino de Deus, e a sua justiça, estão presentes. A igreja, ao cumprir com a sua missão, participa da ação divina em estabelecer o Seu Reino. O 1º Plano Quadrienal (1975: p. 11) afirma que o Reino de Deus é

O alvo último do Deus trino e significará o surgimento definitivo do mundo novo, da nova vida, do perfeito amor, resultados da ação do Espírito Santo. Por isso, fecundados no presente pelo penhor do Espírito Santo, a Igreja manifesta, nas ambigüidades da história, os sinais deste mundo definitivo, na medida em que ela permanece fiel à sua missão.

Oliveira (1982: p. 44) vê neste Plano Quadrienal uma contextualização com a realidade brasileira e que

[...] representa uma nova teologia, numa nova visão missionária, chamando por mais renovadas formas institucionais. A missão é a fonte, o reino de Deus é o ponto de chegada, a libertação e o ministério de todos são a dinâmica, o Brasil e a sua cultura são o lugar e a forma da missão libertadora do evangelho do Cristo.

Neste ambiente de transformações nos conceitos de missão e Reino de Deus, o Plano introduz as áreas de ação da Igreja Metodista, ou seja, área do ministério cristão, área de missões e evangelização, de ação social, de educação, de unidade cristã e área de patrimônio e finanças. A área de educação propicia a concepção de uma nova filosofia educacional a ser desenvolvida pela Igreja Metodista, em seus três tipos: secular, cristã e teológica. Na educação secular o Plano Quadrienal (1975: p. 22) apresenta como objetivo

Proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de auto-realização, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício consciente da cidadania, à luz do Evangelho de Jesus Cristo.

Destacam-se nesta conceituação três objetivos para a educação desenvolvida pelas Instituições de Ensino em todos os graus, ou seja, formação, qualificação e preparo. O documento orienta para que seja estabelecida uma Filosofia Educacional, de acordo com a tradição metodista e que norteia a ação educativa denominada de educação secular (PLANO, 1975).

A educação cristã, a partir das definições que o 1º Plano Quadrienal (1975: p. 23) faz, é

O processo pelo qual a experiência, isto é, a própria vida da pessoa, se transforma, desenvolve, enriquece e aperfeiçoa mediante sua relação com Deus em Jesus Cristo. É o processo de formação e reconstrução da experiência da pessoa à luz dos princípios, ideais e valores cristãos. Isto inclui: reavaliação e reformulação de conceitos e comportamentos.

Neste sentido, a espiritualidade e vivências cristãs promovem a transformação e o desenvolvimento da pessoa na sua compreensão acerca da fé e da vida e na sua ação evidencia a fé, o amor e a esperança e vive o discipulado enquanto um estilo de vida que caracteriza a vida cristã.

No que diz respeito à educação teológica, o documento indica o preparo bíblico-teológico, a capacitação profissional e o amadurecimento dos líderes para o cumprimento da missão (PLANO, 1975). Este tipo de educação é desenvolvido pelas Instituições de Ensino Teológico mantidas pela Igreja Metodista.

Oliveira (1982: p. 44), avaliando a caminhada da Igreja Metodista a partir do Concílio Geral de 1974, faz o seguinte comentário sobre o Plano Quadrienal recém aprovado:

Com a elaboração do primeiro plano quadrienal, realmente brasileiro, e que representa uma nova teologia, numa nova

visão missionária, chamando por mais renovadas formas institucionais. A missão é a fonte, o reino de Deus é o ponto de chegada, a libertação e o ministério de todos são a dinâmica, o Brasil e a sua cultura são o lugar e a forma da missão libertadora do evangelho do Cristo.

1.1.4 - O 2º plano quadrienal - 1979-1982

O XII Concílio Geral da Igreja Metodista, realizado de 23 a 30 de julho de 1978 em Piracicaba/SP, aprovou o Plano Quadrienal para o período de 1979 a 1982 (anexo 5). Este foi o segundo Plano Quadrienal definido pela Igreja Metodista com as bases e os princípios norteadores do trabalho a ser desenvolvido no período de quatro anos. Este Plano apresenta a mesma estrutura do anterior e as mesmas bases teológicas. O tema norteador do Plano é "Unidos pelo Espírito, Metodistas Evangelizam".

Na definição de missão o eixo bíblico-teológico fica mais enfático ainda. Se no primeiro Plano Quadrienal de 1975 o cumprimento da missão levava à sinalização do Reino de Deus, neste segundo Plano de 1979 a missão é salvar o ser humano integrando-o ao Reino de Deus (PLANO, 1979).

Neste sentido, o conceito de missão é ampliado na sua concepção e na sua abrangência, pois o Reino de Deus deixa de ser apenas sinalizado pelo cumprimento da missão, que é libertar as pessoas de todas as coisas que as escravizam, para integrá-las ao Reino de Deus. Também se destaca o fato de que de um Plano para outro há uma mudança de verbos, libertar para salvar, mas que, na concepção da Igreja Metodista, são utilizadas sinonimamente.

O conceito de Reino de Deus também é ampliado na sua concepção. Se expressa assim o 2º Plano Quadrienal (1979: p. 10) em suas Bases Teológicas:

O Reino de Deus é o alvo do Deus Trino e significa o surgimento do novo mundo, da nova vida, do perfeito amor,

da justiça plena, da autêntica liberdade e da completa paz. Tudo isto está introduzido em nós e no mundo como semente que o Espírito está fazendo brotar.

Destaca-se a inclusão da justiça plena, da autêntica liberdade e da completa paz como sinais do Reino de Deus, ao lado da nova vida e do perfeito amor, conforme Plano Quadrienal de 1975. Portanto, o 2º Plano Quadrienal de 1979 apresenta a perspectiva de um Reino mais enfático e enraizado na vida em sociedade, e não apenas na vida e nos relacionamentos da pessoa cristã.

Os conceitos de educação secular, cristã e teológica continuam os mesmos, sendo que na da educação cristã é acrescentada a seguinte frase (PLANO, 1979: p. 26): "é o processo de nutrição, crescimento e capacitação para viver e testemunhar Cristo na presença, poder e ação do Espírito Santo".

A educação dos membros da Igreja Metodista também recebe uma ampliação em seu conceito e ação, para atender ao Reino de Deus que se apresenta no mundo e na sociedade através da justiça, da liberdade, da solidariedade e da paz. O cristão metodista é educado a viver e testemunhar a Cristo além de ter a sua vida transformada pela experiência cristã.

1.2 - A BUSCA POR UMA NOVA FILOSOFIA EDUCACIONAL

O documento que apresenta as *Diretrizes para Educação na Igreja Metodista* (DEIM) foi aprovado pelo XIII Concílio Geral realizado em 1982, juntamente com o Plano para a Vida e Missão. Os Planos Quadrienais de 1975 e 1979 já indicavam a necessidade de se estabelecer uma filosofia da educação e uma política para o sistema educacional metodista, através da definição de fundamentos, diretrizes, políticas e objetivos

que norteassem a ação educativa desenvolvida pela Igreja Metodista através de suas Instituições de Ensino.

A questão da educação até então se mostrava um assunto periférico nos Concílios Gerais da Igreja Metodista. Poucas informações eram apresentadas, poucos relatos, pois o tema não ganhava a devida atenção e cuidado por parte das lideranças e dos conciliares, embora houvesse iniciativas para que se estabelecesse uma política e uma filosofia educacional que evidenciasse a identidade e a confessionalidade da Igreja Metodista.

1.2.1 - Esboço de filosofia de Educação das Instituições da Igreja Metodista do Brasil

Um primeiro esforço no sentido de se estabelecer uma filosofia para a área educacional foi o documento elaborado em 1964 e intitulado *Esboço de Filosofia de Educação das Instituições da Igreja Metodista do Brasil* e apresentado ao Concílio Geral de 1965 (anexo 6). Este documento, na perspectiva de Mattos

[...] foi redigido com base em um conceito de educação que reproduzia quase que de forma ingênua o ideário que havia nutrido a ação educacional da Igreja na época missionária, agora em 1964 completamente esgotado. (2000: P. 66).

Em 22 de abril de 1967 foi fundado o Conselho Geral das Instituições Metodista de Ensino - COGEIME, reunindo todas as instituições educacionais da Igreja Metodista em todos os níveis de formação ou especialização. Através do COGEIME buscou-se uma integração entre as instituições, mas também se promovia encontros, debates e diálogos em torno de uma educação confessional. Em Julho de 1968 um grupo de educadores metodistas reunidos no Instituto Americano de Lins convidava

as Instituições de Ensino da Igreja Metodista a realizarem o ano da renovação educacional (COGEIME, 1971).

A partir deste encontro o Conselho Geral das Instituições Metodistas de Ensino - COGEIME iniciou o processo de avaliação e planejamento das Instituições. Este trabalho se desenrolou durante o ano de 1969. O relatório do COGEIME apresenta a síntese do trabalho realizado e uma análise individual de cada Instituição de Ensino, incluindo a Faculdade de Teologia da Igreja Metodista, hoje integrada à Universidade Metodista de São Paulo - UMESP.

1.2.2 - Objetivo e Filosofia Educacional das Instituições da Igreja Metodista

Como resultado do trabalho realizado pelo COGEIME em 1969, o X Concílio Geral da Igreja Metodista, reunido em fevereiro de 1970 na cidade do Rio de Janeiro, aprovou o documento intitulado *Objetivo e Filosofia Educacional das Instituições de Ensino da Igreja Metodista* (anexo 7). O documento faz algumas afirmações que refletem o estreitamento da visão educacional que prevalecia no início daquela década.

Para Mattos (2000: p. 67), embora o documento de 1970 tenha recebido uma melhor elaboração em relação ao documento de 1964, ele "reafirma o conceito liberal de educação tratando de atualizar sua linguagem e também sua compreensão quanto à relação da escola confessional com a sociedade". Para Mattos (2000: p. 68) ainda, o documento não assimila os fundamentos da nova doutrina social aprovada pelo mesmo Concílio Geral.

A Filosofia Educacional é apresentada em forma de um credo com seis itens onde se encontram os conceitos de educação. São eles: educação cristã, escola democrática, educação para a vida, educação dinâmica e progressista, ensino

profissionalizante e escola a serviço da comunidade (OBJETIVO, 1970). Quando se lê os itens deste credo tem-se a expectativa de que a Igreja Metodista estava alargando a sua visão de educação, mas quando se lê os conceitos ou ementas presentes em cada item verifica-se que isto não acontece.

Houve intenção de se promover uma renovação educacional como fruto da avaliação e do planejamento levado a efeito no ano de 1969, mas o relatório do COGEIME e as decisões do X Concílio Geral, no que diz respeito às questões educacionais, não lograram este êxito. Há um claro posicionamento de continuidade, com poucas mudanças, na filosofia e na política que eram preconizadas pelas Escolas Metodistas.

1.2.3 - Fundamentos, Diretrizes, Políticas e Objetivos para o Sistema Educacional Metodista

A intenção de renovação vai ressurgir em julho de 1980, por ocasião de um Seminário Nacional para uma Educação Metodista Brasileira. Neste Seminário foi aprovado um documento que provocou muitas discussões e reflexões no seio da Igreja Metodista e nas Instituições de Ensino. O documento se intitulava de *Fundamentos, Diretrizes, Políticas e Objetivos para o Sistema Educacional Metodista* (anexo 8). Entre as inovações que o documento aspirava para as Instituições de Ensino e que geraram tantas polêmicas, estava a busca por

[...] uma postura de libertação e compromissadas com a educação formal e não formal, com vistas a libertar os pobres, os oprimidos, os desvalidos e os opressores do jugo das estruturas opressivas. (FUNDAMENTOS, 1980: p. 5).

O documento declarava ainda que "a prática educativa deverá, portanto, ser libertadora e procurará transformar o educando em agente positivo da libertação" (FUNDAMENTOS, 1980: p. 5).

Entre os debates e as controvérsias que este documento provocou em vários segmentos da Igreja Metodista, foi realizado em Janeiro de 1982, às vésperas do XIII Concílio Geral, um Seminário sobre o Plano Nacional de Educação. Neste evento os desentendimentos foram enormes e, como medida de conciliação e encaminhamento do tema, um grupo de trabalho assumiu a responsabilidade de elaborar uma proposta final de um documento contendo as Diretrizes para a Educação na Igreja Metodista e que veio a ser aprovado em julho de 1982 por ocasião do Concílio Geral. Castro (2002: p. 57), membro do grupo que elaborou o documento final dá o seguinte testemunho:

O documento que chegou ao XIII Concílio Geral, em julho de 1982, foi basicamente o resultado desse grupo de trabalho, que procurou incorporar as diretrizes estabelecidas pelo plenário do seminário, sempre na busca de um consenso mínimo. Nesse sentido, o texto preparado, apesar de conservar o tom político numa perspectiva progressista, era bem menos ideológico do que aquele preparado no Seminário do Rio, em 1980.

O contexto de abertura política do país alcança a elaboração dos documentos da Igreja Metodista, entre eles e, em especial, as Diretrizes para a Educação. Para MATTOS (2000), os conflitos, resistências e polêmicas que envolveram a elaboração das Diretrizes têm a ver com a relação entre o processo social e o processo da Igreja Metodista.

Enquanto algumas pessoas da liderança buscavam uma inserção maior no contexto da sociedade brasileira, havia resistências aos novos ventos teológicos, eclesiais e educacionais que sopravam sobre a vida e missão da Igreja Metodista.

1.2.4 - A educação cristã: um posicionamento metodista

Outro documento que deve ser registrado como antecedente das diretrizes educacionais da Igreja Metodista é a discussão que se deu em 1981 em torno da educação cristã. O documento intitulado *A Educação Cristã: um posicionamento metodista* (anexo 9) é fruto de uma Consulta e de um Seminário sobre o tema *Educação Cristã*. O DEIM indica este documento no Prefácio Histórico (DIRETRIZES, 1996, p. 46).

O documento registra o objetivo da educação cristã delineado na Consulta e no Seminário se referindo às pessoas e à comunidade (A EDUCAÇÃO, 1981, p. 4): "objetiva a transformação, a libertação e a capacitação (...) para um comprometimento com a missão de Deus no mundo".

Este documento é muito sugestivo em virtude da sua abrangência em termos de definições e do alcance da ação educativa adjetivada de cristã, ou seja, a educação realizada junto às pessoas da igreja e no contexto eclesial. Um aspecto a destacar é a perspectiva de uma comunidade que aprende em todo o tempo e onde todos são educadores e educandos. Assim se refere o documento:

O ver, o ouvir, o captar, o dialogar, o compartilhar e o fazer são todos meios pelos quais a pessoa se educa. Assim todos são educadores e educandos a um só tempo. (EDUCAÇÃO CRISTÃ, 1981: p. 4).

E o documento continua evidenciando uma amplitude de conceitos quando afirma que o processo de educar cristãmente

[...] não é legitimador de conceitos e situações estabelecidos, mas atualizador da tradição cristã, problematizando todas as experiências da vida. (EDUCAÇÃO CRISTÃ, 1981: p. 2).

1.3 - PLANO PARA A VIDA E MISSÃO DA IGREJA METODISTA

O *Plano para a Vida e Missão* (anexo 10) nasce neste contexto e nele recebe sinais de rejeição por evidenciar uma preocupação com a vida e com a justiça e o direito para todos, cujo eixo central era o Reino de Deus.

Paralelamente ao PVM, mas cuja aprovação por parte da Igreja Metodista se dá no mesmo Concílio Geral, surgem as *Diretrizes para a Educação na Igreja Metodista* apresentando a nova filosofia educacional e balizadora da educação desenvolvida no interior das comunidades e pelas Instituições de Ensino Teológico e Secular mantidas pela Igreja Metodista. O documento evidencia a preocupação conciliar por uma educação libertadora, cujo eixo central deveria ser o Reino de Deus. A aprovação deste documento foi acompanhada de muita discussão e debates entre os conciliares e de negociações em termos da redação final.

Encontram-se no PVM conceitos e definições fundantes para a filosofia educacional que é delineada pelos proponentes e acolhida pelos conciliares. Estes conceitos se constituem a compreensão acerca da missão e a definição do eixo que a norteia, a saber, o Reino de Deus.

1.3.1 - Definição de missão

O *Plano para a Vida e Missão* ressalta os conceitos relacionados à missão da Igreja Metodista, que é participar do estabelecimento do Reino de Deus no mundo (PLANO, 1996). Desde o primeiro Plano Quadrienal a Igreja Metodista muda o ambiente

onde acontece a missão, saindo do foco no contexto eclesial e ampliando os horizontes da presença e da ação da igreja no contexto social. Assim o mundo passa a ser o local onde a igreja cumpre com sua tarefa de estabelecer o Reino de Deus. O surgimento deste Plano se dá num momento em que a Igreja Metodista vivencia certa crise de identidade e, como conseqüência, crise confessional. Ao iniciar o processo de transformação em seus conceitos a Igreja Metodista estabelece um plano geral que "inspire sua vida e programação" (PLANO PARA VIDA E MISSÃO, 1996: p. 9).

Há um imperativo que norteia a elaboração do Plano para a Vida e Missão: continuar o processo que permite que tudo na igreja se oriente para a missão. Diz o PVM (1996: p. 10):

Certamente aqui estamos diante da necessidade de revisarmos profundamente nossa prática de piedade pessoal e a necessidade de revermos nossos atos de piedade pessoal e a necessidade de revermos nossos atos de misericórdia, entendidos como ação concreta de amor e a favor dos outros.

Na definição de missão o Plano usa a expressão "construção do Reino de Deus". Vale ressaltar que o eixo da missão continua sendo o Reino de Deus. A expressão utilizada, ou seja, construção, não é conveniente se considerarmos o todo do documento, uma vez que esta expressão indica algo mecânico e planejado. Ela é introduzida nos documentos da Igreja Metodista numa época em que a Teologia da Libertação apresentava a perspectiva de um Reino de Deus que se formava pela práxis e vivência dos cristãos e que não acontecia de uma forma acabada, pronta e sem a participação das pessoas, como é concebido numa perspectiva fundamentalista da teologia, ou seja, o Reino de Deus era construído pela ação transformadora das pessoas comprometidas com valores que promoviam uma sociedade justa e transformada.

No entanto, seria oportuno utilizar uma expressão que indicasse mais o crescimento e desenvolvimento do Reino de

Deus como uma semente que cresce e que frutifica, até como consequência dos comprometimentos que acompanham aqueles que seguem e sinalizam o Reino de Deus em suas ações e práticas. Os Evangelhos se utilizam da figura da semente para se referir ao Reino de Deus.

Neste sentido, a Igreja Metodista poderia rever a expressão "construção" para "sinalização", como aparece em outras partes do documento, até porque a figura do semeador remete ao trabalho intenso e esperançoso de que a semente vai germinar, mas que ele, o trabalhador, deve cuidar para que a semente germine e cuidar para que a planta não seja destruída a fim de que seus frutos sejam como sinais da presença do Reino de Deus, mas sem perder a perspectiva da participação humana na "construção" deste Reino. Por exemplo, nos itens que definem a vontade de Deus encontra-se a expressão "sinais" relacionada ao Reino de Deus:

O propósito de Deus é reconciliar consigo mesmo o ser humano, libertando-o de todas as coisas que o escravizam, concedendo-lhe uma nova vida à imagem de Jesus Cristo, através da ação e poder do Espírito Santo, a fim de que, como Igreja, constitua neste mundo e neste momento histórico, sinais concretos do Reino de Deus (grifos meus). (PLANO, 1996: p. 15).

No item *áreas de vida e trabalho* presentes no Plano, esta expressão aparece como meio de atuação das respectivas áreas. Já a expressão "construção" é utilizada também para outros aspectos, tais como construção da vida, do futuro e do novo ser humano.

Na segunda parte do documento, que apresenta o plano específico para as áreas de vida e de trabalho, a missão é assim definida:

É a construção do Reino de Deus, sob o poder do Espírito Santo, através da ação da comunidade cristã e de pessoas, visando o surgimento da nova vida trazida por Jesus Cristo para renovação do ser humano e das estruturas

sociais, marcados pelos sinais da morte. (PLANO PARA VIDA E MISSÃO, 1996: p. 23).

Este conceito de missão introduz, portanto, o plano para as áreas de ação e, desta forma, apresenta uma ampliação da participação da igreja na construção do Reino de Deus, em especial a área de educação.

1.3.2 - Definição sobre o Reino de Deus

A expressão Reino de Deus aparece mais de 30 vezes ao longo do PVM. Ele é o eixo norteador da missão da Igreja Metodista que se dá através do desenvolvimento das áreas de trabalho, entre elas a área de educação. Para o documento o "Reino de Deus é o alvo do Deus Trino", é construído pela tarefa evangelizante da igreja, "vence sobre as forças do mal e da morte", impulsiona à transformação da sociedade e é sinalizado pelo serviço realizado pela igreja no mundo (PLANO PARA VIDA E MISSÃO, 1996).

O conceito de Reino de Deus é o mesmo do 2º Plano Quadrienal 1979, ou seja:

O Reino de Deus é o alvo do Deus Trino e significa o surgimento do novo mundo, da nova vida, do perfeito amor, da justiça plena, da autêntica liberdade e da completa paz. Tudo isto está introduzido em nós e no mundo como semente que o Espírito Santo está fazendo brotar, como lemos em Rm 8.23: nós temos as primícias do Espírito, guardando a adoção de filhos, ou ainda em II Co 7.21-22: "mas aquele que nos confirma convosco em Cristo, e nos ungiu, é Deus, que também nos selou e nos deu o penhor do Espírito em nossos corações". (PLANO PARA VIDA E MISSÃO, 1996: p. 15).

É importante destacar as expressões que o documento usa para definir o Reino de Deus: novo mundo, nova vida, perfeito amor, justiça plena, autêntica liberdade e completa paz. O Plano propõe, portanto, um Reino que se faz presente no

cotidiano da vida, nas tessituras da humanidade e na concepção de um mundo que é justo, livre e que tem a paz como cultura universal.

1.4 - CONTEXTO ONDE OS DOCUMENTOS DA IGREJA FORAM GERADOS

Os documentos PVM e DEIM, foram gerados num contexto político de militarização do governo e conseqüentemente uma ditadura militar no país. Eram os anos de 1964 a 1985. Tal situação se apresentava também em outros países da América Latina. Daí decorre movimentos de resistência, de denúncias contra as opressões e de lutas pelos direitos humanos e por justiça.

Como conseqüências da ditadura perseguições, prisões, censuras, torturas e outros atos de violências são cometidos pelos governantes. A Igreja Metodista tem entre seus membros pessoas que foram presas por questões políticas e pela defesa dos direitos humanos, além de vivenciar um momento crítico na educação teológica, com o fechamento da Faculdade de Teologia em 1968 por parte dos órgãos superiores da própria Igreja Metodista.

Como afirma Paulo Freire (2000: p. 105), a igreja não fica neutra neste contexto. Surgem, portanto, grupos religiosos que atuam para legitimar o governo como sendo uma ordenança de Deus, utilizando-se de textos bíblicos para isto e grupos que se colocam ao lado da justiça e da liberdade na perspectiva do Reino de Deus.

A Pedagogia do Oprimido surge durante o período de ditadura em alguns países da América Latina, entre eles o Brasil. O educador popular que buscava promover uma alfabetização conscientizadora vai para o exílio no Chile e lá, somando as experiências adquiridas no tempo em que atuou

com a educação popular e alfabetização no Brasil com a experiência de educação popular entre a população chilena carente, produz a Pedagogia do Oprimido, que preconiza uma educação libertadora e transformadora da realidade. O original escrito por Paulo Freire data de 1968.

No âmbito eclesiástico, sobretudo o católico, são realizados o Concílio Ecumênico Vaticano II, em cinco sessões entre 11 de outubro de 1962, data de abertura sob o pontificado de João XXIII e 07 de dezembro de 1965, data do encerramento sob o pontificado de Paulo VI; a II Conferência Geral do Episcopado Latino Americano, realizado em Medellín, Colômbia, de 26 de agosto a 6 de setembro de 1968 e a III Conferência Geral do Episcopado Latino Americano, em Puebla, México, de 27 de janeiro de 1979 a 13 de fevereiro de 1979.

Estes eventos indicam um movimento no seio da Igreja Católica que vai em direção aos pobres e aos menos favorecidos. Teólogos latino-americanos "interpretam" estes movimentos através do que se intitulou de *Teologia da Libertação*. O Concílio Ecumênico Vaticano II pretendeu ser, segundo Kloppenburg (1968: p. 8-36), pastoral no sentido de apresentação aos homens de forma que pudessem compreender a mensagem de Deus e vivê-la integralmente; ecumênico no sentido mais moderno do termo de forma a favorecer a unidade dos cristãos; doutrinário no sentido da ortodoxia que fundamenta a pastoral e a ecumenicidade e pretendeu ainda ensinar acerca da autoridade divina.

A II Conferência Geral do Episcopado Latino Americano realizado em Medellín, Colômbia, cujo tema era "A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio", repercutiu as diretrizes do Concílio Vaticano II e fez uma releitura na perspectiva do contexto latino americano. Para Mondin (1980: p. 30), esta Conferência lança

As bases da teologia da libertação, efetuando uma corajosa análise crítica da situação em que jazem as populações deste continente, uma situação de grande miséria, profunda ignorância e penosa sujeição política e ecumênica, e proclamando, claramente e com firmeza, a urgência de tornar operante, também no nível político e social, o fermento libertador da mensagem cristã.

O referido teólogo (MONDIN, 1980) cita Gustavo Gutiérrez, teólogo católico peruano e Hugo Assmann, teólogo católico brasileiro, como os fundadores da teologia da libertação. Mondin (1980: p. 25) define a teologia da libertação dizendo que

É um movimento teológico que quer mostrar aos cristãos que a fé deve ser vivida numa práxis libertadora e que ela pode contribuir para tornar esta práxis mais autenticamente libertadora.

Entre os teólogos das Igrejas Protestantes que participaram da fundação da Teologia da Libertação e que atuaram na perspectiva de transformação do contexto opressor e repressor para uma realidade onde a justiça, a solidariedade, a liberdade e os direitos humanos fossem respeitados, estão Richard Shaull, teólogo presbiteriano, de origem norte americana e que atuou na Colômbia no final de década de 1940 e no Brasil no início da década de 1950 e na década de 1980; Julio de Santana, teólogo metodista Uruguaio; Emílio Castro, teólogo metodista da Argentina e Rubem Alves, teólogo da Igreja Presbiteriana do Brasil.

Mondin (1980: p. 25-26) apresenta também o contexto onde a teologia da libertação nasce: o contexto político é o de dominação em favor dos ricos e dos poderosos e com a utilização de força e violência. Já o contexto econômico e social é marcado pela miséria e pela marginalização da grande maioria do povo e no contexto cultural a característica é de dependência dos países ricos e desenvolvidos.

A Conferência de Medellín registra o processo de transformação em que se transformava a Igreja Católica na

América Latina, no sentido de alcançar o povo latino americano que vivia num ambiente de opressão, miséria, dependência econômica, social e cultural, além da exclusão e marginalização.

Entre as conclusões desta Conferência, encontra-se um compromisso com uma nova filosofia educacional. Assim se expressa o documento:

Os métodos didáticos estão mais preocupados com a transmissão dos conhecimentos do que com a criação de um espírito crítico. Do ponto de vista social, os sistemas educativos estão orientados para a manutenção das estruturas sociais e econômicas imperantes, mais do que para sua transformação. (MEDELLIN, 1979: p. 48).

A Conferência de Medellín faz uma proposta educacional, que deveria ser aberta ao diálogo. Assim se expressa a referida Conferência:

Nossa reflexão sobre este panorama conduz-nos a propor uma visão da educação mais conforme com o desenvolvimento integral que propugnamos para nosso continente; chamá-las de 'educação libertadora', isto é, que transforma o educando em sujeito de seu próprio desenvolvimento... Deve ser aberta ao diálogo [...]. (MEDELLIN, 1979: p. 50).

Medellín assume, portanto, uma presença pastoral mais próxima do povo sofrido da América Latina, lança as bases da teologia da libertação, propõe uma educação libertadora e abre caminho para o desenvolvimento das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).

A III Conferência Geral do Episcopado Latino Americano, realizada em Puebla, México, em 1979, indica uma igreja que descortinava uma evangelização integral, libertação e promoção humana, em outras palavras, uma evangelização libertadora que alcança o povo em seu contexto de vida. O documento inclui em suas conclusões as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) como espaço de comunhão e participação do povo, justificando que (PUEBLA, 1983: p. 247) "a igreja é o povo de Deus, que

manifesta sua vida de comunhão e serviço evangelizador em diversos níveis e sob diversas formas históricas”.

Há que se registrar o surgimento em 1962 do órgão ecumênico chamado CELADEC - Comisión Evangélica Latino Americana de Educación Cristiana, que propunha uma educação popular voltada para a formação de agentes cristãos transformadores e promotores de uma libertação integral para todos.

As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) se tornaram espaço de comunhão, celebração, encontro, mas, sobretudo, de discussão e conscientização acerca dos problemas que atingiam o povo. Para Streck (2005: p. 72) as CEBs foram “nas ditaduras militares muitas vezes o único espaço disponível para articulação política do povo”.

O método de estudo e reflexão desenvolvido nas CEBs era o ver-julgar-agir, partindo do texto bíblico para a vida e daí para ação que buscava transformação na sociedade. Frei Beto (1981: p. 23) indica que as CEBs passaram por três etapas de desenvolvimento e articulação do povo. A primeira etapa ele considera como a comunidade em si, voltada para as questões religiosas e pela busca de referenciais no Evangelho que pautassem a prática social. A segunda etapa é marcada pelos diversos movimentos populares que surgiam com a participação e liderança dos membros das comunidades religiosas. A terceira etapa se dá na participação dos operários nos diferentes movimentos sindicais e na luta por melhores condições de trabalho e de vida.

No entanto, enquanto a igreja na América Latina buscava um caminho de libertação, na perspectiva do Evangelho de Jesus Cristo e estabelecia sua teologia a partir de uma compreensão mais ampla sobre o Reino de Deus, havia movimentos eclesiásticos que legitimavam o governo opressor.

Com o processo de redemocratização do país, ao final do governo militar sob o comando do presidente Ernesto Geisel

(1974 a 1979), lideranças políticas exiladas retornam ao Brasil e retomam sua caminhada ao lado de outros líderes políticos, sindicais e conselhos municipais que começam a se organizar. Projetos sociais e educacionais são retomados, entre eles a educação popular. Este ambiente de democratização cria espaços para os questionamentos da dominação social e das diferenças econômicas que atravessam o país inteiro e desperta a participação do povo.

A Igreja Metodista também passa por um momento de revitalização da sua presença no país, em especial, quando desenvolve uma concepção de missão mais ampla e procura assinalar a sua identidade enquanto amplia o desenvolvimento da sua confessionalidade. Enquanto na sociedade brasileira a participação popular cresce, na Igreja Metodista os leigos encontram o reconhecimento e espaço para atuarem com mais desenvoltura.

Paralelamente, a Igreja Metodista começa a identificar-se com movimentos sociais e populares, em especial aqueles que se organizam para defender os pobres e marginalizados. A teologia latino-americana, bem como a leitura da bíblia numa perspectiva sociológica, encontra eco no interior da Igreja Metodista, sobretudo entre as pessoas da igreja que estavam preocupadas com a busca de uma práxis libertadora e transformadora da pessoa e da sociedade.

SÍNTESE DO CAPÍTULO

Para situar o documento com as *Diretrizes para a Educação na Igreja Metodista*, foram destacados os antecedentes que alimentaram as pessoas da Igreja Metodista ao longo dos anos e motivaram uma renovação na compreensão que a Igreja Metodista tinha acerca da missão e da educação em terras brasileiras. Ao

verificar estes antecedentes ficam perceptíveis as mudanças que ocorreram no decorrer dos anos que antecederam a aprovação do DEIM, bem como do PVM.

Foi possível perceber a preocupação, pelo menos por parte dos idealizadores do plano com as Diretrizes, no sentido de inserir a educação no contexto social, ora de opressão militar e ora de redemocratização política. Em ambos os contextos, a Igreja Metodista não estava neutra, seja na sua expressão eclesial ou em sua ação educacional, de acordo com os documentos.

Os documentos verificados revelam o posicionamento conciliar que influenciava os metodistas naqueles tempos, embora não houvesse unanimidade. Fica clara a opção libertadora, tanto para a missão como para a educação. Os dois documentos encontraram apoio e resistências nas diversas instâncias da Igreja Metodista.

Este capítulo discorreu também sobre os antecedentes das *Diretrizes para a Educação na Igreja Metodista*, indicando os documentos que gestaram a Filosofia Educacional da Igreja Metodista e o contexto onde estes documentos foram gerados. Foram destacados ainda conceitos e definições fundantes da Filosofia Educacional Metodista.

O próximo capítulo abordará a Filosofia Educacional em Paulo Freire, indicando aspectos fundantes da educação libertadora que se constituirão em chaves de leitura da Filosofia Educacional da Igreja Metodista.

CAPÍTULO II

FILOSOFIA EDUCACIONAL EM PAULO FREIRE

“Não posso ser professor se não percebo cada vez melhor que, por não ser neutra, minha prática exige de mim uma definição. Uma tomada de posição. Decisão. Ruptura. Exige de mim que escolha entre isto e aquilo. Não posso ser professor a favor de quem quer que seja e a favor de não importa o quê. Não posso ser professor a favor simplesmente do Homem ou da Humanidade, frase de uma vaguidade demasiado contrastante com a concretude da prática educativa. Sou professor a favor da decência contra o despudor, a favor da liberdade contra o autoritarismo, da autoridade contra a licenciosidade, da democracia contra a ditadura de direita ou de esquerda. Sou professor a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação, contra a dominação econômica dos indivíduos ou das classes sociais. Sou professor contra a ordem capitalista vigente que inventou esta aberração: a miséria na fartura. Sou professor a favor da esperança que me anima apesar de tudo. Sou professor contra o desengano que me consome e imobiliza” (FREIRE, 1998: p. 115).

INTRODUÇÃO

Neste capítulo serão analisados alguns aspectos da filosofia educacional de Paulo Freire, extraído do seu pensamento os conceitos que se encontram em suas obras, que constituem os fundamentos de uma educação libertadora e que serão utilizados como chaves de leitura do documento que apresenta a filosofia educacional da Igreja Metodista - DEIM.

Portanto, não é intenção esgotar o assunto ou abordar todos os aspectos que se ressaltam nos escritos do referido educador. Há ampla bibliografia a respeito de Paulo Freire à disposição dos que buscam conhecer ou aprofundar o

conhecimento acerca da educação libertadora ou desenvolver o diálogo com as idéias freireanas.⁵

Neste capítulo situar-se-á a pessoa de Paulo Freire no ambiente em que viveu e onde a Pedagogia do Oprimido foi gestada e trazida ao mundo. O contexto social e político são semelhantes ao dos documentos da Igreja Metodista citados anteriormente e que antecederam as diretrizes educacionais.

Para guiar a pesquisa, as obras de Paulo Freire que serão citadas ao longo deste trabalho e o ano da primeira publicação são: *Educação como Prática da Liberdade (1967)*, *Pedagogia do Oprimido (1970)*, *Educação e Mudança (1976)*, *Conscientização - Teoria e Prática da Libertação (1980)*, *Pedagogia da Esperança - Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido (1992)* e *Pedagogia da Autonomia (1998)*. Outras obras de Paulo Freire também serão citadas, bem como outros autores serão visitados e ocasionalmente citados, em especial a obra de Moacir Gadotti, *Paulo Freire - Uma Biobibliografia*.

2.1 - DADOS BIOGRÁFICOS

2.1.1 - Antecedentes da Pedagogia do Oprimido

Paulo Freire nasceu em 19 de setembro de 1921, na cidade do Recife, Pernambuco. Na década de 1950 trabalhou no Departamento de Educação e Cultura do Serviço Social da Indústria - SESI, onde desenvolvia sua administração numa perspectiva democrática e de valorização das pessoas. Gerhardt (1996: p. 151) relata o trabalho de Paulo Freire junto ao SESI, dizendo que

⁵ Entre os autores que escrevem a biografia de Paulo Freire estão: Ana Maria Araújo Freire, Moacir Gadotti, Carlos Alberto Torres Novoa e Heinz-Peter Gerhardt. Ver: GADOTTI, Moacir (org.). *Paulo Freire - uma biobibliografia*. São Paulo, SP: Editora Cortez, 1996.

No ensino fundamental e escolas do SESI, Freire tentou envolver os estudantes e pais em discussões sobre problemas educacionais e sociais. Trabalhar com crianças, para ele, significava também a consideração de seus contextos familiares e sociais. Problemas como subnutrição e trabalho infantil só poderiam ser resolvidos com o envolvimento dos pais.

Gerhardt (1996) informa que ainda no Recife Paulo Freire atuou junto às paróquias católicas na organização de clérigos e leigos para o desenvolvimento do projeto de educação conhecido como "Casa Amarela", que procurava atender do jardim da infância até a educação de adultos. O foco do projeto era o desenvolvimento de currículo e a formação de professores. No projeto foram desenvolvidas "técnicas como estudo em grupo, ação em grupo, mesas redondas, debates e distribuição de fichas temáticas" (GERHARDT, 1996: p. 152).

No início dos anos 60, ainda atuando como educador popular no Recife, Paulo Freire veio a ser um dos fundadores do Movimento de Cultura Popular (M.C.P.), que tinha como objetivo promover a participação do povo na vida social através da cultura popular. Ana Maria Freire (1996: p. 40) compreendia que através da promoção da cultura popular Paulo Freire poderia "contribuir para a presença participativa das massas populares na sociedade brasileira".

Além da sua atuação no M.C.P. envolveu-se também em campanhas de educação popular no Rio Grande do Norte, em especial a campanha de alfabetização em Angicos, RN. Esteve à frente da Campanha Nacional de Alfabetização promovida pelo ministro da Educação Paulo de Tarso Santos.

Ana Maria Freire (1996, p. 40) comenta a ação educativa de Paulo Freire, afirmando que ele "pode tirar da situação de submissão, de imersão e de passividade aqueles e aquelas que ainda não conhecem a palavra escrita". A referida educadora e viúva de Paulo Freire, afirma ainda (1996: p.40) que

[...] a revolução pensada por Freire não pressupõe uma inversão nos pólos oprimido-opressor, antes pretende re-

inventar, em comunhão, uma sociedade onde não haja a exploração e a verticalidade do mando, onde não haja a exclusão ou a interdição da leitura do mundo aos segmentos desprivilegiados da sociedade.

Paulo Freire tencionava oferecer a todos os brasileiros a oportunidade para ler e escrever e empenhou-se nesta tarefa que encontrava resistência entre os ideais populistas e oligárquicos da sociedade brasileira. Paulo Freire chamou a sociedade brasileira de "fechada", que representava os interesses das elites e das classes dominantes. Através do método de alfabetização ele buscava preparar as classes menos favorecidas para que se tornassem cidadãos livres e participantes do desenvolvimento e do destino da nação.

Com o golpe militar em 1964, Paulo Freire, sentindo-se ameaçado, buscou asilo político na Bolívia e em seguida no Chile. Para Gadotti (1996: p. 72), Paulo Freire foi exilado porque sua ação como educador "estava conscientizando imensas massas populares que incomodavam as elites conservadoras brasileiras".

As concepções e a educação democrática e libertadora que incomodou os governantes na época, já estavam expostas no texto que Paulo Freire apresentou como tese de concurso público para a cadeira de História e Filosofia da Educação de Belas Artes de Pernambuco, intitulado *Educação e atualidade brasileira*. Mais tarde, em 1967, publicado com algumas alterações como livro pela Editora Paz e Terra intitulado *Educação como prática da liberdade*, quando já se encontrava no exílio.

Weffort, no prefácio do livro, afirma que:

Os vínculos do trabalho de Paulo Freire com a ascensão popular são bastante claros. Seu movimento começou em 1962 no Nordeste - a região mais pobre do Brasil, cerca de 15 milhões de analfabetos para uma população de 25 milhões de habitantes [...] Os resultados obtidos, 300 trabalhadores alfabetizados em cerca de 45 dias, impressionaram profundamente a opinião pública e a aplicação do sistema pôde estender-se, já agora sob o

patrocínio do governo federal, a todo o território nacional [...] Tinha início assim uma campanha e alfabetização nacional que envolvia, nas primeiras etapas, os setores urbanos, e deveria estender-se imediatamente depois aos setores rurais. (2008a, p. 18-19).

Durante o exílio no Chile Paulo Freire atuou como educador popular junto a um programa do governo democrático do Chile de reforma agrária, intitulado Instituto de Pesquisa e Treinamento em Reforma Agrária - ICIRA. Neste programa Paulo Freire

Teve a oportunidade de experimentar sua metodologia num novo ambiente intelectual, político, ideológico e social trabalhando com os setores mais progressistas do Jovem Partido Democrata Cristão. (NOVOA, 1996: p. 123).

Neste contexto de trabalho e de releitura de sua ação no Brasil é que Paulo Freire escreveu a *Pedagogia do Oprimido*, que veio a ser a sua obra mais conhecida e de maior importância para a promoção e o desenvolvimento de uma educação libertadora.

2.1.2 - Influências recebidas

O tempo vivido no Recife e sua ação educacional e cultural junto à população carente, os programas de educação e de alfabetização desenvolvidos em diversos lugares, entre eles Recife e Angicos, seja através do SESI, do M.C.P. ou dos movimentos paroquiais católicos, influenciaram grandemente as concepções de Paulo Freire sobre educação.

Em suas obras mais recentes, *A Pedagogia da Esperança* e *À Sombra desta Mangueira*, por exemplo, Paulo Freire faz uma releitura de sua vida, do contexto onde vivenciou suas experiências educativas e atuou como educador libertador. Ele mesmo descreve a importância do tempo em que trabalhou junto

ao Serviço Social da Indústria - SESI considerando que aquele tempo foi (FREIRE, 2008b: pg. 18) "fundamental" e "indispensável" para que escrevesse a Pedagogia do Oprimido.

O próprio exílio foi pedagógico incutindo-lhe um desejo de continuar fazendo algo para que a educação no Brasil e na América Latina fosse libertadora e alcançasse a todas as pessoas. Ele afirmou em 1985 que o

Exílio foi profundamente pedagógico. Quando, exilado, tomei distância do Brasil, comecei a compreender-me e a compreendê-lo melhor. Foi exatamente ficando longe dele, preocupado com ele, que me perguntei sobre ele. E, ao me perguntar sobre ele, me perguntei sobre o que fizeram com outros brasileiros [...] (FREIRE, 1991: p. 56).

Dez anos depois, ao escrever *A Pedagogia da Esperança*, ele volta ao tema do exílio para assinalar a importância do tempo em que esteve no SESI e exilado no Chile para a Pedagogia do Oprimido e a forma como a educação libertadora preconizada no livro foi se construindo. Assim se expressa o educador (FREIRE, 2008b: p.44):

Estes saberes que se foram criticamente constituindo desde o tempo fundante do SESI, se consolidaram na prática chilena e na reflexão teórica que sobre ela fiz.

Em outras palavras, no exílio ele aprendeu a reconhecer a importância da tolerância entre as diferentes culturas e, conseqüentemente, a tolerância entre as pessoas que são e que se expressam diferentemente umas das outras, mesmo que se reconheçam nelas questões que precisam e podem ser superadas. Aprendeu sobre a dor dos que vão para o exílio e soube compreender a dor dos que ficam em casa. Nestas experiências Paulo Freire foi descobrindo outras dores, bem como a força da esperança pelas transformações que o povo pode provocar, quando conscientizado acerca da realidade e das possibilidades que tem.

O contato com a população excluída, desfavorecida e a vivência de uma educação que valorizasse a pessoa como sujeito da história e como agente de transformação da realidade, nas diferentes culturas e formas de vida, forjaram a compreensão de educação libertadora na vida e na ação cultural de Paulo Freire.

2.2 - A FILOSOFIA EDUCACIONAL EM PAULO FREIRE

2.2.1 - A educação

A educação existe em função do homem e da mulher que se encontram no mundo como seres inacabados e que, portanto, podem refletir sobre a sua existência e sobre a realidade em que se encontram, a fim de buscar o seu desenvolvimento enquanto seres sociais inseridos na realidade, numa busca constante, permanente e junto com outras pessoas que também se constituem em seres inacabados. Paulo Freire (1998: p. 64) afirma o seguinte:

É na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente. Mulheres e homens se tornaram educáveis na medida em que se reconheceram inacabados. Não foi a educação que fez mulheres e homens educáveis, mas a consciência de sua inconclusão é que gerou sua educabilidade.

O referido autor coloca a raiz da educação no ser humano como sujeito que busca descobrir-se inacabado e que se constrói na comunicação e na convivência com outros sujeitos que também se encontram inacabados.

A educação deve contribuir para a construção do sujeito que está em transformação e formação de uma consciência crítica. Uma educação que leva em conta o contexto de vida, a história, o saber e a cultura dos educandos e que seja, ao mesmo tempo, instrumento que leve o educando à reflexão sobre

a sua vocação enquanto sujeito da história. Esta educação conscientizadora é (FREIRE, 2008a: p. 104)

[...] um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa.

Para que a consciência crítica se forme, e conseqüentemente se construa a conscientização, na perspectiva de Paulo Freire (VASCONCELOS, 2006: p. 62) "necessita-se de uma educação que valorize a reflexão, que forme um ser crítico, questionador e transformador da sua própria realidade". Os educandos ao adquirirem consciência crítica passam da passividade para a luta em busca da transformação da exploração à qual estão submetidos. Paulo Freire (2006a: p. 61) afirma que

Precisamos estar convencidos de que o convencimento da necessidade de lutar por sua libertação não é doação que lhes faça a liderança revolucionária, mas resultado de sua conscientização.

A conscientização está exatamente na capacidade do educando em ler o mundo, a realidade e as estruturas geradoras de opressão. Assim, a educação é também uma intervenção no mundo e na realidade. Para Paulo Freire ela não deve ser vista apenas como mantenedora e reprodutora da ideologia dominante e nem como crítica e reveladora desta ideologia; ela não é neutra e nem se fecha numa destas duas possibilidades (FREIRE, 1998). A educação é libertadora e transformadora da vida e da realidade.

Paulo Freire concebe que a educação é realizada através do diálogo entre educador e educando. Para ele, o "diálogo é este encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, não se esgotando, portanto, na relação do eu-tu" (FREIRE, 2006a: p. 91). Ele define ainda diálogo como

Uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade. Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois pólos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação. (FREIRE, 2000: p. 115).

Na concepção de Paulo Freire não existe um modelo de dialogicidade que pode ser seguido em todas as circunstâncias. O diálogo deve seguir as diferentes condições econômicas, sociais, políticas, educativas e religiosas dos oprimidos. Seja qual for o ambiente de vida, a consciência crítica deve estar presente para a superação da consciência ingênua que legitima a opressão.

O diálogo num contexto de diferenças, de opressão e de antagonismos, não é conversa harmônica ou harmonizada. Pelo contrário, é num ambiente de contradições que os diferentes, ou os que se encontram em situações opostas, diferenciadas e conflitantes, é que o diálogo pode se transformar numa possibilidade onde todos podem falar e serem ouvidos, e assim buscarem a superação das contradições e das diferenças. Por certo, este diálogo pode ser tenso, conflituoso, contraditório, mas com a força de aproximar as pessoas na luta e na construção de uma sociedade mais humana e mais fraterna.

Neste sentido, Paulo Freire ao falar do diálogo inclui o amor, a humildade, a fé, a esperança e o pensamento crítico como componentes do diálogo. Para Paulo Freire (2005: p. 96) "o amor é ao mesmo tempo fundamento do diálogo e o próprio diálogo" ou "sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo" (FREIRE, 2006a: p. 92). Não pode haver educação sem amor e, da mesma forma podemos afirmar que não há diálogo sem amor.

Gerhardt comentando a educação libertadora num contexto global ressalta que o amor é o caminho comum pelo qual seguirão os educadores libertadores e seus educandos, pois sem

o amor "a pedagogia não é nada mais que a transferência mecânica do conhecimento, uma tecnologia social" (1999, p. 105).

O referido autor destaca quatro aspectos dos educadores na perspectiva numa perspectiva libertadora: precisam ter paixão pelo amor; são revolucionários porque encontraram as raízes dos problemas que compreendem o sistema educacional que segue a ótica do mercado como fator decisivo para as questões educacionais; desenvolvem a ação educacional na perspectiva de sujeitos autônomos e capazes de praticar a solidariedade e focam o trabalho refletindo como eles e os educandos abordam os problemas e buscam a superação para os mesmos (GERHARDT, 1999, p. 105-106).

Para Paulo Freire, além do amor há que se considerar a humildade, pois ela vence a arrogância e aproxima as pessoas. No ato de construção da história, em que a luta e o aprendizado se fazem presentes em todos os momentos, a humildade se transforma numa força que opera em favor da união das pessoas em prol da vida.

Paulo Freire (2007: p. 29) afirma que

Não há educação sem amor. O amor implica luta contra o egoísmo. Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar. Não há educação imposta como não há amor imposto. Quem não ama não compreende o próximo, não o respeita. Não há educação do medo. Nada se pode temer da educação quando se ama.

O amor promove a inclusão e a valorização da vida, das pessoas, das experiências vividas e das vivências de cada pessoa, numa prática integradora e transformadora, especialmente numa sociedade que não promove a fraternidade e realça os defeitos e falhas das pessoas. Paulo Freire (2007: p. 29) define amor como "uma interlocução íntima de duas consciências que se respeitam. Cada um tem o outro, como sujeito de seu amor" e "quem ama o faz amando os defeitos e qualidades do ser amado".

Não se trata de um amor platônico ou romantizado, mas sim de valorização do outro, percepção do outro e da sua vivência e respeito pela dignidade do outro. Para Boff esta educação é como um "ato amoroso", onde os dois termos são enfatizados, ato "como ação, prática, libertação e 'amoroso' como bem-querer, confiança e reciprocidade" (2009: P. 4). Ao falar do amor Paulo Freire fala de ousar para verdadeiramente amar:

É preciso ousar, no sentido pleno desta palavra, para falar em *amor* sem temer ser chamado de *piegas*, de *meloso*, de a-científico, senão de anti-científico. É preciso ousar para dizer, cientificamente e não bla-bla-blantemente, que estudamos, aprendemos, ensinamos, conhecemos com o nosso corpo inteiro. Com os sentimentos, com as emoções, com os desejos, com os medos, com as dúvidas, com a paixão e também com a razão crítica. Jamais com, esta apenas. É preciso ousar para jamais dicotomizar o cognitivo do emocional (FREIRE, 1997, p. 8).

Ao contrário do amor platônico ou romantizado, é o amor na perspectiva de resistência e de transformação da opressão. Assim se expressa Paulo Freire (2006a, p. 48), ao afirmar que é

Na resposta dos oprimidos à violência dos opressores é que vamos encontrar o amor. Consciente ou inconscientemente, o ato de rebelião dos oprimidos, que é sempre tão ou quase tão violento quanto a violência que os cria, este ato dos oprimidos, sim, pode inaugurar o amor.

A educação feita a partir do amor, da humildade, da fé na pessoa e da esperança é uma educação humana e humanizadora das relações entre educadores e educandos e, em contrapartida, geradora de uma relação fraterna e de uma convivência de paz na vida em sociedade.

Ao falar da fé Paulo Freire (2006a: p. 93) assinala que

Não há também diálogo, se não há uma intensa fé nos homens. Fé no seu poder de fazer e refazer. De criar e recriar. Fé na sua vocação de ser mais, que não é privilégio de alguns eleitos, mas direito dos homens.

Para Paulo Freire (2006a: p. 94), "sem esta fé nos homens o diálogo é uma farsa. Transforma-se, na melhor das hipóteses, em manipulação adocicadamente paternalista". Considerando estas palavras, podemos apreender que a educação é feita através da fé e confiança que o educador tem no educando em termos de força para superação, transformação e construção da história e da cultura.

Esta fé e confiança no educando abre as portas para o diálogo ou, ao contrário, o educador dialógico tem a capacidade de acreditar que os outros podem participar da construção de uma convivência em sociedade e contribuir para a transformação da realidade e, desta forma, abre a porta para que o diálogo esteja sempre presente e para que os sujeitos que estão em diálogo se sintam protagonistas da história e não meramente coadjuvantes.

Como o ser humano está em desenvolvimento, ou, como afirma Paulo Freire, é um ser inconcluso, o encontro, o relacionamento e a convivência possibilitam que a esperança se instale na vida, pois a luta que busca construir uma vida justa e fraterna deve ser acompanhada da esperança. Paulo Freire (2005: p. 98) afirma que "se os que dialogam não esperam nada de seus esforços, seu encontro é vazio, estéril, burocrático, cansativo".

Paulo Freire indica a esperança como uma força que mobiliza o homem na sua busca pelo conhecimento e pela transformação do ambiente de opressão e marginalização. A esperança, como componente da educação, promove esta busca do ser que é inconcluso, mas que o faz esperando que a humanidade roubada lhe seja restituída. A luta com esperança é uma espera constante que caracteriza o ser humano. A esperança é alimentada pelo diálogo entre os que esperam e lutam com esperança e com coragem em buscar o conhecimento.

Ao falar da inconclusão do ser, compreende-se que Paulo Freire não tem como objetivo indicar que o ser humano carregue

defeitos que o perseguirão por toda a vida, mas sim que é um ser em desenvolvimento e que a educação na perspectiva libertadora e transformadora pode oferecer a conscientização, a percepção da cultura, a consciência crítica da realidade, etc.

Neste sentido, o ser inacabado significa estar em busca do conhecimento, ou, como afirmou Kant no século XVIII (1996, p.19) "o homem só pode tornar-se verdadeiramente um homem senão pela educação. Ele é aquilo que a educação dele faz". Em outras palavras, a razão, o conhecimento e a ousadia no saber, se dão através de uma educação onde a pessoa é sujeito e não objeto. Kant desenvolveu o conceito de esclarecimento que possibilitaria ao homem sair da situação que ele chama de menoridade, ou seja, da incapacidade da pessoa em utilizar o seu próprio entendimento.

Assim, a educação é uma resposta dos homens e mulheres que se tornam sujeitos da sua história e da transformação do mundo em que vivem, mas como protagonistas no processo histórico.

2.2.2 - A visão de mundo

Paulo Freire faz uma leitura do mundo a partir da práxis humana. Para ele (FREIRE, 2006a: p. 42) a práxis é "reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo". O mundo é a realidade onde as pessoas estão inseridas, embora elas não tenham plena consciência desta realidade e não se assumam como sujeitos da história. "Estar no mundo implica necessariamente estar com o mundo e com os outros" (FREIRE, 2006a: p. 20).

Paulo Freire (2005, p. 39) afirma que "cada homem está situado no espaço e no tempo, no sentido em que vive numa época precisa, num lugar preciso, num contexto social e cultural preciso". Assim, o mundo se apresenta pronto para os oprimidos e as pessoas seres inacabados e, embora sujeitos

concretos, os oprimidos aderem, sem consciência, a este mundo como se ele estivesse completo, no entanto ainda não acabado.

Paulo Freire vê a realidade do mundo de forma opressora e que por "fazer-se opressora, a realidade implica a existência dos que oprimem e dos que são oprimidos" (FREIRE, 2006a: p. 41). Esta realidade opressora é como uma força que aniquila e domestica as consciências. Desta forma, o mundo é o lugar de tensão entre opressores e oprimidos, que precisa e pode ser transformado. Mundo onde os opressores não se movem para transformar a realidade de opressão em libertação e onde os oprimidos estão imersos em suas consciências e impotentes ante a realidade em que se encontram (FREIRE, 2006a: p. 43).

Assim, "para o homem, o mundo é uma realidade objetiva, independente dele, possível de ser conhecida" (FREIRE, 2008a: p. 47). Para Paulo Freire ainda, as pessoas estão no mundo e com o mundo, o que as fazem seres relacionais e, em função de suas relações com o mundo, abertas para a realidade em que vivem (2008a: p. 47).

O conhecimento desta realidade começa com a tomada de uma consciência crítica sobre a mesma, embora não se constitua ainda em conscientização acerca da realidade. Crítica no sentido de percepção de que a realidade pode ser transformada e de que ela se apresenta aberta às transformações. O conhecimento natural pelo contato com a realidade não se constitui em consciência crítica, mas sim em consciência ingênua ou bancária.

Paulo Freire faz uma comparação entre a consciência bancária e a consciência crítica. A primeira não promove a conscientização porque não estimula o pensamento e a reflexão, enquanto que a segunda valoriza a reflexão, o senso crítico, questionador e transformador da realidade (FREIRE, 2005). Consciência crítica é o processo que se inicia na práxis, ou ação e reflexão, e estimula outra práxis, ou seja, outra ação e reflexão.

Paulo Freire adverte ainda que a conscientização não acontece somente através da ação das pessoas no mundo, e sim da relação dialética entre a ação desenvolvida e a reflexão da mesma que acaba por produzir uma nova ação libertadora. Pois a pessoa como sujeito da história, segundo Paulo Freire (2005: p. 39), “quanto mais refletir sobre a realidade, sobre sua situação concreta, mais emerge, plenamente consciente, comprometido, pronto a intervir na realidade para mudá-la”.

A conscientização é “mais que uma simples tomada de consciência [...]”, é “uma melhor inserção crítica da pessoa conscientizada numa realidade desmitificada” (FREIRE, 2005: p. 104), ou ainda, “um compromisso histórico [...] e consciência histórica”, implicando “que os homens assumam o papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo” (FREIRE, 2005: p. 30).

A visão de mundo de Paulo Freire é dialética e fenomenológica, pois ele acredita que é destas perspectivas que se deve superar o antagonismo entre teoria e práxis (NOVOA, 1996). Fenomenologia na medida em que, para se conhecer a realidade, deve-se afastar-se da mesma e, assim, conhecê-la de forma crítica e, então, voltar à realidade a fim transformá-la. “A consciência crítica é um processo permanente e intencional que nasce da práxis (ação com reflexão) e aponta para uma nova práxis” (CAMARGO, 1999, p. 68). Em outras palavras,

A educação *com* o educando, e não *para* ele, caracteriza a pedagogia de Freire. A prática educativa é sóciointerativa entre homens e mulheres, sujeitos de histórias individuais e coletivas. Torna educandos e educadores capazes de, ao se distanciarem do mundo para melhor compreendê-lo, retornar a ele aprendendo-o de maneira diferenciada e reveladora para propor e recompor, modificando-o em busca do inédito viável (SILVA, 1999, p. 33).

Assim, o mundo é a realidade em transformação pela ação e pela reflexão da ação dos oprimidos que, em relação uns com os outros, mediados pela realidade, adquirem conscientização a

partir da práxis, ou seja, da ação-reflexão numa relação dialética, crítica, consciente e transformadora do ambiente em que vivem e na libertação da opressão promovida pelos poderosos e opressores, bem como na tomada de posse da realidade.

2.2.3 - O ser humano

Para Paulo Freire (2008a) o homem tem por vocação natural ser sujeito e não objeto que venha a ser passivo e sem qualquer participação na sua própria história. E como sujeito é um ser inacabado que se constrói na relação constante com o ambiente histórico, ou seja, o mundo, e com os outros sujeitos que também habitam o mesmo ambiente histórico e com os quais se relaciona sob o impacto da realidade onde estão inseridos.

Para ele, essas "relações não se dão apenas com os outros, mas se dão no mundo, com o mundo e pelo mundo" (FREIRE, 2007: p. 30). Desta forma, o homem é um sujeito dialético em suas relações com o mundo e com os outros seres viventes. Ele é capaz de relacionar-se, de superar suas limitações, de sair de si mesmo, ou seja, (FREIRE, 2007), o homem é um ser transcendente e capaz de distinguir as diferentes e distintas situações existenciais às quais está submetido.

O homem é sujeito que por vocação se constrói com as diversas relações nos espaços concretos em que vive. Assim, como sujeito da história, tem raízes tanto no espaço geográfico como no espaço temporal, além de criar uma cultura que vem preencher estes espaços onde se encontra com outros sujeitos. Sobre cultura, Paulo Freire (2006a: p. 31) afirma que ela "é tudo o que é criado pelo homem. Tanto uma poesia como uma frase de saudação. A cultura consiste em recriar e não em repetir".

A primeira reação do sujeito neste espaço geográfico e temporal é a reflexão sobre a relação que desenvolve na realidade, com a realidade e com outros sujeitos que vivem no mesmo ambiente histórico (FREIRE, 2006a), a partir do pensar e do agir de forma integrada ao ambiente onde vive. Neste sentido, relacionando a educação com o sujeito que se constrói com suas relações com outros sujeitos, Paulo Freire (2005: p. 40) afirma que

Uma educação que procura desenvolver a tomada de consciência e a atitude crítica, graças à qual o homem escolhe e decide, liberta-o em lugar de submetê-lo, de domesticá-lo, de adaptá-lo, como faz com muita freqüência a educação [...] que tende a ajustar o indivíduo à sociedade, em lugar de promovê-lo em sua própria linha.

Ou seja, para Paulo Freire (2007: p. 32) "a educação deve estimular a opção e afirmar o homem como homem. Adaptar é acomodar, não transformar".

Em função disto, além da reflexão sobre as relações, o homem é capaz de criar e recriar a realidade onde vive, pois ele tem vocação para a transformação e, através desta educação libertadora que não é, portanto, processo de adaptação, transformar a realidade para ser mais do que simples objeto na sociedade em que vive.

A consciência crítica desenvolvida pelo sujeito em construção possibilita que atue a fim de transformar a realidade de uma forma cada vez mais urgente,

Na medida em que os homens, dentro de sua sociedade, vão respondendo aos desafios do mundo, vão temporalizando os espaços geográficos e vão fazendo história pela sua própria atividade criadora. (FREIRE, 2007: p. 33).

Nesta construção do sujeito, o diálogo é fundamental. Na perspectiva de Paulo Freire, este diálogo é horizontal e acontece entre os seres que buscam ser iguais ou buscam

estarem juntos, mediados pelo contexto em que vivem. Não se trata de diálogo entre oponentes, nem de luta entre as classes, mas sim entre seres que se constroem pela relação dialógica entre si e com a realidade.

2.2.4 - A opressão

Paulo Freire vê a opressão como uma das situações que promovem a desumanização e a negação da vocação dos homens para a liberdade. Ela é geradora da violência dos opressores que atuam para que os oprimidos tenham cada vez menos consciência da sua realidade. Ele entende opressão enquanto (FREIRE, 2006a: p. 49) "ato proibitivo do ser mais dos homens".

Ao justificar a Pedagogia do Oprimido, Paulo Freire (2006a) fala das duas possibilidades que as pessoas, enquanto seres inconclusos têm, ou seja, a humanização e a desumanização. A primeira ele considera como vocação que é negada e afirmada ao mesmo tempo, ou seja, negada na (FREIRE, 2006a: p. 32)

[...] injustiça, na exploração, na opressão, na violência dos opressores, mas afirmada no anseio de liberdade, de justiça, de luta dos oprimidos, pela recuperação de sua humanidade roubada.

A segunda possibilidade é a desumanização, ou seja, a humanidade roubada por força da opressão dos poderosos. Para estes, os que roubam a humanidade, o que importa é ter mais em detrimento dos oprimidos, que devem ter e ser cada vez menos. A opressão nega, assim, o direito de ter e de ser aos que se encontram na condição de expropriados. Para Paulo Freire (2006a: p. 32) esta situação de opressão é como uma vocação para o ser menos, em que os oprimidos são como coisas e objetos. Para Paulo Freire quando os opressores fazem esta

expropriação da humanidade dos oprimidos, negando-lhes o direito de ser, (2006a: p. 51) se "afogam na posse e já não são. Já não podem ser". No ato de promover a opressão os opressores, sem se darem conta disto, negam a sua própria humanidade.

Desta forma, a opressão é também a negação da liberdade, pois humanizar-se é uma ação subversiva que precisa ser controlada e quando isto acontece, os que se encontram em estado de opressão se transformam ainda mais em objetos, em coisas, e não em sujeitos com vocação para a liberdade e para a plenitude da vida. Os opressores promovem assim a autodesvalia, pois os oprimidos de tanto ouvirem que nada sabem e nada podem que acabam por assimilar esta aparente incapacidade.

Outro aspecto que envolve a opressão segundo Paulo Freire na Pedagogia do Oprimido é o ato de os oprimidos se descobrirem hospedeiros do opressor. Para Paulo Freire (2006a), enquanto os oprimidos viverem a dualidade de se encontrar na opressão, mas se parecerem com os opressores, a elaboração de uma pedagogia transformadora e libertadora ficará prejudicada, como também ficará prejudicada a práxis que busca ser libertadora.

Paulo Freire (2006a) comenta que esta aderência do oprimido para com o opressor se dá em função de que os oprimidos se encontram imersos num ambiente de dominação e opressão. O ato de reconhecer-se oprimido não gera a libertação pura e simplesmente e nem significa determinação para a luta pela libertação. Por conseguinte, O medo da liberdade está presente num ambiente de opressão.

Para Paulo Freire os oprimidos temem a liberdade porque não se sentem capazes de correr o risco de assumir as implicações da libertação e das transformações que ela acarretará. Há uma dualidade interiorizada no ser oprimido. Segundo Paulo Freire (2006a: p. 38) "querem ser, mas temem

ser". A luta se trava entre os oprimidos no sentido de expulsarem ou não o opressor de dentro de si. É uma dualidade entre ser alienado ou desalienado, entre ser ator ou expectador, entre atuar concretamente ou ter a ilusão de estar atuando, entre ter voz e não ter voz.

Assim, a primeira luta é na interioridade do ser oprimido. Paulo Freire (2006a: p. 38) considera ainda que esta luta pela libertação é como um parto doloroso, mas é deste parto que nascerá o novo homem, "não mais opressor; não mais oprimido, mas homem libertando-se".

Com relação ao opressor, o fato de reconhecer-se como tal e sofrer por este fato, não torna o opressor solidário com os oprimidos. Paulo Freire (2006a: p. 40) considera que

O opressor só se solidariza com os oprimidos quando o seu gesto deixa de ser um gesto piegas e sentimental, de caráter individual, e passa a ser um ato de amor àqueles. Quando, para ele, os oprimidos deixam de ser uma designação abstrata e passam a ser os homens concretos, injustiçados e roubados [...] Só na plenitude deste ato de amar, na sua existenciação, na sua práxis, se constitui a solidariedade verdadeira.

Assim, a opressão é a negação da vocação natural para ser pessoa que vive a vida em sua plenitude e, portanto, sujeito da história, liberto, participante da construção da sociedade, consciente, crítico, criativo, em outras palavras, humanizado. A opressão é a contradição de que os homens e as mulheres são pessoas e que foram criados seres livres.

2.2.5 - Educação e libertação

A filosofia educacional desenvolvida por Paulo Freire confronta a prática de uma educação bancária e liberal, em que o educando é um mero receptor de informações e de conhecimento

enquanto o educador é o detentor do conhecimento e aquele que através do seu ensino deposita no educando o seu saber. De acordo com Paulo Freire (2005: p. 93; 2006a: p. 68):

A educação bancária mantém e ainda reforça as contradições através das práticas e das atitudes seguintes, que refletem a sociedade opressora em seu conjunto: o professor ensina, os alunos são ensinados; o professor sabe tudo, os alunos nada sabem; o professor pensa para si e para os estudantes; o professor fala e os alunos escutam; o professor estabelece a disciplina e os alunos são disciplinados; o professor escolhe, impõe sua opção, os alunos submetem-se; o professor atua e os alunos têm a ilusão de atuar graças à ação do professor; [...] o professor é sujeito do processo de formação enquanto que os alunos são simples objetos dele.

Paulo Freire ao descrever com muita propriedade o educador e o educando na concepção de uma educação preocupada apenas em transmitir o conteúdo da aula ou matéria, afirma que este tipo de educação contribui com os que detêm o poder quando comenta que

Na visão 'bancária' da educação, o 'saber' é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão - a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro. (FREIRE, 2006a: p. 67).

Numa educação identificada como bancária os educandos são meros depositários de conhecimento, enquanto o educador é o senhor do saber, responsável por transmitir este saber àqueles que, na concepção bancária, devem memorizar. Neste tipo de educação esquece-se que ninguém atinge o conhecimento sozinho, mas que o conhecimento é adquirido em construção uns com os outros e que a propaganda ou repetição de um tema simplesmente não promove a conscientização que leva à mudança e transformação.

Na educação que busca a libertação, faz-se necessário um autoconhecimento do homem como sujeito no processo de

transformação da história, como responsável por criá-la, construí-la e destruí-la. O educador não pode ser mais o agente principal no processo educativo, como acontece na educação bancária. Neste tipo de educação, o educador narra fatos alheios à experiência existencial dos educandos, que são como fragmentos que aparentam ter uma unidade, quando na realidade não têm significação, não levam à reflexão e também não têm força de transformação, mas narra de forma a fazer com que os fatos históricos, científicos, etc. fiquem “estranhos” aos sujeitos.

A educação libertadora visa por sua vez levar a pessoa a perceber-se como sujeito criativo e atuante no seu ciclo de vida e no mundo. O ser humano não é um ser passivo, mas atuante e deve ser visto como tal. Da mesma forma deve se ver como alguém que produz criativamente e não apenas como receptor de uma realidade pronta e acabada, ou seja, da opressão. Assim, Paulo Freire (2006a: p. 77) indica o caminho da libertação quando afirma que

A libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. Não é uma palavra a mais, oca, mitificante. É práxis, que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo.

Educador e educando se tornam sujeitos no mesmo processo de aprendizado e de transformação histórica, ambos se educam, são portadores e transmissores de conhecimento. Segundo Paulo Freire (2006a: p. 79) “ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”.

A educação libertadora leva a esta reflexão e a novos desafios. O homem passa a pensar em suas relações com o mundo. Ele tem consciência de que nem tudo é dado como definitivo e que há possibilidades de mudanças e desafios. Os educandos se percebem no mundo como seres atuantes em um processo contínuo

de aprendizagem pela reflexão sobre ser humano e suas relações com o mundo.

A educação problematizadora ou libertadora preza pelo diálogo como sendo o caminho para a crítica que visa o conhecimento. Esta educação é criativa e leva a pessoa a agir sobre a realidade que assim, antes que lhe seja apresentada, é por ele descoberta e recriada. Assim, como o mundo está em processo de transformação, a pessoa também se vê neste processo, como ser inacabado, bem como a história a qual pertence. O processo educativo se dá de forma contínua, com dinamismo e com a formação contínua de conhecimento.

Paulo Freire designa a educação libertadora como educação problematizadora porque considera que é na reflexão constante que a pessoa desenvolve a consciência crítica acerca da realidade e (FREIRE, 2006a: p. 80) "quanto mais se problematizam os educandos, como seres no mundo e com o mundo, tanto mais se sentirão desafiados".

Esta educação que considera o educando como sujeito da história promove a libertação, que não é algo oferecido gratuitamente, mas que se constitui numa luta constante pelo *ser mais* num contexto de opressão que nega a vocação natural da pessoa em viver a plenitude da vida. Esta conquista é fruto da conscientização que a pessoa alcança através de uma educação libertadora.

Paulo Freire (2008a: p. 98) considera que a educação liberta quando coloca as pessoas em diálogo constante umas com as outras. Assim, ele afirma de maneira categórica que (FREIRE, 2006a: p. 58) "ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão".

2.2.6 - Educação e práxis

A educação preconizada por Paulo Freire considera que a consciência crítica, a conscientização, a liberdade para escolher e decidir autonomamente, além do reconhecimento da realidade e da reflexão constante sobre as ações, promove também a práxis, que é justamente a reflexão e a ação dos homens sobre o mundo com o intuito de transformá-lo.

Não se trata, portanto, de uma educação que acomoda ou ajusta a pessoa ao contexto, mas que promove a práxis à partir da capacidade de reflexão crítica. Paulo Freire (2007: p. 17) considera que

É exatamente esta capacidade de atuar, operar, de transformar a realidade de acordo com finalidades propostas pelo homem, à qual está associada sua capacidade de refletir, o que faz um ser da práxis.

Desta forma, ação e reflexão que leva a uma nova práxis, evidenciam a vocação natural da pessoa em *ser*, em existir, mesmo num ambiente de opressão, de forma livre e consciente, atuando para a transformação da realidade. Paulo Freire (2006a: p. 59) afirma ainda que

[...] é neste sentido que a práxis constitui a razão nova da consciência oprimida e que a revolução, que inaugura o momento histórico desta razão, não pode encontrar viabilidade fora dos níveis da consciência oprimida.

Ou seja, na perspectiva freireana, a práxis é também uma consequência da educação libertadora, pois a pessoa, agora conscientizada, se sente impelida a seguir pelo caminho da libertação e da promoção da vida numa perspectiva libertadora que alcança outras pessoas, que interagem entre si através da práxis, e cujos conflitos e dificuldades se constituem em desafios a serem superados, pela práxis.

As pessoas vivem no mundo e estão em relação constante umas com as outras e com o mundo, e o mundo não existe sem que as pessoas estejam presentes, assim acontece com a ação e com a reflexão, ou seja, elas são exercidas constantemente numa realidade concreta, opressora e excludente, mas que pode ser transformada pela práxis.

A práxis é fundamental para a superação da contradição opressor-oprimido, que exige a inserção crítica dos oprimidos sobre a realidade de opressão. Paulo Freire considera que ação e inserção crítica é a mesma coisa. Ele afirma

Que o opressor sabe muito bem que esta inserção crítica das massas oprimidas, na realidade opressora, em nada pode a ele interessar. O que lhe interessa, pelo contrário, é a permanência delas em seu estado de "imersão" em que, de modo geral, se encontram impotentes em face da realidade opressora, como situação limite, que lhes parece intransponível. (FREIRE, 2006a: p. 43).

Floristan (1993: p. 179), pastoralista espanhol, propõe que a práxis enquanto ação transformadora do homem no mundo se apresenta como ação criadora, reflexiva, libertadora e radical, no sentido em que ela supera uma prática estritamente repetitiva, espontânea, alienante e reformista. Para que esta práxis se evidencie, aspectos como consciência crítica, projeto de liberdade que objetive transformação das estruturas sociais, bem como a transformação econômica, política e social, devem estar presentes (FLORISTAN, 1993: p. 180).

Ao trabalhar com estes conceitos, Silva (2009: p. 18) relaciona-os à ação refletida de uma comunidade cristã que se insere no contexto social, no caso do seu comentário o latino-americano, e supera a dependência forjada pelos missionários das Igrejas-mães. Esta igreja que se insere através da práxis transformadora do mundo é relevante para o desenvolvimento de uma ação educativa que seja promotora da vida.

2.2.7 - A Religião

Paulo Freire abordando o papel educativo das Igrejas na América Latina, levando-se em conta os pressupostos que o Evangelho coloca para as mesmas, cita três tipos de Igrejas: tradicional, modernizante e profética (FREIRE, 2000).

A Igreja Tradicional é de tendência missionária e representa o colonialismo. É a igreja que tem por tendência a conquista de "almas" e não faz inserção na sociedade. Este tipo de igreja se transforma em abrigo para as pessoas oprimidas, mas não atua em prol das transformações que promovam o direito e a justiça preconizados pelo Evangelho. Paulo Freire (2000: p. 118) afirma que

O papel que tais igrejas podem desempenhar e vêm desempenhando no campo da educação tem, portanto, de estar condicionado por sua visão do mundo, da religião, dos seres humanos e de seu 'destino'. Sua concepção da educação, que se concretiza em uma prática correspondente, não pode deixar de ser quietista, alienada e alienante.

A igreja de corte tradicionalista é, portanto, em relação à sociedade e as questões de justiça e direito, alienada e alienante.

A segunda igreja que Paulo Freire considera é denominada de Igreja Modernizante. Este tipo de igreja busca ser mais eficaz através da burocracia, seja em sua atividade social-assistencialista seja em sua ação pastoral (FREIRE, 2000). Esta modernização é, na verdade, conservadora porque preserva o status quo e, desta forma, se torna uma ilusão no sentido de aparentar que anda ou caminha em direção a mudanças quando na verdade está paralisada.

A educação para esta igreja se resume em

Libertar os educandos do quadro-negro, das aulas mais estáticas, dos conteúdos mais 'livrescos', oferecendo-lhes projetores e outras ajudas audiovisuais, aulas mais

dinâmicas e ensino técnico-profissional. (FREIRE, 2000: p. 124).

Portanto não favorece a transformação aos educandos, mas sim sua conformação com a realidade. Trata-se de uma crítica do educador com relação à educação desenvolvida pela igreja modernizante, pois a mera mudança de metodologias ou utilização de aparelhagem de audiovisual não significa transformação na educação.

Já a Igreja Profética não se alinha ao tipo tradicionalista tampouco ao tipo modernizante. Ela se faz presente na vida e na caminhada do povo, bem como na luta pela libertação dos oprimidos. A educação desenvolvida pela Igreja Profética se apresenta como método de ação que liberta e transforma a pessoa e a sociedade. Assim se expressa Paulo Freire (2000: p. 127) sobre o método de educação na linha profética:

Como práxis política a serviço da permanente libertação dos seres humanos, que não se dá, repitamos, nas suas consciências apenas, mas na radical modificação das estruturas em cujo processo se transforma as consciências.

Discorrendo sobre o papel educativo das igrejas na América Latina, Paulo Freire afirma que as pessoas da igreja não desenvolverão uma consciência crítica através de cursos e pregações eloqüentes, mas sim pela prática sobre a realidade em que vivem (FREIRE, 1974). Ao escrever a um teólogo, Paulo Freire (1977: p. 88) afirmou que

Devemos nos transformar em descobridores de novas possibilidades e, em tempo, torná-las concretamente reais. Não há esperança na passividade, na acomodação, no ajustamento, e sim na dialética inquietude e paz que caracteriza o ato crítico da busca permanente. Minha espera só é válida se busco e luto com esperança.

Paulo Freire aproxima a educação numa perspectiva libertadora da teologia quando considera que colocar em

prática o Evangelho é estar comprometido com a libertação do ser humano e a transformação da realidade, não para recriar um novo mundo para que outros opressores, ou os próprios cristãos, o dominem, mas sim para que haja salvação e libertação. Paulo Freire afirma (1977: p. 90) que a "Palavra de Deus, enquanto salvadora, é uma palavra libertadora que os homens têm que assumir historicamente. Os homens devem transformar-se em sujeitos de sua salvação e libertação".

Neste sentido, Paulo Freire aprofunda a importância da teologia na perspectiva de uma educação libertadora e transformadora quando afirma que a teologia (1977: p. 91)

[...] tem que estar associada à ação cultural para a libertação, através da qual os homens substituem sua concepção ingênua de Deus, como um mito alienante, por um conceito novo: Deus como uma presença na história, que não impede, de forma alguma, que o homem faça a história de sua libertação.

Esta aproximação acontece também no que diz respeito à valorização do ser humano e no reconhecimento de que o homem, enquanto sujeito da história, pode viver plenamente a sua realidade e experimentar os limites da sua existência se for livre.

Além da liberdade, há um compromisso e comprometimento com a história e com o mundo, como o lugar onde o oprimido expressa sua dor. Como no exemplo dado no livro de Êxodo, Deus ouve o clamor e o grito do povo oprimido.

Neste sentido, a religião deve ser promotora da denúncia da opressão e forjadora de uma nova mentalidade cristã que leva as pessoas a atuarem, em nome da fé, por uma nova sociedade, transformada, liberta e justa. Para Streck (2005: p. 50), foi esta perspectiva cristã que motivou Paulo Freire ir até as periferias "num exercício de liberdade e na busca de libertação com homens e mulheres condenados a viverem como prisioneiros em sua realidade".

Falando de teologia, Paulo Freire (NOVOA, 1979) considera que ela não é supérflua ou que não tenha nenhuma contribuição a dar para o processo histórico em que se vive. Para Paulo Freire (NOVOA, 1979: 38) "a teologia deveria estar envolvida com a educação libertadora e uma educação libertadora deveria estar envolvida com a teologia".

Deus, nesta perspectiva, está presente na história e não impossibilita que os homens atuem para fazer da sua uma história de libertação e de transformação da pessoa e da sociedade. Deus é contra toda e qualquer situação de exploração e de miséria, que impedem que a vida seja vivida plenamente. Ele está sempre ao lado da justiça, da paz, do amor e da verdade. Assim, a história humana é sempre um tempo de conquistas e de possibilidades a partir das transformações vivenciadas pelos sujeitos que constroem a sua história e seu futuro numa perspectiva de liberdade. Deus é a favor desta liberdade.

Paulo Freire fala da *Páscoa* enquanto práxis, mudança de consciência e compromisso histórico. Em outras palavras ele está falando de um processo de conversão que, na sua compreensão, é morrer para viver. A tomada de consciência é a compreensão dos diferentes fatos e situações que estabelecem um ambiente de injustiças e que as mesmas não são da vontade de Deus. Ser cristão, neste sentido, é uma busca constante pelo morrer para esta situação de opressão e viver, ou renascer, para uma vida marcada pela liberdade e pela solidariedade. A *Páscoa*, portanto, é um processo de transformação constante em busca da libertação.

A igreja que se faz presente num contexto de opressão e de exploração deve ser sinalizadora da liberdade que está presente na revelação de Deus e discutir, segundo Paulo Freire, (NOVOA, 1979: p.38) "a palavra de Deus e nossas relações com a palavra de Deus".

SÍNTESE DO CAPÍTULO

Este capítulo discorreu sobre a educação libertadora preconizada pelo educador Paulo Freire, assinalando os antecedentes e as influências recebidas pelo educador na elaboração da *Pedagogia do Oprimido*, bem como a filosofia educacional freireana apresentada em 7 aspectos que se constituem como chaves que guiarão a leitura do documento as *Diretrizes para a Educação na Igreja Metodista*.

Estas chaves de leitura indicam, para este trabalho, conceitos fundantes da educação libertadora e, portanto, referenciais que orientam o trabalho da leitura e da releitura da filosofia educacional da Igreja Metodista.

No capítulo seguinte estas chaves de leitura serão utilizadas para verificar possíveis aproximações entre a educação freireana e a educação concebida pela Igreja Metodista que se encontra nas *Diretrizes para a Educação*.

CAPÍTULO III

DIRETRIZES PARA A EDUCAÇÃO NA IGREJA METODISTA - UMA LEITURA FREIREANA

"Toda a ação educativa da Igreja deverá proporcionar aos participantes condições para que se libertem das injustiças e males sociais que se manifestam na organização da sociedade, tais como: a deterioração das relações na família e entre as pessoas, a deturpação do sexo, o problema dos menores, dos idosos, dos marginalizados a opressão da mulher, a prostituição, o racismo, a violência, o êxodo rural resultante do mau uso da terra e da exploração dos trabalhadores do campo, a usurpação dos direitos do índio, o problema da ocupação desumanizante do solo urbano e rural, o problema dos toxicômanos, dos alcoólatras, e outros" (DIRETRIZES, 1996: p. 55).

INTRODUÇÃO

Este capítulo discorre sobre a filosofia educacional da Igreja Metodista preconizada no documento *Diretrizes para Educação na Igreja Metodista* (anexo 11) e verifica as aproximações com a educação libertadora de Paulo Freire.

A leitura das *Diretrizes para Educação na Igreja Metodista* é feita com a intuição de que apresentam aproximações na sua concepção educacional com a educação preconizada por Paulo Freire e conhecida como educação libertadora. Para isto, são utilizadas as chaves de leitura destacadas no capítulo anterior.

Antes de entrar na leitura propriamente dita entre a filosofia educacional da Igreja metodista e a filosofia educacional de Paulo Freire é importante que o documento DEIM seja conhecido. Desta forma, verificar-se-á como o documento se apresenta em termos de organização e estrutura, bem como os conceitos de missão, Reino de Deus, que são fundantes dos

conceitos de educação, objetos de análise na primeira parte deste capítulo.

3.1- A VISÃO EDUCACIONAL DA IGREJA METODISTA

3.1.1 - Diretrizes para a educação na Igreja Metodista

O documento *Diretrizes para a Educação na Igreja Metodista*, aprovado pelo XIII Concílio Geral, realizado em julho de 1982, na cidade de Belo Horizonte - MG, apresenta a seguinte estrutura:

1) "Prefácio *histórico*", onde é descrito o processo formal que se iniciou em 1979 para a elaboração de novas diretrizes para a educação e apresenta o desenrolar das discussões em torno da questão até a sua aprovação final;

2) "O que estamos vendo", onde é feita uma rápida leitura da educação desenvolvida até então e apresenta indícios da nova filosofia. Nesta parte é reafirmado que a educação tem sido uma das ações sempre presentes para o cumprimento da missão da Igreja Metodista e ressaltado que ela é "parte essencial do envolvimento da Igreja no processo da implantação do Reino de Deus" (DIRETRIZES, 1996, p. 47);

3) "O que nos diz a Bíblia". Nesta parte são apresentados os fundamentos bíblico-teológicos cujo eixo central é o Reino de Deus. Somente neste item do documento a expressão *Reino de Deus* aparece treze vezes, relacionado a sinais que o acompanham, tais como o amor, a esperança, a justiça, a libertação do ser humano, a vida abundante de justiça e liberdade, além de outros;

4) "*Algumas considerações de que devemos nos lembrar*". Neste item estão pontuados aspectos da filosofia vigente na época e os aspectos que compreendem a nova filosofia e prática educacional da Igreja Metodista;

5) "*O que devemos fazer*". Este é o último e o maior item do documento. Nele estão as definições de educação, os objetivos e as diretrizes da ação educativa da Igreja Metodista, bem como diretrizes específicas para a educação secular, educação teológica e educação cristã. Este último item se constitui nas *Diretrizes para a Educação na Igreja Metodista*. Para a educação de uma forma geral são apresentados 7 objetivos e 10 diretrizes gerais. Especificamente para a educação secular são apresentadas 6 diretrizes; para a educação teológica 8 diretrizes e para a educação cristã 10 diretrizes.⁶

Com relação à definição de missão as *Diretrizes para a Educação na Igreja Metodista* seguem as normativas dadas pelo *Plano para a Vida e Missão* e desenvolvem a ação educativa a ser realizada no interior eclesial, nas Instituições Teológicas e nas Instituições de Educação. Fica assim definida a missão educacional de acordo com as Diretrizes (DIRETRIZES, 1996: p.53): "A ação educativa da Igreja tem que estar mais firmemente ligada aos objetivos da Missão de Deus, visando a implantação do seu Reino".

O eixo da missão no documento educacional também é o Reino de Deus, que se expressa na formação do novo homem, da nova mulher e da nova sociedade, onde a vida abundante, a justiça, a liberdade e a transformação são como imperativos educacionais.

A expressão Reino de Deus aparece mais de 20 vezes nas Diretrizes. Neste documento o Reino de Deus se dá através da

⁶ Os objetivos, bem como as diretrizes gerais e específicas, não são aqui citadas, pois se encontram nos **anexos** nas páginas 229 a 233.

construção, da implantação, da realização, do estabelecimento, da sinalização e da inauguração, diferentemente do *Plano para a Vida e Missão* que fala de construção e sinalização do Reino. Neste sentido, a educação preconizada pela Igreja Metodista não acontece sem que o Reino de Deus seja balizador de todas as ações educativas e métodos pedagógicos. Desta forma, é a missão da Igreja Metodista

Dar continuidade, sob a ação do Espírito Santo, ao processo educativo realizado por Deus em Cristo, que promove a transformação da pessoa em nova criatura e do mundo em novo mundo, na perspectiva do Reino de Deus. (DIRETRIZES, 1996: p. 53).

A concepção educacional tem estas duas fontes, ou seja, elas dão o fundamento e a razão da existência da ação educativa da Igreja Metodista, seja no ambiente interno e, sobretudo, no ambiente externo, no contexto da vida e nas fronteiras da existência humana.

3.1.2 - Filosofia Educacional da Igreja Metodista

A Igreja Metodista define educação assim (DIRETRIZES, 1996: p. 52):

A Educação como parte da Missão é o processo que visa oferecer à pessoa e comunidade, uma compreensão da vida e da sociedade, comprometida com uma prática libertadora, recriando a vida e a sociedade, segundo o modelo de Jesus Cristo, e questionando os sistemas de dominação e morte, à luz do Reino de Deus.

Desta forma, a educação a ser desenvolvida leva em conta a vida em sociedade, a compreensão da vida e da sociedade, uma prática libertadora e questionamentos dos sistemas que promovem a dominação e a morte. Tudo isto deve ser feito à luz do Reino de Deus. Como consequência deste novo conceito, as definições de educação cristã, teológica e secular também

passam por um processo de transformação e delimitam novos horizontes educacionais. A Educação Cristã é

[...] um processo dinâmico para a transformação, libertação e capacitação da pessoa e da comunidade. Ela se dá na caminhada da fé, e se desenvolve no confronto da realidade histórica com o Reino de Deus, num comprometimento com a missão de Deus no mundo, sob a ação do Espírito Santo, que revela Jesus Cristo segundo as Escrituras. (DIRETRIZES, 1996: p. 29).

A Educação Teológica é definida como

O processo que visa à compreensão da história em confronto com a realidade do Reino de Deus, à luz da Bíblia e da tradição cristã reconhecida e aceita pelo metodismo histórico como instrumento de reflexão e ação para capacitar o povo de Deus, leigos e clérigos para a Vida e Missão numa dimensão profética. (DIRETRIZES, 1996: p. 31).

Por sua vez, a educação definida como secular e, portanto, desenvolvida pelas Instituições de Educação que a Igreja Metodista mantém, também experimenta uma ampliação em sua concepção. Portanto, Educação Secular é

O processo que oferece formação melhor qualificada nas suas diversas fases, possibilitando às pessoas desenvolvimento de uma consciência crítica e seu comprometimento com a transformação da sociedade, segundo a Missão de Jesus Cristo. (DIRETRIZES, 1996: p. 33).

A filosofia educacional preconizada pelas Diretrizes é "iluminada pela fé, estando por isso sempre relacionada com a reflexão teológica à luz da revelação bíblica em confronto com a realidade" (DIRETRIZES, 1996: p. 51). Esta filosofia aponta o caminho libertador e estabelece os alcances para uma educação libertadora. A Igreja Metodista reconhece e assume esta prática educacional através das suas diretrizes. Assim se expressa o documento:

A partir dessas diretrizes a Igreja desenvolverá sua prática educativa, de tal modo que os indivíduos e os

grupos: desenvolvam consciência crítica da realidade; compreendam que o interesse social é mais importante que o individual; exercitem o senso e a prática da justiça e solidariedade; alcancem a sua realização como fruto do esforço comum; tomem consciência de que todos têm direito de participar de modo justo dos frutos do trabalho; reconheçam que, dentro de uma perspectiva cristã, útil é aquilo que tem valor social. (DIRETRIZES, 1996: p. 52).

As Diretrizes para a Educação apresentam uma nova proposta educacional e estabelecem novas diretrizes e práticas. As serem analisadas as propostas depara-se com um eixo libertador presente nas considerações que o documento apresenta. Ele registra o reconhecimento que a Igreja Metodista faz de que precisaria estabelecer novas diretrizes educacionais e que elas devem estar voltadas para a libertação das pessoas e da sociedade (DIRETRIZES, 1996).

As Diretrizes são apresentadas numa perspectiva de confronto com a realidade onde impera uma educação com características individualizantes e reprodutoras do sistema educacional vigente no país. A partir destas diretrizes, o documento apresenta os aspectos de uma educação libertadora. São eles (DIRETRIZES, 1996: p. 52-53):

1. Deve ser uma educação identificada com a realidade brasileira e atender às necessidades e carências que o povo evidencia em seu cotidiano;
2. Não deve ser uma educação elitizada, discriminadora e reprodutora da situação educacional do país;
3. Não deve se conformar com as imposições das elites e dos poderosos que promovem uma educação que gera dependência e impede a participação das pessoas no processo de transformação da vida e da sociedade;
4. A educação deve ser reflexo da eclesiologia preconizada nos documentos da Igreja Metodista, que definem a missão numa perspectiva de serviço e de construção do Reino de Deus;

5. Uma educação que promova a transformação da pessoa e da sociedade e busque a promoção de um mundo novo, sempre na perspectiva do Reino de Deus;
6. Os educadores e educadoras devem ser agentes de libertação e de transformação;
7. A educação deve confrontar as filosofias que não promovem a vida na perspectiva do Evangelho de Cristo;
8. Ela deve denunciar todo e qualquer tipo de discriminação ou dominação que marginalize a pessoa e impeça que a mesma viva em sua plenitude;
9. Deve respeitar a cultura dos que participam do processo educativo, em especial se estiverem em acordo com os valores do Reino de Deus;
10. Deve despertar a consciência crítica para com os problemas da justiça e na percepção de um mundo marcado pela opressão.

A Educação delineada no documento em estudo, procura romper com uma educação mercantilista e utilitarista, da mesma forma que reconhece que a ação educativa até então era influenciada por uma filosofia liberal de característica individualizante. O próprio documento das Diretrizes faz esta constatação, quando afirma que

Até o momento, nossa ação educativa tem sido influenciada por idéias da chamada filosofia liberal, típicas de nossa sociedade, resultando num tipo de educação com características acentuadamente individualistas. (DIRETRIZES, 1996: p. 51).

Ao fazer esta confissão de culpa, a Igreja Metodista reconhece os contornos da educação até então concebida e praticada, portanto de corte tradicional:

- preocupação individualista com a ascensão social;
- acentuação do espírito de competição;
- aceitação do utilitarismo como norma de vida;

- colocação do lucro como base das relações econômicas. (DIRETRIZES, 1996: p. 51).

Além desta autocrítica, o documento critica a educação brasileira vigente, educação que promovia a elitização do ensino e se apresentava em favor das classes dominantes e da cultura dos poderosos, assim se expressando:

A busca destes novos caminhos deve procurar a superação do modelo educacional vigente. Não se pode mais aceitar uma educação elitista, que discrimina e reproduz a situação atual do povo brasileiro, impedindo transformações substanciais em nossa sociedade. Também não podemos nos conformar com a tendência que favorece a imposição da cultura dos poderosos, impedindo a maior participação das pessoas e aumentando cada vez mais seu nível de dependência. (DIRETRIZES, 1996: p. 53).

Bourdieu e Passeron, discorrendo sobre sistema educacional, consideram que a escola pode ser reprodutora do sistema de classes e das diferenças culturais. Eles partem da teoria da violência simbólica causada pela escola, quando ela atua e favorece as pessoas oriundas das classes dominantes e que possuem capital cultural mais desenvolvido. Para eles "toda ação pedagógica é objetivamente uma violência simbólica enquanto imposição, por um poder arbitrário, de um arbitrário cultural" (1975, p. 20). O documento com as Diretrizes faz esta referência à educação brasileira em termos de reprodução e legitimação da cultura das elites e, conseqüentemente, promotora das diferenças sociais.

Boaventura, considerando a crítica que o documento faz à educação brasileira da época, destaca que o mesmo "condena o ensino competitivo, baseado no culto ao êxito pessoal [...] que se move na direção do mercado de trabalho e a ele se submete". Boaventura (1983: p. 32) afirma ainda que

A escola não é estática, não esgota sua tarefa na transmissão do saber organizado, mas ao contrário, deve constituir-se em centro de permanente denúncia a todo e qualquer tipo de discriminação e dominação.

O *Plano para a Vida e Missão da Igreja* afirma que um dos objetivos da educação secular é (PLANO, 1996: p. 33) "capacitar a comunidade para cooperar no processo de transformação da sociedade, na perspectiva do Reino de Deus". Boaventura (1983: p. 33), ao comentar a proposta da Igreja Metodista afirma que a mesma

[...] deixa claramente a convicção dos proponentes, que mesmo em uma sociedade de classes é possível dentro da educação formal uma prática educativa libertadora, que contribua para o avanço do processo em direção a uma sociedade mais justa.

Neste sentido, O Plano com as Diretrizes indica que a educação desenvolvida nas Instituições Educacionais da Igreja Metodista deve (DIRETRIZES, 1996): despertar para uma percepção crítica dos problemas que estão presentes na sociedade; superar a simples transmissão ou repetição de conhecimentos, promovendo novos saberes a partir da realidade e necessidades do povo; criar pastorais escolares e universitárias para atuarem nas Instituições como consciências críticas e desenvolver as funções proféticas e sacerdotais e democratizar as decisões.

As Diretrizes afirmam de forma categórica que

Toda ação educativa da Igreja deverá proporcionar aos participantes condições para que se libertem das injustiças e males sociais que se manifestam na organização da sociedade. (DIRETRIZES, 1996: p. 55).

Estas definições remetem a uma educação de concepção libertadora, conscientizadora, transformadora, capacitadora e, portanto, sinalizadora da presença do Reino de Deus. Com elas, tendo o Reino de Deus como principal referencial, a Igreja Metodista é chamada a assumir a sua confessionalidade de forma a comprometer-se com ações, entre elas a educativa, que

promovam a transformação da sociedade e sinalizem inconfundivelmente o Reino de Deus.

3.2 - APROXIMAÇÕES COM A PEDAGOGIA FREIREANA

3.2.1 - A educação

A concepção de educação evidenciada no DEIM indica uma ação educativa numa perspectiva libertadora, oferecendo às pessoas que buscam a sua formação numa Instituição Metodista, o desenvolvimento de uma consciência crítica e transformadora da sociedade, ou seja, uma educação que visa alcançar a libertação das pessoas e da sociedade.

O eixo diferenciador para a educação promovida pela Igreja Metodista e apontada no documento com as Diretrizes é a formação para a plena vivência da vida. Os apelos que vêm do contexto social, político, econômico e religioso e os indicativos do Reino de Deus expressos nos documentos assinalados neste trabalho, apontam a vida como um dos objetivos da ação educacional.

Numa sociedade em constante transformação e substituição de valores e de costumes, se faz necessária uma educação voltada para a valorização da vida e questionadora dos sistemas dominantes que geram mortes, sejam eles de esquerda ou de direita.

Neste sentido, a concepção de educação do DEIM se aproxima da preconizada por Paulo Freire, pois indica, além da transformação da pessoa e da sociedade, o desenvolvimento de uma consciência crítica da realidade, o interesse social e uma nova práxis como fruto do esforço comum e não de forma individualizada.

Outro ponto a destacar é que a educação apresentada no documento da Igreja Metodista deixa de lado uma tendência para

a neutralidade ou mesmo uma postura que atue em favor da ideologia dominante de característica opressora. Como Paulo Freire afirma a educação não pode ser neutra, ou ela atua em favor da libertação dos oprimidos ou em favor dos opressores (FREIRE, 1998). Assim, a educação expressa no DEIM se apresenta em favor da vida e que o modelo educacional que estava vigente deveria ser superado. Para o Plano com as diretrizes educacionais da Igreja Metodista

Não se pode mais aceitar uma educação elitista, que discrimina e reproduz a situação atual do povo brasileiro, impedindo transformações substanciais em nossa sociedade. Também não podemos nos conformar com a tendência que favorece a imposição da cultura dos poderosos, impedindo a maior participação das pessoas e aumentando cada vez mais seu nível de dependência. (DIRETRIZES, 1996: p. 53).

Está expressa de forma clara a posição educativa da Igreja Metodista, ou seja, ela existe para promover a vida e a transformação da sociedade em oposição aos poderosos que impedem que as pessoas se libertem do estado de opressão, discriminação e exploração. Tomar este caminho para a educação é, segundo o que prescreve a Igreja Metodista, "participar ativamente na construção do Reino de Deus" (DIRETRIZES, 1996: p. 53), que é o eixo da missão educacional metodista.

Outro aspecto a ressaltar, é a questão da contextualidade. As Diretrizes preconizam uma educação contextualizada à cultura brasileira, para atender às necessidades presentes na sociedade. Nesta perspectiva, as Diretrizes indicam a superação de uma educação elitista, discriminatória e que reproduza uma vida em sociedade sem transformações. Também, conforme afirma o documento

Não podemos nos conformar com a tendência que favorece a imposição da cultura dos poderosos, impedindo a maior participação das pessoas e aumentando cada vez mais seu nível de dependência. (DIRETRIZES, 1996: p. 53).

Esta atitude de valorização da cultura dos educandos e busca pela superação e transformação da realidade é resultado de uma "Igreja que deseja ser serva fiel, participando ativamente da construção do Reino de Deus" (DIRETRIZES, 1996: p. 53). Paulo Freire (2007. p. 61) concebia uma educação que se inserisse no contexto social a fim de transformar as realidades de opressão, discriminação e violências:

Nenhuma ação educativa pode prescindir de uma reflexão sobre o homem e de uma análise sobre suas condições culturais. Não há educação fora das sociedades humanas e não há homens isolados.

O documento educacional fala explicitamente sobre a superação de uma simples transmissão repetitiva de conhecimento, o que poderia ser identificada como educação bancária, pela busca (DIRETRIZES, 1996: p. 56) "de novas expressões do saber, a partir da realidade e expectativa do povo". Como visto até agora, o documento indica uma educação na perspectiva libertadora.

Para isto, é importante que os egressos das Instituições Metodistas recebam uma educação com esta perspectiva de vida e de profissão, para que seus atos promovam os direitos humanos, a defesa da vida, a legitimação dos valores fundamentais para a sociedade, o exercício responsável dos direitos e dos deveres dos cidadãos, promovam a cidadania e valorizem a dignidade da pessoa humana.

3.2.2 - Dialogicidade

As *Diretrizes para a Educação na Igreja Metodista* não usam em nenhum momento a palavra diálogo, mas ele está implícito considerando-se que ser dialógico não quer dizer necessariamente conversar com os outros, mas sim promover o encontro entre as pessoas no contexto social. Sendo assim, o

documento com as Diretrizes aponta vários indicativos deste ato dialógico.

Quando estabelece o conceito de salvação afirma que é processo pelo qual as pessoas são libertadas e motivadas, a partir da experiência religiosa, a servir a Deus e ao próximo e contribuir para os diferentes aspectos da vida, tais como religião, família, trabalho, vizinhança, escola, política, cultura, economia, segurança e outros. O documento afirma também que a

[...] ação de Deus atinge, transforma e promove as pessoas, na medida em que as desafia a um relacionamento pleno e libertador com Deus e o próximo, para o serviço concreto na comunidade. (DIRETRIZES, 1996: p. 50).

Em outras palavras, a vida e a educação preconizadas nas Diretrizes na perspectiva do Reino de Deus exige da pessoa um comprometimento com a justiça e a liberdade que acontecem no processo dialógico e na práxis na sociedade. Este processo dialógico não deve ser confundido com uma conversa entre iguais ou bate-papo em torno de algum assunto comum aos interlocutores. O diálogo é o encontro e a comunhão entre pessoas que são diferentes, mas que encontram ambiente para expressar pensamentos e conscientização crítica, mesmo que haja o contraditório e o conflituoso.

O documento cita ainda que o amor liberta a pessoa do egoísmo e promove uma vida em comunidade caracterizada pelo amor e pelo serviço ao próximo. Se para Paulo Freire a educação é estabelecida através do processo dialógico entre educadores e educandos, portanto onde o outro está presente, para as Diretrizes da Igreja Metodista, a educação concebida numa perspectiva libertadora, também considera sempre o outro, seja qual for a condição social, cultural, política, econômica ou religiosa, transformando e promovendo um "relacionamento pleno e libertador com Deus e o próximo, para o serviço concreto na comunidade" (DIRETRIZES, 1996: p. 50). E a Igreja

Metodista, ao fazer isto através de sua ação educativa que leva em conta a vivência dos outros e suas heterogeneidades, inaugura o Reino de Deus.

As Diretrizes, ao estabelecerem os apontamentos educacionais na perspectiva do Reino de Deus, afirmam que

A esperança do Reino permite que participemos de projetos históricos que visam à libertação da sociedade e do ser humano. Ao mesmo tempo nos liberta da idéia de que os projetos humanos são auto-suficientes e nos leva a qualquer atitude de endeusamento de instituições. (DIRETRIZES, 1996: p. 50).

Desta forma, o processo dialógico proposto por Paulo Freire encontra ressonância no documento das Diretrizes para a Educação, considerando que a proposta educacional na perspectiva do Reino de Deus é acolhedora, inclusiva, libertadora, transformadora e promotora da paz nos diversos relacionamentos na comunidade onde as pessoas se encontram.

Para Paulo Freire o amor, ao lado da fé, da esperança e da confiança na pessoa, era fundamental para que o diálogo fosse vivenciado pelas pessoas. O tema do amor se apresenta nas Diretrizes como uma ação concreta em favor dos outros e como resposta ao amor de Deus. O amor é sinal de uma comunidade identificada com os valores do Reino de Deus. O Reino de Deus é apresentado no Plano para a Vida e Missão como perfeito amor, ao lado da justiça, da autêntica liberdade e da completa paz (PLANO PARA A VIDA E MISSÃO, 1996: p. 15). A missão da Igreja Metodista confronta a realidade de opressão, de discriminação e de violências de forma a expressar o amor e a justiça.

As Diretrizes para a Educação enfatizam o tema do amor e o fazem em termos de atos que quebram as cadeias da opressão, do pecado e de toda sorte de injustiças, superando o egoísmo e promovendo a vida em comunidade que se manifesta no serviço ao próximo (DIRETRIZES, 1996). Assim, o amor é também uma prática

educativa que promove o bem estar e a integração de todas as pessoas. Ele compromete o educador e o educando com a vida.

O amor aparece junto com a justiça, pois ambos são atos resultantes do comprometimento com o Reino de Deus e frutos da presença do Reino que se estabelece pela ação das pessoas compromissadas com os valores do Reino de Deus.

3.2.3 - Consciência crítica

No documento das Diretrizes para a Educação o tema da consciência crítica se apresenta como consequência do Reino de Deus e no sentido de discernimento dos sistemas de pensamentos que se julgam donos absolutos da verdade. A consciência crítica passa a ser um dos objetivos da prática educativa a ser desenvolvida a partir das novas diretrizes que a Igreja Metodista estabelece. Assim se expressa o documento (DIRETRIZES, 1996: p. 52): "consciência crítica da realidade", ou seja, da sociedade onde imperam o individualismo e as injustiças, frutos da opressão.

O DEIM aponta para este caminho quando prescreve que a educação promove (DIRETRIZES, 1996: p. 52) "uma compreensão da vida e da sociedade, comprometida com uma prática libertadora, recriando a vida e a sociedade [...] e questionando os sistemas de dominação e morte". Entre as diretrizes estabelecidas para a educação, seguindo esta mesma perspectiva, fica estabelecido que

O ensino formal praticado em nossas instituições não se limitará a preparar para o mercado de trabalho, mas, além disso, igualmente, deverá despertar uma percepção crítica dos problemas da sociedade. As instituições superarão a simples transmissão repetitiva de conhecimentos, buscando a criação de novas expressões do saber, a partir da realidade e expectativa do povo. (DIRETRIZES, 1996: p. 56).

As Diretrizes para a Educação indicam uma educação que promove a consciência crítica e a conseqüente transformação da pessoa e das estruturas sociais. Desta forma, preconizam uma educação que possibilite que a pessoa se construa enquanto um ser social que está em relação com Deus e com outras pessoas e cuja reciprocidade de relacionamento constrói a história e a cultura. Sendo assim, a educação dos documentos da Igreja Metodista se aproxima do que Paulo Freire (2005: p. 45) considera necessário para que as pessoas sejam construtoras da sua própria história, ou seja, "uma educação que liberte, que não adapte, domestique ou subjugue". A consciência crítica é entendida como articulação com a práxis onde o diálogo, a fala e a convivência são fundamentais (CAMARGO, 1999, p. 66).

Há uma clara rejeição à idéia de educação enquanto produto que é comercializado ao sabor do mercado de trabalho, uma vez que este tipo de educação não promove o ser sujeito da história.

3.2.4 - A visão de mundo

O documento com as *Diretrizes para a Educação na Igreja Metodista* olha para o mundo como sendo a realidade onde as pessoas estão vivendo e que apresenta problemas que afligem o povo, forças que são contrárias e antagônicas à vida que deveria ser vivenciada na sua plenitude, mas que por conta da realidade não o é.

A ação educativa deve estar identificada com a cultura e atender a todas as necessidades que compreendem a vida do povo, e promover a transformação (DIRETRIZES, 1996: p. 53) "da pessoa em nova criatura e do mundo em novo mundo, na perspectiva do Reino de Deus". Neste sentido, o foco principal do ensino formal não é a preparação para o mercado de trabalho, mas sim para uma compreensão crítica dos problemas

que estão presentes na sociedade e que agridem a vida, através de preconceitos, exclusões, dominações, autoritarismo, violência, pobreza, enfim, toda sorte de opressão.

Além disto, a filosofia educacional da Igreja Metodista indica o caminho da denúncia de discriminação, dominação e marginalização e o anúncio da libertação, em outras palavras, uma educação que transforme o mundo marcado por opressão e injustiças. A educação deve ser desenvolvida de forma a "motivar educadores e educandos a se tornarem agentes positivos de libertação, através de uma prática educativa de acordo com o Evangelho" (DIRETRIZES, 1996: p. 53).

Para que a vida seja plena conforme o documento da Igreja Metodista, os problemas que promovem a indignidade da vida devem ser combatidos. A educação deve atuar nesta perspectiva e, para isto, o documento insiste no ato de conhecer o contexto e a realidade.

3.2.5 - O ser humano

Paulo Freire fala do ser humano em termos de vocação natural para ser sujeito da história e não objeto. O DEIM fala do ser humano criado para ser livre e para vivenciar um relacionamento pleno com Deus e com o próximo. O homem e a mulher são criados para viverem em sociedade a vida abundante e a justiça. Eles são dotados de capacidade para compreenderem a realidade e os desafios da vida e do mundo marcado pela discriminação, exclusão e opressão.

O documento expressa a compreensão de que as pessoas marginalizadas, pobres e oprimidas são alcançadas pela ação de Deus na história humana, cuja ação (DIRETRIZES, 1996: p. 50) "quebra as cadeias da opressão, do pecado, em todas as suas formas".

Desta forma, a ação educativa deve promover a transformação da pessoa e da sociedade a fim de que se libertem dos males sociais e das injustiças que estão presentes na sociedade. Em outras palavras, a pessoa é entendida como um ser inacabado, mas que está em desenvolvimento e transformação.

No documento a *Educação Cristã: um posicionamento metodista* afirma-se sobre o ser humano que ele é criado à imagem e semelhança de Deus e que deve ser amado e considerado como digno de toda a atenção e valor. Além disto, o referido documento afirma que

A transformação da pessoa em nova criatura e do mundo em novo mundo na perspectiva do Reino de Deus, são obra do processo educativo realizado por Deus em Cristo e continuado na vida da Igreja [...]. (EDUCAÇÃO CRISTÃ, 1981: p. 4).

3.2.6 - Opressão e libertação

A palavra libertação ou liberdade está sempre presente em Paulo Freire. Ela é o alvo da educação. As Diretrizes também usam várias vezes as palavras libertação, liberdade, libertador e libertadora. Na concepção do documento com as Diretrizes, a libertação é resultado da ação de Deus no mundo através das pessoas que se conscientizam do propósito divino em libertar o seu povo, ou seja, os pobres, oprimidos, marginalizados e discriminados na sociedade.

Esta libertação se dá no confronto das pessoas com a realidade de opressão e superação da mesma. A libertação acontece em meio à vida, na realidade, no contexto e no concreto das relações sociais.

Quando se refere à educação cristã, as Diretrizes afirmam concretamente que ela é um processo que visa a transformação, a libertação e a capacitação da pessoa e da sua comunidade.

Estas expressões se encontram no documento *Educação Cristã: um posicionamento metodista*, de 1981 (anexo 9).

As *Diretrizes para a Educação na Igreja Metodista* indicam que através das Instituições de Educação, a igreja tem a missão de apoiar as ações e os movimentos que têm como objetivo a libertação dos oprimidos.

3.2.7 - A religião

Ao considerar os documentos da Igreja Metodista observa-se que eles preconizam uma igreja profética que foi se delineando ao longo dos anos, através da reflexão e da ação desenvolvidas, bem como na elaboração dos documentos que fundamentam a missão e a educação e que pretende que a sua ação educativa seja libertadora.

Paulo Freire considerou três tipos de igrejas, ressaltando que a do tipo libertadora era a que contribuiria para o processo de transformação da realidade de opressão para libertação, pois ela se colocava ao lado do povo oprimido. Nas palavras de Paulo Freire (1974), a igreja profética tem uma prática sobre a realidade que é resultante da uma consciência crítica adquirida pela vivência.

Neste sentido, os documentos da Igreja Metodista, em particular o DEIM, indicam uma igreja de corte libertador. É importante ressaltar que o desenvolvimento das concepções de missão, educação e Reino de Deus, se dá em contexto semelhante ao que Paulo Freire desenvolve a sua pedagogia do oprimido e os teólogos da libertação delineam a teologia latino-americana, o que indica uma igreja presente na vida e na luta do povo.

Os documentos da Igreja Metodista falam da construção do Reino de Deus, no sentido de que, o Reino não surge do nada, mas sim da conscientização e da práxis do povo cristão em

busca de sociedade justa. Os documentos da Igreja Metodista falam também da sinalização do Reino de Deus, através da solidariedade, da justiça, da fraternidade, da liberdade, da prática libertadora e do cuidado com a vida, portanto um cristianismo prático num contexto concreto. Assim se expressa o documento acerca dos daqueles que vivem o compromisso com o Evangelho:

Combatem tenazmente os problemas sociais que oprimem os povos e as sociedades onde Deus os tem colocado, denunciando as causas sociais, políticas, econômicas e morais que determinam a miséria e a exploração e anunciando a libertação que o Evangelho de Jesus Cristo oferece às vítimas da opressão. (PLANO PARA A VIDA E MISSÃO, 1996: p. 12).

Se para Paulo Freire Deus se faz presente na história e motiva a luta pela transformação e libertação, para os documentos da Igreja Metodista em questão, o propósito de Deus é libertador e alcança todas as pessoas e todas as coisas que escravizam o povo. Segundo o PLANO (1996), Deus tem como objetivo criar pessoas e comunidades que tenham plenas condições de vida e de trabalho para superarem os conflitos e os pecados que afrontam a vida.

Portanto, a salvação

É entendida como ação de Deus na história e na vida das pessoas e dos povos [...] Ação de Deus na realidade de cada povo e de cada indivíduo. (DIRETRIZES, 1996: p. 49).

O documento (DIRETRIZES, 1996: p. 50) afirma ainda que a "salvação é o processo pelo qual somos libertados por Jesus Cristo para servir a Deus e ao próximo e para participar da vida plena no Reino de Deus".

É propósito de Deus também criar condições para que as pessoas e comunidades atuem neste trabalho de construção de uma sociedade livre e justa na perspectiva do Reino de Deus. A educação é um dos instrumentos utilizados pela Igreja

Metodista para o cumprimento desta missão e como tal (DIRETRIZES, 1996: p. 47) “ela é parte essencial do envolvimento da Igreja no processo da implantação do Reino de Deus”.

Portanto, a religião é concebida como prática e experiência da fé cristã, da esperança e do amor, que apresentam sinais concretos que confirmam a presença de Deus. Assim se expressa o PVM (1996: p. 14):

O cristianismo prático tem como fonte de conhecimento de Deus, a natureza, a razão, a tradição, a experiência cristã, a vivência na comunidade da fé, sempre confrontadas pelo testemunho bíblico, que é o elemento básico da revelação divina, interpretada a partir de Cristo.

Outro aspecto a ressaltar, além deste, é quando o documento com as Diretrizes indica uma igreja que anuncia a vida e denuncia os atos que impedem que ela seja vivida plenamente. Esta tensão anúncio/denúncia é resultado da ação e reflexão que a própria religião possibilita a partir do conhecimento de Deus e da sua Palavra. Numa relação transcendental com Deus, o homem e a mulher podem perceber que a vida pode ser vivida na sua plenitude, mas que há impedimentos para que ela se expresse plenamente.

Assim, fundamentados na revelação do Evangelho de Cristo, o homem e a mulher podem atuar anunciando a vida em sua plenitude e denunciando os impedimentos e minimização da vida. Esta tensão entre anúncio e denúncia se dá na ação concreta em favor da vida e na reflexão constante, impulsionados pelo Espírito de Deus que recria a vida.

SÍNTESE DO CAPÍTULO

Ao longo deste capítulo foram abordados os aspectos que apresentam aproximações entre a Filosofia Educacional

Metodista preconizada no documento *Diretrizes para a Educação na Igreja Metodista* e a educação libertadora em Paulo Freire, a partir das 7 chaves de leituras indicadas no capítulo anterior.

Ao se realizar a leitura entre as duas filosofias educacionais, destacou-se pelo menos 7 aspectos de aproximação entre elas. As aproximações que foram verificadas indicam a influência que o referido documento recebeu da educação freireana ao estabelecer uma filosofia educacional libertadora e humanizadora.

Desta aproximação, surgiram as dificuldades de compreensão e aplicação de tal filosofia no contexto da Igreja Metodista, por indicar, entre outras coisas, mas precisamente, uma educação na perspectiva libertadora e questionadora da prática docente bancária onde o aluno é objeto e não sujeito da construção do conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No percurso deste trabalho realizou-se uma leitura das *Diretrizes para a Educação na Igreja Metodista* a partir da educação preconizada pelo educador Paulo Freire. A hipótese era a de que o referido documento continha aproximações com a perspectiva educacional freireana.

Para a comparação da Filosofia Educacional Metodista com a Filosofia Educacional em Paulo Freire, localizou-se os diversos documentos que antecederam as *Diretrizes para a Educação*, bem como foram indicados textos que ofereceram os fundamentos da filosofia preconizada pelos metodistas no DEIM. Foi assinalado também o contexto onde os documentos foram gerados e os conceitos fundantes das diretrizes educacionais.

Por outro lado, foi registrada uma breve biografia de Paulo Freire e discorrido sobre os aspectos considerados fundamentais para a filosofia educacional numa perspectiva libertadora, indicando o contexto onde a referida pedagogia surgiu.

Após estes levantamentos e apontamentos, foi realizada a leitura entre as duas filosofias, fazendo-se uma releitura das *Diretrizes para a Educação na Igreja Metodista* com as chaves freireanas de uma educação humanizadora e libertadora.

A hipótese se confirmou, ou seja, o documento da Igreja Metodista contém aproximações relevantes com a educação preconizada por Paulo Freire, tendo sido motivada pela busca de uma educação que respondesse aos desafios da contemporaneidade e que contribuísse para a construção do sujeito e da sociedade num contexto de opressão.

Estas aproximações indicam que a Igreja Metodista ao elaborar suas diretrizes educacionais buscava ser uma comunidade religiosa que se apresentava à sociedade e ao mundo

de forma a sinalizar o Reino de Deus, eixo central da missão e da educação metodista, ao mesmo tempo em que assumia uma educação que contribuísse para a conscientização e conseqüente libertação dos oprimidos. Mattos (2000: p. 72) assim se expressa:

As Diretrizes tiveram como seu objetivo levar a Igreja Metodista, sob os valores e critérios do Reino de Deus, a colocar sua obra educacional a serviço das lutas sociais comprometidas com a construção de uma sociedade fundamentada nos valores da justiça social e da defesa dos direitos humanos, numa solidariedade concreta com os setores marginalizados na sociedade brasileira.

Desta forma, a Igreja Metodista se propunha ser profética e a desenvolver uma ação educacional que contribuísse para a formação do sujeito consciente e participante da construção de uma sociedade fraterna, justa e solidária.

A educação apresentada nas Diretrizes segue esta trilha de uma igreja profética e sinalizadora da vida na perspectiva do Reino de Deus.

Deve-se considerar que as Diretrizes foram elaboradas em 1982 e, portanto, apresentam certas limitações em suas diretrizes educacionais, no entanto a filosofia educacional na perspectiva libertadora e humanizadora, como preconizada no documento, permanece relevante para os dias de hoje por assinalar que o sujeito se constrói no relacionamento com os outros, na conscientização do contexto em que vive e na busca pela superação das diferenças sociais e discriminatórias.

O documento evidencia as marcas do movimento metodista primitivo, liderado por João Wesley na Inglaterra no século XVIII, que tinha na educação um dos aspectos principais da missão da Igreja Metodista visando a formação de indivíduos conscientes e promotores de uma vida justa e fraterna, bem como de uma sociedade que incluísse os menos favorecidos.

Fica indicado que o DEIM poderia ser ampliado e atualizado no item intitulado "*O que devemos fazer*", para se considerar questões da contemporaneidade, tais como cidadania, educação ambiental, urbanidade, globalização, confessionalidade num contexto de exacerbação do fenômeno religioso e de corte fundamentalista e o mercado educacional que transforma a educação em produto e os alunos em meros repetidores de técnicas que objetivam satisfazer o mercado. A educação libertadora pode dar respostas a estas questões e contribuir para a sua superação, especialmente quando praticadas no contexto de uma instituição confessional.

Como exemplo de que as Diretrizes devem ser atualizadas e ampliadas, destaca-se que para a ação educativa de uma forma geral o documento prescrevia que cursos, currículos e programas existentes deveriam, no menor prazo possível, "estar de acordo com as orientações estabelecidas neste documento" (DIRETRIZES, 1996, p. 54). Esta prescrição não foi plenamente implementada e permanece desafiando os programas educacionais da Igreja.

Deve ficar registrado que na compreensão do autor deste trabalho os movimentos religiosos antagônicos à eclesiologia professada pela Igreja Metodista e que se introduzem no ambiente eclesiástico metodista, apresentam tendências de negação de uma educação construída na perspectiva libertadora, optando pelo modelo bancário, intimista e repetidor de conhecimento, estabelecendo referenciais que buscam minimizar a confessionalidade vivenciada no ambiente acadêmico transformando-a meramente em doutrinação, ou, o que é mais grave ainda, moldando-a como educação reprodutora do mercado que é discriminador, alienante, individualista e explorador do fruto do trabalho.

Para legitimar a filosofia educacional vigente, a Igreja Metodista deve assumir uma postura de resistência a estes movimentos religiosos antagônicos ao eixo da missão e da

educação que é o Reino de Deus. Muito embora o contexto social, político, econômico, cultural e religioso que se apresenta nesta primeira década do século XXI seja diferenciado do contexto onde as diretrizes educacionais da Igreja Metodista foram gestadas e aprovadas, elas continuam a desafiar e a convidar a comunidade cristã e suas instituições a sinalizarem os valores do Reino que é de Deus e que agrega todas as pessoas, indistintamente.

O autor desta tese considera que o momento histórico em que a Igreja Metodista se encontra e, conseqüentemente seus documentos conciliares e fundantes da sua vida e missão, é extremamente desafiador e fragilizador ante aos movimentos que apresentam tendências para a homogeneização e para os estereótipos que promovem uma liderança centralizadora, dissimuladora e dominadora. Infelizmente estes ventos sopram em direção à Igreja Metodista.

Outro aspecto a se considerar é que a filosofia educacional metodista que se desenvolveu ao longo dos diversos documentos até a elaboração do DEIM, sinaliza e promove a identidade confessional da Igreja Metodista. Minimizar a educação e transformá-la em produto que atende ao mercado, ou mesmo desfazer-se das Instituições de Ensino, conseqüentemente da educação enquanto missão é contribuir de forma devastadora para o enfraquecimento da identidade confessional da Igreja e relativização da sua presença pública e profética no contexto social.

Diante disto, devem ser assinaladas a relevância das diretrizes educacionais e a possibilidade ou a necessidade de se trabalhar nas Diretrizes para a Educação os conceitos freireanos da esperança e da autonomia, que são inerentes à educação numa perspectiva libertadora.

Segundo Paulo Freire (1998) a autonomia se constrói na experiência da vida, através de inúmeras decisões que são tomadas. A autonomia não é algo automático, mas sim

conquistado. A pedagogia da autonomia tem de estar centrada nas experiências que estimulam a decisão e a responsabilidade.

Paulo Freire afirma (1998, p. 66) que

Não faz mal repetir afirmação várias vezes feita neste texto - o inacabamento de que nos tornamos conscientes nos fez seres éticos. O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros.

Falando da esperança, Paulo Freire (2008b) afirma que ela é indispensável na luta contra toda sorte de opressão e no ato de refazer o mundo.

Para Freire, a esperança, como elemento de definição da política e da pedagogia, sempre significou escutar e trabalhar com os(as) despossuídos(as) e com outros grupos subordinados, para que eles(as) pudessem falar e agir a fim de alterar as relações de poder dominantes (GIROUX, 1999, p. 114)

Estes conceitos de esperança e de autonomia encontram aderência na educação preconizada pela Igreja Metodista e podem contribuir para a ampliação da concepção educacional, bem como das ações educativas.

Embora tenha havido esforços e avanços no sentido de implantar as diretrizes educacionais, de forma geral, o documento não conseguiu se estabelecer como norteador e definidor de políticas e ações educativas na Igreja Metodista. A principal razão disto é a concepção libertadora de educação.

Se o olhar se fixar em aspectos específicos perceber-se-á que no campo da educação cristã houve um programa da V Região Eclesiástica⁷ na década de 1980, intitulado "Agentes da Missão", onde o processo educativo seguia a proposta das Diretrizes, conseqüentemente numa perspectiva libertadora.

No campo da educação teológica a Faculdade de Teologia da Igreja Metodista desenvolve a sua ação pedagógica e educativa

⁷ A V Região Eclesiástica compreende o interior do Estado de São Paulo, os Estados de Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Tocantis, além do Triângulo Mineiro e Distrito Federal.

nesta mesma perspectiva libertadora e constituidora de um processo coletivo de construção do saber teológico.

Já no campo da educação secular a Universidade Metodista de Piracicaba assimilou na sua Política Pedagógica a proposta do DEIM, além de ser um documento conhecido pela comunidade acadêmica e ser objeto de consultas e citações por parte dos colegiados da Universidade na elaboração de documentos.

Além destes, há outros projetos educacionais que se fundamentam no DEIM e que poderiam ser citados. Não é possível afirmar se todas estas iniciativas alcançaram a todos os objetivos e as diretrizes presentes no documento da Igreja Metodista, no entanto é inegável a busca em atender a nova filosofia educacional proposta pela Igreja Metodista em 1982. Como afirmado anteriormente, as Diretrizes são relevantes para a missão educacional da Igreja Metodista como um todo nos dias de hoje, pois continuam a pontuar o caminho libertador das ações educacionais. Fica a orientação dada pelo documento em 1982:

Todas as agências de educação da Igreja Metodista, tanto ao nível local quanto ao nível de instituição, procurarão orientar os participantes de seu trabalho sobre as diretrizes ora adotadas, empenhando-se igualmente para que elas sejam vividas na prática (DIRETRIZES, 1996: p. 55).

Na trilha de uma educação libertadora e construtora de seres autônomos, se faz necessário que a Igreja Metodista prepare educadores comprometidos com esta filosofia de uma educação libertadora, conscientes, críticos e reflexivos, que contribuam para a formação de agentes de transformação da sociedade. É necessário também que a Igreja Metodista prepare gestores que também sejam reflexivos, críticos, conscientizados, conscientizadores, que saibam ler e compreender os engodos do mercado, mas que tenham a reflexividade e sejam proativos para não se renderem ao poder

destrutivo do mercado educacional e promovam a educação que valoriza a vida na perspectiva do Reino de Deus.

É imperativo que a Igreja Metodista, enquanto Mantenedora de Instituições Educacionais, especialmente Universidades, não cometa o pecado de ceder à sedução do mercado educacional que oferece recursos financeiros para a aquisição de Instituições de Ensino. Fazer isto é negar a proposta educacional que está nos documentos da Igreja Metodista e negar o próprio Reino de Deus, eixo central da missão da Igreja.

A aproximação da filosofia educacional metodista com a educação libertadora em Paulo Freire impõe uma reflexão acerca das pessoas que atuam nas Instituições Educacionais e, portanto, têm a possibilidade de contribuírem com o processo de ensino e aprendizagem. Nesta linha de pensamento, destaca-se que todos são trabalhadores da educação, funcionários e docentes e, desta forma, ao atuarem em seus respectivos setores ou sala de aula, devem fazê-lo na perspectiva de construção do saber e do conhecimento. Assim, o respeito, a dignidade, a valorização do ser humano, a compreensão, entre outras atitudes que acompanham a missão de uma instituição confessional, devem estar presentes e indicar o seu diferencial de educação.

Neste sentido, o apelo das Diretrizes Educacionais feito às agências de educação da Igreja e destacado acima, se faz presente hoje e se dirige especialmente à Mantenedora das Instituições Educacionais Metodistas. O legado dos iniciadores da Igreja Metodista no século XVIII na Inglaterra tem na educação uma das principais ênfases da sua missão, sobretudo uma educação que une ciência e piedade e, com isto, valoriza a vida em todos os seus sentidos e onde todos os envolvidos são sujeitos e construtores do saber e de uma sociedade mais humana, fraterna, justa e inclusiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BETO, Frei. *O que é Comunidade Eclesial de Base*. São Paulo, SP: Editora Brasiliense, 1981.

BOAVENTURA, Elias. Análise do Documento "As Diretrizes para a Educação na Igreja Metodista". In: *Reflexão sobre o Documento "Vida e Missão"*. Piracicaba, SP: Universidade Metodista de Piracicaba, 1983.

BOFF, Clodovis. Apresentação. In: FREIRE, Paulo e NOGUEIRA, Adriano. *Que Fazer - Teoria e Prática em Educação Popular*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2009.

BOURDIEU, P. e PASSERON, J.C. *A Reprodução - elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro, RJ: Livraria Francisco Alves S.A., 1975.

CAMARGO, FÁBIO MANZINI. A atualidade de Freire nos cursos de Pedagogia. In: FREIRE, Ana Maria. (Org.). *A Pedagogia da Libertação em Paulo Freire*. São Paulo, SP: Fundação Editora da UNESP, 1999.

CÂNONES da Igreja Metodista. São Paulo, SP: Imprensa Metodista, 1934.

CÂNONES da Igreja Metodista. São Paulo, SP: Imprensa Metodista, 1960.

CÂNONES da Igreja Metodista. São Paulo, SP: Imprensa Metodista, 1970.

CASTRO, Clóvis Pinto de. A Dimensão Pública e Cidadã das Instituições Metodistas de Educação. In: RIBEIRO, Cláudio & LOPES, Nicanor. *20 anos depois: A Vida e a Missão da Igreja em Foco*. São Bernardo do Campo, SP: EDITEO, 2002.

COGEIME. *Estudo das Instituições de Ensino da Igreja Metodista - retrospecto; atualidade; perspectivas*. Campinas, SP: COGEIME, 1971.

CONCLUSÕES DE MEDELLIN. São Paulo, SP: Edições Paulinas, 1979.

CONCLUSÕES DA CONFERÊNCIA DE PUEBLA. São Paulo, SP: Edições Paulinas, 1983.

CREDO Social da Igreja Metodista. São Paulo, SP: Editora Cedro, 1999.

DIRETRIZES para Educação na Igreja Metodista. In: *Biblioteca Vida e Missão*. São Paulo, SP: Imprensa Metodista, 1996.

DACORSO Filho, César. Comentários sobre as Regras Gerais da Igreja Metodista.

EDUCAÇÃO Cristã: um posicionamento metodista. Documento datilografado. In: *Expositor Cristão*. São Paulo, SP: Imprensa Metodista, 1ª quinzena de agosto de 1981.

ESBOÇO de uma Filosofia da Educação das Instituições da Igreja Metodista do Brasil. Documento datilografado. Arquivos do Núcleo de Educação e Pesquisa Metodista - NEPEME da Universidade Metodista de Piracicaba. 1965.

FLORISTAN, Casiano. *Teologia practica; teoria y práxis de la acción pastoral*. Salamanca: Sígueme, 1993.

FREIRE, Ana Maria Araújo. A Voz da Esposa. A Trajetória de Paulo Freire. In: GADOTTI, Moacir. *Paulo Freire - Uma Biobibliografia*. São Paulo, SP: Cortez Editora, 1996.

FREIRE, Paulo. Las iglesias, la educación y el proceso de liberación em la historia. Buenos Aires, Argentina: Editorial La Aurora, 1974.

_____. Terceiro Mundo e Teologia. Carta a um Jovem Teólogo. In: TORRES NOVOA, Carlos Alberto. *A Práxis educativa de Paulo Freire*. São Paulo, SP: Edições Loyola, 1977.

_____. e BETO, Frei. *Essa Escola Chamada Vida*. São Paulo, SP: Editora Ática, 1991.

_____. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo, SP: Olho d'água, 1997.

_____. *Pedagogia da Autonomia - saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, SP: Editora Paz e Terra S/A, 1998.

_____. O Papel Educativo das Igrejas na América Latina. In: FREIRE, Paulo. *Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos*. São Paulo, SP: Editora Paz e Terra S/A, 2000.

_____. *Conscientização - teoria e prática da libertação*. São Paulo, SP: Centauro Editora, 2005.

_____. *A Pedagogia do Oprimido*. São Paulo, SP: Editora Paz e Terra S/A, 2006a.

- _____. *À Sombra Desta Mangueira*. São Paulo, SP: 2006b.
- _____. *Educação e Mudança*. São Paulo, SP: Editora Paz e Terra S/A, 2007.
- _____. *Educação como Prática da Liberdade*. São Paulo, SP: Editora Paz e Terra S/A, 2008a.
- _____. *Pedagogia da Esperança - Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. São Paulo, SP: Editora Paz e Terra S/A, 2008b.
- _____. e NOGUEIRA, Adriano. *Que Fazer - Teoria e Prática em Educação Popular*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2009.
- FUNDAMENTOS, Diretrizes, Políticas e Objetivos para o Sistema Educacional Metodista. Piracicaba, SP: Universidade Metodista de Piracicaba, 1980.
- GADOTTI, Moacir. A Voz do Biógrafo Brasileiro. A Prática À Altura do Sonho. In: _____. *Paulo Freire - Uma Biobibliografia*. São Paulo, SP: Cortez Editora, 1996.
- GERHARDT, Heinz-Peter. Uma Voz Européia. Arqueologia de um Pensamento. In: GADOTTI, Moacir. *Paulo Freire - Uma Biobibliografia*. São Paulo, SP: Cortez Editora, 1996.
- GERHARDT, Heinz-Peter. Educação libertadora e globalização. In: FREIRE, Ana Maria. (Org.). *A Pedagogia da Libertação em Paulo Freire*. São Paulo, SP: Fundação Editora da UNESP, 1999.
- GIROUX, Henry A. Recordando o legado da Pedagogia do Oprimido. In: FREIRE, Ana Maria. (Org.). *A Pedagogia da Libertação em Paulo Freire*. São Paulo, SP: Fundação Editora da UNESP, 1999.
- HIRANO, Sedi (org). *Pesquisa Social - Projeto e Planejamento*. São Paulo, SP: T.A. Queiroz, 1988.
- KANT, Immanuel. *Sobre Pedagogia*. Piracicaba, SP: Editora UNIMEP, 1996.
- KLOPPENBURG, Boaventura. Introdução Geral aos Documentos do Concílio. In: VIER, Frederico. (Coord.). *Compêndio do Vaticano II - constituição, decretos e declarações*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1968.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia Científica*. São Paulo, SP: Editora Atlas, 1986.
- MATTOS, Paulo Ayres. A Obra Educacional da Igreja Metodista no Brasil: um sumário histórico-teológico. In: *Revista de*

Educação do COGEIME, nº 16. São Paulo, SP: COGEIME, junho/2000.

_____*Mais de um Século de Educação Metodista*. Piracicaba, SP: COGEIME, 2000.

MONDIN, Battista. *Os Teólogos da Libertação*. São Paulo, SP: Edições Paulinas, 1980.

NOVOA, Carlos Alberto Torres. *Diálogo com Paulo Freire*. São Paulo, SP: Edições Loyola, 1979.

_____*A Voz do Biógrafo Latino-americano. Uma Biografia Intelectual*. In: GADOTTI, Moacir. *Paulo Freire - Uma Biobibliografia*. São Paulo, SP: Cortez Editora, 1996.

OBJETIVO e Filosofia Educacional das Instituições de Ensino da Igreja Metodista. São Paulo, SP: COGEIME, 1973.

OLIVEIRA, Clory Trindade. *Estrutura Organizacional e Administrativa do Metodismo 1965 - 1982*. In: *Revista Caminhando*, nº 1. São Bernardo do Campo, SP: Imprensa Metodista, 1982.

PLANO Quadrienal 1975-1978. São Paulo, SP: Imprensa Metodista, 1975.

PLANO Quadrienal 1979-1982. São Paulo, SP: Imprensa Metodista, 1979.

PLANO para a Vida e Missão. In: *Biblioteca Vida e Missão*. São Paulo, SP: Imprensa Metodista, 1996.

RENDERS, Helmut. *Credo e Compromisso - sobre o uso litúrgico e a designação do "Credo" Social da Igreja Metodista*. In: *Revista Caminhando*, nº 11. São Bernardo do Campo, SP: EDITEO, jan-jul 2003.

SILVA, Antonio Fernando G. da. *Pedagogia como currículo da práxis*. In: FREIRE, Ana Maria. (Org.). *A Pedagogia da Libertação em Paulo Freire*. São Paulo, SP: Fundação Editora da UNESP, 1999.

SILVA, Geoval Jacinto da. *Abrindo Espaços para a Práxis da Missão de Deus*. São Bernardo do Campo, SP: Editora Igreja sem Fronteiras, 2009.

SILVA, João Parayba Daronch da. *Doutrina Social da Igreja Metodista do Brasil*. São Paulo, SP: Imprensa Metodista, 1968.

STRECK, Danilo. *Correntes Pedagógicas - uma abordagem interdisciplinar*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2005.

VASCONCELOS, Maria Lucia M. C. e BRITO, Regina Helena Pires. *Conceitos de Educação em Paulo Freire*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2006.

WEFFORT, Francisco C. Reflexões sociológicas sobre uma pedagogia da Liberdade. In: FREIRE, Paulo. *Educação como Prática da Liberdade*. São Paulo, SP: Editora Paz e Terra S/A, 2008a.

ANEXOS

Anexo 1

Credo Social – primeira versão aprovada em 1930

— 32 —

SECÇÃO III DO Credo SOCIAL

Art. 3 — Visto que a Igreja de Deus foi devidamente comissionada para apresentar Jesus Cristo a cada geração como o único meio de solucionar os problemas humanos e para trabalhar afim de que a Ele todas as cousas se sujeitem, a Igreja Metodista do Brasil considera os problemas de uma nova e justa orientação industrial e social como um desafio à sua comissão, e, por isso, interpretando o Evangelho tanto para o indivíduo como para a sociedade, declara-se solidária com os demais ramos da Igreja de Cristo na defesa dos seguintes princípios, que constituem o seu *Credo Social* :

1. Direitos iguais e justiça rápida e econômica para todos os homens em todas as camadas sociais.
2. Proteção à família, exigindo-se o mesmo grau de pureza, tanto para o homem como para a mulher; preparo educativo para o casamento e para a vida doméstica, e leis que possibilitem o divórcio em termos dos ensinamentos do Senhor Jesus.
3. Abolição do emprego da criança em trabalho que lhe prejudique o desenvolvimento natural e a provisão adequada para a sua proteção e educação física, espiritual, intelectual e moral.
4. Regulamentação das condições do trabalho para mulheres de modo que seja salvaguardada a saúde física e moral da sociedade.
5. Proteção do indivíduo e da sociedade contra os prejuízos sociais, econômicos e morais do comércio e uso de bebidas alcoólicas e de tóxicos, e da prática do jogo e da prostituição.
6. Conservação da saúde individual e disseminação dos conhecimentos higiênicos que visam o bem estar da família e da sociedade.
7. Proteção do operário contra maquinismos perigosos e contra todas as enfermidades e prejuízos provenientes do trabalho.
8. Direito de todos os homens a uma oportunidade de manutenção própria; proteção deste direito contra toda a espécie de usurpação, e proteção do operário contra os malefícios dos trabalhos forçados, afim de minorar e prevenir o desenvolvimento da pobreza.

— 33 —

9. Legislação apropriada que garanta o sustento do operário na velhice, ou em caso de acidente, ou falta de trabalho.

10. Direito de patrões e empregados igualmente se organizarem para a ação social e para facilitar os meios de conciliação e arbitragem no caso de disputas industriais; obrigação de ambos trabalharem para o bem público, e encorajamento de organizações cooperativas entre os agricultores e outros grupos.

11. Descanso de um dia em sete e redução gradual e razoável das horas de trabalho até o mínimo praticável com o fim de um melhor ajustamento das condições econômicas da vida.

12. Salário necessário ao sustento de todo operário, urbano ou rural, como o mínimo na indústria e na lavoura, e propugnação pelo salário máximo que a indústria e a lavoura possam pagar.

13. Aplicação prática dos princípios cristãos à aquisição e uso de propriedades e divisão a mais equitativa possível dos produtos da indústria e da agricultura.

14. Extensão, à família do lavrador, de todas as oportunidades primárias, culturais e de assistência social que as populações urbanas gozam.

15. Repúdio da guerra, redução drástica dos armamentos, ajuste pacífico das controvérsias internacionais e construção de uma nova ordem mundial de cooperação e boa vontade.

16. Habilitação dos cristãos para o exercício de seus deveres e direitos cívicos, notadamente, o do voto.

Anexo 2

Credo Social – versão atual aprovada em 1997

CAPÍTULO III

DO CREDO SOCIAL

Art. 4º - A doutrina social da Igreja Metodista se expressa no Credo Social, objeto de decisão do X Concílio Geral, conforme segue:

I - Nossa herança

- 1- A *Igreja Metodista* afirma sua responsabilidade cristã pelo bem-estar integral do homem como decorrente de sua fidelidade à Palavra de Deus, expressa nas Escrituras do Antigo e Novo Testamentos.
- 2- Essa consciência de responsabilidade social constitui parte da preciosa herança confiada aos metodistas pelo testemunho histórico de João Wesley.
- 3 - O exercício dessa missão é inseparável do Metodismo Universal, ao qual está vinculada a *Igreja Metodista* por unidade de fé e relações de ordem estrutural estabelecidas nos Cânones.

- 4 - A *Igreja Metodista* participa dos propósitos de unidade cristã e serviço mundial, do Conselho Mundial de Igrejas.
- 5 - No presente século, de gigantesco progresso científico e tecnológico, a *Igreja Metodista* reafirma a verdade proclamada por João Wesley, no século XVIII, na Inglaterra: "Vamos unir ciência e piedade vital há tanto tempo separadas".

II - Bases bíblicas

- 1 - *Cremos em Deus*, Criador de todas as coisas e Pai de toda a família humana, fonte de todo o amor, justiça e paz, autoridade soberana sempre presente.
- 2 - *Cremos em Jesus Cristo*, Deus Filho que Se fez homem como cada um de nós, amigo e redentor dos pecadores, Senhor e Servo de todos os homens, em quem todas as coisas foram criadas.
- 3 - *Cremos no Espírito Santo*, Deus defensor, que conduz os homens livremente à verdade, convencendo o mundo do pecado, da justiça e do juízo.
- 4 - *Cremos que o Deus único estava em Cristo*, reconciliando consigo o mundo, criando uma nova ordem de relações na história, perdoadando os pecados dos homens e encarregando-nos do ministério da reconciliação.
- 5 - *Cremos no Reino de Deus e na Sua justiça*, que envolve toda a criação, chamando todos os homens a se receberem como irmãos, participando em Cristo da nova vida de plenitude.

- 6 - *Cremos que o Evangelho*, tomando a forma humana em Jesus de Nazaré, filho de Maria e de José, o carpinteiro, é o *poder de Deus que liberta completamente o homem*, proclamando que não existe nenhum valor acima da pessoa humana, criada à imagem e semelhança de Deus.
- 7 - *Cremos que a comunidade cristã universal é serva do Senhor*. Sua missão nasce sempre dentro da missão do seu único Senhor, que é Jesus Cristo. A unidade cristã é a dádiva de sacrifício do Cordeiro de Deus. Viver divididos é negar o Evangelho.
- 8 - *Cremos que são bem-aventurados* os humildes de espírito, os que sofrem, os mansos, os que têm fome e sede de justiça, os que praticam a misericórdia, os simples de coração, os que trabalham pela paz, os que são perseguidos pela causa da justiça e do nome do Senhor.
- 9 - *Cremos que a Lei e os Profetas se cumprem em amar a Deus* com todas as forças da nossa vida e em amar ao nosso próximo como a nós mesmos, pois ninguém pode amar a Deus e menosprezar seu irmão.
- 10 - *Cremos que ao Senhor pertence a terra e a sua plenitude*, o mundo e todos os que nele habitam; por isso proclamamos que o pleno desenvolvimento humano, a verdadeira segurança e ordem sociais só se alcançam na medida em que todos os recursos técnicos e econômicos e os valores institucionais estão a serviço da dignidade humana, na efetiva justiça social.
- 11 - *Cremos que o culto verdadeiro que Deus aceita dos homens é aquele que inclui a manifestação*

de uma vivência de amor, na prática da justiça e no caminho da humildade junto com o Senhor.

III - A ordem político-social e econômica

- 1 - A natureza social do homem procede da ordem da criação e significa que sua plena realização só é alcançada na vida em comunidade.
- 2 - A comunidade familiar, resultante da natureza humana, a ordem econômica resultante do conjunto das atividades humanas de produção, consumo e comércio de bens, e a ordem política expressam exigências da própria ordem da criação divina.
- 3 - O Estado é exigência básica não só para a defesa da vida e liberdade da pessoa humana, mas para a promoção do bem comum, mediante o desenvolvimento da justiça e da paz na ordem social.
- 4 - Em cada época e lugar surgem problemas, crises e desafios por meio dos quais Deus chama a Igreja a servir. A Igreja, guiada pelo Espírito Santo, consciente de sua própria culpabilidade e instruída por todo o conhecimento competente, busca discernir a vontade de Deus e obedecer a ela nessas situações específicas.
- 5 - A Igreja Metodista considera, na presente situação do País e do mundo, de particular importância para sua responsabilidade social o discernimento das seguintes realidades:
 - a) Deus criou os povos para constituírem uma família universal. Seu amor reconciliador em Jesus Cristo vence barreiras entre irmãos e destrói toda forma de discriminação entre os

homens. A Igreja é chamada a conduzir todos a se receberem e a se afirmarem uns aos outros como pessoas em todas as suas relações: na família, na vizinhança, no trabalho, na educação, no lazer, na religião e no exercício dos direitos políticos.

- b) A reconciliação do mundo em Jesus Cristo é a fonte da justiça, da paz e da liberdade entre as nações; todas as estruturas e poderes da sociedade são chamados a participar dessa nova ordem. A Igreja é a comunidade que exemplifica essas relações novas do perdão, da justiça e da liberdade, recomendando-as aos governos e nações como caminho para uma política responsável de cooperação e paz.
- c) A reconciliação das nações se torna especialmente urgente num tempo em que países desenvolvem armas nucleares, químicas e biológicas, desviando recursos ponderáveis de fins construtivos e pondo em risco a humanidade.
- d) A reconciliação do homem em Jesus Cristo torna claro que a pobreza escravizadora em um mundo de abundância é uma grave violação da ordem de Deus; a identificação de Jesus Cristo com os necessitados e os oprimidos, bem como a prioridade da justiça nas Escrituras proclamam que a causa dos pobres do mundo é a causa dos Seus discípulos.
- e) A pobreza de imenso contingente da família humana, fruto dos desequilíbrios econômicos,

de estruturas sociais injustas, da exploração dos indefesos, da carência de conhecimentos, é uma grave negação da justiça de Deus.

- f) As excessivas disparidades culturais, sociais e econômicas negam a justiça e põem em perigo a paz, exigindo intervenção competente com planejamento eficaz para vencê-las.
- g) É injusto aumentar a riqueza dos ricos e o poder dos fortes, confirmando a miséria dos pobres e oprimidos. Os programas para aumentar a renda nacional precisam criar distribuição equitativa de recursos, combater discriminações, vencer injustiças econômicas e libertar o homem da pobreza.
- h) No individualismo e no coletivismo, tanto quanto em programas de crescimento econômico e progresso social, encontramos os riscos de humanismos parciais. Urge que se promova o humanismo pleno. A plena dimensão humana só se encontra nas novas relações criadas por Deus em Jesus Cristo.
- 6 - A Igreja Metodista reconhece os relevantes serviços da Organização das Nações Unidas no aprimoramento e defesa dos direitos humanos, assim como seus esforços em favor da justiça e da paz entre as nações. Recomenda como extremamente oportunos a *Declaração Universal dos Direitos Humanos* e documento sobre *Desenvolvimento e Progresso Social*, adotado pela Assembléia em dezembro de 1969.

IV - Responsabilidade civil

- 1 - A Igreja Metodista reconhece que é sua tarefa docente capacitar os membros de suas congregações para o exercício de uma cidadania plena.
- 2 - O propósito primordial dessa missão é servir ao Brasil por meio da participação ativa do povo metodista na formação de uma sociedade consciente de suas responsabilidades.
- 3 - A sociedade consciente de suas responsabilidades desenvolve-se em três níveis básicos:
 - a) De responsabilidade da comunidade como um todo perante Deus, especialmente na criação de condições de igual participação de todos os seus membros;
 - b) De responsabilidade do cidadão para com a justiça e a ordem pública na comunidade;
 - c) De responsabilidade dos que exercem o poder perante o poder.
- 4 - Nesse propósito, a Igreja adota a Declaração Universal dos Direitos Humanos e reafirma os critérios definidos no relatório especializado do Conselho Mundial de Igrejas em sua II Assembléia, reunida em Evanston (EUA), em 1954, nos seguintes termos:
 - a) Criação de canais adequados de ação política, a fim de que o povo tenha a liberdade de escolher seu governo;

- b) Proteção jurídica para todos, contra prisões arbitrárias e quaisquer atos que interfiram em direitos humanos;
 - c) Liberdade de expressão legítima de convicções religiosas, éticas e políticas;
 - d) A família, a igreja, a universidade, associações com fundamentos próprios demandam proteção do Estado, e não o controle estatal em sua vida interna.
- 5 - A soberania de Deus, revelada na encarnação de Jesus Cristo sobre todas as autoridades e poderes da sociedade, é a garantia última, reconhecida ou não, da responsabilidade do homem para com o seu semelhante.

V - Problemas sociais

Problemas sociais são manifestações patológicas do organismo social como um todo. Originam-se de situações estruturais da sociedade e da mentalidade das pessoas, conduzindo-as a condições de vida infra-humana e produzindo a marginalização sócio-econômica e cultural de indivíduos e populações.

Os problemas sociais são causa e efeito da marginalização passiva ou ativa das pessoas, e dizem respeito às carências nos setores básicos de alimentação, educação, habitação, saúde, cultura, carência de fé cristã, recreação, trabalho, comunicação social, seguro social, e às manifestações da conduta humana que se opõem às normas estabelecidas por determinada sociedade. Os problemas sociais são próprios de uma determinada comunidade em

determinada época e, por isso, precisam ser analisados dentro do contexto socioeconômico e cultural específico.

A Igreja Metodista considera que:

- 1 - O homem, como pessoa criada à imagem e semelhança de Deus, é a realidade para a qual devem convergir todos os valores e recursos da sociedade.
- 2 - A pessoa humana é membro do corpo social, e dele é, simultaneamente, agente e sujeito.
- 3 - A sociedade é um todo social, sujeito permanentemente à influência de fatores que o modificam, que o pressionam impondo mudanças profundas no comportamento humano.
- 4 - Para que uma sociedade traduza o sentido cristão de humanidade é necessário que, a par com a mudança das estruturas sociais, se processe uma transformação da mentalidade humana. O sentido cristão de humanidade só pode ser alcançado em uma sociedade na qual as pessoas tenham vida comunitária, consciência de solidariedade humana e de responsabilidade social.
- 5 - Individualismo e massificação são causas graves de problemas sociais; ambos negam o Evangelho porque despersonalizam o homem.
- 6 - A comunidade familiar expressa exigências fundamentais da criação divina. A família está sujeita a insegurança econômica e a tensões e desajustamentos que acompanham as mudanças socioculturais. O planejamento familiar é um fator essencial, dele resulta a paternidade consciente, o

ajustamento entre os cônjuges, a educação dos filhos, a administração do lar.

A Igreja Metodista aceita e recomenda o uso dos recursos da medicina moderna para o controle da natalidade, quando não contraria a ética cristã. O sexo, na ética cristã, é considerado dádiva de Deus à vida por ele mesmo criada. A orientação sexual é uma responsabilidade da família, da Igreja e das instituições educacionais.

- 7 - O desquite é solução inadequada aos casais que se separam. O Evangelho concede à Igreja recursos de natureza ética para acolher em seu seio casais constituídos sem amparo da legislação vigente. A Igreja reconhece a urgente necessidade de uma legislação civil que, respeitada a ética cristã, solucione o problema dos lares desfeitos mediante novo casamento.
- 8 - A prostituição é grave alienação da pessoa humana, exigindo tratamento responsável. No tratamento da prostituição, que constitui grave problema na sociedade brasileira, é impossível ignorar um complexo de fatores como fonte causadora da mesma: limitações de ordem pessoal, estruturas defeituosas da sociedade, carências culturais e econômicas, dupla moral sexual, lenocínio, exploração do sexo nos meios de comunicação social.
- 9 - No Brasil, constata-se a existência de grande contingente de crianças desatendidas em suas necessidades básicas de alimentação, habitação, cuidados com a saúde, amor e compreensão, educação, proteção e recreação. Essas carências da primeira infância são, via de regra, irreversíveis.

É de inadiável urgência no Brasil a tomada de providências que visem ao cumprimento dos Direitos da Criança, que foram proclamados pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 20 de novembro de 1959.

- 10 - A juventude é predominante na população brasileira, representando alta potencialidade e dinamismo no processo de desenvolvimento do País. Suas aspirações e seus problemas apresentam exigências imperativas. O desenvolvimento sociocultural, econômico e político do Brasil não pode prescindir do concurso de sua juventude, que é decisivo.
- 11 - Meios de comunicação social: letra, som, imagem (livros, rádio, filmes e televisão), que contribuem poderosamente para a educação do povo, estão trazendo também muita influência negativa, que deforma as mentes e agride a sociedade.
- 12 - Dentre os problemas que afetam a sociedade estão os chamados vícios, como: o uso indiscriminado de entorpecentes, a fabricação, comercialização e propaganda de cigarros, bebidas alcoólicas, a exploração dos jogos de azar, que devem ser alvo de combate tenaz tanto pelos efeitos danosos sobre os indivíduos como também pelas implicações socioeconômicas que acarretam ao País.
- 13 - Os presídios devem ser para reeducação e tratamento dos indivíduos, e para tal precisam estar devidamente equipados e organizados. É direito da pessoa humana receber, em qualquer lugar e circunstância, o tratamento condizente com a natureza e a dignidade humana.

A Igreja Metodista não só deplora os problemas sociais que aniquilam as comunidades e os valores humanos, mas orienta seus membros no tratamento dos problemas dentro das seguintes normas e critérios:

- a) Propugnar por mudanças estruturais da sociedade, que permitam a desmarginalização social dos indivíduos, grupos e populações;
- b) Trabalhar para obter, dos que já desfrutam das oportunidades normais de participação socioeconômica e cultural e dos que têm a responsabilidade do poder diretivo da comunidade, uma mentalidade de compreensão e de ação eficaz para erradicação da marginalidade;
- c) Oferecer às pessoas vitimadas pelos problemas sociais a necessária compreensão, o apoio econômico e o estímulo espiritual para sua libertação, a orientação individualizada, respeitando sempre a sua autodeterminação;
- d) Pautar-se em normas técnicas atualizadas e específicas a cada situação-problema, no tratamento da mesma, utilizando os recursos comunitários especializados;
- e) Amar efetivamente as pessoas, caminhando com elas até as últimas conseqüências para a sua libertação dos problemas e a sua autopromoção integral.

Anexo 3

As Regras Gerais da Igreja Metodista



COMENTÁRIO ÀS REGRAS GERAIS

As Regras Gerais adotadas pela Igreja Metodista do Brasil são, em essência, as mesmas dadas por João Wesley, para a orientação na prática da vida cristã, aos primeiros irmãos que o cercaram em busca de conforto espiritual e desejosos de salvação e santidade.

As Regras Gerais não são mais nem menos do que um resumidíssimo código de conduta a que prometem sujeitar-se todos os que se filiam à Igreja. Por isso mesmo, elas tentam evitar, na vida deles, umas tantas práticas e ao mesmo tempo estimular outras tantas que constituem, como facilmente se vê, não só as características da Igreja como um corpo, mas também, as de cada um dos que a ela pertencem, quer como simples homens, quer como cristãos. São, como claro fica, para orientação certa, sistematizada, insofismável, do poder evangélico em face do século, por parte de quem deseja e busca a perfeição. Seu fim é produzir santidade como sinal do coração regenerado pelo Espírito Santo.

É certo que as Regras Gerais não incluem todos os deveres dos membros da Igreja, quando tenta evitar ou estimular práticas. Já se subentende, por princípios morais, natural e indelévelmente estampados na consciência de todos os homens mais ou menos civilizados e educados, que eles não devem assassinar, roubar, mentir, adular, etc., que devem proceder com lisura nos negócios, amar ao próximo etc. Tais prevaricações repugnam enormemente à consciência cristã e tais correções são por ela louvadas. De mais a mais, aquelas estão condenadas e estas exaltadas, com expressões iniludíveis, nas páginas da Bíblia. As Regras Gerais se referem, proibindo as prevaricações "que mais geralmente se praticam", que são toleradas pela sociedade em geral, que para muitos não chegam a ser defeito e muito menos crime e, estimulando as que, por outro lado, para os profanos não têm importância e que os próprios cristãos são tentados a negligenciar e mesmo a esquecer.

Cumpra afirmar que as Regras Gerais não constituem novidade dos metodistas, nem visam substituir instruções escriturárias. Elas se extraem ou se deduzem diretamente das

Escrituras Sagradas, máxime do Novo Testamento. Na legislação da Igreja elas se apresentam, pode-se dizer, como o colecionamento ou a coordenação de semelhantes instruções.

As Regras Gerais estão distribuídas em três grupos:

- 19 - Não praticar mal algum;
- 20 - Fazer todo o bem possível;
- 30 - Observar todos os preceitos de Deus relativos ao culto a Ele devido.

PRIMEIRO GRUPO

1. Não tomar o nome de Deus em vão. Esta regra, nota-se logo, vem quase literalmente do terceiro mandamento do Decálogo. Estabelece o cuidado de que se deve revestir o crente para que não use, quer escrevendo, quer falando, in devida ou imprópria e, menos ainda, frívola, profana ou sacrilégamente, o nome de Deus. Assim como Deus é santo, santo é seu nome. Assim como santamente se trata a Deus, santamente se usa seu nome. Não se quer impedir o uso do nome de Deus, mas o seu indevido emprego.

2. Não profanar o domingo. Guarda-se o domingo, como dia comemorativo da ressurreição de Jesus Cristo. Esse dia, dada sua significação, celebra-se da maneira mais digna e solene possível. Confundí-lo, dêste ou daquele modo, com os dias chamados úteis, é profaná-lo, atentando contra o sentimento da cristandade. Até mais do que nos grandes dias comemorativos, nele não se deve fazer trabalho ordinário, não se deve cuidar de negócios, não se deve comprar, nem vender, não se deve entregar a ocupações e divertimentos que tirem o corpo do descanso e o espírito da adoração devida a Deus; não se deve fazer viagens e passeios desnecessários. Tudo isso, porém, não impede que se façam, no domingo, serviços especiais de evangelização, de culto, de caridade, etc.

3. Não tomar, fabricar ou vender bebidas alcoólicas. Demonstrado como está que as bebidas alcoólicas prejudicam o corpo, o espírito, a felicidade, ninguém deve ingeri-las. A Igreja só recebe em seu seio as pessoas que solenemente prometem não fazer uso delas, nem fabricá-las, nem vendê-las.

4. *Não conversar sem caridade.* Nada mais próprio ao cristão que somente conversar sobre assuntos que edificam, que aproveitam, que são úteis. Ninguém tem direito de falar mal de seu próximo. Do mesmo modo ninguém tem direito de entabular conversações que não visem algum bem. Como é detestável a calúnia, a difamação, a intriga, o mexerico, a conversa-fiada, a palavrosidade desnecessária, a parolice.

5. *Não brigar.* Não está de harmonia com o Evangelho o espírito rixento, questionador, disputador, avaletoado. Por isso a Igreja condena as brigas, as alterações, o pagar o mal com o mal, o retribuir injúria com injúria. O espírito que o Evangelho produz é invariavelmente pacífico e pacificador e mesmo sofredor de injustiças.

6. *Não processar um irmão a um irmão.* Não se admite, na Igreja, que um professo recorra aos tribunais civis contra outro. Ambos cristãos, ambos amigos da verdade e da justiça que devem ser, por força tem, nas leis da própria Igreja, os recursos necessários para resolverem as dificuldades que entre eles surgirem. Se entre si não podem chegar a resultado satisfatório, procurem a arbitragem aconselhada nos Cânones.

7. *Não burlar as leis do governo.* É grave delito deixar de pagar os impostos, por propósito fraudulento, quer na compra, quer na venda de móveis ou imóveis, quer na declaração das rendas, quer na avaliação de propriedades, quer em transações de qualquer outra natureza. Nesse delito se inclui a compra de artigos contrabandeados, a sonegação de artigos que se vendem às ocultas, as viagens nas estradas de ferro sem bilhetes devidamente comprados ou com passes concedidos contra os regulamentos, os negócios ilícitos, as reservas mentais, as evasivas, os pretextos, enfim tudo o que trai a verdade dos contratos e dos tributos.

8. *Não se dar a divertimentos impróprios.* A igreja reconhece a necessidade de divertimentos, leitura e cânticos, que todo homem tem, mas, ao mesmo tempo, reprova os que não tendem para a edificação da alma e aperfeiçoamento moral. Dos divertimentos muitos há que são incompatíveis com a pureza do Evangelho, como o baile, o carnaval, certos cinemas, teatros e circos; outros que são cruéis, como algumas lutas de tablado, touradas, rinhas de galo e, mesmo cor-

ridas de cavalo; alguns que despertam ambições indevidas, como uns tantos jogos de azar. Do mesmo modo, há por toda parte livros e cânticos que se não coadunam com o caráter cristão, porque acordam instintos que devem ficar adormecidos, corrompem bons costumes, atentam contra a fé e a moral. Quanto a tudo isso, a regra que se pode estabelecer é que se deve rejeitar tudo o que não possa gozar em nome de Jesus. Uma consciência realmente ansiosa de pureza e santidade, sempre estabelece o critério necessário para a escolha de divertimentos.

9. *Não se entregar ao luxo.* A naturalidade, a sobriedade, a simplicidade são os ornamentos do cristão. Elas se opõem a ostentação, ao luxo, à vaidade. Compreende-se que não fica bem ao cristão o uso de vestimentas, jóias e perfumes que, por excesso, ofendam aos humildes, aos pobres. As modas extravagantes, e outras coisas assim, estão muito longe de corresponder à modestia que a Palavra inspirada pede aos crentes.

10. *Não deixar de pagar empréstimos.* O cristão honra sua palavra. Honra-a tanto que, para ele, deveria ser desnecessária nos negócios, qualquer testemunha ou qualquer documentação. "Sim", para ele, é sempre sim. "Não", para ele, é sempre não. Se pede alguma importância emprestada, paga-a pontualmente, na data marcada, para pagá-la. Se pede algum objeto emprestado, devolve-o na data que prefixou para devolvê-lo. Se, ainda, por força maior não pode satisfazer seu credor no dia do vencimento, vai a ele, em momento oportuno, pedir prorrogação. Caso não consiga prorrogação, toma emprestado de terceiro para pagar aquele credor. Em suma: não usa de pretextos nem de escusas nos seus negócios, mas, ao contrário, neles age com toda a sinceridade, com toda a honestidade, mesmo porque reconhece que agir de outro modo é mentir, é expor-se à vergonha, e sobretudo, macular o nome de cristão.

Também se condenam a ganância, a ambição desmedida, a usura, isto é, o desejo imoderado de grandes lucros, principalmente à custa dos pobres e dos que sofrem. Nessa conta estão os juros excessivos, que, não raro, significam suor e sangue dos menos felizes nas coisas do mundo.

11. *Não fazer aos outros o que não quer que a si se faça;* mas doutro lado lembrar-se de que Jesus disse: "Fazei

as atividades que ele desenvolve, não deve afastar-se das reuniões devocionais de sua igreja. Os seus interesses morais e espirituais, bem como os da causa a que ele se filiou pela conversão a Cristo, estão acima dessas divergências. As reuniões devocionais tendem sempre para seu crescimento na graça e no amor de Deus, enquanto que, ausente delas, fica muito sujeito a se prejudicar na piedade;

b) *ler, examinar e estudar as Escrituras Sagradas.* Se nas Escrituras Sagradas está a Palavra de Deus, nada mais natural para o cristão metodista do que lê-las sempre que lhe for possível, e ler e ouvir atenciosamente tudo o que lhe facilite a melhor compreensão delas. Também deve recorrer à sua inspiração quando se achar em dúvida ou temor;

c) *participar da ceia do Senhor,* porque ela é um meio de graça para reforçar a fé e renovar a consagração dos cristãos. Ninguém deve abster-se dela. Antes, todos devem estar sempre preparados para receber os elementos representativos do corpo e sangue de Cristo, onde quer que a ministrem;

d) *orar na igreja, em família e em particular* é a prática mais sublime e mais santificadora da vida cristã, porque põe o crente em contacto com Deus e o leva a procurar a conhecer a sua augusta vontade. Nessas condições a oração não deve ser negligenciada por crente metodista algum. Naturalmente, cada metodista terá de fazer reserva de tempo para orar em família, escolhendo a hora mais propícia, em que todos os membros da família estejam juntos, nunca descurando a oração em particular, formando para isso o hábito de ter algum período no dia para esta devoção;

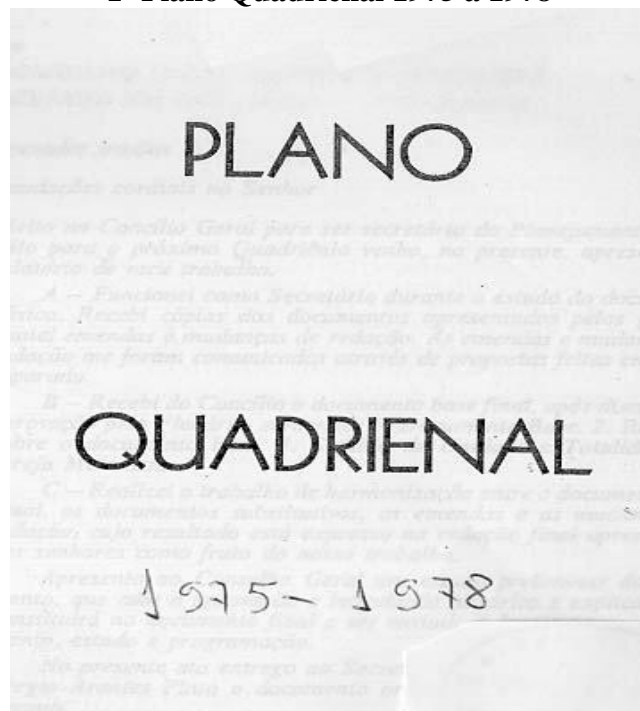
e) *jejuar e fazer abstinência.* Infelizmente não se dá muita atenção ao jejum, como prática religiosa. Entretanto deveria dar-se, deixando-se a cada um decidir o número de vezes, quando e como fazê-lo. Demais a mais, é obrigação do cristão metodista recusar-se aos desejos de seu corpo, que contrariem a vontade divina.

Até temos, explicadas de modo geral, as partes mais importantes das Regras Gerais da Igreja Metodista do Brasil, que são norma de vida para todos os seus membros.

Ninguém pode ser recebido na Igreja sem prometer obedecer a elas e honrá-las. Se, porém, depois de devidamente recebido, alguém as quebra, fica sujeito, por isso, à admoestação do pastor ou de uma comissão nomeada por ele. Não havendo correção, não mais poderá continuar na Igreja.

Anexo 4

1º Plano Quadrienal 1975 a 1978



São Paulo, 17 de agosto de 1974

Ao
CONSELHO GERAL DA IGREJA METODISTA
REUNIDO EM SÃO PAULO - 15-18 de agosto

Prezados irmãos

Saudações cordiais no Senhor

Eleito no Concílio Geral para ser secretário do Planejamento a ser feito para o próximo Quadrênio venho, na presente, apresentar o relatório de meu trabalho.

A - Funcionei como Secretário durante o estudo do documento básico. Recebi cópias dos documentos apresentados pelos grupos, anotei emendas e mudanças de redação. As emendas e mudanças de redação me foram comunicadas através de propostas feitas em papel separado.

B - Recebi do Concílio o documento base final, após discussão e aprovação pelo Plenário, contendo: 1. Documento Base. 2. Reflexão sobre o documento base. 3. Sentido de Unidade e Totalidade da Igreja Metodista.

C - Realizei o trabalho de harmonização entre o documento original, os documentos substitutivos, as emendas e as mudanças de redação, cujo resultado está expresso na redação final apresentada aos senhores como fruto do nosso trabalho.

Apresento ao Conselho Geral um estudo preliminar do documento, que com a aprovação e introdução histórica e explicativa se constituirá no documento final a ser enviado à Igreja para conhecimento, estudo e programação.

No presente ato entrego ao Secretário do Concílio Geral, Rev. Sérgio Arantes Pinto o documento original e mais seis cópias do mesmo.

Rogando a Deus para que, no seu Espírito, possamos alcançar os objetivos e metas propostas no Plano Quadrienal, subscrevemo-nos

atenciosamente,
Nelson Luiz Campos Leite

- 3 -

I — INTRODUÇÃO

A — HISTÓRICO

Bispos, leigos e pastores, representantes das seis regiões de nossa Igreja no Conselho Geral, preocupados com suas angústias e necessidades, dialogavam entre si na primeira parte da noite do dia vinte e cinco de março do corrente ano (1974), numa das dependências do Instituto Metodista, em Santo Amaro — São Paulo. O Conselho Geral deveria elaborar o programa quadrienal (conforme Cânones Art. 123, nº 18) das atividades da Igreja a ser submetido ao Concílio Geral.

Sentindo a ingente responsabilidade para cumprimento da Missão aqui e agora, no Brasil e no mundo, buscavam os conselheiros encontrar o caminho adequado para o desenvolvimento da Obra Profética da Igreja. Não estavam em reunião formalmente administrativa; apenas dialogavam entre si informalmente.

Ao sopro do Espírito Santo, que vivifica, fortalece e conserva a Igreja, surgiu espontaneamente, cremos nós, o tema que será centro de toda a preocupação e programação da Igreja no quadriênio: Ministério e Missão.

Como Moisés sentiu o peso da responsabilidade da Missão a ser cumprida, quando dialogava com Deus (capítulos 3 e 4 de Exodo), junto ao monte Horebe, assim também o Conselho Geral viu-se minimizado diante da grandeza da Obra a ser executada. Deus deu a vara a Moisés e recrutou a Arão para ser o Ministro-Mensageiro naquela conjuntura política de libertação do povo hebreu das mãos de Faraó.

E os dois foram com a vara e o Poder de Deus e em nome de Deus!

Nossa Igreja, entretanto, não tem aquela vara, nem um Moisés ou um Arão, mas possui milhares de pessoas e um patrimônio potente para ser usado eficientemente no cumprimento da Missão. E cheia do Espírito Santo e com uma sarça ardente do Poder de Deus em seu bojo, ela também realizará com proficiência a Missão que o Senhor hoje lhe propõe.

Conscientizado da vocação da Igreja em nossos dias, sentiu o Conselho Geral profunda necessidade de avaliação do Ministério Pastoral e Leigo da Igreja, como um todo no relacionamento PASTOR-MINISTÉRIO-VOCAÇÃO e a IGREJA-MISSÃO. Ao mesmo tempo viu o imenso patrimônio da Igreja para ser colocado a serviço da Missão Libertadora nos dias presentes: não só uma vara, mas um acervo de recursos em mãos de igrejas, instituições e organizações diversas.

Assim meditando e com a consciência da Missão a ser realizada, produziu no dia vinte e seis de março um documento básico, onde propôs para o planejamento, com vistas ao quadriênio, o seguinte:

1. que tudo na Igreja Metodista (ministério pastoral e leigo, igrejas, congregações e grupos, instituições educacionais e de serviço e o próprio patrimônio) passe a existir em função do testemunho cristão em todas as áreas;

2. que nossa primeira tarefa seja a de conscientizar-nos a respeito do que consiste nosso ministério (tanto pastoral como leigo) em função da Missão;

— 5 —

3. que a conscientização se faça por um preparo devocional teológico e doutrinário do pastorado em primeiro lugar e, partindo deste, do ministério leigo (o pastor preparado para preparar a Missão);

4. que os bispos e os pastores sejam os "zeladores" da Missão em suas respectivas áreas;

5. que o culto seja o "encontro" no tempo e no espaço para onde convergem os ministros (clérigos e leigos) e de onde, comissionados por Jesus Cristo, saem para a Missão.

Com base nestas proposições, os conselheiros, divididos em grupos nos dias 27 e 28 de março, produziram documentos sobre as diversas áreas, como especificadas neste estudo, que foram a base para o primeiro trabalho sobre o Plano Quadrienal para a Igreja.

A seguir o Conselho escolheu por unanimidade um grupo de trabalho para preparar o Projeto do Plano Quadrienal, a ser submetido ao Concílio Geral, recaído a eleição na pessoa do Bispo Sady Machado da Silva, Prof. Dr. Warwick Estevam Kerr, Prof. Edni Oscar Schroeder, Rev. Francisco Antônio Correia, Rev. Clory Trindade de Oliveira, Rev. Silas Pereira Barbosa e Rev. Isac Alberto Rodrigues Aço.

Este grupo consciente e alegre com a tarefa que lhe foi confiada, reuniu-se nos dias 30 e 31 de março na Chácara Flora em São Paulo e nos dias 25 e 26 de maio em dependências da Faculdade de Teologia e elaborou o Projeto do Plano Quadrienal da Igreja Metodista que foi apresentado ao Concílio Geral, reunido de 4 a 14 de julho de 1974, no Instituto Bennett de Ensino, na cidade do Rio de Janeiro.

Naquele conclave, o documento depois de discutido, avaliado, reformulado e enriquecido pela delegação ao Magno Concílio de nossa Igreja foi finalmente aprovado em sua presente forma final. Ele é, portanto, o resultado da vontade da própria Igreja através de seus representantes e, cremos nós, acima de tudo do Sopro do Espírito sobre os metodistas em nosso País.

B — OBJETIVOS

O objetivo do presente trabalho é conscientizar-nos do programa de ação da Igreja, como serva de Jesus Cristo, para libertar totalmente o Homem, através do poder do Evangelho, do pecado, do sofrimento, do medo e da morte, dando-lhe a paz da fé mediante a nova vida em Cristo Jesus. Será um guia para aplicação docente da Igreja nas igrejas locais, instituições de ensino e outras organizações que a Comunidade Metodista possui. Orientará o ministério no exercício da Missão em sua totalidade de leigos e clérigos. Conscientizará a todos para o alistamento nesta grande obra ministerial durante o quadriênio e, futuramente, até o tempo que for da vontade do Senhor.

C — EXPECTATIVA

E que esta semente lançada, cremos nós, por inspiração do Grande Semeador, Cristo Jesus, floresça, frutifique e propicie os recursos para a execução da Missão com pleno êxito.

Que este documento oriente o ministério da Igreja a fim de não ficar descompassado da Visão Profética no presente momento histórico.

— 6 —

Que ao fim do Quadriênio entrante todos conscientizados (clérigos e leigos), sejam ministros de Deus na totalidade do testemunho.

Que cada um avalie realmente o custo do discipulado de Cristo e o exerça com proficiência.

Que não esteja o ministro engajado simplesmente numa instituição eclesial, mas comissionado dentro da Igreja (Corpo Espiritual de Cristo) para a grande obra evangelizante em nosso País.

Que nossas instituições de ensino, no cumprimento da Missão, comuniquem a seus educandos o significado cristão da VIDA, frente ao Universo e ao Criador.

Que nenhum patrimônio da Igreja seja para beneficiar grupos ou para se realizar trabalhos particulares de instituições ou organizações, mas que até o final do quadriênio todo o acervo patrimonial de nossa Instituição Eclesial esteja colocado totalmente a serviço da Missão da Igreja, na grande obra de evangelização de nossa Pátria.

E esperamos finalmente, acima de tudo, que os ministros de Deus, clérigos e leigos, não fiquem condicionados ao século presente e nem à tendência de apego demasiado à História, mas livres, olhando para o futuro, para criatividade de acordo com a inspiração do Santo Espírito, flamejados por um Novo Pentecoste que torne pleno de calor espiritual a Igreja Metodista em nosso Brasil!

O CONSELHO GERAL

Dr. Diogo Alcoba Ruiz — Presidente (3º R.E.)
Rev. Francisco Antônio Correia — Vice-Presidente (5º R.E.)
Rev. Firmino Lopes dos Santos — Secretário de Atas (4º R.E.)
Rev. Silas Pereira Barbosa — Sec. Correspondente (3º R.E.)
Bispo Almir dos Santos — Presidente Colégios dos Bispos (1º R.E.)
Dr. Joaquim Soter — (1º R.E.)
Rev. Messias Amaral dos Santos — (1º R.E.)
Bispo Sady Machado da Silva — (2º R.E.)
Prof. Edni Oscar Schroeder — (2º R.E.)
Rev. Isac Alberto Rodrigues Aço — (2º R.E.)
Bispo Alípio da Silva Lavourea — (3º R.E.)
Bispo Omar Daibert — (4º R.E.)
Dr. Dalcio Toledo Lima — (4º R.E.)
Bispo Oswaldo Dias da Silva — (5º R.E.)
Dr. Warwick Estevam Kerr — (5º R.E.)
Bispo Wilbur Kirkwood Smith — (6º R.E.)
Dr. Norival Trindade — (6º R.E.)
Rev. Jayme Alfredo Borges — (6º R.E.)
Rev. James Edwin Tims — Representante da Igreja Metodista Unida dos Estados Unidos)
Rev. Donald Raffan — (Representante da Igreja Unida do Canadá)
Prof. Ulysses de Oliveira Panisset (Cogeime)
Rev. Dorival Rodrigues Beulke (Dep. Comunicação)
Rev. Omir Andrade (Dep. Geral de Previdência)
Rev. Themóteo Campos dos Santos (Pres. Dep. Finanças)

— 7 —

II DOCUMENTO BASE

Textos bíblicos:

Mateus 4:23
Lucas 4:18-19
João 14:12
1 Co. 2:2
1 Pedro 2:9-10

Mateus 28:19-20
João 3:16
João 20:21-22
Fp. 2:5-11
Ap. 1:5-6 e 21:1-8

CONSIDERANDO:

1. Que a Igreja Metodista no Brasil não tem dado a devida atenção à sua Missão;
2. Que o ministério total da Igreja (pastorado e laicato) não tem sido preparado prioritariamente para a Missão e, por conseguinte, não tem sido essencial a vida de proclamação e de testemunho;
3. Que ao iniciar-se um novo quadriênio, o Espírito Santo desafia o povo de Deus e exige-lhe obediência naquilo que é a própria razão da existência da Igreja — a sua Missão;

RECONHECEMOS que o tema MISSÃO E MINISTÉRIO está perfeitamente consonante com as angústias, necessidades e expectativas da Igreja Metodista, presentemente;

RECONHECEMOS ainda:

1. Que ministério é a IGREJA TOTAL, todos os seus membros;
2. Que pastor e membro da Igreja completam-se e completam a Igreja para o desempenho de sua Missão;
3. Que o ministério pastoral carece de uma reavaliação:
 - A) quanto às fontes motivadoras de poder vocacional e espiritual;
 - B) quanto à sua natureza e prática em função da Missão;
 - C) quanto à sua valorização profissional;
 - D) quanto à maneira como tem motivado e orientado o laicato;
4. Que o ministério do crente não tem sido devidamente compreendido pela Igreja como essencial à Missão, e, por isso, carece de uma avaliação profunda quanto à sua presença e ação no corpo de Cristo;
5. Que a Missão implica em testemunho, nas diferentes áreas da vida, que indivíduos e grupos dão da obra de Deus em Jesus Cristo e em apelo para que os homens participem dessa obra, pela fé, e se comprometam com ela, sendo para isso equipados pelo Espírito Santo;

PROPOMOS, portanto:

- A) Que tudo na Igreja Metodista (ministérios, instituições educacionais e de serviço, igrejas locais, congregações, sociedades e grupos e o próprio patrimônio) passe a existir em função da Missão e do testemunho cristão, em todas as áreas de ação da Igreja;

- 8 -

- B) Que a primeira tarefa da Igreja Metodista, agora, seja a de despertar o povo de Deus (pastor e laicato) para descobrir o seu lugar na Missão;

C) Que esse despertar se faça através do preparo devocional, teológico e doutrinário do pastor, primeiramente, e a seguir, do laicato (pastor preparado prepara para a Missão);

- D) Que todos (Bispo, pastor e membro da Igreja) zelem para que a Missão se cumpra fielmente, nas suas respectivas áreas de ação;

E) Que o culto a Deus seja o "momento", no tempo e no espaço, para onde converge o povo e de onde emerge a Missão.

III- REFLEXÃO SOBRE O DOCUMENTO BASE

I — Avaliação da Igreja como se encontra hoje

A. Constatamos que a Igreja Metodista não tem consciência clara da sua missão o que se reflete num ativismo sem base mais profunda acompanhada de um sentido de frustração.

B. Constatamos, também, que seu ministério total, compreendendo membro da Igreja e pastor, não está adequadamente preparado para a missão:

a) não tem havido ênfase no ministério total da Igreja. Como uma Igreja clericalizada, a Igreja Metodista tem atuado, em geral, através de pequenos grupos e não como a totalidade do povo de Deus;

b) o povo de Deus, de modo geral, não compreende bem qual é a sua participação na missão da Igreja;

c) o ministério pastoral também carece de uma profunda reavaliação de sua vocação espiritual e profissional.

C. Cremos que o Espírito Santo, hoje como sempre, está operando e provoca o retorno da Igreja à sua vocação e missão.

D. Cremos, também, que sob a ação do Espírito Santo, somos levados a escolher o tema para o próximo quadriênio, que se expressa na frase **MISSÃO E MINISTÉRIO**.

2 — Conceito da Missão da Igreja

a) O propósito de Deus é libertar o ser humano de todas as coisas que o escravizam, concedendo-lhe uma nova vida à imagem de Jesus Cristo, através da ação e poder do Espírito Santo, a fim de que, como Igreja, constitua neste mundo e neste momento histórico, sinais concretos do Reino de Deus;

A missão da Igreja é participar da ação de Deus nesse seu propósito.

b) Missão e o Deus trino

Deus Pai enviou seu Filho para salvar o mundo e, através do Espírito Santo, envia todos os que creem para proclamar seu grande amor.

- 9 -

c) Missão e Igreja

Igreja é a comunidade dos que aceitam o que Deus realizou em Cristo. Ela existe como povo separado para anunciar o poder salvador de Deus e servir como Cristo serviu.

d) Missão e Salvação

A salvação consiste em libertar o ser humano do pecado, sofrimento, injustiça e morte, e tudo o que isto significa em termos de sua vida individual e coletiva. Salvação não tira o homem do mundo mas cria um novo homem em um novo mundo.

e) Missão e Segurança Pessoal

Jesus Cristo disse que as raposas tinham covis mas o Filho do Homem não tinha onde reclinar a cabeça. A "segurança" da salvação não é tranquilidade passiva dos que alcançaram o "fim", mas a fé dos que se sentem a caminho, acompanhados pelo grande Consolador.

f) Missão e Testemunho

O novo homem em Cristo é testemunha viva daquilo que Deus fez por ele, em todas as áreas do viver. O testemunho supõe conhecimento profundo da vida em Cristo e vivência intensa da vida cotidiana no mundo.

g) Missão e Mundo

O mundo tem diferentes interpretações. Pode significar a totalidade cósmica, a totalidade dos homens que o habitam, pode também significar oposição a Deus, à sua vontade como João bem expressa: "o mundo não o conheceu".

Mas a Bíblia jamais ignora a realidade do mundo e embora os escritores bíblicos o vejam de todas estas perspectivas, não deixam de aceitar que o Deus se faz presente no mundo, amando-o e enviando seu filho para salvá-lo. O mundo é portanto contraditório e deve ser sempre objeto de análise crítica (reflexão) e ação transformadora: o mundo em que vivemos e onde a missão da Igreja Metodista se está desenrolando — o Brasil — deve ser objeto de nossa reflexão; é o mundo de contrastes o desenvolvimento e uma grande massa de sua população ainda em condições desumanas; um país onde o ensino universitário tem se desenvolvido consideravelmente, mas onde grande parte da população não se aproveita ainda dos benefícios da educação formal; é um mundo de religiosidade, mas onde a religião não oferece recursos aos seres humanos para se tornarem Sal da Terra e Luz do Mundo.

Ao relacionar Missão e Mundo concluímos que a Missão não ignora o mundo mas analisa-o (vejam-se as cartas do Apocalipse); reflete sobre ele para agir nele de modo redentor.

Não é possível comunicar o Evangelho ao mundo a não ser nas categorias que o mundo conhece. Por isso Deus, no ato maior de comunicação encarnou-se, tornou-se parte do mundo, falou e viveu dentro do seu mundo histórico nele agindo de modo redentor: desencadeou a sua transformação.

- 10 -

h) Missão e Meios

A Igreja Metodista no Brasil cumpre a sua Missão:

- pregando o Evangelho do reino de Deus ao povo;
- curando e ajudando a curar as enfermidades do povo;
- educando o povo nos princípios cristãos;
- esforçando-se para que sejam colocados em prática os princípios exarados na sua doutrina social;
- Proporcionando ao povo os meios para que este preste a Deus o culto aceitável (Rm. 12.1)
- batizando em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo;
- Ministrando a Ceia do Senhor;
- Desenvolvendo a fraternidade cristã.

i) Missão e Reino de Deus

O Reino de Deus é o alvo último do Deus trino e significará o surgimento definitivo do mundo novo, da nova vida, do perfeito amor, resultados da ação do Espírito Santo. Por isso, fecundados no presente pelo penhor do Espírito Santo, a Igreja manifesta, nas ambigüidades da história, os sinais deste mundo definitivo, na medida em que ela permanece fiel à sua missão.

Resumindo, afirmamos que a Missão é de Deus que salvou e salva o mundo em Jesus Cristo e a Missão é também da Igreja, na medida em que ela participa na totalidade do Testemunho dessa ação de Deus no mundo, sempre atualizado pelo Espírito Santo. Este testemunho da Igreja se realiza:

a) na proclamação do Evangelho do Reino de Deus, no chamado e decisão para o discipulado no compromisso com Jesus Cristo e sua Igreja e no crescimento na Fé Cristã;

b) na ação e serviço ao homem em termos de resposta ao amor de Deus, amando-o e amando ao próximo (1 Jo 4.19; Jo 3.16; Mt 22.36-40; At 2.42-47);

c) na realização da obra mediante a capacitação do Espírito Santo.

3. CRITÉRIO PARA O PROGRAMA DE AÇÃO DA IGREJA

A) Que a Igreja em sua totalidade e em cada uma de suas partes viva exclusivamente para a sua missão.

B) A primeira tarefa é conscientizar a Igreja total da missão, começando com o pastorado e alcançando a totalidade da Igreja: pastor preparado para preparar a Igreja para a missão.

C) Que o Bispo e o pastor, na sua respectiva área, zelem com amor e firmeza pelo cumprimento da missão:

- a) preparando para a missão;
- b) acompanhando o desenvolvimento da missão;
- c) avaliando o cumprimento da missão;

- 11 -

d) tomando as providências necessárias para que a missão não deixe de ser efetivada.

D) o encontro da comunidade cristã para o culto e reflexão é essencial à missão e se completa com o testemunho e o serviço cristão no mundo.

IV) A FÉ CRISTÃ NO SENTIDO DE UNIDADE E TOTALIDADE DA IGREJA

1) O "PLANO QUADRIENAL" a ser aprovado pelo Concílio Geral, e que norteará a vida e as atividades da Igreja Metodista, nos próximos 4 anos, parte de um documento-base elaborado pelo Conselho Geral, e se expressa em princípios gerais, aplicados a cada setor de atividade da Igreja Metodista. Isto pode parecer uma "departamentalização" do trabalho, como se a Fé Cristã e a própria Igreja se constituíssem de setores independentes mas não é verdade e neste capítulo afirmações bíblico-teológicas renovam em nós e no povo metodista brasileiro o SENTIDO DE UNIDADE E TOTALIDADE DA IGREJA METODISTA.

2) A Bíblia nos afirma que "Há um só Corpo, e um só Espírito, e somente uma esperança para a qual Deus nos chamou. Há um só Senhor, uma só fé e um só batismo. E há somente um Deus e Pai de todos, que é o Senhor de todos, que age por meio de todos, e está em todos", conforme Efésios, capítulo 4, versículos 4 a 6.

3) A Fé Cristã é, pois, uma e a sua unidade determina a unidade da Igreja Metodista no Brasil, como parte do Corpo de Cristo, que é em si mesmo a unidade cristã por excelência.

4) A Fé Cristã é inclusiva, alcançando todos os homens, todas as instituições, e todos os setores da vida, bem como o homem total, nos diferentes aspectos de sua vida.

5) Em outras palavras, a Fé Cristã é para todos os homens, em todos os lugares e em todas as épocas. O amor de Deus revelado e encarnado em Jesus Cristo, é suficiente para cobrir e alcançar qualquer tipo de homem, quaisquer que sejam suas idéias, suas condições sociais, políticas, econômicas ou religiosas. Por ele, seja quem for, Deus foi pregado na cruz, lá pregando também os seus próprios pecados, de tal sorte que este homem, seja quem for, tem em Jesus Cristo, a oportunidade da nova vida. Assim, a Igreja Metodista no Brasil existe para todos os homens, sem qualquer distinção.

6) Mas, a Fé Cristã é, também, para o homem todo, isto é, para a totalidade do homem, incluindo o seu corpo e todas as suas exigências, incluindo a sua mente e tudo o que ela representa, e incluindo o seu espírito e tudo o que isto significa na vida humana. Não há, pois, na vida de alguém, qualquer aspecto que seja estranho ou impossível ao amor redentor de Deus em Jesus Cristo. E é por isto mesmo, que a Igreja Metodista no Brasil se preocupa com o homem integral, como aquele por quem e para quem Jesus Cristo morreu e ressuscitou. O homem é uma unidade num todo interdependente, de tal sorte que qualquer coisa

- 12 -

que lhe afete o corpo, a saúde física, igualmente lhe prejudica a mente e o espírito; qualquer coisa que lhe afete a mente, a capacidade de pensar e conhecer, igualmente lhe prejudica o corpo e o espírito; qualquer coisa que lhe afete o espírito, a sua sensibilidade para Deus, a sua dimensão eterna, igualmente lhe prejudica o corpo e a mente. Eis porque a Igreja Metodista no Brasil existe para o homem todo, preocupando-se e ocupando-se com os problemas que lhe afetam o corpo, a mente e o espírito.

7) Compreendemos, portanto, que tudo na Igreja Metodista é e existe para a missão, que é a renovação do homem em Jesus Cristo, e o seu contínuo crescimento, de tal sorte que tenhamos não apenas "mais" homens cristãos, mas igualmente tenhamos cristãos "melhores", isto é, mais plenamente possuídos pelo Espírito Santo. Assim, a Igreja Metodista no Brasil, em tudo o que ela é ou faz, existe para a missão, ou então perde a sua razão de ser, perde a sua identidade.

8) A Fé Cristã é, acima de tudo, uma qualidade de vida, uma forma de vida como resultante desta nova qualidade de vida, e cuja característica essencial é o amor de Deus. O que caracteriza o cristão é a vida de amor. Ser cristão é estar no processo ativo do amor. Amar é servir. É por isto que a Bíblia nos informa que "o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida para salvar muita gente". (Marcos 10.45). A Igreja Metodista no Brasil reconhece a falta de significado do cristão meramente assistente, passivo, ouvinte, preocupado apenas consigo mesmo, ou apenas teoricamente com os outros. O cristão só é cristão na proporção em que se torna participante, ativo, voltado para a missão divina no mundo; na proporção em que "a fé se expressa em obras, a fim de não se tornar morta"; na proporção em que se torna uma "carta" de Deus para o mundo, para os outros.

9) A Fé Cristã não é um valor estático; mas também não é um mero ativismo. Não é qualquer serviço, que é um serviço; não é qualquer ação social, que é uma ação social cristã; não é qualquer atividade educacional, que é uma atividade educacional cristã; na verdade, não é qualquer proclamação de evangelho, que é a proclamação do Evangelho de Jesus Cristo. Isto é, o que fazemos como cristão e como Igreja não constitui um fim em si mesmo, mas Jesus Cristo é a origem, o conteúdo e o objetivo da ação da Igreja. Ninguém pode dar ou repartir o que não tem. A ação cristã pressupõe que verdadeiros cristãos estão a realizá-la. É por isso que a Fé Cristã se caracteriza, também, por constante crescimento na "graça e no conhecimento de Jesus Cristo", como condição para o serviço cristão no mundo, bem como para a santificação pessoal. A Igreja Metodista no Brasil reconhece a importância e a insubstituível necessidade da Igreja na vida dos cristãos; isto é, daquilo que a Igreja representa como "o povo de Deus"; que se reúne para o culto, para a prática de atos devocionais, para o testemunho, para a nutrição da fé; também daquilo que a Igreja representa como "instituição", que prepara material e currículo para o aprendizado e desenvolvimento da fé. E uma Igreja assim aquinhoadas com as riquezas de Deus, porque seus membros são fortalecidos na fé e na graça de Cristo, é o que o mundo precisa mais do que qualquer outra coisa.

- 13 -

10) A fé cristã, pois, requer que o povo de Deus seja nutrido e preparado devidamente para o seu testemunho vital e constante com o mundo não cristão. É aqui que o crente de um modo geral gasta as principais horas e dias de sua vida. É extremamente importante que ele esteja em condições de testemunhar consciente e abundantemente a grandeza do amor redentor de Deus, na sua circunstância particular. Isto é verdade do estudante, do operário, do militar, do professor, do funcionário, do profissional em geral, da dona de casa, etc... Não basta ser cristão para si mesmo, é preciso ser cristão para os outros. E é preciso sabê-lo como ser cristão para os outros, especialmente para aqueles com quem vivemos diariamente. É tarefa da Igreja preparar convenientemente os seus leigos para o seu efetivo testemunho. Não é tarefa fácil, e precisa ser contínua e continuamente renovada. A Igreja Metodista no Brasil reconhece a urgente necessidade de dar muito maior e melhor atenção aos seus leigos, preparando-os adequadamente para o testemunho e o serviço cristão no mundo.

11) A Fé Cristã requer, também, um cuidado especial no recrutamento e preparo dos seus obreiros especiais, pois a eles compete a ingente tarefa de preparar os leigos para a sua missão no mundo. Mas, antes de preparar os outros, é preciso que eles próprios sejam muito bem preparados. E depois de preparados, devem ser bem aproveitados como aqueles que preparam o povo de Deus para a sua missão. A Igreja Metodista no Brasil reconhece a importância da Faculdade de Teologia, dos Seminários dos cursos de teologia, que preparam pastores; reconhece, igualmente, a dignidade do ministério especial, do pastorado, como suficiente em si mesmo, devido ao conteúdo da própria missão e do objetivo que busca, de preparar o leigo para o exercício da Fé Cristã, do testemunho e serviço cristão e da proclamação do Evangelho de Jesus Cristo, de tal sorte que não é necessário "socorrer" o pastor com outros títulos profissionais que o capacitem no cumprimento de sua missão. O importante é prepará-lo o mais adequada e ricamente para ser o pastor que vai preparar o seu rebanho para a missão.

12) A Fé Cristã, estamos vendo, não limita os meios e modos para a preparação do leigo ou dos pastores; o importante é que sejam preparados para o exercício da fé. E aqui pode-se aproveitar as peculiaridades regionais, as modernas técnicas de ensino, e tantos outros recursos que muitas vezes o próprio mundo nos coloca à disposição. A Igreja Metodista no Brasil reconhece, particularmente, o valor dos cursos de teologia, por extensão, que utiliza o ensino programado e outros recursos para o aprendizado, como um desafio a ser melhor conhecido e aproveitado tanto para o preparo do pastor, como do leigo.

13) A Fé Cristã, já afirmamos, é um modo de vida, um modo de ser, é uma nova vida, com todas as suas implicações. Na busca desta nova vida, na tentativa de alcançar o ideal proposto e vivido por Jesus Cristo, o povo de Deus padroniza idéias, convicções, hábitos, que geralmente não coincidem com o modo de vida cristão, chegando mesmo muitas vezes a contradizê-lo. Assim entendemos que a Igreja precisa constantemente renovar-se em Jesus Cristo, transformando a sua mentalidade, sem o que

- 14 -

ela se fossiliza e se torna inútil para os seus e para o mundo. A Igreja Metodista no Brasil reconhece a imperiosa necessidade de utilizar todos os recursos ao seu alcance para a renovação da mentalidade do povo metodista, a fim de que se reconheça existindo verdadeiramente para a Missão.

14) A Fé Cristã nasce numa comunidade cristã e deve desenvolver-se nela continuamente. A comunidade da fé é o "ambiente" onde as palavras tornam-se realidade e aquilo que cremos ser a obra de Deus para salvar o ser humano e o mundo é concretizado na vida dos que dela fazem parte.

"A fé vem pelo ouvir" e a comunidade da fé é o povo que anuncia, vive e convida os outros para a fé, quer por palavras, quer por atos de amor.

A igreja local, comunidade da fé, deve oferecer condições para que os homens aí encontrem ambiente propício ao crescimento da fé e ao aparecimento dos frutos. Pastor e laicato devem ter como parte de sua vivência favorecer o desenvolvimento destas etapas da fé: nascer, crescer, frutificar. A eles compete preparar a terra, semear e cuidar, enquanto o Senhor dá o crescimento.

O lar e nele a família, como a menor porção da Comunidade da fé, deve merecer cuidados especiais na programação da igreja local.

15) A fé é algo tão rico que uma vez descoberta e vivenciada deve ser comunicada. Paulo expressou isso ao dizer: "Ai de mim se não eoumunicar o Evangelho!" Ao comunicá-la é que o cristão chega à plenitude de sua vocação: "Vós sois o sacerdócio real... para que anunciéis as virtudes daquele que vos tirou das trevas para a sua maravilhosa luz" (I Pedro 2.9-10).

Mas, a comunicação é um processo em que diferentes partes estão envolvidas - os que anunciam, os que recebem a comunicação e a mensagem. Na missão cristã, Deus é quem comunica, através da Igreja e dos cristãos, e os seres humanos são os que recebem a comunicação. Para que a mensagem não seja deturpada, nem compreendida erroneamente, as palavras têm que ser ditas e escutadas na linguagem que o povo entende, encarnarem-se na realidade, de tal modo que não haja dúvida quanto ao que Deus está oferecendo e exigindo.

16) A Fé Cristã, certamente, não é obra humana; ela é essencialmente obra de Deus. E neste sentido a Igreja é de Deus e vive para Deus, cumprindo a missão de Deus no mundo. E isto significa que a Igreja só é Igreja quando revestida e orientada, e poderosamente fortalecida no Espírito Santo. A Igreja não tem controle sobre o Espírito Santo; não depende dela conduzir o Espírito Santo, revestir-se do Espírito Santo ou determinar a partilha do Espírito Santo. Mas, certamente, a Igreja pode por obstáculos à ação do Espírito Santo de tal sorte que ela se torna uma instituição praticamente humana. E isto é o que acontece constantemente na vida na Igreja. A Igreja Metodista no Brasil reconhece que tudo na Fé Cristã depende da presença e ação do Espírito Santo, e que todas as coisas ditas anteriormente só têm sentido quando acontecem no poder do

- 15 -

Espírito Santo; daí, a urgente necessidade de o povo de Deus estar sensível à ação do Espírito Santo, e tudo fazer para não se tornar consciente ou inconscientemente uma pedra de tropeço ao Espírito Santo.

V. PRINCÍPIOS DE ORIENTAÇÃO GERAL À SEREM OBSERVADOS NAS DIFERENTES ÁREAS DE AÇÃO DA IGREJA

1. ÁREA DO MINISTÉRIO CRISTÃO

A. MINISTÉRIO GERAL DA IGREJA

a) **Objetivo:** A presente filosofia de planejamento tem por objetivo o reencontro de todo o povo de Deus com sua vocação e missão.

b) **Conceituação:** A Igreja Metodista reconhece que todos os seus membros, pelo fato de pertencerem ao povo de Deus, são ministros do evangelho. Isto é, são chamados por Deus, preparados pela Igreja para, sob a ação do Espírito Santo, cumprirem a Missão, testemunhando a nova vida e servindo em todas as áreas da existência.

c) Todo o povo de Deus deve ser objeto de atenção e cuidado especiais por parte da liderança da Igreja, no seu preparo e na sua capacitação para o exercício efetivo da missão.

B. MINISTÉRIO DIACONAL

a) **Conceituação:** São aqueles chamados por Deus, dentre o seu povo, para — segundo seus dons, o preparo e a orientação da Igreja — cumprirem a missão, servindo em setores especiais.

b) **Aspecto da Vocação Diaconal:**

b1) O exercício do diaconato tem sua origem num chamado especial de Deus.

b2) Esta vocação deve ser uma convicção íntima, permanentemente renovada.

b3) Esta vocação se expressa de maneira objetiva na vida da Igreja.

b4) Esta vocação exige reconhecimento da Igreja.

b5) A vocação permanece e se renova como resposta ao apelo de Deus para atender as necessidades do homem.

c) **Preparo Diaconal:**

c1) Preparo voltado para a missão:

— preparo bíblico-teológico

— preparo técnico

c2) Áreas de serviço:

— preparo para o serviço da igreja em geral.

— preparo para os serviços gerais da igreja local.

— preparo para as escolas da Igreja, administradores, professores e funcionários;

- preparo para as instituições sociais, administradores, funcionários, assistentes sociais, etc.
- preparo para as escolas públicas, visando educação religiosa, bem como outras disciplinas.
- preparo para áreas profissionais, não ligadas ao pastorado.

C. MINISTÉRIO PASTORAL

a) **Conceituação:** O ministério pastoral é constituído por aqueles que são chamados dentre o povo de Deus, reconhecidos e preparados pela Igreja, para a tarefa de edificar e aperfeiçoar a comunidade da fé, capacitando-a para o cumprimento da missão no mundo.

b) **Exercício:** O ministério pastoral é exercido preferencialmente por presbíteros.

c) **Aspectos da Vocação:**

c1. O exercício do pastorado tem sua origem num chamado especial de Deus.

c2. Esta vocação deve ser uma convicção íntima, permanentemente renovada.

c3. Esta vocação exige reconhecimento da Igreja.

c4. Esta vocação se expressa de maneira objetiva na vida da Igreja.

c5. A vocação permanece e se renova como resposta ao apelo de Deus para atender as necessidades do homem.

d) **Aspecto Profissional**

d1. Preparo voltado para a missão:

— bíblico-teológico.

— técnico-pastoral.

— ético-devocional.

— experiências supervisionadas:

• com o pastorado nas Igrejas

• com os grupos de diferentes níveis sócio-econômico-culturais.

d2. Integração na vocação profissional e missão (ser chamado, preparado e envolvido).

d3. Preparo contínuo (atualização e reciclagem).

d4. Valorização da dedicação exclusiva.

d5. A docência teológica e qualquer função administrativa essencial à Igreja é parte de sua missão.

e) **Aspecto Pastoral**

e1. O pastor prepara e impulsiona o povo de Deus para a Missão (Ministério Docente)

e2. O pastor cuida e alimenta o povo de Deus na Missão (Ministério de cuidados Pastorais)

e3. O pastor proclama a mensagem profética de Deus (ao homem na situação existencial — Ministério Profético).

— 16 —

— 17 —

e4. O pastor encarna a angústia do povo e intercede por ela a Deus (Ministério Sacerdotal).

e5. O pastor cultiva valores devocionais e éticos que o identifiquem no cumprimento da missão.

e6. O pastor visita o povo de Deus e todos que precisam de sua visita.

2. ÁREA DE MISSÕES E EVANGELIZAÇÃO

Fundamentação bíblica

• Mateus 28.18-20; João 14.12

• Atos 2.42-47

• II Coríntios 5.17 a 6.1

• Romanos 10.9-15

Introdução

A Missão visa a renovação do homem todo e de todos os homens em Jesus Cristo e o seu contínuo crescimento nele. Sendo assim, entendemos que os crentes precisam ser DESPERTADOS em Jesus Cristo, isto é, tomarem consciência desta realidade. O poder dinâmico da igreja e da vida de fé dos crentes, reside no Espírito do Senhor. É ele quem testemunha a cada um de nós o nosso estado em pecado e quem, pela graça do Pai, comunica a redenção do mesmo, fazendo-nos filhos de Deus. Por sua ação é Cristo revelado em nós e através de nós. João 14.18-19,26 e 16.13-14.

O livro de Atos e as Epístolas são o repositório daquilo que aconteceu numa comunidade que ouviu a Deus, se entregou a Jesus e foi possuída pelo Espírito Santo.

O que aconteceu na Igreja Primitiva, pode e precisa acontecer entre nós.

Objetivo

O objetivo de missão e evangelização é que "todo povo de Deus" se conscientize de que ser cristão é ser um missionário, isto é, estar envolvido na obra de Deus em favor do homem todo e de todo o mundo, em seu propósito de libertá-lo de todas as coisas que o escravizam e encaminhá-lo à comunhão e amor em Deus e com o próximo. Não há cristão passivo, pois a Igreja toda é missão e todos os cristãos estão envolvidos e comprometidos com ela.

A — O AGENTE MISSIONÁRIO

1. Renovação espiritual (renovação da vida no Espírito de Deus) e consagração em Cristo é o ponto inicial para o cumprimento da missão. Por esta renovação entendemos, não uma vida de contemplação, mas uma entrega total a Deus. Um ato consciente e sacrificial. Sem esta realidade nada se conseguirá, pois antes de se fazer missão é preciso ser missionário.

— 18 —

2. O Espírito Santo — Só na presença, vida e poder do Espírito Santo tem o missionário (todo crente) força suficiente para cumprir sua tarefa: viver uma nova vida em Cristo e levar outras vidas a Cristo.

3. A fé em Cristo não é estática. Portanto, o servo de Deus não deve satisfazer-se com o estado alcançado na fé, pois o contínuo despertar e crescimento de sua vida cristã é próprio da natureza da fé.

B — CONSCIENTIZAÇÃO

Nada pode ser feito sem que haja conscientização da Missão (desejo ardente de se engajar nesta tarefa gloriosa) e esta deve ser feita nas seguintes áreas da igreja:

1. Neste Concílio Geral (todos os conciliares)

2. Em séries de estudos e conferências nas igrejas locais.

3. No Instituto Ministerial Geral — para os pastores.

4. No Concílio Regional — para pastores, oficiais regionais e delegados.

5. Nas igrejas locais em suas diversas áreas de atividades, visando atingir todos os seus membros.

6. Nas Pastorais do Colégio Episcopal.

7. Nas instituições da Igreja.

8. Na literatura da Igreja, enfatizando-se a herança metodista e a formação especial de obreiros.

C — CAMPOS MISSIONÁRIOS

1. No âmbito Geral, Regional e Local

2. Que os pontos de pregação tenham sua nomenclatura modificada para Campos Missionários Locais, para que melhor se entenda seu objetivo.

D — RELAÇÃO ENTRE CULTO E EVANGELIZAÇÃO

O culto é excelente oportunidade de evangelização, mas para tanto, deve-se observar da melhor forma possível, o seguinte:

1. **Testemunho** — As experiências em missão que acontecem na comunidade devem ser compartilhadas, no culto, com todos visando o crescimento global.

2. **Ambiente** — Criar condições de fraternidade, simpatia para que o aspecto de união se destaque; faz-se necessário, atenção especial para com os visitantes, identificando-se e orientando-os na participação dos trabalhos, convidando-os a voltar e visitando-os.

E — MÉTODOS E MEIOS DE AÇÃO MISSIONÁRIA

O Evangelho é a realidade viva e atuante do amor de Deus presente na vida humana. A palavra de Deus feita carne (João 1.1-14) é a expressão real do Evangelho. A Evangelização é resultado deste fato. O método de Deus foi a encarnação. O meio que Deus usou foi o homem: Jesus Cristo. Evangelizar, de certo modo, é encarnar nas formas mais diversas este amor divino. No ato de evangelização levamos ao homem e ao mundo a esperança redentora do amor divino presente em Cristo. Levar

— 19 —

não significa apenas, falar, mas sinalizar, encarnar, fazer presente ao homem e ao mundo, o resultado e a esperança que o amor divino nos traz.

Formas: muitas são as formas de ação missionária. Algumas merecem destaque:

1. **Pastoral** — através do Colégio Episcopal e de orientação pastoral, principalmente as de caráter doutrinário. Há a necessidade de uma pastoral dos bispos a respeito do Espírito Santo a fim de ser estudada pelas igrejas locais.
2. **Classes** (grupos de estudo e oração) — que as igrejas locais constituam grupos (classes no tempo de João Wesley) para estudos, oração, compartilhamento, evangelização, sob liderança leiga. Os líderes deverão ser preparados pelos pastores.
3. **Grupos espontâneos** — de jovens, homens e senhoras se constituam em caravanas evangelísticas a fim de repartirem suas experiências alcançadas pela graça de Deus e Grupos corais e instrumentais itinerantes.
4. **Evangelização pessoal** — nos colégios, fábricas, vizinhança, hospitais, etc. Quem sente o despertamento não pode deixar de dar testemunho aonde estiver.
5. **Assistência pastoral** — Em clínicas de aconselhamento, momentos de oração e reflexão para o fortalecimento espiritual, dirimir dúvidas, etc. Em visita pastoral aos lares de crentes, interessados ou outros.
6. **Telepaz** — Telefô, etc. — serviço de atendimento espiritual por telefone. Serviço que já pode ser estabelecido nos grandes centros.
7. **Manual** — para os neo-convertidos, visando sua instrução para se tornarem membros. (O Conselho Geral nomeará a Comissão para atender este item, com prioridade absoluta).
8. **Discipulado** — visando o desenvolvimento do neófito, ficando cada um sob a orientação de um crente mais experimentado para doutrinação e oração (uma hora por semana).
9. **Visitação Missionária:**
 1. Como resultado das visitas que comparecem ao culto.
 2. Com distribuição de literatura evangélica.
 3. Pelos membros em lares da comunidade, vizinhança, parentesco, amizades, etc.
10. Círculos de leitura de livros evangélicos.
11. Evangelização pelos meios de comunicação moderna: jornal, folhetos, rádio, T.V., livros, filmes, slides, etc.

"A Igreja necessita de homens, cheios do Espírito Santo, dotados por Deus, que empreguem, com sabedoria, os melhores métodos e os melhores e mais avançados meios de comunicação, na realização de sua missão".

Wesley: "Unamos a piedade e a ciência que por tanto tempo têm andado separadas".

- 20 -

3. ÁREA DE AÇÃO SOCIAL

A. CONCEITO

À luz da Missão da Igreja, devemos entender Ação Social como o esforço que a Igreja faz no sentido de alcançar o homem em sua realidade social concreta e ajudá-lo a libertar-se de tudo quanto o escraviza.

No Brasil, a Igreja cumpre sua Missão no campo de Ação Social:

- a) sempre que coloca em prática os princípios de sua doutrina social;
- b) quando cura e ajuda a curar as enfermidades do povo;
- c) quando promove integralmente o homem;
- d) quando se esforça para mudar, com o Evangelho, as estruturas sociais que se tornaram obsoletas e desumanizantes;
- e) quando busca a justiça tendo como critério o Reino de Deus;
- f) quando procura preservar a integridade da pessoa humana e do meio ambiente (poluição);
- g) quando promove a paz, combate a guerra e esclarece o homem quanto as verdadeiras causas dos conflitos sociais;
- h) quando promove a educação do homem em sentido integral, atingindo todas as faixas etárias e respondendo aos interesses e necessidades do homem, inclusive sua alfabetização;
- i) quando exerce responsabilmente a mordomia cristã.

B. ESTUDO DOS PRINCÍPIOS DA DOUTRINA SOCIAL DA IGREJA METODISTA, À LUZ DA MISSÃO.

Entendemos ser necessário, para a formação de uma mentalidade social-cristã consciente e atuante, o estudo, reflexão e conscientização dos Princípios da Doutrina Social da Igreja Metodista nas igrejas e suas instituições.

C. APLICAR OS PRINCÍPIOS DA DOUTRINA SOCIAL DA IGREJA METODISTA, ENFATIZANDO:

- a) que a Igreja manifesta em sua estrutura e ação os princípios da justiça social, amor e fidelidade cristãos;
- b) que participe e ou promova justiça social na comunidade;
- c) que a Igreja viva e pugne por uma ética cristã do desenvolvimento econômico — político — social;
- d) que se promovam encontros e estudos sobre planejamento familiar, problema do menor abandonado, prostituição em geral e notadamente a infante-juvenil, Previdência Social e cooperativismo, velhice desamparada e outros de relevância para a comunidade;
- e) que se estimule o desenvolvimento de uma cidadania responsável;
- f) que a Igreja denuncia as causas e os efeitos nocivos dos males sociais;
- g) que a Igreja combate o uso dos meios de comunicação como instrumento de propaganda de males sociais (bebidas alcoólicas, fumo, exploração do sexo, violência, massificação, jogos de azar, loterias, etc.) que contribuem para destruição da saúde física, mental, social e espiritual do ser humano;

- 21 -

- h) que se promova a prática do uso racional e sadio do lazer;
- i) que se propugne pela completa liberdade de expressão, como meio de aprimorar o processo de aperfeiçoamento dos ideais de justiça e segurança;
- j) que a igreja manifeste sua preocupação: com a inflação galopante de nosso país; com a realidade do salário mínimo diante da atual situação e com a política salarial do governo.

4. ÁREA DE EDUCAÇÃO

Tipos de Educação em que a Igreja está envolvida:

- a. Educação Secular
- b. Educação cristã
- c. Educação teológica

1. Educação Secular

1.1 — Conceituação

Visa proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de auto-realização, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício consciente da cidadania (art. 1º da Lei 5.692 de 11 de agosto de 1971), à luz do Evangelho de Jesus Cristo.

1.2 — Áreas de atuação:

A Igreja promove a Educação Secular através de suas Instituições de ensino em todos os graus e, por seus membros colabora no desenvolvimento e aperfeiçoamento do processo nos diversos organismos educacionais do país.

1.3 — Finalidades:

- participação na comunidade
- manter permanente o desafio para integração na comunidade da fé.
- testemunhar a presença da Igreja.
- colaboração com o Estado e outras agências, observados os princípios cristãos.
- responder as necessidades com a criação de escolas em áreas geográficas em desenvolvimento e em áreas carentes.
- propiciar possibilidades de estudos a alunos carentes.
- desenvolver o espírito ecumênico.

1.4 — Política de Atuação

- No Plano de Direção e na organização curricular são observados os princípios estabelecidos neste Documento.
- Que uma filosofia cristã de Educação seja o critério efetivo e prática de vida e ação da Escola, através da qual se encontre o meio de fazer da Escola a agência efetiva da missão, em todas as suas áreas de ação.
- Cada estabelecimento Escolar deverá ter um departamento de promoção dos valores da fé cristã.

- 22 -

- Sendo a Escola um dos mais significativos campos para o Testemunho cristão oferecido à Igreja nela será estimulada a produção e divulgação de literatura cristã.
- Sendo a Escola um dos mais significativos campos para a Evangelização oferecido à Igreja, nela serão estimulados os meios necessários para a realização da evangelização.
- Especial atenção deverá ser dispensada às datas do calendário cristão e metodista, comemoradas de forma cristã.
- A política de bolsas de estudo terá participação dos Conselhos Geral, Regional e local dependendo da área a que se restringe.
- Treinamento e integração do pessoal da Escola no espírito da Missão da Igreja.
- Treinamento e aperfeiçoamento do Corpo docente e administrativo.
- Que se estabeleça uma Filosofia Educacional, segundo os princípios e tradição metodista, visando nortear a ação educativa secular da Igreja.
- Que haja aproveitamento sistemático dos evangélicos em nossas Instituições de ensino, conforme programação e previsão anteriormente estabelecidas.

2. Educação Cristã

2.1 — Conceito

É o processo pelo qual a experiência, isto é, a própria vida da pessoa, se transforma, desenvolve, enriquece e aperfeiçoa mediante sua relação com Deus em Jesus Cristo.

Em outras palavras:

- É o processo de formação e reconstrução da experiência da pessoa à luz dos princípios, ideais e valores cristãos.
- Isto inclui: reavaliação e reformulação de conceitos e comportamentos.

2.2 — Áreas de atuação

A Igreja promove a Educação Cristã:

- No lar
- No templo
- Na Escola Dominical
- Nos grupos societários
- Nos Departamentos da Igreja
- Nas Instituições de Ensino da Igreja e nas Escolas oficiais do Estado.
- Em outros trabalhos de cunho comunitários.

2.3 — Finalidade:

“É a de que todas as pessoas se tornem conscientes de Deus, através de sua auto-revelação, especialmente de seu amor redentor revelado em Jesus Cristo, e que respondam em fé e amor, a fim de que possam saber quem são e o que significa sua situação humana, crescer como filhos de

- 23 -

Deus arraigados na comunidade cristã, viver no Espírito de Deus em todas as suas relações, cumprir seu discipulado no mundo, e permanecer na esperança cristã”.

2.4 – A Política de atuação

Será realizada através:

- das classes regulares e experimentais
- das classes de catecúmenos (permanente)
- de literatura especializada dos Periódicos da Igreja
- de acampamentos de estudos, trabalho e recreação, etc.
- de classe visando preparação para batismo de criança e casamento.
- de grupos reunidos por interesses, necessidades e atividades comuns (por faixa etária e coincidências de interesses)
- de estreitamento de relações com pessoas ligadas à Igreja (padrinhos, visitas, testemunhas, etc.)
- de classes visando preparação de professores para a Escola Dominical
- de escolas bíblicas de férias
- de atividades criativas especiais
- Visando atingir as necessidades do homem total proporcionando condições para a humanização cristã, o aprimoramento dos costumes, a formação do caráter e o desenvolvimento integral de sua personalidade.

3 – Educação Teológica

3.1 – Conceituação

A Educação Teológica visa ao preparo bíblico-doutrinário, a capacitação profissional e ao amadurecimento de todo o povo de Deus, em geral, e dos “líderes” e obreiros especiais, em particular, para o exercício da missão cristã.

3.2 – Áreas de Atuação

- A Igreja promove a Educação Teológica através das suas Instituições de Ensino Teológico.
- Dos Seminários Regionais
- Outros cursos e meios tais como:
- cursos por correspondência para leigos e por extensão.

3.3 – Finalidades

- Preparar obreiros (clérigos e leigos) para a Missão da Igreja.
- Preparar os jovens chamados para as funções do pastorado local.
- Capacitar o pastor para preparo dos membros com vista à Missão (pastor preparado para preparar).
- Difundir os fundamentos bíblico-teológico das Doutrinas Cristãs enfatizadas pelo Metodismo.
- Preparar obreiros para exercerem ministério em áreas especiais.
- Atualização permanente do ministério.

– 24 –

- Aprofundamento da pesquisa teológica no contexto latino-americano.
- Preparar adequadamente a liderança do laicato para a Missão da Igreja.

3.4 – Política de Atuação

- Que se crie uma Comissão Geral de Educação Teológica, como órgão coordenador, orientador e supervisor do Ensino Teológico.
- O ensino Teológico será ministrado através dos cursos:
 1. Regulares
 2. Extensão
 3. Especiais
- Será mantida permanente Campanha de despertamento vocacional.
- Será observada permanente cobertura para os valores da fé na perspectiva da unidade cristã.
- As dimensões da unidade e da Missão na Educação Teológica não serão meras disciplinas no currículo mas, todo um ambiente de formação teológica.
- Observar-se-á permanente cooperação entre a Faculdade e os Seminários em termos de cursos comuns, associações, troca de alunos e professores.

5. ÁREA DA UNIDADE CRISTÃ

A. Considerações Preliminares

Está implícito na oração sacerdotal de Jesus que o cumprimento da missão da Igreja está condicionada à unidade cristã. O Apóstolo Paulo afirma tanto em Romanos 12, como em I Coríntios 12, que o poder da unidade está na diversidade e o resultado positivo da diversidade se expressa na comunhão.

A Igreja manifesta sua ação através da unidade, em nível local, denominacional e universal. Esta matéria não é algo optativo, mas sim questão de obediência ou desobediência ao Senhor da Igreja.

B. Conceituação

A unidade da Igreja expressa a incorporação de todos os cristãos em Cristo e expressa, também, a diversidade dos cristãos no cumprimento da missão. Isto significa: a aceitação de Cristo dando-nos o fundamento da unidade, enquanto que o exercício da missão se faz na especificidade e diversidade dos dons e ênfases que nos são próprios.

C. Manifestações visíveis da Unidade Cristã

a) Na Ação Social — Visando a dignidade e valorização do homem, o povo de Deus deve participar, como indivíduo e Igreja, de projetos tais como: amparo à velhice, à mãe solteira, toxicômanos, aos marginalizados, que realizados em nível ecumênico seriam sinal da unidade no testemunho e na ação profética.

– 25 –

b) Na Evangelização — A evangelização é o confronto do homem com Cristo, o único mediador entre Deus e o homem. Em Cristo, e somente nele, nos unimos a todos os cristãos. Esta união é uma expressão da presença e do poder do Espírito Santo.

c) Na Educação — Nas escolas em geral. Esta é uma área prioritária para o trabalho cristão ecumênico; portanto, a Igreja, através do Departamento de Laicato deve preparar juntamente com órgãos correspondentes de outras Igrejas um currículo comum, bem como material didático e esmerada preparação do pessoal a ser utilizado. Isto certamente levará o grupo a uma conscientização dos valores comuns. Promover em conjunto com outras Igrejas atividades extra-classe em prol de projetos cívicos ou beneficentes, como também centros de recreação e reuniões sociais que motivem os jovens cristãos a unirem seus esforços em prol de uma obra comum. Que o estabelecimento de Educação Moral e Cívica, no 1º e 2º graus, e de Estudos de Problemas Brasileiros em nível superior abrem possibilidades para uma presença comum dos cristãos nesta importante área de formação da juventude. Além disto, pode ser promovido Encontro de Professores e Estudantes cristãos, para habilitá-los a um melhor desempenho de seus testemunhos.

Na formação teológica — Torna-se indispensável uma mentalidade aberta para os valores da fé cristã. O respeito mútuo das diferenças de opinião, que nos une no reconhecimento dos reais valores da fé cristã nos levam à unidade. É importante o estabelecimento de bases para que as dimensões da unidade cristã não sejam mera disciplina no currículo, mas o ambiente de toda a formação teológica. Desenvolver a cooperação entre os diversos seminários em termos de cursos comuns, associações, troca de alunos e professores.

D. A Igreja Metodista e os outros grupos cristãos

A Igreja Metodista tem uma herança espiritual que aceita o princípio de que Deus age livremente, sem se deixar jamais monopolizar-se pelo homem e usa todos os grupos eclesiais (cristãos) para realizar sua vontade no mundo. Assim, todos os grupos eclesiais cristãos merecem nosso mais profundo respeito e reconhecimento como agências usadas pelo Espírito Santo na proclamação e expansão do Reino de Deus no mundo.

E. A participação da Igreja Metodista em organizações ecumênicas

No espírito de João Wesley e do metodismo mundial, nossa Igreja participa de organizações ecumênicas, afirmando sua identidade e se reservando o direito de avaliação e crítica dessas organizações, incluindo o de uso de seus valores e patrimônios. O conhecimento dessa participação de nossa Igreja, em organizações ecumênicas, deve ser dado às igrejas locais para que uma melhor participação seja possível.

– 26 –

6. ÁREA DE PATRIMÔNIO E FINANÇAS

A – FILOSOFIA

As propriedades e todos os recursos patrimoniais e financeiros da Igreja deverão estar a serviço da mesma para o exercício de sua missão — promoção integral da pessoa humana.

B – PROPRIEDADES

1. Patrimônio já existente — (Cuidado)

- a) Conhecimento — procura e localização;
- b) Legalização e cadastramento — registro nos órgãos competentes dos poderes públicos e catalogação para uso interno (A.I.M.);
- c) Preservação e guarda — conservação, reparos, aparência, depreciação e invasão.

2. UTILIZAÇÃO RACIONAL

- a) Propriedades ociosas — alienação quando a ociosidade for total; arrendamento quando parcial ou promover a utilização;
- b) Uso Múltiplos — Utilização de dependência dos templos para proveito da comunidade — creches, jardins de infância, capacitação profissional, etc.;
- c) Doadores — Verificar quando houver casos de propriedades total ou parcialmente ociosas, em virtude de cláusulas de doação, a possível aquiescência dos doadores ou sucessores para a possibilidade de sua remoção.

3. Novas Aquisições

- a) Austeridade e parcimônia;
- b) Possibilidade de aproveitamento em múltiplos usos;
- c) Titulação — Além do que preceituum os cânones (art. 153 e 154, cânones de 1970 principalmente no que se refere às construções, o que preceituum as exigências legais.

C – FINANÇAS

I – Princípios

1. Racionalização dos encargos financeiros
2. Maior aplicação dos recursos na área local
3. Orientação e controle (auditoria permanente)

II – Fontes de Recursos:

1. Recursos internos

- a) Contribuições regulares — permanente instrução e conscientização;
- b) Contribuições especiais;
- c) Doações e legados — Aluguéis e arrendamentos — incentivo a instituição;
- d) Rendas patrimoniais — levantamento de recursos oriundos das propriedades locais, regionais ou gerais para aplicação a juízo dos Conselhos Regionais e Geral, tendo como objetivo a obra missionária.
- e) Rendas financeiras — juros, correção, incentivos, etc.

– 27 –

2. Recursos externos

- a) Participação das Igrejas Cooperantes — confecção de planos passíveis de aprovação visando doações;
- b) Poder Público — capacitação para auferi-los;
- c) Ofertas da Comunidade em geral;

7. ÁREA DA COMUNICAÇÃO — DEPARTAMENTO GERAL DE COMUNICAÇÃO

A — FILOSOFIA DO DEPARTAMENTO

Dentro da perspectiva que tem norteado a filosofia de planejamento para o quadriênio, o DEGECOM deverá tornar-se um dos instrumentos mais significativos da Igreja Metodista para a realização de sua Missão. Isto significa que o planejamento do DEGECOM através de todos os seus setores — Literatura, Imprensa Metodista, Rádio, Televisão, audiovisuais, música, etc., deverá de ora em diante, indagar da Igreja sobre os seus objetivos e alvos para o quadriênio, incentivar o ministério, no sentido global, a utilização mais plena dos meios de comunicação em todos os seus setores, e atender a todas as solicitações de prestação de serviço dentro das prioridades da Igreja em todos os setores de sua atuação.

O Departamento Geral de comunicação deve “levar a Igreja a tomar consciência do lugar e valor dos meios de comunicação nos dias atuais, a despertá-la e estimulá-la a usar esses meios em todos os seus níveis, como veículo de divulgação e propagação de sua missão.

B — ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA — “EXPOSITOR CRISTÃO”

a) Confirmamos a filosofia expressa em documento próprio do DEGECOM “Filosofia do Novo Expositor Cristão” — ressaltando a importância do “órgão oficial da Igreja” como instrumento de comunicação tendo como prioridades:

a1. Empenho e envolvimento da Igreja na missão — estudos, debates, comunicações, reportagens, programas, etc.

a2. Comunicação dos eventos da Igreja, quer em forma de reportagem, quer em forma dos documentos mais significativos neles produzidos;

b) Que o DEGECOM crie uma equipe de correspondentes regionais para efetivação do seu trabalho, tendo inclusive a atribuição de encaminhar material jornalísticos de várias fontes, eclesiais ou não;

c) Recomenda-se a criação de uma equipe de redatores especializados para determinadas áreas, com um supervisor, realizando o trabalho do REDATOR-CHEFE.

C — PERIÓDICOS E ATIVIDADES CURRICULARES

a) Urge uma contínua avaliação, sob o patrocínio do DEGECOM, do material didático, tendo em vista um equilíbrio entre as necessidades do “público consumidor” e as linhas bíblico-teológicas de conscientização e ação da Igreja;

b) Os periódicos deverão divulgar em caráter prioritário e de maneira freqüente o presente PLANO QUADRIENAL educando o povo metodista na compreensão de seu significado e das implicações para a sua vida;

c) Que se faça um estudo sobre a possibilidade de confecção de revistas, levando também em conta, o nível de crescimento na fé cristã, além da idade, como tem acontecido até agora;

d) Que haja uma pesquisa incluindo a detecção para se saber como vai o povo metodista, no que diz respeito ao conhecimento da Bíblia e que neste sentido o DEGECOM venha a preparar “estudos bíblicos” sobre a missão e o ministério da Igreja.

D — SETOR DE MATERIAIS E PROGRAMAS

a) Que o “campo missionário do Ar” se torne um centro de atenção do “povo metodista...” integrando-se na participação ativa na missão e, através da produção de material gravado se torne instrumento efetivo da proclamação do Evangelho. Que haja maior divulgação deste material com mostragens e demonstrações em Encontros, Concílios e Congressos;

b) Edição de Folhetos, Manuais, Livretos e Livros — Que seja responsabilidade do DEGECOM a incentivar a produção de folhetos, manuais, livretos e livros escritos por autores nacionais, que atendam as necessidades da Igreja criando condições para que isso se faça regular e criativamente, quer entrando em contato com os escritores, quer fazendo acertos com os Bispos, Conselhos Regionais e (ou) as instituições para propiciar-lhes condições de tempo e recursos para esse serviço. Que haja uma revisão e re-edição de folhetos instrutivos e evangelísticos, já produzidos e publicados pelas ex- JUNTAS GERAIS, com apresentação mais moderna e convidativa. Que se crie o Setor Editorial da Igreja dentro do Departamento de Comunicação e relacionado com a Imprensa Metodista;

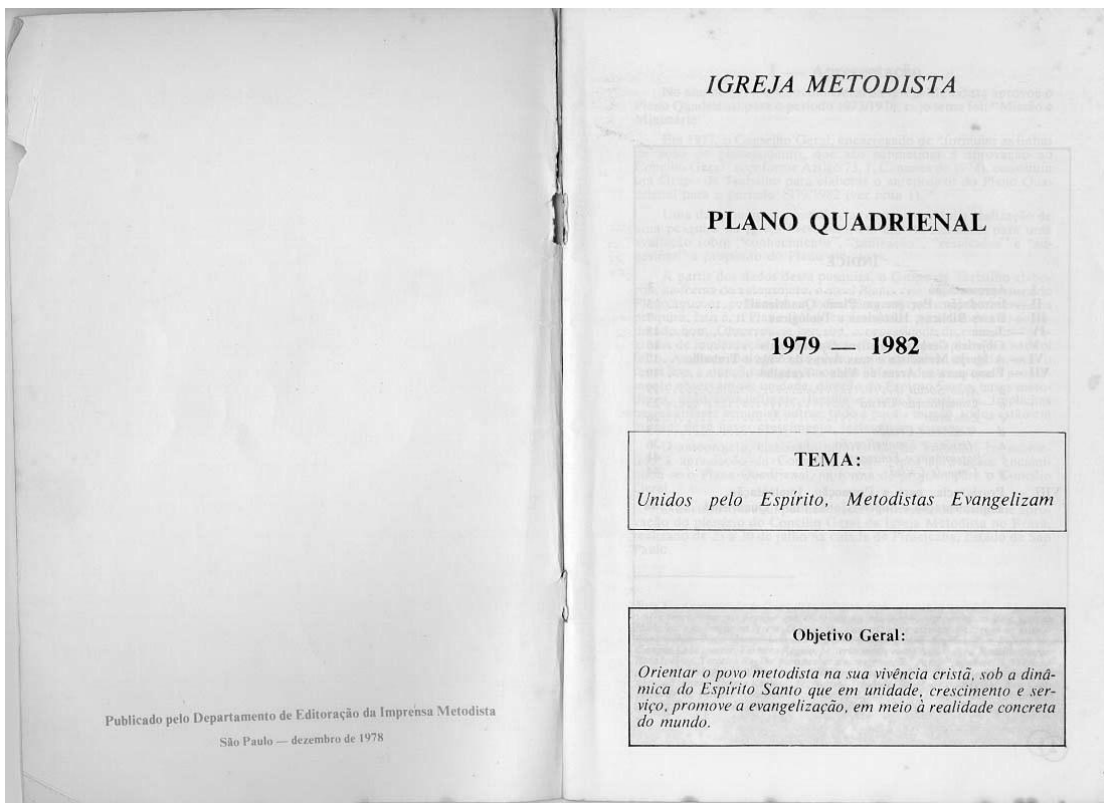
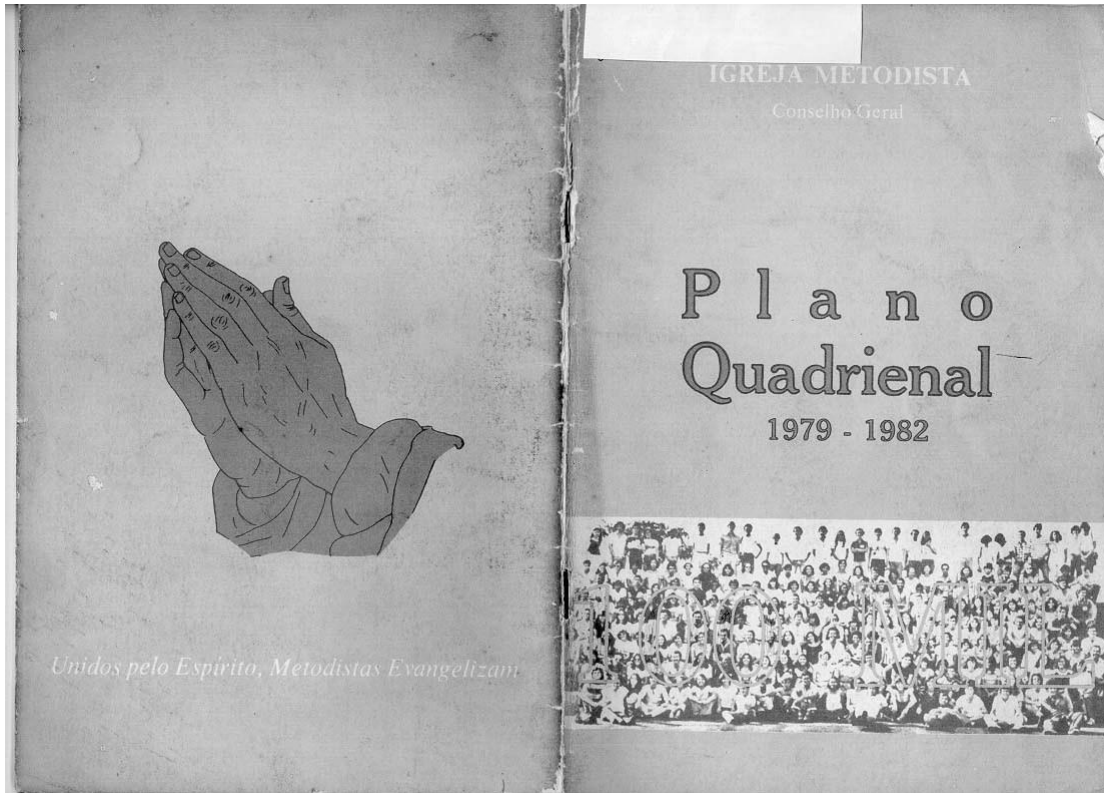
c) Produção de Material Audiovisual e Outros — Que o DEGECOM crie as condições materiais e humanas para a produção deste material, sua divulgação entre as Igrejas e instituições. O aproveitamento de material já existente nesta área anteriormente produzido pelo ex-CAVE e outras entidades, deverão ser aproveitados e divulgados;

d) Encontros e preparação de produtores de material escrito, falado e televisado — É do interesse máximo da Igreja que se promova o preparo de pessoas interessadas e com dons para esse tipo de trabalho, através dos ENCONTRO COMUNICA e outros, como parte do planejamento do DEGECOM. Que o I.M.S., através da Faculdade de Comunicação se envolva no preparo do elemento humano para o trabalho de comunicação da Igreja;

e) Setor de promoção, colportagem, vendas e colocação de material — Que o DEGECOM dê atenção mais específica e técnica aos aspectos de divulgação e comercialização, referente a todo o material relacionado com a Imprensa Metodista e outras agências.

Anexo 5

2º Plano Quadrienal 1979 a 1982



ÍNDICE

I — Apresentação	3
II — Introdução: Por que um Plano Quadrienal?	5
III — Bases Bíblicas, Históricas e Teológicas	7
IV — Tema	13
V — Objetivo Geral e Objetivos Operacionais	16
VI — A Igreja Metodista e suas Áreas de Vida e Trabalho ..	17
VII — Plano para as Áreas de Vida e Trabalho	19
a — Ação Social	19
b — Comunicação Cristã	23
c — Educação	26
d — Ministério Cristão	33
e — Missões e Evangelização	36
f — Patrimônio e Finanças	41
g — Unidade Cristã	44
VIII — Provisões para a Promoção, Implantação, Implementação e Supervisão do Plano Quadrienal	48

I — Apresentação

No ano de 1974, o Concílio Geral da Igreja Metodista aprovou o Plano Quadrienal para o período 1975/1978, cujo tema foi: "Missão e Ministério".

Em 1977, o Conselho Geral, encarregado de "formular as linhas de ação de planejamento, que são submetidas à aprovação ao Concílio Geral" (conforme Artigo 73, I, Cânones de 1974), constituiu um Grupo de Trabalho para elaborar o anteprojeto do Plano Quadrienal para o período 1979/1982 (ver nota 1).

Uma das principais providências deste grupo foi a realização de uma pesquisa na Igreja Metodista, em âmbito nacional, para uma avaliação sobre "conhecimento", "utilização", "resultados" e "sugestões" a propósito do Plano em vigor.

A partir dos dados desta pesquisa, o Grupo de Trabalho elaborou, na forma de anteprojeto, o atual Plano, com base na estrutura do Plano anterior, pois foi esta a indicação geral que se pôde observar na pesquisa. Isto é, o Plano Quadrienal anterior, no seu todo, foi considerado bom. Observou-se isto sim, a necessidade de criar um "programa de implantação e implementação do próprio plano", e isto foi feito. As bases teológicas do plano anterior foram mantidas, mas o tema leva a atenção da igreja a outras ênfases, dentre as quais prontamente observam-se: unidade, direção do Espírito Santo, bases metodistas, ação evangelizante, família e vocação pastorais. Implícitas nestas ênfases acham-se outras: tudo é para a missão, todos estão em missão; deve haver crescimento, testemunho e serviço.

O anteprojeto, elaborado pelo Grupo de Trabalho, foi submetido à apreciação do Conselho Geral. Após aprovação, encaminhou-se o Plano Quadrienal, na forma de projeto, para o Concílio Geral.

O documento, aqui publicado, tem a forma final conforme aprovação do plenário do Concílio Geral da Igreja Metodista no Brasil, realizado de 23 a 30 de julho na cidade de Piracicaba, Estado de São Paulo.

Nota 1 — A constituição do Grupo de trabalho obedeceu aos seguintes critérios: cada região se fez representar por pessoas que eram, ao mesmo tempo, representantes de grupos de idade, sexo ou função na Igreja. O grupo ficou autorizado a assessorar-se, caso necessário. Composição: Bispo Moacyr Louzada Machado (bispo, Quarta Região); Rev. Nelson Luiz Campos Leite (pastor, Terceira Região, posteriormente eleito Bispo); Rev. Ronaldo Sathler Rosa (pastor, Terceira Região, para ocupar a representação "pastor", após a eleição episcopal do Rev. Nelson Leite); Sra. Nancy Schisler Tims (senhoras, Primeira Região); Fernando Abraão (jovens, Quinta Região); Sr. Norival Trindade (leigos, Sexta Região); Rev. Clory Trindade de Oliveira (coordenador, Segunda Região); Rev. Hélerston Bastos Rodrigues (pastor, Quinta Região, como assessor-secretário).



"Unidos
pelo
Espírito,
metodistas evangelizam"

Plano Quadrienal
79-82

Vamos aos cem mil!

II — Introdução: Por que um Plano Quadrienal?

A Igreja Metodista no Brasil, reunida em Concílio Geral, estabeleceu o seu Plano Quadrienal para o período de 1979/1982. Os vários níveis da igreja (local, regional ou geral) recebem este documento com o compromisso de o executarem.

Antes de prosseguirmos, cabe a pergunta: "Por que um Plano Quadrienal?"

No Livro Sagrado, em Atos dos Apóstolos, capítulo 15, lemos a respeito de um problema que requereu solução da parte dos cristãos da Igreja Primitiva. O problema foi assim formulado: "Se não vos circuncidardes segundo o costume de Moisés, não podeis ser salvos". Reuniram-se os apóstolos e presbíteros — representando a igreja, portanto — para examinar a questão, e "houve grande debate". Acharam uma solução, isto é, estabeleceram um plano: elegeram dois representantes, Judas e Silas, e os comissionaram para irem às igrejas, levando certa mensagem, a qual tinha por base o seguinte: "pareceu bem ao Espírito Santo e a nós não vos impor maior encargo além destas coisas essenciais". Seguiram-se, então, as coisas essenciais para aquelas igrejas.

Reunida em Concílio Geral, a Igreja Metodista no Brasil, através de seus representantes, eleitos, bem podem afirmar "pareceu bem ao Espírito Santo e a nós". O Plano Quadrienal não impede a obra do Espírito Santo, mas aceita que Ele já está operando. Igualmente, o Plano aceita que a nossa sensibilidade humana, aos problemas e necessidades, tem o seu lugar. O Espírito opera e nós trabalhamos também.

Assim, diante da pergunta "Por que um Plano Quadrienal?" obtemos uma primeira resposta: Porque pareceu bem ao Espírito Santo e a nós.

Outras respostas ainda podem ser relacionadas, tais como: Porque um Plano motiva, impulsiona, nutre e objetiva a missão divina da Igreja.

Porque um plano serve para conscientizar a Igreja a respeito de suas maiores necessidades nos dias atuais, estabelecendo metas a serem alcançadas.

Porque um Plano indica prioridades, mobilizando a Igreja no sentido de concentrar suas energias e recursos na direção de alvos definidos.

Porque, dentro do sistema conexional ou episcopal da Igreja Metodista — no qual as igrejas se relacionam umas com as outras e não são isoladas entre si — o Plano colabora para a unidade da Igreja, que poderá exercer suas atividades na unidade pelo Espírito, na unidade de propósitos, na alegria comum quando alcançar as metas a que todos estavam desejando chegar.

Porque a vida atual se caracteriza como um processo, onde o planejamento tem o seu lugar, a fim de que melhores resultados sejam conseguidos em menos tempo e com menores recursos, demonstrando eficiência e produtividade.

Porque o Plano é, em verdade, um documento produzido pela Igreja como um todo. Na sua elaboração participaram pessoas trabalhando representativamente, em nome da Igreja; na sua aprovação final decidiu o Concílio Geral, instância máxima na vida administrativa da Igreja.

Porque o Plano, indicador de alvos e metas, deve ser o documento base para a elaboração dos programas de ação da igreja nos seus diversos níveis — geral, regional, local — permitindo assim uma unidade, dada pelo plano, em uma diversidade — os programas, segundo as necessidades maiores nas localidades e segundo os carismas, recursos humanos e financeiros que disponham.

O Plano propõe um tema, um objetivo geral e objetivos específicos para as várias áreas de vida e trabalho da Igreja. Relaciona, também, alguns meios pelos quais estes objetivos podem ser alcançados. Entretanto, há uma fase seguinte a ser elaborada pelos órgãos ou entidades ou igrejas — geral, regional e local —. É a fase do programa. O programa, com base no plano, é minucioso, o local de desenvolvimento das atividades, as pessoas — ou órgãos, ou entidades — responsáveis pelas atividades, e os prazos para as atividades. A partir de um só plano a Igreja, portanto, terá seus vários programas — geral, regional, local, de instituição, de órgãos —. Todos estes programas buscarão, pelos meios que forem estabelecidos, alcançar as metas gerais propostas no Plano Quadrienal.

Para sermos ainda mais claros, o Conselho Geral, ao fazer seu programa, conforme Artigo 65.2, deve levar em conta o Plano Quadrienal. O mesmo comportamento deve existir no Conselho Regional, conforme Arts. 82.7 e 90.1 e ainda no Conselho Local, conforme Artigo 109. As Instituições ou órgãos — educativos, assistenciais, de serviços — terão que levar em conta o Plano Quadrienal ao elaborarem seus programas.

6

Porque um Plano indica prioridades, mobilizando a Igreja no sentido de concentrar suas energias e recursos na direção de alvos definidos.

Porque, dentro do sistema conexional ou episcopal da Igreja Metodista — no qual as igrejas se relacionam umas com as outras e não são isoladas entre si — o Plano colabora para a unidade da Igreja, que poderá exercer suas atividades na unidade pelo Espírito, na unidade de propósitos, na alegria comum quando alcançar as metas a que todos estavam desejando chegar.

Porque a vida atual se caracteriza como um processo, onde o planejamento tem o seu lugar, a fim de que melhores resultados sejam conseguidos em menos tempo e com menores recursos, demonstrando eficiência e produtividade.

Porque o Plano é, em verdade, um documento produzido pela Igreja como um todo. Na sua elaboração participaram pessoas trabalhando representativamente, em nome da Igreja; na sua aprovação final decidiu o Concílio Geral, instância máxima na vida administrativa da Igreja.

Porque o Plano, indicador de alvos e metas, deve ser o documento base para a elaboração dos programas de ação da igreja nos seus diversos níveis — geral, regional, local — permitindo assim uma unidade, dada pelo plano, em uma diversidade — os programas, segundo as necessidades maiores nas localidades e segundo os carismas, recursos humanos e financeiros que disponham.

O Plano propõe um tema, um objetivo geral e objetivos específicos para as várias áreas de vida e trabalho da Igreja. Relaciona, também, alguns meios pelos quais estes objetivos podem ser alcançados. Entretanto, há uma fase seguinte a ser elaborada pelos órgãos ou entidades ou igrejas — geral, regional e local —. É a fase do programa. O programa, com base no plano, é minucioso, o local de desenvolvimento das atividades, as pessoas — ou órgãos, ou entidades — responsáveis pelas atividades, e os prazos para as atividades. A partir de um só plano a Igreja, portanto, terá seus vários programas — geral, regional, local, de instituição, de órgãos —. Todos estes programas buscarão, pelos meios que forem estabelecidos, alcançar as metas gerais propostas no Plano Quadrienal.

Para sermos ainda mais claros, o Conselho Geral, ao fazer seu programa, conforme Artigo 65.2, deve levar em conta o Plano Quadrienal. O mesmo comportamento deve existir no Conselho Regional, conforme Arts. 82.7 e 90.1 e ainda no Conselho Local, conforme Artigo 109. As Instituições ou órgãos — educativos, assistenciais, de serviços — terão que levar em conta o Plano Quadrienal ao elaborarem seus programas.

6

III — Bases Bíblicas, Históricas e Teológicas

Um PLANO é feito a partir de realidades concretas, que o tornem um instrumento a serviço da missão. O presente plano é fundamentado com uma base bíblica, através de textos do Antigo e do Novo Testamento, uma indicação da herança histórica do metodismo, conforme se encontra na constituição da Igreja Metodista, um resumo de "As Marcas de um Metodista", documento produzido por João Wesley e uma análise contemporânea da Fé Cristã.

A — Textos Bíblicos Básicos

- 1 — Marcos 1.14-15 — Jesus anuncia o Reino de Deus.
- 2 — Mateus 4.23 — Jesus ensina, prega e cura.
- 3 — Lucas 4.18-19 — O Espírito envia a evangelizar, a proclamar libertação e a pregar.
- 4 — I Pedro 2.9-10 — O povo de Deus em ação.
- 5 — Mateus 28.19-20 — Ide e fazei discípulos.
- 6 — João 3.16 — Amor e providências da parte de Deus.
- 7 — Atos 2.1-41 — Pentecostes, evangelização e comunidade cristã.
- 8 — I Coríntios 12.1-31 e 13.1-13 — Deus, unidade e amor.
- 9 — Marcos 16.15 — Ide por todo o mundo e pregai.
- 10 — Atos 1.8 — Espírito, poder e testemunho.
- 11 — Efésios 4.4-6 — Um corpo, um espírito, um Senhor, uma fé e um batismo.
- 12 — Romanos 12.3-21 — Unidade na diversidade do serviço cristão.
- 13 — II Coríntios 5.17 a 6.1 — Cristo, a reconciliação, a nova vida e os cooperadores.
- 14 — Gálatas 5.22-23 — O fruto do Espírito.
- 15 — Efésios 1.1-14 — Em Cristo convergem todas as coisas.
- 16 — Deuteronômio 6.4-9 — O senhorio de Deus.
- 17 — Miquéias 6.6-8 — Deus requer a misericórdia, a justiça e a humildade.
- 18 — Isaías 55.6 — Buscai o Senhor.
- 19 — Isaías 6.1-8 — Envia-me a mim, Senhor.

7

III — Bases Bíblicas, Históricas e Teológicas

Um PLANO é feito a partir de realidades concretas, que o tornem um instrumento a serviço da missão. O presente plano é fundamentado com uma base bíblica, através de textos do Antigo e do Novo Testamento, uma indicação da herança histórica do metodismo, conforme se encontra na constituição da Igreja Metodista, um resumo de "As Marcas de um Metodista", documento produzido por João Wesley e uma análise contemporânea da Fé Cristã.

A — Textos Bíblicos Básicos

- 1 — Marcos 1.14-15 — Jesus anuncia o Reino de Deus.
- 2 — Mateus 4.23 — Jesus ensina, prega e cura.
- 3 — Lucas 4.18-19 — O Espírito envia a evangelizar, a proclamar libertação e a pregar.
- 4 — I Pedro 2.9-10 — O povo de Deus em ação.
- 5 — Mateus 28.19-20 — Ide e fazei discípulos.
- 6 — João 3.16 — Amor e providências da parte de Deus.
- 7 — Atos 2.1-41 — Pentecostes, evangelização e comunidade cristã.
- 8 — I Coríntios 12.1-31 e 13.1-13 — Deus, unidade e amor.
- 9 — Marcos 16.15 — Ide por todo o mundo e pregai.
- 10 — Atos 1.8 — Espírito, poder e testemunho.
- 11 — Efésios 4.4-6 — Um corpo, um espírito, um Senhor, uma fé e um batismo.
- 12 — Romanos 12.3-21 — Unidade na diversidade do serviço cristão.
- 13 — II Coríntios 5.17 a 6.1 — Cristo, a reconciliação, a nova vida e os cooperadores.
- 14 — Gálatas 5.22-23 — O fruto do Espírito.
- 15 — Efésios 1.1-14 — Em Cristo convergem todas as coisas.
- 16 — Deuteronômio 6.4-9 — O senhorio de Deus.
- 17 — Miquéias 6.6-8 — Deus requer a misericórdia, a justiça e a humildade.
- 18 — Isaías 55.6 — Buscai o Senhor.
- 19 — Isaías 6.1-8 — Envia-me a mim, Senhor.

7



João Wesley

B — A Herança Histórica do Metodismo

1 — Constituição da Igreja Metodista (Cânones 1978, pg. 17).

Art. 40 — A Igreja Metodista adota os princípios de fé aceitos pelo Metodismo Universal, os quais têm por fundamento as Sagradas Escrituras do Antigo e Novo Testamento, testemunho escrito da revelação divina, dado por homens movidos pelo Espírito Santo, os quais contêm tudo quanto é necessário para a salvação, e são suficiente regra de fé e prática para os cristãos.

§ 1º — A tradição doutrinária metodista orienta-se pelo Credo Apostólico, pelos Vinte e Cinco Artigos de Religião do Metodismo Histórico e pelos Sermões de João Wesley e suas notas sobre o Novo Testamento.

§ 2º — A doutrina Social da Igreja Metodista se expressa no Credo Social.

2 — As Marcas de um Metodista (João Wesley) — resumo adaptado

2.1 — Metodista é alguém que, pelo Espírito Santo, tem o amor de Deus em seu coração; é alguém que ama ao Senhor, seu Deus, "com todo o seu coração, com toda a sua alma, com todo o seu entendimento e força". Ele se regozija em todo o tempo, porque o "perfeito amor" lançou fora o medo.

2.2 — Metodista é aquele que tendo esperança, em tudo dá graças, sabendo que esta é a vontade de Deus a seu respeito, em Cristo Jesus. O metodista recebe, portanto, todas as coisas como que vindas de Deus. Ele dá graças a Deus do fundo do seu ser, seja na dor ou na ventura, na doença ou na saúde, seja na vida ou na morte.

2.3 — O coração de um metodista está sempre voltado para Deus, em todas as horas e lugares. Ele anda com Deus continuamente e em todo o lugar. "Aquele que diz amar a Deus ame, também, a seu irmão". Por isso ele ama ao seu próximo como a si mesmo e a cada homem como a sua própria alma. Seu coração está cheio de amor à humanidade. Ele ama até mesmo aos seus inimigos.

8

2.4 — A única intenção do metodista, em todo o tempo e em todas as coisas, é ser agradável a Jesus Cristo e não a si mesmo. O seu olhar é simples. E por serem os seus olhos simples, também o seu corpo está cheio de luz. Todo o seu pensamento aponta para Deus e ele é obediente à lei de Cristo.

2.5 — O metodista guarda os mandamentos divinos, porque ama a Deus. Ele guarda não apenas a alguns ou a maior parte deles, mas a todos, do menor ao maior. Ele evita tudo o que Deus proíbe e faz tudo o que ele aprecia, seja isto grandioso ou simples, fácil ou difícil, alegre ou pesado. Por ter sido libertado, o metodista guarda os mandamentos de Deus com todas as suas forças. A sua obediência é proporcional ao seu amor, e este é a fonte da qual ela flui. E, assim, amando a Deus com todo o coração, ele o serve com todas as forças de que é dotado. Ele emprega constantemente todos os dons que recebeu — como todos os poderes e facultades de seu ser e todos os membros de seu corpo — de acordo com a vontade de Cristo. Os seus negócios, diversões, e vida social, como também as suas orações, servem a este mesmo fim.

2.6 — A norma invariável do metodista é sempre esta: "E tudo quanto fizerdes, seja em ação ou em palavras, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando glória a Deus Pai". Os costumes do mundo não o impedem de "correr a carreira que lhe está proposta". Ele sabe que o vício é sempre vício, mesmo que agora esteja "na moda".

2.7 — O metodista, na medida de suas forças, faz o bem a todos, amigos e inimigos, ao próximo e ao estranho, e isto em todas as formas: não só a seus corpos, vestindo o nus, dando de comer a quem tem fome, mas, muito mais que isto, procurando o bem de suas almas, de acordo com os dons que vêm de Deus.

2.8 — O metodista acredita, na verdade, que "Toda a Escritura é dada por inspiração de Deus..." e aqui nos distinguimos de judeus, muçulmanos e dos não cristãos. Cremos que a Palavra de Deus, escrita, é a única e suficiente regra não só da fé como da conduta cristã, e aqui nos distinguimos dos que pertencem à Igreja Católica Romana. Cremos que Cristo é o eterno e o supremo Deus, e aqui nos distinguimos dos socinianos e dos arianos. De modo algum, porém, queremos nos distinguir dos cristãos reais qualquer que seja sua denominação — como também daqueles que, sinceramente, buscam aquilo que reconhecem ainda não possuírem.

2.9 — E assim vos vogo, meus irmãos, pelas misericórdias de Deus, que não sejais divididos entre vós. E o teu coração reto para comigo, assim como o meu o é para contigo? Eu nada mais pergunto. Se assim o for, dá-me a tua mão. Não destruamos a obra de Deus por causa de simples termos e opiniões. Tu serves e amas a Deus? Isto é o bastante. Estendo-te a minha mão direita em sinal de comunhão.

9

C — Bases Teológicas

1 — A Missão de Deus no mundo é estabelecer o seu Reino. Participar da implantação do seu Reino em nosso mundo, pelo Espírito Santo, constitui-se na tarefa evangelizante da Igreja.

2 — O Reino de Deus é o alvo do Deus Trino e significa o surgimento do novo mundo, da nova vida, do perfeito amor, da justiça plena, da autêntica liberdade e da completa paz. Tudo isto está introduzido em nós e no mundo como semente que o Espírito está fazendo brotar, como lemos em Romanos 8.23: "Nós temos as primícias do Espírito, aguardando a adoção de filhos", ou ainda em II Coríntios 1.21-22: "Mas aquele que nos confirma conosco em Cristo, e nos ungiu, é Deus, que também nos selou e nos deu o penhor do Espírito em nossos corações".

3 — Jesus iniciou a sua Missão no Mundo com a pregação: "O tempo está cumprido e o Reino de Deus está próximo, arrependei-vos e crede no Evangelho", conforme Marcos 1.15.

4 — Conseqüentemente, o Propósito de Deus é libertar o ser humano de todas as coisas que o escravizam, concedendo-lhe uma nova vida à imagem de Jesus Cristo, através da ação e poder do Espírito Santo, a fim de que, como Igreja, constitua neste mundo e neste momento histórico, sinais concretos do Reino de Deus.

5 — A Bíblia nos afirma que "Há um só Corpo, e um só Espírito, e somente uma esperança para a qual Deus nos chamou. Há um só Senhor, uma só fé e um só batismo. E há somente um Deus e Pai de todos, que é o Senhor de todos, que age por meio de todos, e está em todos", conforme Efésios 4.4-6.

6 — A Fé Cristã é uma e a sua unidade determina a unidade da Igreja Metodista, como parte do Corpo de Cristo, que é em si mesmo a unidade cristã por excelência.

7 — A Fé Cristã é inclusiva alcançando todos os homens, todas as instituições, e todos os setores da vida, bem como o homem total, nos diferentes aspectos de sua vida. A Fé Cristã é para todos os homens, em todos os lugares e em todas as épocas. O amor de Deus revelado e encarnado em Jesus Cristo, é suficiente para cobrir e alcançar qualquer tipo de homem, quaisquer que sejam suas idéias, suas condições sociais, políticas, econômicas ou religiosas. A Fé Cristã é também, para o homem todo, isto é, para a totalidade do homem, incluindo o seu corpo e todas as suas exigências, incluindo o seu espírito e tudo o que isto significa na vida humana. Não há, pois, na vida de alguém, qualquer aspecto que seja estranho ou impossível ao amor redentor de Deus em Jesus Cristo.

10

8 — A Fé Cristã é para o mundo: "de tal maneira amou Deus ao mundo, que enviou o seu filho unigênito..." O mundo é o objeto do amor e da ação de Deus. O mundo é o palco onde a Igreja Cristã cumpre a sua missão. O mundo é a habitação dos seres humanos: ali eles nascem, crescem, sofrem, se alegrem, alcançam vitórias e derrotas; ali eles são confrontados com Jesus Cristo, ali eles se qualificam para o Reino de Deus.

9 — Tudo na Igreja Metodista é e existe para a Missão, que é a renovação do homem em Jesus Cristo, sua entrada no Reino, e o seu contínuo crescimento, de tal sorte que tenhamos não apenas "mais" homens cristãos, mas igualmente tenhamos cristãos "melhores", isto é, mais plenamente possuídos pelo Espírito Santo.

10 — A Fé Cristã é uma qualidade de vida, uma forma de vida e conseqüentemente, cuja característica essencial é o amor de Deus. O que caracteriza o cristão é a vida de amor. Amar é servir. O cristão só é cristão na proporção em que se torna participante, ativo, voltado para a missão divina no mundo; na proporção em que "a fé se expressa em obras, a fim de não estar morta"; na proporção em que se torna uma carta de Deus para o mundo, para os outros, sob a direção e inspiração do Espírito Santo.

11 — A Fé Cristã se caracteriza por constante crescimento na "graça e no conhecimento de Jesus Cristo" como condição para o serviço cristão no mundo, bem como para a santificação pessoal. O propósito de Deus é que sejamos feitos à imagem de seu Filho. A Igreja Metodista reconhece a importância e a insubstituível necessidade da Igreja na vida dos cristãos; isto é, daquilo que a Igreja representa como "o povo de Deus", que se reúne para a promoção do culto, pregação da Palavra e devida ministração dos sacramentos, para a nutrição da fé, para a manutenção da fraternidade cristã e disciplina do mundo.

12 — A Fé Cristã requer que o povo de Deus seja nutrido e preparado devidamente para o seu testemunho vital e constante no mundo. Não basta ser cristão para si mesmo, é preciso ser cristão para os outros, especialmente para aqueles com quem vivemos diariamente. É a tarefa da Igreja preparar convenientemente os membros para o seu efetivo testemunho.

13 — A Fé Cristã requer um cuidado especial no recrutamento e preparo de seus obreiros especiais, pois a eles compete a ingente tarefa de preparar os leigos para a missão no mundo. Mas, antes de preparar os outros, é preciso que eles próprios sejam muito bem preparados. E depois de preparados, devem ser bem aproveitados como aqueles que preparam o povo de Deus para a sua missão. A Igreja Metodista reconhece a importância do ensino bíblico teológico que prepara pastores; reconhece, igualmente a dignidade do ministério especial, do pastorado, como suficiente em si mesma, devido ao conteúdo da própria missão e do objetivo que busca, de preparar o leigo para o exercício da Fé Cristã, do testemunho e serviço cristão e da proclamação do Evangelho de Jesus Cristo.

11

14 – A Igreja precisa constantemente renovar-se em Jesus Cristo, transformando a sua mente, e por isso reconhece a imperiosa necessidade de utilizar todos os recursos a seu alcance para a renovação da vida do povo metodista, a fim de que se reconheça existindo verdadeiramente para a Missão.

15 – A Fé Cristã nasce numa comunidade cristã e deve desenvolver-se nela continuamente. A comunidade da fé é o "ambiente" onde as palavras tornam-se realidade e aquilo que cremos ser a obra de Deus para salvar o ser humano é concretizado na vida dos que dela fazem parte. "A fé vem pelo ouvir a Palavra de Deus e a comunidade da fé é o povo que anuncia, vive e chama os outros para a fé, quer por atos de amor, quer por palavras". A igreja local, comunidade da fé, deve oferecer condições para que os homens aí encontrem ambiente próprio ao crescimento espiritual e ao aparecimento dos frutos. Pastores e leigos devem, como parte de sua vivência, fortalecer o desenvolvimento destas etapas da fé: nascer, crescer e frutificar. A eles competem preparar a terra, semear e cuidar, enquanto o Senhor dá o crescimento.

16 – Fé Cristã é algo tão rico que, uma vez descoberta e vivenciada, deve ser comunicada. Paulo expressou isso ao dizer: "Ai de mim se não comunicar o Evangelho!" Ao comunicá-la é que o cristão chega à plenitude de sua vocação: "Vós sois o sacerdócio real... para que anunciéis as virtudes daquele que vos tirou das trevas para a sua maravilhosa luz" (1 Pedro 2.9-10). Mas, a comunicação é um processo em que diferentes partes estão envolvidas – os que anunciam a mensagem, os que a recebem e a mensagem em si mesma. Na missão cristã, Deus é quem comunica seu propósito, através da Igreja. E, nós, os receptores da mensagem.

17 – A Fé Cristã é essencialmente obra de Deus. E neste sentido a Igreja é de Deus e vive para Deus, cumprindo a missão de Deus no mundo. E isto significa que a Igreja só é Igreja quando revestida e orientada, e, poderosamente fortalecida no Espírito Santo. Na presença, orientação, capacitação e poder do Espírito Santo a Igreja cumpre a missão. A Igreja não tem controle sobre o Espírito Santo; não depende dela, o conduzir o Espírito Santo, revestir-se dele ou determinar a sua partilha. Mas, certamente, a Igreja pode por obstáculos à ação do Espírito Santo, de tal sorte que ela se torne uma instituição praticamente humana. E isto é o que acontece constantemente na vida da Igreja. A Igreja Metodista no Brasil reconhece que tudo na Fé Cristã depende da presença e ação do Espírito Santo, e que todas as coisas ditas anteriormente só têm sentido quando acontecem no poder do Espírito Santo; daí, a urgente necessidade de o povo de Deus estar sensível à ação do Espírito Santo, e tudo fazer para não se tornar, consciente ou inconscientemente, uma pedra de tropeço ao Espírito Santo.

12

IV — O Tema do Plano Quadrienal

De quais ênfases estaríamos precisando, hoje, na vida e trabalho da Igreja Metodista no Brasil? É necessário reafirmar que tudo é e existe para a missão, e que todos estão em missão. É preciso reconhecer que a atuação do Espírito Santo proporciona crescimento e unidade, impelindo a Igreja ao testemunho, serviço e evangelização no mundo, campo no qual a igreja vive e opera. Deve-se recordar que, como igreja, não estamos desvinculados de nossas raízes históricas – metodismo – e que somos participantes da problemática social, cultural, política e econômica do mundo de hoje, em especial do país em que vivemos.

Consideramos importantes as seguintes afirmativas:

1 – O propósito de Deus é salvar o ser humano, concedendo-lhe nova vida à imagem de Jesus Cristo, integrando-o no seu reino, através da ação e poder do Espírito Santo, a fim de que, como Igreja, constitua neste mundo e neste momento histórico, sinais concretos do Reino de Deus.

2 – A missão da Igreja é participar da ação de Deus nesse seu propósito.

3 – Deus, em sua revelação histórica, encarnado na pessoa de Jesus Cristo, inspirou a composição das Sagradas Escrituras, texto básico para o conhecimento do caminho, da verdade e da vida.

4 – A Igreja Metodista no Brasil afirma-se parte integrante da Igreja Universal de Nosso Senhor Jesus Cristo. Ao mesmo tempo, sem perder sua universalidade, afirma-se parte integrante do movimento mundial do Metodismo, reconhecendo, assim, o seu lugar e função no corpo de Cristo, aceitando que Deus lhe tem dado uma vocação específica. Para afirmar-se, é preciso conhecer-se, isto é, ir às raízes históricas do metodismo e entendê-lo à luz da época atual.

5 – Nada ou pouco valerá essa volta ao passado se a Igreja não estiver, hoje, disponível à ação renovadora e atualizadora do Espírito Santo. Em unidade e crescimento, pelo Espírito Santo, a Igreja – no conjunto de todos os seus membros e de tudo o que é e possui – realizará a missão em testemunho, serviço e evangelização.

6 – Sentimos a necessidade de uma renovação e revitalização da consciência vocacional do ministério pastoral, a fim de nos dispormos a pregar o Cristo exigido por ela. Sem esta consciência vocacional e sem disponibilidade para a obra, seria inútil qualquer planejamento.

13

7 – O ministério pastoral do metodismo brasileiro mostra-se portador de várias tendências, às vezes conflitantes, em teologia e prática. Urge, pois, uma formação de mentalidade, de propósitos e de atitudes que sejam mobilizadores de crescimento e unidade.

8 – No momento, constata-se uma preocupação teológica voltada para melhor compreensão da pessoa e obra do Espírito Santo; esta tarefa implica em diálogo cristão, leitura e estudo bíblico em profundidade, conhecimento das experiências da história da Igreja, sobretudo do metodismo, compartilhando, também, com outras comunidades cristãs.

9 – O sistema de vida contemporânea, altamente secularizado, no qual Deus, a fé, o sagrado, vão perdendo lugar de vital importância, tem conduzido o ser humano a situações de profunda angústia, tédio e desprazer no viver, impedindo ou dificultando uma vida de comunhão com o seu próximo e especialmente com Deus.

10 – O viver humano, nestes dias, é altamente condicionado pela técnica, pelo consumismo imediato, pelos falsos valores do materialismo, pela massificação, pelo esquema de uma sociedade mercantilista. Sente-se a imperiosa necessidade de permitir ao ser humano a criação de situações nas quais ele tenha um confronto com a pessoa salvadora e libertadora de Jesus Cristo. Urge anunciar uma "notícia boa" no meio de tantas más notícias. Urge evangelizar.

11 – A vivência da família nos dias de hoje deve ser nossa constante preocupação. Somos chamados a dar prioridade à unidade da família e a um ministério pastoral, cujo centro não seja apenas o indivíduo mas a família. A Igreja é o instrumento de reconciliação e renovação da vivência familiar. A família torna-se um grande desafio para a Igreja e os cristãos.

12 – A Igreja é colocada no momento como "sal da terra", "luz do mundo", "corpo de Cristo", "povo de Deus", "fermento", grupo de "cooperadores". Sob o Espírito Santo, essa Igreja é impulsionada a testemunhar, servir, evangelizar.

13 – Tudo na Igreja Metodista: ministérios, instituições educacionais e de serviço, igrejas locais, congregações, sociedades e grupos e o próprio patrimônio, existe em função da Missão, isto é, do testemunho, serviço e evangelização.

14 – Todos os membros da Igreja pelo fato de pertencerem ao povo de Deus através do batismo, são ministros do evangelho. São chamados por Deus, preparados pela Igreja para, sob a ação do Espírito Santo, cumprirem a missão, em testemunho, serviço e evangelização.

14

15 – A Igreja só é Igreja quando revestida, orientada e poderosamente fortalecida no Espírito Santo. É preciso, porém, que a Igreja reconheça que ela não tem controle sobre o Espírito Santo; não é sua função conduzir o Espírito Santo, determinando quem deve revestir-se dele ou dele participar. Atuando na Igreja, o Espírito Santo proporciona unidade, crescimento, dá capacitação, recursos, e a conduz ao testemunho, ao serviço e à evangelização.

16 – Sob o Espírito Santo, testemunhando e servindo, a Igreja, através de todos os seus membros e de todos os recursos e bens, efetua a evangelização. Evangelizar é proporcionar ao homem o confronto com a mensagem salvadora do evangelho, capacitando-o a responder com o "sim" de sua vida e a integrar-se na proclamação da mensagem, pertencendo à Igreja mas também permanecendo dentro de sua situação concreta de vida, modificando-a, servindo-a, renovando-a, à luz do evangelho que recebeu e aceitou. Evangelizar, pois, é proporcionar renovação de seres humanos e mudança de situações sociais, econômicas, culturais e políticas nas quais vivem, bem como apontar-lhes a vida eterna.

Essas ênfases, presentes nas afirmativas acima relacionadas, nos conduzem à necessidade e oportunidade de estabelecer para o Plano Quadrienal 1979/1982 o seguinte tema:

Unidos pelo Espírito, Metodistas Evangelizam

O tema será melhor compreendido a partir da formulação do objetivo geral do plano. É o que se encontra a seguir.

15

V — Objetivo Geral do Plano Quadrienal

Conhecidas as bases bíblicas, históricas e teológicas, apresentadas as ênfases e definido o tema, estamos em condições de indicar o objetivo geral do presente Plano Quadrienal.

Reconheçamos que o plano não inova sobre a grande meta da vida e trabalho da Igreja, que é a Missão. Não é a Missão da Igreja, mas Missão de Deus, na qual a Igreja participa.

O plano é elaborado para uma Igreja-Instituição, isto é, a Igreja Metodista, no Brasil.

O plano existe para um momento histórico, apontando metas a serem atingidas, alvos a serem buscados, diretrizes para serem levadas em conta, a fim de que a igreja realize a missão.

Conjugando todas as ênfases, chegamos ao seguinte objetivo geral:

Orientar o povo metodista na sua vivência cristã sob a dinâmica do Espírito Santo que, em unidade, crescimento e serviço, promove a evangelização, em meio à realidade concreta do mundo.

Este objetivo geral indica que o povo metodista deve ser conduzido aos seguintes objetivos operacionais:

1. A compreensão de que a evangelização é uma atitude natural e necessária de todo o cristão que esteja vivendo a nova vida em Cristo, vitalizada pela ação poderosa do Espírito Santo. Isto é o que aprendemos na Palavra de Deus, especialmente em Atos 2.42-47, 4.32-35, 9.31, entre muitos outros textos.
2. A permanente leitura e estudo bíblico, pessoal e comunitário.
3. A caracterização e conhecimento das ênfases marcantes e das doutrinas fundamentais do metodismo.
4. A renovação da família como núcleo de vivência, formação e testemunho cristãos.
5. A consciência de que o Espírito Santo é a presença, o poder e a ação na vida da Igreja.
6. A busca de unidade.
7. Ao crescimento constante na graça e conhecimento de Cristo, sob a ação do Espírito, até que a maturidade cristã seja atingida.
8. A vida de testemunho cristão.
9. A ação evangelizadora pessoal e comunitária, através dos mais diversos meios de expressão e comunicação.
10. Ao conhecimento da problemática social, econômica e cultural do mundo contemporâneo.
11. A vida de serviço cristão.
12. A reconsagração de todos os pastores, no seu ministério específico.
13. A reconsagração de todo o povo metodista como ministros de Deus.

16

VI — A Igreja Metodista e suas áreas de vida e trabalho

A Igreja está em missão. A Igreja vive em missão.

Na Constituição da Igreja Metodista lê-se: "A missão da Igreja Metodista é participar da ação de Deus no seu propósito de salvar o mundo. A Igreja Metodista cumpre a sua missão realizando o culto a Deus, pregando a sua Palavra, ministrando os sacramentos, promovendo a fraternidade e a disciplina cristãs e proporcionando a seus membros meios para alcançarem uma experiência cristã progressiva, visando ao desempenho de seu testemunho a serviço no mundo" (Artigo 3º).

Não é possível dividir a missão em compartimentos inteiramente separados entre si. Mas é possível, para nossa humana compreensão, perceber os aspectos de vida e trabalho da Igreja. Assim podemos afirmar que, num certo momento, a Igreja está "realizando o culto a Deus", em outro caso, através de uma instituição, ou na pessoa de um de seus membros, a Igreja está "servindo" ao próximo. Em outro momento, poderemos observar a igreja no ato de estar "pregando a Palavra".

Considerando a existência destes aspectos, podemos falar em áreas quando elaboramos um plano de vida e trabalho da igreja.

Reconhecemos que toda tentativa de classificar a vida e trabalho da Igreja numa "relação de áreas" sempre mostrará alguma imperfeição. Isto ocorre porque a missão é algo em movimento, dinâmico, e toda "classificação" transmite, em si, numa visão superficial, a idéia de uma realidade estática, parada.

Reconhecemos, pois, que a missão é dinâmica, e que existe uma constante relação de interdependência entre as áreas de vida e trabalho da igreja. O programa das áreas podem e devem ser integrados entre si o mais plenamente, facilitando a própria integração de todas as áreas na missão divina da Igreja. Classificamos e denominamos estas áreas da seguinte forma:

Áreas de vida e trabalho da Igreja Metodista:

- A — Ação Social
- B — Comunicação Cristã
- C — Educação
- D — Ministério Cristão
- E — Missões e Evangelização
- F — Patrimônio e Finanças
- G — Unidade Cristã

17

Se pensarmos em termos de Igreja-em-Ação-no-Mundo, e Igreja-em-Sustentação-de-Si-Mesma, podemos considerar estas áreas em dois grupos: Área de Sustentação e Áreas de Ação propriamente falando.

Na "sustentação", trata-se da Igreja mais no seu interior, em crescimento, nutrição, edificação, organização, celebração (são áreas de Ministério Cristão, Educação Cristã e Teológica, Patrimônio e Finanças, parte de Comunicação). Na "ação" eis a Igreja buscando sua presença no mundo e o contato com as outras igrejas-instituições, proclamando, buscando, servindo, testemunhando, agindo, operando (são áreas de missões e Evangelização, Educação Secular, Ação Social, Unidade Cristã, e parte da Comunicação).

A expressão "Áreas de Vida e Trabalho" surge a partir destas considerações. Estando a Igreja em Vida e Trabalho, eis a Igreja no seu processo de sustentação e ação.

A classificação por áreas tem um efeito didático, básico para o planejamento. Entretanto, é preciso que sempre consideremos a vida e trabalho da igreja no todo das áreas, como um conjunto. Trata-se da Igreja-em-missão.

Cada uma das áreas, neste Plano Quadrienal, é abordada em quatro pontos. Primeiro, a afirmação de conceitos básicos, caracterizadores da área. Segundo, uma relação de finalidades, a saber, os objetivos próprios da área. Terceiro, a caracterização do campo de atuação, pelo qual se procura uma localização do tempo e espaço adequados para a área. Quarto, sugestões de meios de atuação, a saber, algumas pistas de atividades a serem realizadas pelos programas.

Quando a Igreja (em seus níveis geral, regional e local) elaborar os programas (isto é, as atividades a serem desenvolvidas) é preciso levar-se em consideração o intercâmbio das áreas. Exemplo: o ministério cristão realiza a educação cristã, que impulsiona para as missões e evangelização, necessitando de patrimônio e finanças, e no processo da comunicação.

Isto quer dizer que uma "atividade" programada numa área deve estar relacionada com outra "atividade" em outra área, ambas coordenadas em seus esforços para um projeto comum.

Recomendamos ao leitor deste Plano Quadrienal que observe nas páginas seguintes os "conceitos" de cada área, e a seguir as "finalidades", para uma visão geral e de conjunto.

18

VII — Plano para as Áreas de Vida e Trabalho

Apresentamos, a seguir, o plano específico para cada área de vida e trabalho da Igreja Metodista.

A — Área de Ação Social

1. Conceito:

A ação Social da Igreja é parte do testemunho cristão. É o esforço da Igreja para que na terra seja feita a vontade do Pai através da promoção do ser humano, segundo a vida, ensinos, morte e ressurreição de Jesus Cristo, na ação do Espírito Santo.



2. Finalidades:

- 2.1. Atender o ser humano em suas necessidades sociais, econômicas, de saúde, escolares, e outras fundamentais para o exercício de sua dignidade humana.
- 2.2. Ajudar o ser humano a se libertar de tudo quanto o escraviza.
- 2.3. Conscientizar o ser humano a respeito da responsabilidade de sua participação na construção do Reino de Deus e na promoção do bem comum através do exercício responsável da mordomia cristã.
- 2.4. Cuidar da manutenção e previdência dos serventúrios da Igreja através dos meios mais eficientes.

19

3. Campo de Atuação:

A Igreja Metodista cumpre a sua missão na área de Ação Social, atuando nas seguintes ocasiões:

- 3.1. Colocando em prática os princípios da doutrina exposta no Credo Social da Igreja Metodista.
- 3.2. Promovendo integralmente o homem.
- 3.3. Curando e ajudando a curar a enfermidade do povo.
- 3.4. Esforçando-se para mudar, com o Evangelho, as estruturas sociais que se tornaram obsoletas e desumanizantes.
- 3.5. Buscando a justiça tendo como critério o Reino de Deus.
- 3.6. Procurando preservar a integridade da pessoa e do meio ambiente (poluição).
- 3.7. Promovendo a paz, combatendo a guerra e toda a violência e esclarecendo os homens quanto às verdadeiras causas dos conflitos sociais.
- 3.8. Promovendo a educação do ser humano em sentido integral, atingindo todas as faixas etárias.
- 3.9. Exercendo responsabilmente a mordomia cristã.

4. Meios de Atuação:

A Igreja Metodista cumpre a sua missão na área de Ação Social, usando os seguintes meios:

- 4.1. Manifestação na estrutura e ação da Igreja dos princípios da justiça social, amor e fidelidade cristãos.
- 4.2. Participação e promoção da justiça social na comunidade.
- 4.3. Esforço da Igreja, a partir da ética cristã, por um desenvolvimento econômico-político-social.
- 4.4. Promoção de encontros, estudos e concretização de projetos sobre:
 - 4.4.1. Planejamento familiar.
 - 4.4.2. Menor abandonado.
 - 4.4.3. Prostituição (notadamente infanto-juvenil).
 - 4.4.4. Previdência Social.
 - 4.4.5. Cooperativismo.
 - 4.4.6. Velhice desamparada.

20



- 4.4.7. O problema do índio brasileiro.
- 4.4.8. O problema da fome.
- 4.4.9. Situação do homem das regiões rurais.
- 4.4.10. O problema do encarcerado.
- 4.5. Estímulo ao desenvolvimento de uma cidadania responsável e preparo para maior participação nas estruturas de decisões.
- 4.6. Criação de estruturas que visem ao desenvolvimento da consciência nacional para a promoção das minorias étnicas, notadamente o índio.
- 4.7. Denúncia pública e oficial:
 - 4.7.1. Das causas e efeitos nocivos dos males sociais.
 - 4.7.2. Do uso dos meios de comunicação como instrumento de propaganda de males sociais (bebidas alcoólicas, fumo, exploração do sexo, violência, jogos de azar, loterias, etc.) que contribuem para a destruição da saúde física, mental, social e espiritual do ser humano.
 - 4.7.3. Do uso dos meios de comunicação como instrumentos de agressão e massificação do ser humano, especialmente as crianças.
- 4.8. Promoção e prática do uso racional e sadio do lazer.
- 4.9. Empenho pela completa liberdade de expressão, como meio de aprimorar o processo de aperfeiçoamento dos ideais de justiça e segurança.
 - 4.10. Manifestação da Igreja de sua preocupação:
 - 4.10.1. Com a inflação em nosso país.
 - 4.10.2. Com os desníveis salariais da população.
 - 4.10.3. Com a concentração de riquezas e má distribuição da renda nacional.
 - 4.10.4. Com a insuficiência do salário mínimo em face da alta carestia do custo de vida.
 - 4.10.5. Com a política salarial do governo e da própria Igreja.
 - 4.10.6. Com as excessivas facilidades de compra a crédito e suas conseqüências.
 - 4.11. Levantamento e cadastramento de todos os órgãos assistenciais existentes na comunidade local, visando a um trabalho comum.

22

B — Área de Comunicação Cristã

1. Conceito

Comunicação cristã é o processo de transmissão da mensagem do Evangelho de Cristo, na forma de símbolos, quer sejam palavras ou imagens, através dos veículos mecânicos ou eletrônicos da comunicação social, visando alcançar grandes públicos, a fim de modificar o seu comportamento.



2. Finalidades:

- 2.1. levar a Igreja a compreender mais e melhor, o lugar e o valor dos meios de comunicação social nos dias atuais.
- 2.2. despertar a Igreja e estimulá-la, em todas as suas áreas, a usar os meios da comunicação social, como veículo de divulgação, propagação e efetiva realização de sua Missão.
- 2.3. indagar da Igreja sobre seus objetivos, anseios e alvos para o quadriênio.
- 2.4. produzir ou fazer produzir o material de comunicação social, necessário aos programas e atividades da Igreja.
- 2.5. atender às solicitações de prestação de serviço, dentro das prioridades da Igreja, em todos os setores de sua atuação.
- 2.6. orientar a Igreja, em todas as suas áreas, no uso das comunicações sociais.
- 2.7. criar ou estimular a criação de programas de comunicação social, especialmente em áreas atualmente carentes de presença evangelizante da Igreja.
- 2.8. ajudar os comunicadores, membros da Igreja Metodista, a viverem plenamente a fé cristã, no âmbito de suas atividades profissionais, e aproveitá-los na ação da Igreja.
- 2.9. conscientizar a Igreja quanto ao uso dos meios de comunicação em massa esclarecendo-lhe os aspectos positivos e negativos dos mesmos e como afetam a família, notadamente crianças e adolescentes.

23

3. Campos de Atuação:

A Igreja Metodista cumpre a sua missão na área de Comunicação Cristã, atuando nos seguintes campos:

3.1. literatura, artes, rádio, televisão, audiovisuais, música, material didático, imprensa, publicações, cinema.

3.2. Casa Publicadora (Imprensa Metodista).



4. Meios de Atuação:

A Igreja Metodista cumpre a sua missão na área de Comunicação Cristã, usando os seguintes meios:

4.1. desenvolvimento da Imprensa Metodista, como agência publicadora que munice a Igreja em todas as suas áreas de vida e trabalho, enfatizando especialmente a busca de novos modelos de publicação.

4.2. desenvolvimento do Expositor Cristão como importante instrumento de unidade e comunicação, enriquecendo o envolvimento da Igreja na Missão, através de estudos, debates, editoriais, reportagens, programas, comunicações de eventos e reuniões da Igreja e dos documentos mais significativos neles produzidos.

4.3. desenvolvimento das revistas da Escola Dominical, como veículo de educação cristã, de evangelização e de preparação para o serviço cristão.

24

4.4. aproveitamento do CAVE do Instituto Metodista de Ensino Superior, como agência de produção de recursos audiovisuais, como filme fixo, slides, filmes sonoros, cassetes com músicas sacras, e posters para a comunicação cristã.



4.5. pesquisas para uma contínua avaliação do material didático, usado na Igreja, a fim de manter o equilíbrio entre as necessidades do povo metodista e as diretrizes e ênfases bíblico-teológicas do Plano Quadrienal.

4.6. pesquisa entre o povo metodista, visando a saber a medida de seu conhecimento efetivo da Bíblia, usando para isto estudos bíblicos sobre a Missão da Igreja, com ênfase na evangelização, na santificação e no serviço cristão.

4.7. criação de um setor nacional de rádio – “Campo Missionário do Ar” – aproveitando os estúdios sonoros do Instituto Metodista de Ensino Superior, com o objetivo de unificação e ampliação do trabalho metodista pelo rádio, visando à presença do evangelho no meio radiofônico, apoiando os programas locais e regionais e preparando material sonoro, que possa ser utilizado em todo o país.

4.8. produção de folhetos, manuais, livretos e livros, que atendam as urgentes necessidades da Igreja.

4.9. revisão e atualização de folhetos instrutivos e evangelizantes, já produzidos e publicados.

4.10. desenvolvimento de uma política mais agressiva no setor a ser criado, de divulgação e comercialização, de todo o material relacionado com a Imprensa Metodista ou outras agências.

4.11. organização de um cadastro de todas as pessoas da Igreja Metodista que trabalham nos meios de comunicação social.

4.12. preparo de pessoas interessadas no uso dos meios de comunicação, como instrumento da Missão da Igreja, como vem sendo feito através dos “COMUNICAS”.



25

C — Área de Educação

A Igreja, por sua natureza e tradição, está envolvida na sua tarefa de educar. Neste Plano Quadrienal se servirá, para maior clareza, das denominações: Educação Cristã, Educação Teológica e Educação Secular.

C.1. Educação Cristã

1. Conceito:

É o processo de nutrição, crescimento e capacitação para viver e testemunhar Cristo, na presença, poder e ação do Espírito Santo.

É o processo pelo qual a experiência, isto é, a própria vida da pessoa, se transforma, desenvolve,

enriquece e aperfeiçoa mediante sua relação com Deus em Jesus Cristo. Em outras palavras, é o processo de formação e reconstrução da experiência da pessoa à luz das exigências da Fé Cristã. Isso inclui: reavaliação e reformulação de conceitos e comportamentos.



2. Finalidades:

2.1. levar todos os cristãos a renovarem sua consciência do amor redentor de Deus, revelado em Jesus Cristo, a fim de que respondam em fé e amor.

2.2. ajudar na formação Cristã da criança.

2.3. ajudar o cristão a saber que é, e o que significa sua situação humana.

2.4. ajudar o cristão a crescer como filho de Deus, arraigado na comunidade cristã.

2.5. ajudar o cristão a viver no Espírito de Deus em todas as suas relações.

26

2.6. preparar o cristão para cumprir o seu ministério no mundo.

2.7. preparar o cristão para anunciar as Boas Novas do Evangelho.

2.8. ajudar o cristão a permanecer na esperança cristã.

2.9. ajudar o povo metodista a estudar e praticar as Regras Gerais da Igreja, desenvolvendo, assim, uma conduta marcante no seio da sociedade.

3. Campo de Atuação:

A Igreja Metodista cumpre sua missão na área de Educação Cristã, atuando nos seguintes campos:

3.1. no lar.

3.2. na igreja: Escola Dominical, Sociedades, Comissões e outras organizações, Escolas locais.

3.3. na comunidade: Instituições de Ensino da Igreja, Escolas oficiais do Estado e Universidades, Grupos comunitários.

4. Meios de Atuação:

A Igreja Metodista cumpre sua missão na área de Educação Cristã, usando os seguintes meios:

4.1. classes regulares da Escola Dominical.

4.2. “classes experimentais” na Escola Dominical, de acordo com interesses próprios e necessidades locais.

4.3. programação, visando ao atendimento às famílias.

4.4. produção e divulgação de literatura cristã para a família.

4.5. classes de catecúmenos (permanentes).

4.6. literatura especializada dos periódicos de Igreja.

4.7. classes visando à preparação de professores para a Escola Dominical.

4.8. escola bíblicas de férias, com material atualizado e produzido ou recomendado pela Igreja Metodista.

4.9. família da Igreja como unidade de preparo e veículo de testemunho e serviço cristão.

4.10. dinamização da organização e atividades do setor de laicato.

4.11. classes visando à preparação para batismo de criança e casamento.

27



- 4.12. manutenção e desenvolvimento das sociedades de senhoras, homens, jovens, juvenis e crianças.
- 4.13. coordenação geral, regional e local do trabalho com crianças.
- 4.14. estreitamento de relações com pessoas ligadas à Igreja.
- 4.15. grupos reunidos por interesses, necessidades e atividades comuns (por faixa etária e coincidência de interesses).
- 4.16. acampamento de estudo, trabalho e recreação, etc.
- 4.17. ensino religioso nas escolas da Igreja.
- 4.18. ensino religioso nas escolas oficiais do Estado.
- 4.19. criação de serviços de apoio e sustentação cristã do jovem universitário.
- 4.20. incentivo às atividades criativas especiais e às expressões artísticas.
- 4.21. incentivo ao uso da música sacra: estímulo a novos compositores; criação de escola de música sacra; realização de seminários sobre música; estudo da hinologia metodista.
- 4.22. criação do curso superior de Educação Cristã, a nível geral.
- 4.23. funcionamento dos Seminários Regionais como centros de formação e enriquecimento dos professores de Escola Dominical.

28

C. 2. Educação Teológica

1. Conceito:

A Educação Teológica visa ao preparo bíblico-doutrinário, à capacitação e ao amadurecimento de todo o povo de Deus, em geral, e dos líderes e obreiros especiais, em particular, para o exercício da missão cristã.



2. Finalidades:

- 2.1. preparar obreiros (pastores e leigos) para a Missão da Igreja.
- 2.2. preparar os jovens vocacionados para as funções do pastorado local.
- 2.3. capacitar o pastor para preparo dos membros com vista à Missão (pastor preparado para preparar).
- 2.4. difundir os fundamentos bíblico-teológicos das Doutrinas Cristãs enfatizadas pelo Metodismo.
- 2.5. preparar obreiros para exercerem ministérios em áreas especiais.
- 2.6. manter permanentemente atualizado o ministério pastoral e leigo.
- 2.7. aprofundar a pesquisa teológica no contexto latino-americano.
- 2.8. preparar a liderança leiga para a missão da Igreja.

3. Campo de Atuação:

A Igreja Metodista cumpre sua missão na área de educação teológica, atuando nos seguintes campos:

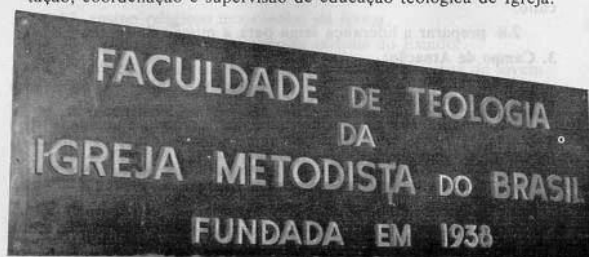
- 3.1. Instituições de ensino teológico como a Faculdade de Teologia da Igreja Metodista, os Seminários e Institutos Bíblicos ou Teológicos Regionais.
- 3.2. Cursos teológicos vinculados às instituições regionais de ensino.
- 3.3. Comissão Geral de Educação Teológica (COGETE).
- 3.4. Literatura da Igreja.

29

4. Meios de Atuação:

A Igreja Metodista cumpre a sua missão na área de educação teológica, usando os seguintes meios:

- 4.1. campanha permanente de despertamento e orientação vocacional.
- 4.2. programa permanente de atualização dos pastores, em sistema de rodízio, a fim de alcançar a todos os pastores.
- 4.3. cursos de Bacharel em Teologia, em Educação Cristã, e outros segundo as necessidades da Igreja.
- 4.4. cursos básicos de teologia, para leigos e pastores.
- 4.5. cursos de teologia por extensão.
- 4.6. cursos de formação de obreiros especiais, visando a novas fronteiras na missão da Igreja (por exemplo: terapia de apoio, aconselhamento, orientação de casais, trabalho nos hospitais, sanatórios, escolas, presídios, casernas, e outros).
- 4.7. reconhecimento da importância da evangelização, da educação cristã e da unidade da Igreja como fundamentais para a formação de um ambiente teológico criativo.
- 4.8. observância de uma permanente cooperação entre as instituições de ensino teológico, na Igreja Metodista, particularmente em termos de cursos comuns, associações, intercâmbio de alunos e professores.
- 4.9. abertura para cooperação com outras instituições de ensino teológico, visando a interesses e serviços comuns.
- 4.10. manutenção e desenvolvimento das atividades da Comissão Geral de Educação Teológica (COGETE), como órgão de orientação, coordenação e supervisão de educação teológica de Igreja.



30

C.3. Educação Secular

1. Conceito:

Visa a proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de auto-realização, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício consciente da cidadania à luz do Evangelho de Jesus Cristo.



2. Finalidades:

- 2.1. participar da comunidade.
- 2.2. manter permanente o desafio para integração do educando na comunidade da fé.
- 2.3. testemunhar a presença da Igreja.
- 2.4. colaborar com o Estado e outras agências, observados os princípios cristãos.
- 2.5. responder às necessidades através da criação de escolas em áreas geográficas em desenvolvimento e em áreas carentes.
- 2.6. propiciar possibilidades de estudos a alunos carentes.
- 2.7. desenvolver o espírito ecumênico.

3. Campo de Atuação:

A Igreja Metodista cumpre a sua missão na área de Educação Secular, atuando nos seguintes campos:

- 3.1. instituições de ensino em todos os graus.
- 3.2. desenvolvimento e aperfeiçoamento do processo nos diversos organismos educacionais do país.
- 3.3. Conselho Geral das Instituições Metodistas de Ensino (COGEIME).

31

4. Meios de Atuação:

A Igreja Metodista cumpre a sua missão na área de Educação Secular, usando os seguintes meios:

- 4.1. observância nos programas de direção e organização curricular dos princípios estabelecidos neste Documento.
- 4.2. estabelecimento de uma filosofia cristã de educação como critério efetivo e prática de vida e ação da Escola, através da qual se encontre o meio de fazer da Escola a agência efetiva da missão, em todas as suas áreas de serviço.
- 4.3. estabelecimento de um departamento que promova valores da fé cristã e dê apoio à vida e testemunho dos alunos cristãos, em cada escola.
- 4.4. produção e divulgação de literatura cristã nas escolas.
- 4.5. promoção dos meios necessários à evangelização nas escolas.
- 4.6. aproveitamento das datas do calendário cristão e metodista, para comemorações que destaquem o sentido cristão da vida.
- 4.7. desenvolvimento de uma política de bolsas, que assegure a participação dos Conselhos geral, regional e local, segundo a área de administração da escola.
- 4.8. promoção de treinamento e integração do pessoal de Escola no espírito da Missão da Igreja.
- 4.9. estabelecimento das responsabilidades dos membros de conselhos diretores, para com aqueles que representam, mediante consulta de sua posição e periódica prestação de contas.
- 4.10. promoção de treinamento e aperfeiçoamento do corpo docente e administrativo, no espírito da missão da Igreja.
- 4.11. estabelecimento de uma Filosofia Educacional, segundo os princípios e tradição metodista, visando a nortear a ação educativa secular da Igreja.
- 4.12. levantamento e cadastramento de metodistas habilitados para funções junto às instituições da Igreja.
- 4.13. aproveitamento sistemático e prioritário de metodistas em nossas instituições de ensino.
- 4.14. transformação do COGEIME em órgão geral, com eleição de seu Conselho Diretor por órgão geral, de acordo com o artigo 126, parágrafo 2º, dos Cânones, com a finalidade de estabelecer a filosofia e a política educacionais comuns, das instituições de ensino da Igreja Metodista, visando um plano nacional, bem como a criação de órgãos regionais para a integração e a coordenação deste plano nacional.

32

D — Área de Ministério Cristão

1. Conceitos:

1.1. *A Igreja Metodista reconhece que todos os seus membros, pelo fato de pertencerem ao povo de Deus, são ministros do evangelho, isto é, são chamados por Deus, preparados pela Igreja para, sob a ação do Espírito Santo, cumprirem a missão, evangelizando, testemunhando a nova vida e servindo em todas as áreas da existência.*

1.2. *Reconhece também que, dentre os seus membros, Deus chama alguns como diáconos, para servirem, segundo os seus dons, em setores especiais de ação de Igreja.*



1.3. *Reconhece que, dentre os seus membros, Deus chama alguns como pastores, para a tarefa de edificar, equipar e aperfeiçoar a comunidade da fé, capacitando-a para o cumprimento da missão divina no mundo, através da ação evangelizadora e do serviço.*

1.4. *Reconhece que, dentre os seus membros, Deus chama alguns como pastores, para o exercício de tarefas especializadas, no atendimento dos presos, dos doentes, dos militares, dos estudantes, dos operários, dos marginalizados e outros.*

1.5. *Reconhece que na comunidade de igreja local, Deus chama, e capacita pelo Espírito, membros para exercerem ministérios especiais.*

2. Finalidades:

- 2.1. proporcionar o encontro do ser humano com Deus e o reencontro de todo o povo de Deus com sua vocação e missão.
- 2.2. desenvolver no povo metodista a consciência fundamental da fé cristã, de que o batismo cristão – profissão de fé ou confirmação – significa:
 - a) incorporação como membro da comunidade cristã;
 - b) obediência ao mandamento missionário de Jesus Cristo;
 - c) participação no ministério de Jesus Cristo, através da vida e testemunhos, de evangelização e de serviço cristão no mundo.

33

2.3. desenvolver no povo metodista a consciência fundamental da fé cristã de que o leigo e o pastor são, igualmente, responsáveis pela realização do testemunho, da evangelização e do serviço cristão no mundo.

2.4. reconhecer que o ministério pastoral é fundamental para a tarefa de renovação da mentalidade, bem como para a capacitação e desenvolvimento da vida e ação da Igreja Metodista em todas as demais áreas.

2.5. enfatizar a renovação da mentalidade e consagração do pastor, que é responsável direto pelo processo de crescimento espiritual, de educação cristã, do preparo para o testemunho e serviço cristão no mundo do leigo, como condição básica para a renovação da mentalidade e consagração do povo metodista.

2.6. preparar o ministério pastoral como aquele que tem a função principal de preparar e capacitar o povo de Deus no exercício da missão cristã no mundo.

3. Campo de Atuação:

A Igreja Metodista cumpre a sua missão na área de Ministério Cristão, atuando nos seguintes campos:

- 3.1. testemunho e ação do cristão.
- 3.2. serviço da igreja em geral.
- 3.3. serviços gerais da igreja local.
- 3.4. pastorado na igreja local e na comunidade.
- 3.5. exercício de capelania (escolas, hospitais, presídios e outros).
- 3.6. escolas da Igreja (administradores, funcionários, professores).
- 3.7. instituições sociais (administradores, funcionários assistentes).
- 3.8. docência teológica.
- 3.9. função administrativa essencial à vida da Igreja.
- 3.10. exercício de toda e qualquer profissão (desde que coerente com os princípios do evangelho) na consciência de estar operando os sinais do Reino de Deus.

34

4. Meios de Atuação:

A Igreja Metodista cumpre a sua missão na área de Ministério Cristão, usando os seguintes meios:

- 4.1. pregação da Palavra e ministração dos Sacramentos.
- 4.2. programação curricular para as escolas dominicais de Igreja.
- 4.3. utilização do "Expositor Cristão" e outros órgãos como veículos permanentes de conscientização da ênfase do Plano Quadrienal: "Unidos pelo Espírito, metodistas evangelizam".
- 4.4. desenvolvimento de uma estratégia de publicação de material para formação global (bíblico-técnica-espiritual-teológica) dos pastores.
- 4.5. produção de pastorais sobre evangelização, metodismo, doutrina do Espírito Santo, sacramentos na vida da Igreja, casamento de divorciados, comportamento do cristão na sociedade brasileira, outros.
- 4.6. trabalho da Comissão Geral de Educação Teológica.
- 4.7. realização de institutos ministeriais geral e regionais.
- 4.8. despertamento e aproveitamento, na igreja local, dos membros para o exercício de ministérios especializados como: evangelização, visitação, oração, ensino, ministérios de apoio, cargos e funções, contribuição.
- 4.9. produção de literatura teológica, visando o preparo do povo metodista, para o exercício de sua missão.
- 4.10. manutenção de cursos apropriados no preparo do pastorado especializado para o exercício de capelania e outras formas de ministério pastoral.



35

E — Área de Missões e Evangelização



Alípio E. de Souza e Justino Q. Nunes, missionários em Natal

1. Conceitos

1.1. Missões significam abrir novas frentes de testemunho, evangelização e serviço cristãos, quer sejam no campo geral, regional ou local.

1.2. Evangelização significa encarnar, nas formas mais diversas, o amor divino na realidade humana, de tal sorte que Cristo seja comunicado, aceito e vivido. Na proclamação, no testemunho e na ação, o objetivo é sempre sinalizar o amor de Deus na vida humana.

1.3. Missão significa a renovação do ser humano todo e de todos os seres humanos em Jesus Cristo, bem como das estruturas sociais, através da presença, poder e ação do Espírito Santo. Todos os cristãos e todas as comunidades cristãs são instrumentos de Deus, visando à realização do seu propósito, em salvar os seres humanos e o mundo. O meio que Deus usa é o ser humano e o método usado por Deus é o da encarnação.



A capela Metodista de Porto Velho. (dir. para esq.) Ageu Rocha de Lima, superintendente da ED e redator do folheto "O Grito da Amazônia"

36

2. Finalidades:

2.1. confrontar o ser humano com Jesus Cristo, a fim de que se submeta ao seu senhorio

2.2. propiciar a renovação do ser humano na sua totalidade e de todos os seres humanos em Jesus Cristo, e seu contínuo crescimento nele.

2.3. libertar o ser humano de todas as coisas que o escravizam e conduzi-lo à comunhão com Deus e amor ao próximo.

2.4. buscar a transformação dos seres humanos e das estruturas sociais, à luz do Evangelho de Cristo.

2.5. apontar ao ser humano o caminho da vida eterna.

3. Campos de Atuação:

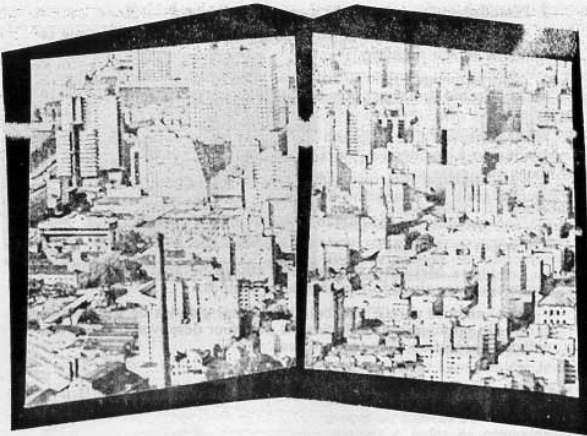
A Igreja Metodista cumpre sua missão na área de Missões e Evangelização, atuando nos seguintes campos:

3.1. campos gerais, particularmente nas cidades de maior concentração populacional, nas cidades de maior desenvolvimento, nas cidades geograficamente estratégicas.

Uma família metodista da Transamazônica vai para o culto e viaja 6 km até à igreja



37



3.2. campos regionais, particularmente nas cidades de maior concentração populacional, nas cidades em maior desenvolvimento, nas cidades geograficamente estratégicas.

3.3. campos locais, particularmente nos bairros da cidade, em cidade vizinhas, e em comunidades rurais.

3.4. regiões fora do Brasil, particularmente na América Latina, e em países de língua portuguesa.

3.5. instituições educacionais e sociais da Igreja.

3.6. literatura da Igreja.

3.7. lares.

3.8. locais, onde grupos se reúnam ou existam de alguma forma.

3.9. meios de comunicação social.

38

4. Meios de Atuação:

A Igreja Metodista cumpre a sua missão na área de Missões e Evangelização, usando os seguintes meios:

4.1. conscientização de todo o povo metodista sobre a importância, o valor e a urgência da evangelização e das missões, através dos crentes, das comunidades cristãs e de todos os órgãos e instituições da igreja.

4.2. criação de uma nova filosofia e metodologia de sustentação econômica que permita ao membro da igreja e às igrejas locais um maior envolvimento com os campos missionários.

4.3. criação e sustentação de campos missionários, em áreas geral, regional e local.

4.4. produção de pastores, visando conduzir o povo metodista a participar da dinâmica do Espírito que leve à ação missionária e evangelizadora.

4.5. organização e manutenção de classes metodistas para estudo, oração, compartilhamento, evangelização, clínica pastoral, e acompanhamento de pessoas em seus momentos de crise (problemas, doenças, morte).



39



4.6. organização e manutenção de serviços de capelania nas escolas, nos hospitais, nos presídios, nos quartéis e em outros setores carentes.

4.7. prática ampla e sistemática de evangelização, quer seja pessoal, dois a dois ou em pequenos grupos.

4.8. realização de séries de pregações, que incluam o preparo, a realização e o acompanhamento dos que se mostrarem interessados na nova vida em Cristo.

4.9. visitação e assistência pastoral permanente aos familiares de membros da igreja, e outras pessoas que manifestarem interesse.

4.10. visitação missionária, feita pelos leigos.

4.11. serviço de atendimento espiritual por telefone.

4.12. uso dos meios de comunicação social, particularmente o rádio, o jornal, bem como a TV.

4.13. distribuição planejada e sistemática de Bíblias, Novos Testamentos, folhetos, literatura evangélica.

4.14. outros meios.

4.15. preparo de obreiros para os Campos Missionários.

4.16. preparo de evangelistas locais, para atendimento de trabalhos pioneiros e abertura de novos locais.

4.17. preparação da Igreja como comunidade fraternal, para receber e conservar o novo crente.

40

F — Área de Patrimônio e Finanças

1. Conceito:

São todos os recursos materiais, quer sejam patrimoniais, como móveis, imóveis, veículos e construções, bem como financeiros, quer estejam a serviço da Igreja e no cumprimento de sua Missão.



2. Finalidades:

2.1. Constituir instrumental dinâmico a serviço da Igreja, no cumprimento de sua Missão.

2.2. Cuidar do patrimônio e dos recursos financeiros da Igreja.

2.3. Legalizar as propriedades da Igreja nos órgãos competentes dos poderes públicos.

2.4. Cadastrar as propriedades para conhecimento e uso interno da Igreja.

2.5. Adquirir novas propriedades.

2.6. Racionalizar os encargos financeiros.

2.7. Aplicar corretamente os recursos financeiros.

2.8. Orientar o uso e a aplicação dos recursos patrimoniais e financeiros da Igreja.

2.9. Manter a unidade da Igreja, através da Associação da Igreja Metodista.

41

3. Campo de Atuação:

A Igreja Metodista cumpre a sua missão na área de Patrimônio e Finanças, atuando nos seguintes campos:

3.1. Órgãos e instituições gerais, regionais e locais.

3.2. Igrejas locais.

3.3. Concílio e conselhos, geral, regional e local.

3.4. Programas e atividades da Igreja.

4. Meios de Atuação:

A Igreja Metodista cumpre a sua missão na área de Patrimônio e Finanças, usando os seguintes meios:

4.1. Desenvolvimento de programas de conservação e reparos das propriedades.

4.2. Campanha de esclarecimento quanto à necessidade de legalizar e cadastrar todas as propriedades da Igreja.

4.3. Utilização de todas as propriedades da Igreja, a fim de evitar ociosidade.

4.4. Alienação das propriedades, quando forem totalmente ociosas.

4.5. Empréstimo ou arrendamento das propriedades, quando a ociosidade for parcial.

4.6. Autorização aos Conselhos Geral e Regional, respectivamente, para a iniciativa na alienação de propriedades ociosas, com o objetivo de aquisição de novas propriedades ou de aplicação em rentabilidade, visando a expansão da obra.

4.7. Utilização das dependências dos templos e outros prédios, para proveito da comunidade, na formação de creches, jardins de infância, capacitação profissional e outros, cercando-os dos cuidados para assegurar a posse e o domínio do imóvel, a efetiva reivindicação do bem, quando da solução do contrato.



4.8. Busca e aceitação de doações e legados patrimoniais, sem ônus e encargos.

4.9. Aquisição de novas propriedades, levando-se em conta as reais necessidades e possibilidades da igreja ou instituição, bem como seu melhor aproveitamento em usos múltiplos.

4.10. Observância, no que se refere às construções, do que preceituam os Cânones e as exigências legais.

4.11. Providências que visem à racionalização dos encargos financeiros, especialmente através de orçamento programa.

4.12. Orientação e controle mediante auditoria periódica, dos órgãos que lidem com recursos financeiros e patrimoniais da Igreja e suas instituições.

4.13. Desenvolvimento através de programação geral, regional e local, de um processo permanente de instrução e preparo do povo metodista, enfatizando o seu relacionamento com Deus, no plano da sua vida econômico-financeira.

4.14. Ênfase na prática do dízimo como um modo de contribuição agradável a Deus.

4.15. Incentivo às contribuições especiais.

4.16. Uso de recursos oriundos das propriedades locais, regionais ou gerais, através de aluguéis ou arrendamentos, para aplicação na obra de expansão da Igreja, conforme planejamento do Conselho Geral ou regional.

4.17. Aplicação de recursos financeiros disponíveis, visando a juros, correção, incentivos.

4.18. Empréstimos e doações das Igrejas Cooperantes ou de outras organizações religiosas, mediante planos e projetos devidamente aprovados.

4.19. Aproveitamento de recursos do Poder Público, mediante habilitação para o recebimento de dotações.

4.20. Participação financeira da comunidade em geral, mediante ofertas ou outras formas de ajuda.

4.21. Manter em dia o pagamento de tributos federais, estaduais e municipais.

4.22. Orientar a comunidade quanto à regularização dos contratos de trabalho dos serventuários, especialmente zeladores.

4.23. Providenciar para que sejam segurados os bens patrimoniais da Igreja.

43

G — Área de Unidade Cristã

1. Conceito:

A Unidade Cristã é a afirmação de que há somente uma Igreja, sob a direção de um só Senhor, vitalizada por um só Espírito. Essa unidade se expressa na incorporação de todos os crentes em Cristo, bem como na diversidade dos crentes no cumprimento da missão.

A Unidade Cristã fundamenta-se no texto bíblico, na natureza da Igreja e na urgência da Missão, de tal sorte que preocupar-se pela unidade da Igreja não é algo optativo, mas questão de obediência ao Senhor Jesus Cristo.



44

2. Finalidades:

2.1. cumprir a ordem do Senhor Jesus Cristo, que disse em João 17.21: "...que todos sejam um; como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós".

2.2. expressar a unidade da Igreja, como lemos em Romanos 12.5: "Somos um só corpo em Cristo, e membros uns dos outros".

2.3. desenvolver a unidade cristã, como motivação poderosa para a missão da Igreja tanto na evangelização, como no serviço ao mundo.

2.4. cultivar a riqueza da doutrina da diversidade dos dons e serviços cristãos, na unidade do Espírito, como lemos em I Coríntios 12.4-11 e em Efésios 4.3-6.

2.5. Preservar a valiosa tradição wesleyana da unidade cristã, expressa em diversos documentos e sermões de Wesley, e que podemos resumir nas palavras do fundador do metodismo em seu sermão: "O Espírito Católico", vol. II, p. 266: "O homem de espírito verdadeiramente católico é aquele cujo coração se abre para toda a humanidade, para os que ele conhece e para os que não conhece".

2.6. Dar continuidade aos esforços e à participação da Igreja Metodista em favor da Unidade Cristã, bem como incentivo à participação e cooperação da Igreja em sinais visíveis, que enriqueçam a unidade cristã.

3. Campo de Atuação:

A Igreja Metodista cumpre sua missão na área de Unidade Cristã, atuando nos seguintes campos:

3.1. Metodismo nacional e internacional.

3.2. Área de ação social.

3.3. Área das missões e evangelização.

3.4. Área de formação teológica.

3.5. Área de relacionamento e cooperação com outros grupos cristãos.

3.6. Área de participação concreta em movimentos e organizações ecumênicas.

3.7. Igreja local.

45

4. Meios de Atuação:

A Igreja Metodista cumpre a sua missão na área de Unidade Cristã, usando os seguintes meios:

4.1. Fortalecimento de órgãos e instituições gerais, que permitam preservar e fortalecer a unidade do metodismo brasileiro, particularmente do Colégio Episcopal, órgãos de orientação, coordenação e supervisão, em nível geral, como COGEIME-COGETE.



4.2. Intensificação de programas e procedimentos de integração de Igreja Metodista no planejamento e ação do metodismo latino-americano e do metodismo mundial.

4.3. Dignificação e valorização do ser humano através da participação do povo metodista — como indivíduos e como igreja — de projetos em nível ecumênico, de amparo à velhice, à mãe solteira, aos toxicômanos, aos marginalizados.

4.4. Ampliação e dinamização da tarefa evangelizante, através de programas e providências, que manifestem a união dos cristãos, particularmente na utilização de meios de comunicação de massa e de grandes campanhas evangelizantes.

4.5. Elaboração de currículo comum e de material didático e na preparação adequada de pessoal, a serem utilizados no atendimento às aulas de educação religiosa, nas escolas públicas. Aproveitamento das oportunidades oferecidas através de disciplinas no ensino médio e superior, para o fortalecimento da presença comum dos cristãos.

46

Promoção, em conjunto com outros grupos cristãos, de atividades extra-classes, em prol de projetos cívicos ou beneficentes, como também de centros de recreação e reuniões sociais, que motivem os jovens cristãos a unirem seus esforços em favor de uma obra comum. Realização de encontros de professores e estudantes cristãos, para habilitá-los a um melhor desempenho de ser testemunho.

4.6. Cultivo na formação teológica de uma mentalidade aberta para os valores da fé cristã, do respeito mútuo quanto às diferenças de opinião, aspectos indispensáveis para o fortalecimento da unidade cristã. Cooperação efetiva entre as diversas instituições de ensino teológico, da Igreja Metodista, em termos de cursos comuns, associações, intercâmbio de alunos e professores, divisão de responsabilidades.

4.7. Reconhecimento de que a Igreja Metodista tem uma herança espiritual, que enfatiza o princípio de que Deus age livremente, sem ser monopolizado pelo cristão ou pela comunidade cristã, e que pode usar qualquer grupo cristão para realizar medidas da sua vontade no mundo. Portanto, todas as comunidades cristãs merecem nosso respeito e reconhecimento de que podem ser usadas pelo Espírito Santo na proclamação e expansão do Reino de Deus no mundo.

4.8. Participação ativa da Igreja Metodista em estudos, pronunciamentos proféticos, atividades, projetos, organizações ecumênicas. Dessa forma, a Igreja afirma a sua identidade, como parte visível do Corpo de Cristo, em condições de dar e receber, para o melhor testemunho, obra de evangelização e serviço no mundo. Afirma, também, o seu direito de avaliar e criticar o uso de seus valores e patrimônios, nesses estudos, atividades, projetos e organizações. A participação concreta da Igreja Metodista em qualquer nível ecumênico deve ser compartilhada com as igrejas locais, para que uma melhor participação seja possível.

Conselho Mundial de Igrejas

Conselho Metodista Mundial

C I E M A L

Conselho Nacional de Igrejas Cristãs

47

VIII — Providências Para Promoção, Implantação, Implementação, e Supervisão do Plano Quadrienal

Introdução

A elaboração de um Plano Quadrienal, por si só e por melhor que seja, não é garantia suficiente para o seu efetivo aproveitamento. Daí a necessidade imperiosa de se definir um planejamento que vise a real promoção, implantação e implementação deste Plano.

Meios para a Promoção, Implantação, Implementação e Supervisão do Plano Quadrienal

1. Realizar Institutos Ministeriais, no nível geral, visando ao estudo, implantação e a avaliação do uso do Plano Quadrienal.
2. Usar todos os recursos da comunicação, em forma atraente, enfatizando temas e sugestões.
3. Realizar Institutos Ministeriais, no nível regional, visando a reforçar e aprofundar o conhecimento e aproveitamento do Plano Quadrienal.
4. Realizar encontros com grupos de leigos, em nível geral, regional e local, visando ao estudo, implantação e formas de encaminhamento e aplicação do Plano Quadrienal.
5. Promover o estudo, implantação, supervisão, avaliação e "cobrança" do Plano Quadrienal nos órgãos e instituições da Igreja e das igrejas, através dos conselhos geral, regionais e locais.
6. Manter a publicação constante nos diversos órgãos informativos da Igreja e igrejas.
7. Manter avaliação periódica do aproveitamento do Plano Quadrienal, através de questionários, que revelem inclusive as providências e os resultados alcançados.
8. Os conselhos geral e regionais providenciarão secretários executivos para a execução deste Plano Quadrienal.



Anexo 6

Esboço de uma Filosofia de Educação das Instituições da Igreja Metodista do Brasil

ESBOÇO DE UMA FILOSOFIA DE EDUCAÇÃO

DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO DA

IGREJA METODISTA DO BRASIL.

adotado pelo

Conselho Geral das Instituições de Ensino

da I. M. B.

1964

Junta Geral de Educação Cristã
da Igreja Metodista do Brasil
São Paulo

3

CONTEUDO

A. De Nossa Filosofia de Educação:	Página
I - Dos Fins da Educação.....	5
II - Da Definição Religiosa.....	7
B. Das Pessoas envolvidas na Educação:	
III - Da Família.....	10
IV - Do Aluno.....	11
V - Do Professor.....	13
VI - Do Ex-aluno.....	15
VII - Dos Auxiliares.....	16
C. Das Relações de nossas Instituições:	
VIII - Das Relações com a Igreja.....	17
IX - Das Relações com o Estado.....	19
X - Das Relações Públicas.....	20
D. Da Administração Educacional:	
XI - Do Ensino.....	21
XII - Das Atividades Extra Classe.....	22
E. Da Administração Especial:	
XIII - Da Administração Econômica e Financeira.....	23
XIV - Do Equipamento Escolar.....	24

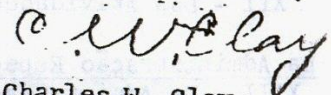
APRESENTAÇÃO

Já de longa data vínhamos sentindo a necessidade de haver uma definição sussinta de uma filosofia de educação para as instituições de ensino da Igreja Metodista do Brasil.

O assunto foi estudado em duas reuniões consecutivas do COGIE, além do estudo feito por comissões. Finalmente aparece o "ESBOÇO" em forma final. Esperamos que seja útil para os obreiros dos nossos educandários e líderes da Igreja em geral.

Queremos manifestar o nosso agradecimento especial ao Bispo José Pedro Pinheiro, Rev. Sady Machado da Silva, e Professores José Gomes de Campos e Otília de Oliveira Chaves pela grande cooperação que prestaram na preparação deste "ESBOÇO".

São paulo, julho de 1964.



Charles W. Clay
Secretário Geral de Educação Cristã

I. DOS FINS DA EDUCAÇÃO

- 5 -

1. A educação tem por finalidade estimular e guiar o aluno no seu pleno desenvolvimento, compreendendo o intelectual, o físico, o social, o moral e o religioso. A educação afeta o todo do indivíduo e prepara para ser um cidadão útil a si mesmo, à sociedade e a Deus.

2. A educação na escola pré-primaria e primaria leva a criança a encontrar-se com um mundo de novas experiências e diferentes daquelas que tem no lar, surgindo novas ideias e melhor entendimento da vida e de seus problemas.

3. A Educação na escola de nível médio leva o aluno à aquisição e uso de conhecimentos, bem como à continuação do desenvolvimento integral de sua personalidade.

4. A mente nunca é passiva. Ela está em constante ebulição, é ativa, sensível e responsiva a estímulos. Não se pode enterrar um talento mas é possível orientá-lo. Os alunos bem dotados de inteligência, capacidade e caráter devem ser estimulados a prosseguir os seus estudos.

5. A educação ministrada nos colégios da Igreja Metodista do Brasil, que além de raízes nos padrões do Evangelho de Jesus Cristo, inspira-se nos princípios de liberdade e de responsabilidade e nos ideais de solidariedade humanas, como segue:

- a. Compreender os direitos e deveres da pessoa humana, como criação divina, respeitando a sua dignidade e as suas liberdades fundamentais.

- 6
- b. Desenvolver a personalidade do aluno levando-o a ser um colaborador na obra do bem comum baseada nos altos ideais de servir antes de ser servido.
 - c. Preparar o aluno para o uso adequado e consciente dos recursos científicos, tecnológicos e espirituais, para através de seu domínio ter possibilidades de realizar o seu potencial.
 - d. Preservar e expandir o patrimônio cultural, fortalecendo a unidade nacional e a solidariedade entre as demais nações.
 - e. Atender todo e qualquer aluno independente de raça ou cor, credo religioso, condições sociais, nacionalidade e convicção política.
 - f. Instruir os alunos e levá-los a compreender os seus direitos e deveres para com a Pátria, o respeito às autoridades e o acatamento às leis que regem o País e às leis de Deus.

- 7 -

II. DA DEFINIÇÃO RELIGIOSA

1. A Igreja Metodista do Brasil define os objetivos da Educação Cristã, como segue: Guiar cada Pessoa

- a. Ao conhecimento da vontade de Deus,
- b. A aceitação de Jesus Cristo como Senhor e Salvador pessoal,
- c. Na formação de um caráter Cristão que se expresse numa vida reta e de adoração a Deus apta para servir a Cristo e a humanidade.

2. A escolha de um motivo religioso para a vida, a filiação a uma Igreja e uma filosofia de vida, representam valores imensuráveis que devem acompanhar uma pessoa durante toda a sua vida. Uma escolha e decisão podem ser influenciadas também por um agente externo.

3. Os colégios metodistas, sem fazerem proselitismo devem doutrinar no sentido de levar os seus alunos ao conhecimento de Cristo e a uma experiência religiosa vital.

4. O sectarismo religioso é condenável. Entretanto não pode um colégio metodista ficar inerte e indiferente à sua fé. É necessário que sejam apresentados os padrões estabelecidos por Cristo, como um verdadeiro desafio à mocidade, que leve cada aluno a se encontrar com Deus como Pai Celestial e com Cristo, como Salvador e Mestre.

5. Os programas de educação religiosa intimamente relacionados com as necessidades dinâmicas de nossa época ajudarão aos alunos na equação e solução de problemas que afligem e angustiam a mocidade.

6. Urge preparar constantemente bons professores de educação religiosa que tenham vivência da vida cristã e que ao mesmo tempo possam compreender aqueles que ainda não se encontraram com Cristo.

7. Vidas de professores dedicados à causa da mocidade e orientados na fé cristã, inspiram e transformam a sociedade, através do grupo de alunos que frequentam os colégios. O cristianismo em si mesmo é um constante desafio às gerações moças.

8. As técnicas e as conquistas científicas modernas acrescidas da comunhão íntima do homem com Deus constituem a maior esperança para a solução dos problemas da humanidade.

9. Os nossos colégios devem ser conhecidos como instituições da Igreja Metodista do Brasil.

10. A apresentação da Bíblia, a sua leitura, o seu estudo e o seu oferecimento aos formandos, constituem momentos excepcionais para a pregação do Evangelho.

11. A influência religiosa deve ser positiva e segura e deve atin-

gir a todos quantos se relacionam com os nossos colégios: a própria Igreja, a direção, os professores, os alunos, os empregados, os pais de alunos e a comunidade.

12. Um ambiente religioso pode despertar jovens para a carreira ministerial, magisterial ou para outras profissões, onde cada um deverá ter ideais inspirados no verdadeiro espírito de serviço.

III DA FAMÍLIA

1. À família cabe o direito de escolher o colégio que proporcione gênero de educação que deve dar a seus filhos.

2. Cabe aos colégios, de acordo com suas possibilidades, auxiliar as famílias da Igreja ou de fora dela, que provem insuficiência de recursos, para a educação de seus filhos.

3. A ligação da escola com a família será feita através da associação de pais e mestres e do Serviço de Orientação Educacional.

4. A participação dos pais nas atividades escolares se torna benéfica a todos: escola, professores, alunos e famílias.

5. Cada colégio metodista deve ser uma grande família.

IV DO ALUNO

1. Os colégios metodistas devem aceitar alunos sem distinção de raça, cor, nacionalidade ou credo religioso, condição social e convicção política.

2. Os colégios devem condicionar sua matrícula à capacidade de poder atender e orientar convenientemente cada aluno, de acordo com as suas finalidades.

3. O ideal é que o aluno se harmonize com os princípios da instituição e que, gradativamente, seja levado a uma experiência real e encontro com Cristo.

4. Estudos já feitos mostram que as pessoas mudam muito pouco relativamente às suas atitudes básicas e ao seu padrão de caráter depois que deixam a escola. Devido a este fato é grande a responsabilidade de um colégio para com os seus alunos no que concerne à apresentação dos verdadeiros valores da vida.

5. A disciplina educativa baseia-se nas noções fundamentais de liberdade, responsabilidade e cooperação.

6. O aluno deve ser compreendido e encaminhado para uma vida reta, com paciência, amor e firmeza.

7. As regras disciplinares que recaem sobre o aluno devem ser justas e firmes. A delicadeza e o respeito do aluno para com o aluno são basi-

lares de uma vida social equilibrada. É necessário que numa coletividade escolar cada qual proceda como um verdadeiro cavalheiro e assuma a responsabilidade de seus atos.

8. Os colégios metodistas, preferem alunos não viciados.

9. Os nesses colégios são escolas de alunos que desejam educar-se para a liberdade, a responsabilidade, a iniciativa e, acima de tudo para a virtude.

10. Compete a cada aluno aceitar, como consequência natural, os louvores e as repreensões, que lhe couberem como fruto do seu modo de proceder

11. Combate-se o uso da cola, do fumo, das bebidas alcoólicas, do jogo e outros vícios.

12. As relações do aluno com o seu colégio devem estar claramente expressas no regimento exigido por lei. Este regimento deve ser do conhecimento de cada aluno, naquilo que lhe for afeto.

13. As relações do aluno com o seu colégio devem estar claramente expressas no regimento exigido por lei. Este regimento deve ser do conhecimento de cada aluno, naquilo que lhe for afeto.

V. DO PROFESSOR

-- 13 --

1. O padrão do professor evangélico deve ser do mais alto nível. O exemplo do professor é de imensa influência sobre a formação de hábitos dos alunos.

2. Um colégio metodista existe para trazer professores e alunos em constante interação num ambiente que forneça condições para um expressivo crescimento intelectual e espiritual.

3. Os professores representam o maior acervo de um colégio e sua maior força de influência.

4. A variedade de professores em questão de idade, preparo e confissão religiosa, pode, até certo ponto, beneficiar o ambiente escolar. Entretanto, não se deve ter no corpo docente professores que contrariem os ideais cristãos.

5. A doutrinação constante e permanente do colégio no sentido da elevação dos seus alunos tem maior alcance quando há sintonia de orientação e exemplo por parte dos professores.

6. As relações mais específicas do colégio com o professor e deste para com o colégio devem estar claramente expressas no regimento exigido por lei. Este regimento deve ser do conhecimento do professor naquilo que lhe diz respeito.

7. A elaboração de um Código de ética do professor constituirá uma

política sadia no ambiente escolar como que um desafio a todos e um coroamento das excelentes qualidades sempre demonstradas por um grupo de professores.

8. Professores recrutados entre os ex-alunos têm a vantagem de saber que estão identificados com os ideais do colégio e, portanto, mais compreensivos e mais capacitados para cooperar na obra educativa em geral.

9. Os bons professores devem merecer uma palavra de estímulo, apreciação e reconhecimento por parte da administração.

10. As reuniões dos professores, quer festivas ou de trabalho constituem ótimas oportunidades para formar o espírito de equipe.

11. Considera-se a carreira do magistério cristão uma vocação divina.

VI. DO EX-ALUNO

1. Os ex-alunos, seus ideais, seus testemunhos, seu sucesso na vida profissional e suas atividades múltiplas, constituem um termômetro da eficiência dos nossos colégios.

2. A sua opinião sobre o colégio e os professores deve merecer acurada consideração por parte da direção dos colégios. As suas sugestões devem merecer especial acatamento.

3. Os ex-alunos deverão ser agrupados em associação, cuja principal finalidade deverá ser a de estabelecer continuidade com a "alma mater", manter firme os ideais propostos pelo colégio, servir de permanente inspiração para o trabalho que o colégio vem realizando e, eventualmente, colaborar no programa de expansão e de melhoramentos. Uma geração sempre deve ter um compromisso material para com a geração futura, em se tratando de uma obra educacional.

4. As amizades formadas nos colégios metodistas têm sido e necessitam ser fortes e permanentes, destinadas a permanecer pelos anos e vida afora. Aqueles que participam da vida colegial sadia e bem orientada conservam as melhores memórias como um verdadeiro tesouro a ser guardado durante a vida.

VII. DOS AUXILIARES DA INSTITUIÇÃO

1. Acatamos as leis trabalhistas que disciplinam as relações entre auxiliares da Instituição e empregadores.

2. Os auxiliares da Instituição merecem bom tratamento no desempenho de suas funções.

3. O padrão cristão de tratamento dos auxiliares da Instituição deve ser mais elevado do que os comumente adotados por outras empresas.

4. As direções de nossas instituições não devem agravar a situação administrativa dando estabilidade a pessoas que não merecem e que pouco produzem.

VIII. DAS RELAÇÕES COM A IGREJA

1. As nossas instituições de ensino e a Igreja Metodista do Brasil devem manter a mais estreita relação entre si.

2. O colégio metodista deve ser um ponto avançado na propagação do Evangelho. Ele é tão importante agência evangelística quanto o é a própria Igreja.

3. O ideal seria que os nossos colégios fossem mais procurados pelos membros da Igreja para a educação de seus filhos, e que o corpo docente fosse todo ou quase todo formado de membros da Igreja.

4. A Igreja necessita manter íntima relação com os nossos colégios, alertando-os, estimulando-os e admoestando-os quanto necessário.

5. Deve a Igreja ter um programa mínimo de Educação Religiosa para ser executado pelos seus colégios.

6. A realização de culto de formatura no tempo e nos práticas, levando os alunos, seus familiares e amigos a um maior contato com a Igreja.

7. Sempre que possível os pastores locais deverão visitar e falar aos alunos.

8. Ao menos uma série de pregações deve ser feita anualmente em cada colégio, dando-se ênfase à experiência pessoal e ao despertamento de vocação.

ções para o ministério, magistério e ordem das diaconizas.

9. O ministério pode também ser exercido no campo educacional.

10. A Igreja deve providenciar capelães para os seus colégios.

IX. DAS RELAÇÕES COM O ESTADO

1. No art. 5 da Lei de Diretrizes e Bases estão "assegurados aos estabelecimentos de ensino públicos e particulares legalmente autorizados adequada representação nos conselhos estaduais de educação, e o reconhecimento, para todos os fins, dos estudos nêles realizados."

2. É dever das instituições educacionais, colaborar com o Estado na ministração da educação.

3. O funcionamento de qualquer instituição de ensino da Igreja deve preencher os dispositivos legais.

4. Assim como é um dever dos colégios cooperarem com o Governo, é também seu direito pleitear dêle auxílios financeiros oferecidos pela legislação em vigor e ao alcance dos demais estabelecimentos de ensino e instituições dentro e fora da Igreja.

X. DAS RELAÇÕES PÚBLICAS

1. A promoção de boas relações com a comunidade é uma necessidade a tôdas as instituições de ensino, a começar pela integração no meio social. Uma política de interdependência com a sociedade em geral não compromete nenhuma instituição quando bem planejada e orientada.

2. As boas relações públicas constituem técnica de uma boa administração. Para isso tanto o Reitor como outros membros da administração devem dedicar alguma parcela de tempo para participar dos eventos internos e externos que possam projetar o bom nome da instituição.

3. A participação dos colégios nas organizações sindicais, congressos e reuniões promove contatos que podem ser de benefício mútuo.

4. Será salutar estabelecer um programa de relações públicas e destacar alguém para executá-lo sistematicamente.

5. Excursões com grupos de alunos em visitas e jogos esportivos com outros colégios, noticiário pela imprensa, divulgação por meio de boletins, revistas e jornais escolares, podem ser eficientes agentes de promoção de boas relações públicas.

XI. DO ENSINO

1. O ensino e o grupo de professores devem estar sempre ligados em torno dos altos padrões de honra, de dignidade e de fé para que o colégio exerça real influência sobre seus alunos.

2. O ensino não deve ser restrito ao cumprimento mínimo dos programas e dos dias de aulas. A principal característica do nosso ensino deve ser qualitativa ao lado do "a mais" não contido em regulamentos mas expresso através do desejo de contribuir com uma parcela extra para o aprimoramento intelectual e moral de nossos alunos e da causa de uma sadia educação. É do espírito do metodismo "dar o mais que puder".

3. Reconhecemos que o ensino é dever do Estado mas que ao mesmo tempo os nossos colégios, embora particulares, têm direitos assegurados de funcionamento, sendo considerados no desempenho de alta e dupla missão: a de educar e a de colaborar com o poder público, na difusão do ensino.

4. Do empenho individual de cada professor e do esforço global do corpo docente depende o sucesso do ensino em qualquer instituição de caráter cultural. Qualidade do corpo docente e qualidade do ensino andam juntas.

5. Em métodos de ensino deve haver oportunidade para experimentação e avanço dentro de novas técnicas que podem e devem ser repartidas com a coletividade. A troca de experiências no campo do ensino enriquece a muitos e beneficia a todos.

XII. DAS ATIVIDADES EXTRA CLASSE

1. As atividades extra classe constituem imensa riqueza no campo educacional.

2. Além do currículo obrigatório por lei, deve haver ministração de outras atividades e organização de clubes cívicos, religiosos, literários, teatro, jornalismo, canto, coral e outros.

3. As aulas de preparo para a vida doméstica e trabalhos manuais em geral habilitam moças e rapazes a descobrir outras habilidades de grande utilidade prática.

4. As bandas de música, conjuntos musicais, clubes esportivos, oferecem aos alunos sadia recreação e oportunidades valiosas de formação integral de sua personalidade.

5. Os nossos educandários devem prestigiar os grêmios estudantis, conselhos escolares e diretórios orientando-os a fim de que cumpram integralmente as suas finalidades.

XIII. DA ADMINISTRAÇÃO ECONÔMICA E FINANCEIRA

1. As instituições de ensino da Igreja Metodista do Brasil, não visam fins lucrativos mas, como organizações particulares dependem econômica e financeiramente de recursos provindos de fontes diversas.
2. É necessário que cada estabelecimento, dentro do princípio de autonomia e independência, cuide de seus problemas econômico-financeiros.
3. Cabe ao Conselho Diretor estabelecer o planejamento financeiro e econômico, em acordo com o Reitor, a quem cabe executá-lo.
4. Uma boa organização contábil e o orçamento anual são peças indispensáveis para uma boa administração, cuja apreciação estará expressa através do Balanço apresentado no fim da gestão.
5. Todo o esforço deve ser despendido pelos Conselhos Diretores e instituições de ensino da Igreja no sentido de cumprir a verdade.

- 24 -

XIV. DO EQUIPAMENTO ESCOLAR

1. A legislação em vigor no País determina condições de funcionamento dos estabelecimentos de ensino relativamente ao material didático, edifícios e equipamento em geral.
2. Os nossos colégios devem primar por uma qualidade superior de ensino, e devem apresentar e oferecer condições materiais também superiores.
3. Há necessidade de se instalar uma boa biblioteca e que a mesma seja de uso real dos alunos e dos professores.
4. Os laboratórios complementam as aulas teóricas de modo mais eficiente. Não são eles meros depósitos de material mas devem ser oficinas de trabalho, de experimentação e de iniciação científica.
5. Os dormitórios não necessitam ser luxuosos. Entretanto, as condições de higiene, de bom gosto, de segurança e de conforto se tornam necessário para proporcionar um ambiente de família, caracterizado pelo respeito, decência e boa conduta.
6. As instalações para educação física constituem ótimo auxiliar para desenvolver as aptidões esportivas e, através destas, a do cavalheirismo, do espírito de equipe e de colaboração. Os colégios metodistas têm sido pioneiros em instalações e programa de cultura física.

- 25 -

7. As salas de aulas requerem ambientação que estimule os alunos para o estudo. Nelas o mobiliário deve ser adequado aos tipos de ensino e às idades dos alunos.

Anexo 7

Objetivo e Filosofia Educacional das Instituições de Ensino da Igreja Metodista

OBJETIVO

e

FILOSOFIA EDUCACIONAL

das

Instituições de Ensino da Igreja Metodista

Publicação do
Conselho Geral de Instituições Metodistas de Ensino — COGEIME

1973

OBJETIVO DA ESCOLA METODISTA

A escola, dentro do sistema educacional metodista, tem por objetivo proporcionar preparo espiritual, intelectual, físico social e cívico, sob influências cristãs e em função das necessidades da comunidade a que serve e dos interesses mais elevados do Brasil.

FILOSOFIA EDUCACIONAL

1 — Embora todos os estabelecimentos tenham seus alvos e propósitos declarados, em Estatutos e regimentos, nem sempre são divulgados entre o corpo discente, corpo docente, pessoal administrativo, funcionários e a comunidade em geral.

2 — Os propósitos e alvos dos estabelecimentos nem sempre são revistos e reestudados, à luz das novas oportunidades de serviço e das novas exigências dos dias atuais.

3 — Nem sempre estes alvos e propósitos são os guias e as linhas mestras para a vida rotineira da instituição.

Considerando que cada escola deve funcionar dentro de uma filosofia de trabalho que fielmente reflita seus propósitos declarados e,

Considerando que as instituições de ensino da Igreja Metodista devem trabalhar em torno dos mesmos alvos e dentro de uma só filosofia educacional, o X Concílio Geral da Igreja Metodista recomenda a seguinte filosofia para nortear as escolas metodistas, bem como os meios pelos quais a filosofia educacional deve encontrar expressão na vida diária da instituição (Atas, Suplementos e Documentos, pág. 83).

I — Cremos na Educação Cristã

A educação cristã é um processo através do qual se busca confrontar o homem com Deus em Cristo Jesus. Para tanto, a Escola deverá oferecer ambiente e vivência cristã à comunidade escolar que possibilitem uma interpretação cristã da vida e do universo pavimentando o caminho para uma decisão por Cristo.

II — Cremos em uma Escola Democrática

Sabemos do dever da escola na criação de ambiente democrático, que vise ao preparo do homem para viver numa sociedade onde deveres e direitos são respeitados. Cremos que nossas instituições devem ser acessíveis a todas as camadas sociais, a todas as raças, a todas as religiões.

III — Cremos na Educação para a Vida

Sabemos que a aprendizagem não se realiza apenas no estreito recinto de uma sala de aula. Grande parte das experiências formativas vêm do campo de esportes, do salão social, das reuniões culturais, das excursões ou mesmo do pátio da escola. As atividades extra-curriculares devem marcar a escola metodista.

IV — Cremos na Educação Dinâmica e Progressista

Sabemos que os métodos de ensino devem atualizar-se constantemente. Cremos que o aluno só aprende fazendo, por isso a escola deve ser transformada no grande laboratório da vida. Desejamos que nossos professores e diretores gerais façam cursos de reciclagem: reuniões, seminários pedagógicos e de especialidade e estejam atualizados com literatura pedagógica em geral ou a da sua área de trabalho. Dentro de nossas possibilidades reconhecemos a necessidade de ser colocado ao alcance dos professores todo o material didático, cuja utilização será incentivada e orientada.

V — Cremos no Ensino Profissionalizante

Desejamos que nossos alunos adquiram aptidões profissionais. Queremos que o formando inicie sua carreira capacitado a exercer suas funções com eficiência e honorabilidade. Cremos que o aluno deve aprender em situações reais da vida, em situações problemáticas.

VI — Cremos na Escola a Serviço da Comunidade

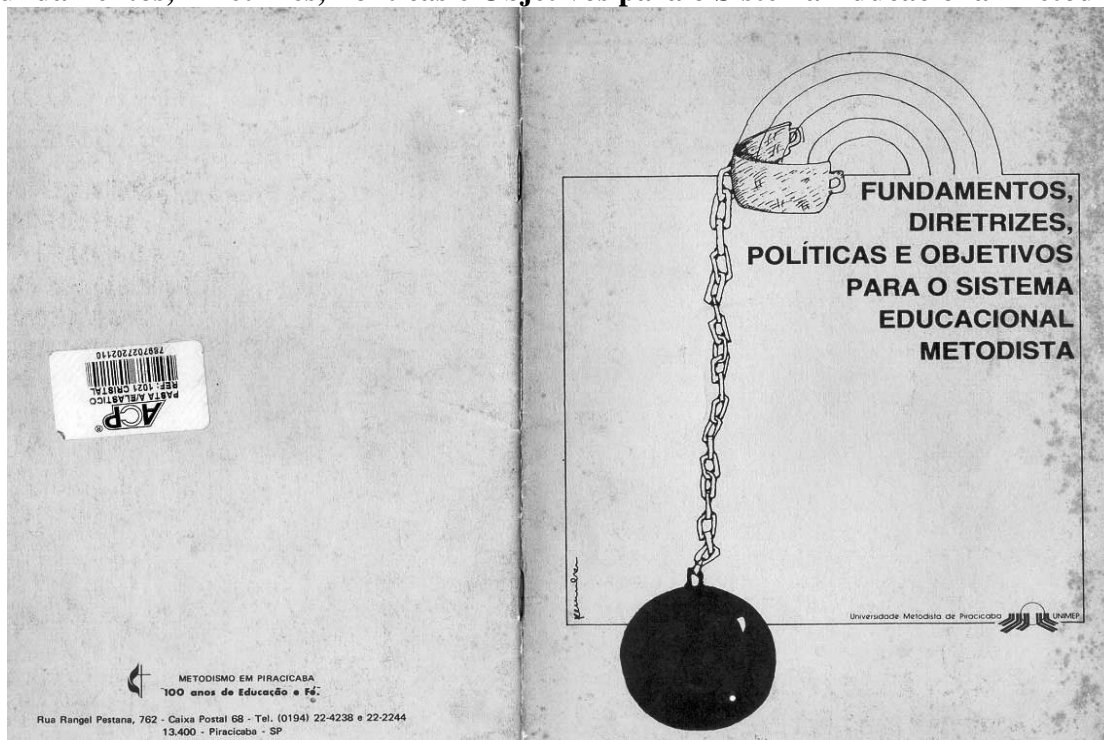
A Igreja não construiu escolas para servir-se delas, mas para com elas servir à comunidade. Tudo o que se recebe deve ser usado exclusivamente no setor educacional, em benefício do aluno, e os superávits, quando os houver, empregados no aperfeiçoamento da instrução a serviço da comunidade. A escola deve ser um dos polos de atração no seio da sociedade onde existe, pelo tipo de contribuição que lhe faz.

Extraído das folhas 38 e 29 da publicação ESTUDO DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO DA IGREJA METODISTA — Retrospecto, Atualidade, Perspectivas — COGEIME, 1968/69.

Aprovado pelo X Concílio Geral da Igreja Metodista, reunido em Fevereiro de 1970, no Rio de Janeiro, GB., Instituto Bennett de Ensino (Pág. 83, de Atas, Suplementos e Documentos).

Anexo 8

Fundamentos, Diretrizes, Políticas e Objetivos para o Sistema Educacional Metodista



FUNDAMENTOS, DIRETRIZES, POLÍTICAS E OBJETIVOS PARA O SISTEMA EDUCACIONAL METODISTA

Já de longa data a Igreja vem reclamando de suas Instituições de Ensino uma postura mais firme em relação ao cumprimento da Missão e a necessidade de que todas trabalhem dentro de uma Filosofia de Educação compatível com os princípios metodistas.

O COGEIME surgiu como resultado dessa preocupação e, mais tarde, a Igreja manifestava claramente sua preocupação através do primeiro Plano Quadrienal.

“Que se estabeleça uma Filosofia Educacional, segundo os princípios e tradição metodista, visando nortear a ação educativa secular da Igreja”.

E o mesmo Plano Quadrienal enfatizava:

“Que uma filosofia cristã de Educação seja o critério efetivo e prático da vida e ação da Escola, através da qual se encontre o meio de fazer da Escola a agência efetiva da missão, em todas as suas áreas de ação”.

O Segundo Plano Quadrienal bate na mesma tecla e insiste na necessidade de se ter uma Filosofia de Educação para as Instituições Metodistas.

O Conselho Geral tomou a iniciativa de chamar a São Paulo o COGEIME e a COGETE para uma reunião a fim de se elaborar um documento para este fim.

Na ocasião ficou claro que se tratava de algo mais complexo e que era necessário uma participação maior de segmentos da Igreja para a elaboração de um documento.

Daf foram constituídas quatro comissões que deveriam ouvir o maior número possível de pessoas e elaborar as quatro teses básicas, a saber:

- I – Bases Bíblico-Teológicas
- II – Fundamentos para o estabelecimento de uma Filosofia da Educação
- III – Política e Objetivos para o sistema educacional metodista brasileiro – área secular
- IV – Política para o sistema educacional metodista na área teológica.

As teses foram elaboradas e apresentadas a um seminário realizado no Rio de Janeiro, de onde saiu, finalmente, o documento ora em discussão, agora sob o controle do Conselho Geral.

A UNIMEP tem sido insistente na divulgação e discussão do Documento, não só no âmbito interno, como também externamente, por considerá-lo, como considera o Conselho Geral, apropriado para um amplo debate sobre o problema da educação nas Instituições Metodistas de Ensino do Brasil.

O que vai acontecer daqui para a frente dependerá da participação de todos e da manifestação da Igreja através de seus colegiados.

FUNDAMENTOS, DIRETRIZES, POLÍTICAS E OBJETIVOS PARA O SISTEMA EDUCACIONAL METODISTA

PREFÁCIO

O presente documento é o resultado final de um processo de esforço do trabalho, desenvolvido ao longo da implementação de um projeto aprovado pelo Conselho Geral da Igreja Metodista. Este processo culminou com a convocação de um seminário que examinou teses fundadas na análise anteriormente feita da realidade na qual a Igreja e suas instituições estão inseridas e da qual fazem parte. Os participantes desse seminário oferecem este documento como resposta à solicitação do Conselho Geral da Igreja Metodista, na esperança de haverem cumprido com fidelidade o trabalho que lhes foi confiado e na de que contribua decisivamente para atendimento da missão à qual foi a Igreja chamada nesta contingência histórica.

INTRODUÇÃO

Não se pode compreender o estado atual do Sistema Educacional Metodista, sem lançar-lhe novos fundamentos ou diretrizes, sem o reconhecimento de alguns pressupostos iniciais:

- 1) A partir de nossa visão histórica conclui-se que os missionários que aqui chegaram acreditavam ter o Evangelho uma mensagem para os indivíduos e a sociedade.
- 2) Um dos instrumentos sempre presentes de ação da Igreja Metodista junto aos indivíduos e a sociedade é a educação.
- 3) A educação é um dos instrumentos de transformação social e é parte essencial do envolvimento da Igreja no processo de implantação do Reino de Deus, conforme proclamado na vida, morte e ressurreição de Cristo.
- 4) As instituições de ensino metodistas são fruto desta visão missionária que levou em conta a dimensão total da vida e do Evangelho. Neste sentido, as propostas educacionais foram inovadoras e humanizantes.
- 5) A visão teológica missionária vigente na época, contudo, estava comprometida com uma opção política liberal em sua proposta de democratização e liberalização da educação brasileira. À medida em que o processo social brasileiro assume características liberais capitalistas, se evidencia que os objetivos propostos pelos missionários não são realizáveis. Neste contexto, o processo educacional desenvolvido através da Igreja passa a ser mero reprodutor da educação oficial, esvaziando-se e perdendo sua identidade confessional, desvinculando-se do seu comprometimento com o Evangelho de Jesus Cristo.

A partir desses pressupostos foi desenvolvido o presente documento, que lança bases bíblico-teológicas e fundamentos para o estabelecimento de uma filosofia da educação e propõe uma política para o Sistema Educacional Metodista, com suas unidades de ensino nas áreas secular e teológica.

1

I. BASES BÍBLICO-TEOLÓGICAS

O fundamento teológico para todo esforço educacional empreendido pela Igreja Metodista é Jesus Cristo e sua missão histórica de estabelecer o Reino de Deus (Plano Quadrienal, 1978, páginas 10 a 12).

Toda ação da Igreja implica necessariamente numa análise dialética da realidade, numa hermenêutica engajada da tradição bíblica e numa praxis libertadora, em outras palavras: uma relação entre a realidade, a fé e a vida.

O Deus da Bíblia, que é Pai, Filho e Espírito Santo, se revela na história humana como criador, redentor e fortalecedor. Deus, em sua própria natureza não é, pois, uma realidade individualista, mas social, comunitária, colegiada. Este Deus Trino constitui, também, em seu relacionamento com o ser humano, uma nova comunidade, historicamente conhecida na vida do povo de Israel e da Igreja. A ação divina sempre nos aponta para a realização plena do Reino. A esperança neste Reino é vivida e experimentada parcialmente na vida do povo de Israel (Promessa a Abraão - Gn. 12.1-4; 13.14-17; 17.9-8; 22.15-18; a experiência do êxodo - Dt. 3.7-8; 6.1-9; 7.6-7-9; Ex. 3s; a conquista da terra - Js. 1.5-9; 13-15; a pregação dos profetas - Is. 49s; Ez. 36-37; Jl. 2.12-32; Mq. 2.12-13; 4.1-13; e manifestada de maneira plena na vida de Jesus de Nazaré - Mc. 1.15; Mt. 6.9-13; Lc. 4.19-21; Mc. 14.23-25; 1 Co. 11.25-26; Mt. 28.1-10). Através da vitória de Jesus Cristo sobre o poder do pecado e da morte temos a certeza da realização plena do Reino de Deus.

A ação do Deus Trino - Pai, Filho e Espírito Santo - se faz atual mediante a manifestação do Espírito. O dom do Espírito é a força e o poder de Deus que faz brotar, aqui e agora, entre nós, os primeiros sinais do Reino de Deus e de sua justiça, da nova criação, do novo homem, da nova mulher, da nova sociedade. O Espírito nos revela que o Reino de Deus transcende a qualquer instituição, a qualquer projeto histórico, sendo o critério que julga toda nossa prática. O Espírito é livre e soberano: age onde, como e quando lhe bem apraz, em seu objetivo de fazer amadurecer a condição para a consumação do Reino. Esta consciência nos compromete sempre com o projeto de Deus e nos liberta da ilusão totalitária dos projetos humanos, levando-nos a renunciar a toda e qualquer atitude de triunfalismo institucional.

A fé nos desperta uma consciência crítica, a partir da percepção de que os atos de Deus na história se constituem num processo de ensino (Dt. 6; Mateus 28.19).

O Reino de Deus manifesto em Jesus Cristo revela o propósito libertador de Deus, concedendo ao ser humano "uma nova vida à imagem de Jesus Cristo, através da ação e poder do Espírito Santo" (Plano Quadrienal, 1978, item 4, pág. 10; Jo. 8.32; Lc. 4.18-21), em confronto com todas as forças opressoras (Lc. 11.39-46; 22.1-2; 1.51-53; 4.18; 6.20-21; 24.25; 12.15-21; 18.24-30). Essas forças opressoras são condenadas como expressão do pecado tanto individual quanto social.

As forças opressoras que agem na vida social e individual do ser humano são frutos do pecado. Este deve ser entendido não somente como um ato de rebeldia individual para com Deus, mas também e especialmente como uma realidade cultural-ideológica que escraviza o ser humano social e individualmente.

2

A salvação, portanto, deve ser vista globalmente, como resultante da ação de Deus na história e na vida das pessoas. Biblicamente, ela não se restringe à idéia de salvação da alma, característica histórica do individualismo pietista protestante, mas com a ação de Deus que age na realidade cultural-ideológica de cada povo e cada indivíduo, libertando-os para servir a Deus e ao próximo e participar da vida plena no Reino de Deus.

A Revelação do Reino de Deus em Jesus Cristo é para a Igreja motivo de esperança. Sua realização parcial na história se dá na forma de sinais que mostram a possibilidade de plenitude futura. Ela é modelo permanente para a ação do povo de Deus. Desenvolve consciência crítica à medida em que desmascara todas as ideologias que pretendem possuir a verdade de modo absoluto. A esperança no Reino permite à Igreja viver projetos históricos visando a libertação da sociedade e do ser humano.

A ação de Deus, modelo da ação missionária da Igreja, atinge, transforma e promove o ser humano na medida em que o vocaciona para um relacionamento pleno e libertador com Deus e o outro para o serviço concreto na comunidade. A natureza do Reino é também temporal na medida em que exige compromisso com o novo homem e sua sociedade, na direção da vida abundante, da justiça e da liberdade (Jo. 8.32; Rm. 12.2). Em Jesus o Reino de Deus desabrochou para todos, principalmente para o pobre (Mt. 5.3-11; Lc. 1.51-53; 4.18; 6.20-21-24-25; 12.15-21; 18.24-30) que é acolhido como privilegiado do Reino exatamente por sua necessidade de maior libertação.

Deus, em seu propósito de salvar o mundo, se manifesta sempre mediante atos de amor, pois ele é amor (Jo. 3.16; 1 Jo. 4.8-16). Seu amor tem como objetivo a totalidade da criação, pois nada foge à graça divina (Rm. 8). Em seu amor, Deus nos salva e nos redime. Em Cristo nos ama de tal maneira que dá sua vida por todos nós e de modo muito especial pelos pobres, oprimidos e marginalizados (Lc. 4). Seu amor quebra as cadeias da opressão, do pecado em todas as suas dimensões. Por seu amor nos liberta do egoísmo, para uma vida de comunidade em amor e serviço ao próximo. A nova vida que Cristo nos oferece se manifesta quando comunitariamente nossa ação revela o seu amor. Assim como o amor foi o fundamento da ação de Deus, toda a ação da Igreja deve expressar este amor que Deus nos oferece.

A natureza do Reino de Deus é também, abrangente, na medida em que exige compromisso com o ser humano e sua sociedade, alcançando todas as pessoas, todas as instituições e todos os setores da vida, bem como a pessoa total, nos diferentes aspectos de sua vida. O Reino de Deus alcança qualquer tipo de pessoa, quaisquer que sejam suas idéias, suas condições sociais, culturais, políticas, econômicas ou religiosas. O Reino de Deus alcança, igualmente, o indivíduo integral, incluindo o seu corpo, mente e espírito, com todas as suas exigências.

II. FUNDAMENTOS PARA O ESTABELECIMENTO DE UMA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Nenhuma tarefa educacional é desenvolvida sem base filosófica. A filosofia é elemento impulsionador, enquanto reflexão crítica da realidade presente e busca da verdade.

3

Deve ser, em nossas escolas, desenvolvida necessariamente integrada com a teologia, de modo a refletir a proposta da Igreja.

Até o momento, fundamentos implícitos de filosofia liberal, típicos de uma sociedade capitalista, têm direcionado o processo educativo das instituições educacionais, conduzindo-as a implementarem um tipo de educação com características acentuadamente individualistas.

Alguns, entre outros dos elementos fundamentais desta corrente filosófica, que devem ser recusados, expressam-se em:

- preocupam-se com ascensão social individualista, visando exclusivamente ao êxito pessoal;
- acentuação do espírito de competição;
- aceitação do utilitarismo como norma de vida;
- colocação do lucro, decorrente da exploração do ser humano pelo ser humano, como base das relações econômicas.

Nenhum desses elementos se harmoniza com a teologia e a filosofia, que devem servir de base para a prática educativa metodista.

Torna-se, por isso, indispensável novo instrumental filosófico de dimensão libertadora (conforme o Plano Quadrienal de 1978), permeando todo o trabalho desenvolvido nas instituições educacionais metodistas, desde a programação dos currículos até suas práticas administrativas, através do qual se possa desenvolver:

- consciência crítica da realidade;
- valorização social;
- ação solidária;
- espírito e prática de justiça;
- educação inserida na realidade concreta com proposta de libertação individual e social;
- realização da pessoa humana como fruto do esforço conjunto;
- distribuição equitativa do resultado do esforço social;
- a idéia de que é útil aquilo que tem valor social dentro de uma perspectiva cristã e em consonância com uma escala de valores que promova a pessoa humana.

III. POLÍTICA E OBJETIVOS PARA O SISTEMA EDUCACIONAL METODISTA BRASILEIRO - ÁREA SECULAR

Os missionários e educadores metodistas praticaram, desde o Império até o presente momento, uma educação liberal humanista, com base no sistema econômico norte-americano e nas tradições da nossa denominação. Esta prática educacional teve o seu lugar na história e contribuiu para o desenvolvimento do ensino em nosso país como um tipo de educação alternativa ao rígido sistema jesuíta e governamental.

Não obstante os benefícios desta prática educativa, ela se encontra superada por diversas razões: por não ter se identificado com a cultura nacional na sua totalidade; por ser baseada exclusivamente no indivíduo sem uma preocupação social mais ampla; por se ter tornado elitista e apresentar pouca preocupação com os pobres e desvalidos sem responder satisfatoriamente às necessidades da maioria do povo brasileiro, limitando a visão cristã da educação.

Ainda que parcela significativa da Igreja Metodista se encontre acomodada com este tipo de educação, por corresponder à sua mentalidade, chegou o

4

momento de romper, embora gradativamente, com este compromisso que a manteve relacionada a uma educação baseada em pressupostos do capitalismo liberal e por isso mesmo privilegiadora das elites dirigentes.

O sistema educacional brasileiro é também elitista, discriminatório, criador de dependência e visa a conservar o "status quo", impondo a cultura da classe dominante à classe popular e aumentando cada vez mais o seu nível de dependência.

A existência das instituições metodistas de ensino não está condicionada à insuficiência do Estado em cumprir seus compromissos para com a educação, mas à convicção da Igreja de que o ensino particular confessional tem que ser preservado como uma opção democrática.

A partir dessas constatações declara-se:

1. que as instituições metodistas não devem funcionar como meras repetidoras da filosofia educacional vigente;
2. que devem operar diferenciadas, com uma postura de libertação e comprometidas com a educação formal e não formal, com vistas a libertar os pobres, oprimidos, os desvalidos e os opressores do jugo das estruturas opressivas.

A educação feita a partir da própria expressão popular não formal deve estar voltada contra todo tipo de discriminação e dominação e, mais especificamente, neste momento e nas atuais circunstâncias deverá voltar-se prioritariamente para o problema dos menores e velhos marginalizados, do machismo, da opressão da mulher, da proliferação e confinamento da prostituição, do racismo, do êxodo rural resultante do mau uso da terra e da exploração dos trabalhadores do campo, gerando o aumento de contingentes humanos que passam a viver na periferia das cidades em condições de extrema miséria.

A prática educativa deverá, portanto, ser libertadora e procurará transformar o educando em agente positivo da libertação.

Há plena consciência dos grandes obstáculos que as instituições terão de enfrentar na luta educacional em favor dos menos favorecidos. Tais obstáculos estão: no pouco espaço deixado pelo sistema educacional dentro da educação formal; no nível econômico privilegiado do corpo discente em relação à maioria da população brasileira; na formação do professorado das instituições; na mentalidade das atuais administrações que representam a mantenedora, muito preocupadas com a situação patrimonial e amparadas por estruturas de poder muito rígidas, e no fato de estarem as instituições na absoluta dependência das anuidades dos alunos, sempre defasadas em relação aos custos do ensino, o que limita sua potencialidade libertadora. Apesar de tais obstáculos, é dever das instituições assumir o pobre em sua concretude e utilizar todos os recursos disponíveis no sentido de fazer chegar a ele nossa solidariedade em sua miséria.

Com base nos posicionamentos expostos, ficam estabelecidas as seguintes diretrizes:

1. todos - Igreja, professores, funcionários, alunos e comunidade - serão informados do nosso compromisso com o pobre e empenhados em sua libertação;

5

2. o ensino formal transmitido àqueles que frequentam nossas instituições não terá como finalidade a simples transmissão da cultura dominante e a mera preparação para o mercado de trabalho, mas a formação de consciências críticas e sensibilizadas para o problema dos oprimidos e reprimidos;
3. a abertura e montagem de novos cursos levará sempre em consideração os objetivos da missão da Igreja, constantes de seus documentos oficiais e das necessidades regionais;
4. serão promovidas pesquisas a nível de instituições regionais e gerais quanto ao desenvolvimento de currículo dos cursos existentes, tendo em vista a sua adequação aos propósitos aqui mencionados;
5. parcela significativa dos orçamentos será colocada à disposição da educação popular, com vistas a desenvolver a consciência crítica da população periférica;
6. as instituições manterão um estreito relacionamento com as comunidades onde se encontram inseridas, compartilharão de seus problemas e deverão atrair para suas instalações e dependências a discussão de temas de interesse comunitário;
7. as instituições colocarão à disposição da comunidade, principalmente dos pobres e das organizações de classe, inclusive nos fins-de-semana e períodos de férias, seus espaços físicos, salas e auditórios;
8. serão criadas, com prioridade, pastorais escolares vigorosas, para funcionar como consciência crítica das instituições, em todos os seus aspectos, e para acompanhar e promover as atividades extra-classe, bem como os trabalhos com a comunidade, dando a todas as iniciativas um sentido de libertação;
9. as administrações deverão encontrar um ponto de equilíbrio em sua estrutura de poder, de modo a garantir a tranquilidade dos professores, alunos e funcionários e a segurança da mantenedora;
10. deverá ser desenvolvida nas instituições uma vivência cristã coerente com as diretrizes ora adotadas;
11. as instituições de ensino desenvolverão programas que proporcionem condições aos participantes do processo educacional de libertarem-se das injustiças e males sociais visíveis, por exemplo, na organização da sociedade, na deteriorização das relações entre as pessoas, na deturpação do sexo, nos vícios e outros;
12. serão desenvolvidos projetos de atendimento ao pré-escolar carente, como ação preventiva à marginalidade e delinquência;
13. visando à unidade educacional da Igreja, em sua Missão, as regiões ajudarão suas igrejas a descobrir formas de colocar seus recursos humanos e patrimoniais em favor da comunidade, acima de tudo em favor dos pobres, e, onde possível, em projetos que unam instituições educacionais e igrejas;
14. deverá ser desenvolvida nas escolas e igrejas a preocupação com a formação de docentes e especialistas, a fim de suprir essa deficiência em nossas instituições;
15. As instituições que, eventualmente, não se enquadrarem ou não corresponderem às exigências das presentes diretrizes, serão socorridas e ajudadas a redimensionar seus objetivos; se, após acurada e profunda avaliação, for constatada a impossibi-

6

lidade de reencontrar o seu caminho, serão fechadas.

IV. POLÍTICA PARA O SISTEMA EDUCACIONAL METODISTA - ÁREA TEOLÓGICA

Ficam estabelecidas as seguintes diretrizes para o Sistema Educacional Metodista, na área teológica:

1. Aspectos organizacionais - Urge centralizar a formação pastoral na Faculdade de Teologia e diversificá-la nas especializações. Ao mesmo tempo, a atualização de pastores e a capacitação dos leigos devem ser descentralizadas em Centros regionais. Tais Centros regionais também estarão envolvidos com a pesquisa e o debate teológicos.
2. Aspectos acadêmicos - Serão estabelecidos currículos fundamentados nas bases teológicas reconhecidas pela Igreja Metodista, com vistas a:
 - mudanças na prática da pastoral, na ação do laicato e na igreja local;
 - mudanças na metodologia do trabalho teológico, a partir do povo;
 - mudanças nos programas de educação teológica destinados a leigos e pastores, por meios formais, não formais e informais.A COGETE identificará estruturas curriculares que permitam aos futuros pastores manterem relacionamento frequente com as suas regiões de origem, visando maior adaptabilidade no seu retorno.
3. Docência - No recrutamento e seleção de professores de teologia para leigos e pastores, se observará a adequada qualificação dos docentes aos cursos a serem ministrados. Dever-se-á oferecer aos professores oportunidades de permanente atualização e aperfeiçoamento. Os professores de teologia, quando ministros metodistas ativos, deverão exercer simultaneamente o pastorado.
4. Aspirantes ao pastorado - O processo de recrutamento de discentes que aspiram ao pastorado incluirá, sistematicamente, um programa pré-teológico. O processo seletivo compreenderá, obrigatoriamente, a avaliação da aptidão do candidato e, paralelamente, avaliação dos requisitos intelectuais e cumprimento das demais exigências previstas pela Igreja.
5. Complementação teológica - A obtenção do grau de bacharel em teologia será possível, também, através de Curso de Complementação, sem exigências de frequência regular à Faculdade de Teologia, para pessoas de comprovada vocação e serviço e de formação acadêmica de nível superior, impossibilitadas de fazer o curso teológico regular.
6. Administração da Faculdade de Teologia - Deverá ser estabelecida administração autônoma para a Faculdade de Teologia da Igreja Metodista.
7. Complementação de sustento da Educação Teológica - Além dos programas de educação teológica das próprias instituições, cujos recursos básicos já são previstos, será criado um Fundo Complementar Nacional de Educação Teológica - alimentado pelo pagamento de taxas escolares dos alunos, contribuição das Igrejas, doações, le-

7

gados e outros — a fim de proporcionar recursos suplementares a programas e instituições existentes e sustentar novos projetos, relacionados ao sistema de Educação Teológica da Igreja Metodista.

8. Dimensões de relacionamento — A Educação Teológica será desenvolvida observando-se os seguintes relacionamentos:

- Relacionamento com o contexto social: a metodologia do trabalho teológico, em todos os níveis, terá relação direta com a realidade dos menos favorecidos da sociedade brasileira, visando ao processo de sua libertação;
- Relacionamento com o contexto da Igreja: o trabalho teológico, coordenado pela COGETE, se fará numa dimensão profética e, para isto deverá manter a necessária autonomia em relação aos órgãos superiores da Igreja;
- Relacionamento com outras instituições de ensino: o trabalho teológico deverá estar preferencialmente integrado à vida universitária mais ampla;
- Relacionamento entre as instituições metodistas de ensino teológico: encontros de avaliação e planejamento da prática teológica, através da COGETE;
- Relacionamento ecumênico: a educação teológica será enriquecida pelo contato com outras Igrejas, inclusive de outros países, sem que isso prejudique os aspectos confessionais específicos metodistas.

**IGREJA METODISTA
CONSELHO GERAL**

RESOLUÇÃO DA MESA EXECUTIVA

R.M.E. nº 41/80
DATA: 11/09/80
REUNIÃO Nº 14

A MESA EXECUTIVA DO CONSELHO GERAL da Igreja Metodista, em reunião realizada 11/setembro/1980, usando das atribuições que lhe conferem os cânones e de acordo com o Regimento.

CONSIDERANDO,

- a) que o Conselho Geral, através da RCG. nº 38/80, de 12/07/80, recebeu e aceitou como expressão de sua intenção o documento intitulado FUNDAMENTOS, DIRETRIZES, POLÍTICAS E OBJETIVOS PARA O SISTEMA EDUCACIONAL METODISTA, elaborado pelos participantes da consulta realizada no período de 07 a 11 de julho de 1980;
- b) que, através da mesma Resolução, o documento deveria ser objeto de amplo estudo e debate, envolvendo diferentes setores da Igreja, sob a supervisão do COGEIME, da COGETE e do Colégio Episcopal,

RESOLVE:

1. Determinar que o documento seja publicado, em sua íntegra, acompanhado da RCG. nº 38/80 e desta Resolução, no Expositor Cristão, para conhecimento pleno da Igreja e para possibilitar a manifestação de toda a comunidade metodista sobre o seu conteúdo.
2. Determinar que o documento seja estudado e debatido nos seguintes níveis da Igreja:
 - 2.1- Conselhos Regionais;
 - 2.2- Instituições de educação secular e de educação teológica, em todos os níveis;
 - 2.3- Institutos Ministeriais;
 - 2.4- Grupos Societários (Federações);
 - 2.5- Igrejas locais:
 - 1ª Região
Catete, Vila Isabel, São João, Inhoaíba, Barra Mansa, Volta Redonda, Petrópolis, Cabo Frio.
 - 2ª Região
Uruguaiana, Santa Maria, Passo Fundo, Central de Alegrete, Central de Porto Alegre, Wesley (P. Alegre), Caxias do Sul, Central de Cruz Alta.

- 3ª Região
São Bernardo do Campo, Rudge Ramos, Central de São Paulo, Santo André, Vila Mariana, Moóca, Guaratinguetá, Vila Conde do Pinhal, Cunha, Mainrinque, Santo Amaro, Pinheiros e Penha.
- 4ª Região
Central de Belo Horizonte, Carlos Prates, Central de Juiz de Fora, São Mateus, Cachoeiro do Itapemirim, Governador Valadares, Muriaé, Central de Vitória; Cataguases, Ipatinga, Central de Salvador.
- 5ª Região
Lins, Birigui, Central de Piracicaba, Betânia (Piracicaba), Central de Campinas, Ribeirão Preto, Brasília (Asa Sul), Penápolis; Araçatuba, Uberlândia, Assis e Dourados.
- 6ª Região
Curitiba, Londrina, Santo Antonio da Platina, Maringá, Florianópolis e Bandeirantes.

3. Estabelecer que, nas instituições de educação secular e de educação teológica, o estudo e debate do documento inclui a participação de representantes do corpo docente e do corpo discente e dos funcionários.
4. Fixar a data de 31 de dezembro de 1980 para os órgãos, instituições e igrejas mencionadas no item 2 elaborem relatórios escrito sobre a análise do documento e os remetam ao Secretário Geral de Coordenação, na Sede Geral da Igreja.
5. Solicitar que, até 30 de janeiro, as Mesas Executivas dos Conselhos Regionais remetam para o Secretário Geral de Coordenação o relatório dos estudos e debates realizados pelos Concílios Regionais respectivos.
6. Estabelecer que, de posse dos relatórios dos estudos e debates realizados nos Concílios Regionais, e Grupo de Trabalho instituído pela RCG. nº 40/80 estruture o seminário previsto para julho de 1981, pelo item 3 da RCG. nº 38/80.

Elizeu Constantino Ely Eser Barreto César
Presidente Secretário

**IGREJA METODISTA
CONSELHO GERAL**

RESOLUÇÃO DO CONSELHO

R.C.G. nº 43/80
DATA: 13/09/80
REUNIÃO Nº 07

O CONSELHO GERAL da Igreja Metodista, em reunião realizada em 13/setembro/1980, usando das atribuições que lhe conferem os cânones e de acordo com o Regimento.

CONSIDERANDO,

- a) que o Conselho Geral, na forma da RCG Nº 38/80, recebeu e aceitou como expressão de sua intenção o documento denominado FUNDAMENTOS, DIRETRIZES, POLÍTICAS E OBJETIVOS PARA O SISTEMA EDUCACIONAL METODISTA, elaborado pelos participantes da consulta realizada no período de 07 a 11 de julho de 1980;
- b) que o citado documento, embora ainda deva ser estudado e debatido, envolvendo diferentes setores da Igreja, contém diretrizes que, por sua natureza, devem ser implantadas já no ano de 1981, a título de experiência.

RESOLVE:

1. Determinar que as instituições de educação secular incluam no seu planejamento para 1981 e apliquem a partir do referido exercício as seguintes diretrizes:
 - 1.1- A abertura e montagem de novos cursos levará sempre em consideração os objetivos da missão da Igreja, constantes de seus documentos oficiais e das necessidades regionais;
 - 1.2- As instituições manterão um estreito relacionamento com as comunidades onde se encontram inseridas, compartilharão de seus problemas e deverão atrair para suas instalações e dependências a discussão de temas de interesse comunitário;
 - 1.3- As instituições colocarão à disposição da comunidade, principalmente dos pobres e das organizações de classe, inclusive nos fins de semana e períodos de férias, seus espaços físicos, salas e auditórios;
 - 1.4- Serão criadas, com prioridade, pastorais escolares vigorosas, para funcionar como consciência crítica das instituições, em todos os seus aspectos, e para acompanhar e promover as atividades extra-classe, bem como os trabalhos com a comunidade, dando a todas as iniciativas um sentido de libertação;

- 1.5- Deverá se desenvolver nas instituições uma vivência cristã operante com os princípios metodistas;
 - 1.6- Serão desenvolvidos projetos de atendimento ao pré-escolar carente, como ação preventiva à marginalidade e delinquência;
 - 1.7- Deverá ser desenvolvidas nas escolas e igrejas a preocupação com a formação de docentes e especialistas, a fim de suprir essa deficiência em nossas instituições;
2. Determinar que as instituições de educação teológica incluam no seu planejamento para 1981 e apliquem a partir do referido exercício, as seguintes diretrizes:
- 2.1- Docência — No recrutamento e seleção de professores de teologia para leigos e pastores, se observará a adequada qualificação dos docentes aos cursos a serem ministrados; dever-se-á oferecer aos professores oportunidade de permanente atualização e aperfeiçoamento; os professores de teologia, quando ministros metodistas ativos, deverão exercer, simultaneamente, o pastorado;
 - 2.2- Aspirantes ao Pastorado — O processo de recrutamento de discentes que aspiram ao pastorado incluirá, sistematicamente, um programa pré-teológico; o processo seletivo compreenderá, obrigatoriamente a avaliação da aptidão do candidato e, paralelamente, a avaliação dos requisitos intelectuais e cumprimento das demais exigências previstas pela Igreja;
 - 2.3- Dimensões de relacionamento:
 - a) Entre as instituições metodistas de ensino teológico — deverão ser realizados encontros de avaliação e planejamento da prática teológica, através da COGETE;
 - b) Com outras Igrejas — deverão ser realizados contatos com outras Igrejas, inclusive de outros países, sem que isso prejudique os aspectos confessionais específicos metodistas.
3. Determinar a Mesa Executiva do Conselho Geral e as Mesas Executivas dos Conselhos Regionais, respectivamente com relação às instituições gerais e regionais, adotem os procedimentos necessários para garantir a inclusão das diretrizes ora determinadas nos planejamentos das instituições para 1981, que como a sua efetiva aplicação a partir do referido exercício.
4. A Comissão de Coordenação criada pela RCG. nº 40/80 procederá a avaliação e acompanhamento da implantação desta Resolução, com vistas a definição final do Plano Nacional de Educação da Igreja Metodista.

Elizeu Constantino
Presidente

Ely Eser Barreto César
Secretário

Educação Cristã – um posicionamento metodista

EXPOSITUM CRISTIANUM

1.ª Quinzena de Agosto de 1981

NOTICIÁRIO

A EDUCAÇÃO CRISTÃ - UM POSICIONAMENTO METODISTA

O Conselho Geral da Igreja Metodista, através de sua Secretaria Executiva de Educação Cristã, apoiado pelo Conselho Geral das Instituições Metodistas de Ensino — COGEIME — e pela Universidade Metodista de Piracicaba, convocou uma equipe de obreiros da Igreja Metodista para uma Consulta e um Seminário sobre Educação Cristã. Os obreiros convocados foram os seguintes:

- os secretários executivos de educação cristã;
- um representante dos campos missionários;
- um representante da Comissão Geral de Educação Teológica;
- um representante das pastorais escolares;
- um representante dos coordenadores de educação cristã de instituições, de cada Região Eclesiástica;
- um estudante ou professor de seminário ou da Faculdade de Teologia;
- seis representantes de cada Região Eclesiástica, escolhidos pelo respectivo Conselho Regional, a saber:
 - 1 — um membro de comissão local de educação cristã;
 - 2 — um(a) professor(a) de escola dominical;
 - 3 — um(a) superintendente de escola dominical;
 - 4 — um(a) professor(a) ou diretor(a) de crianças;
 - 5 — um(a) professor(a) ou conselheiro(a) de juvenis;
 - 6 — um(a) pastor(a) servindo a uma igreja local;
- dois representantes do Colégio Episcopal;
- dois representantes do Conselho Geral;
- três representantes de jovens, escolhidos pela Confederação das Sociedades Metodistas de Jovens (um da zona rural, um operário e um estudante de 2.º grau);
- dois representantes universitários, escolhidos no I Encontro Nacional de Universitários Metodistas, assessorados por cinco especialistas das seguintes cinco áreas: pedagogia, psicologia, sociologia, teologia e artes.

Após uma consulta preliminar aos que representavam as bases e fronteiras de trabalho da Igreja, o seminário que a seguiu examinou a realidade atual da educação cristã, seu dimensionamento ideal para a Igreja e as forças e tendências presentes na educação cristã no mundo, na escola dominical, nas instituições de ensino no Brasil, na teologia contemporânea e no mundo social e político. A partir de todo este material, o Seminário elaborou o posicionamento que segue acerca da natureza e do objetivo da Educação Cristã.

A Educação Cristã é um processo dinâmico que se desenvolve no confronto da Realidade Histórica com o Reino de Deus, na Ação do Espírito Santo que é reveladora de Cristo, conforme o testemunho das Escrituras.

Levando em conta a Pessoa e a Comunidade, a Educação Cristã objetiva a Transformação, a Libertação e a Capacitação de ambos para um comprometimento com a missão de Deus no Mundo.

Que significa isto?

1. A educação cristã é um processo dinâmico...

... que exige a participação ativa e o envolvimento completo, de todas as pessoas, que acontece em uma variedade de situações concretas, tanto em uma sala de aula, como em qualquer outro relacionamento, programado ou não. O ver, o ouvir, o captar, o dialogar, o compartilhar e o fazer são todos meios pelos quais a pessoa se educa. Assim todos são educadores e educandos a um só tempo. Este processo não é legitimador de conceitos e situações estabelecidos, mas atualizador da tradição cristã, problematizando todas as experiências da vida. Este processo não se limita à Escola Dominical, à Comissão de Educação Cristã ou à presença de uma disciplina nos currículos escolares, mas inclui todos os setores da Igreja: a família, a escola, o púlpito, as sociedades e outros. Ocorre também no dia-a-dia da vida pela participação efetiva em outros movimentos eclesiais ou não-eclesiais, que agem a favor da dignidade humana. O processo de Educação Cristã exige permanente avaliação e retomada do caminho...

2. ... que se desenvolve no confronto da realidade histórica, com o Reino de Deus...

... pois a educação cristã não acontece no vácuo. Ela surge do momento em que o povo de Deus se percebe como inserido em um determinado instante da História. As forças econômicas, políticas, sociais, culturais e religiosas, marcadas pela ideologia, são formadoras da pessoa e da comunidade, a uma profundidade poucas vezes percebida. O Reino de Deus está presente, em ação e crescimento nessa realidade prolongando-se no futuro. Esta presença acontece em confronto com a realidade histórica e muitas vezes em conflito com ela. Ele a julga e sua vitória já está assegurada e sinalizada na Ressurreição...

3. ... na ação do Espírito Santo que é reveladora de Cristo...

... encarnado em Jesus de Nazaré e manifesto hoje em seu corpo que é a Igreja. A Encarnação, sinal de amor e da Justiça de Deus, indica a valorização do mundo (Jo 3.16) e ao mesmo tempo o seu julgamento. A Igreja, corpo de Cristo, entendida como sinal do Reino de Deus, é constituída por aqueles que aceitam a Cristo e, impulsionados pelo amor, se comprometem a participar na sua Obra, na esperança da plenitude deste Reino.

A presença e o poder do Espírito Santo em ação na vida da pessoa e da comunidade tornam atual a realização da obra e a manifestação de Cristo, em quem constantemente tudo se renova.

A educação cristã que resulta deste processo constitui-se em evangelização, uma vez que a evangelização é uma prática educadora...

4. ... conforme o testemunho das Escrituras.

As Escrituras são o fundamento para os princípios de fé e ação do Metodismo Universal.

As Escrituras são o registro das experiências objetivas e históricas da ação de Deus, atra-

vés das quais, Ele e a sua Palavra se revelam. Estes testemunhos celebrados e vivenciados, expressam o processo educativo do povo de Deus no AT e NT, os quais são um conteúdo significativo para a educação cristã.

A Igreja Metodista entende, pois, sua tarefa educativa a partir de sua tradição wesleyana, que preserva a dimensão ecumênica.

5. Levando em conta a pessoa e a comunidade...

... a educação cristã não cai na ideologia individualista, nem na coletivista. Ambas as posições anulam a mensagem evangélica, porque a primeira endessa o indivíduo e anula o sentido de comunidade; ao passo que a segunda endessa a coletividade, sacrificando o sentido de pessoa.

O Metodismo histórico enfatiza a experiência cristã nos seus aspectos, simultaneamente, pessoais e sociais.

A educação cristã respeita e promove a pessoa ao reconhecê-la como filha de Deus, criada à sua imagem e semelhança, amada e redimida por Ele. Considera-a como digna de toda a atenção e valor, qualquer que seja a sua condição.

A erradicação de mitos e preconceitos, bem como a identificação com todos os que são desprezados pela sociedade e oprimidos por qualquer sistema, são parte integrante e inevitável da tarefa da educação cristã.

A educação cristã reconhece e respeita as diferentes comunidades que congregam as pessoas e que lutam a favor da dignidade humana porque nelas também se realiza a ação divina. Reconhece e valoriza a comunidade da fé, como o ambiente em que se desenvolve de maneira significativa...

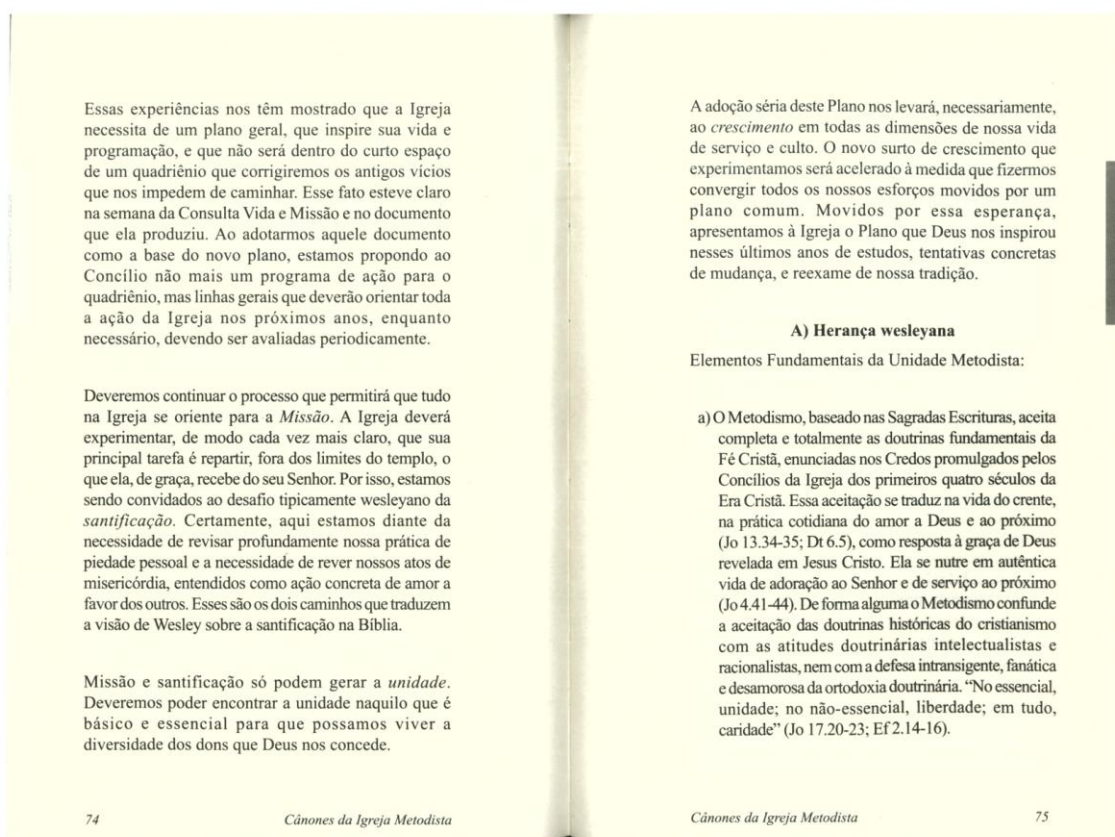
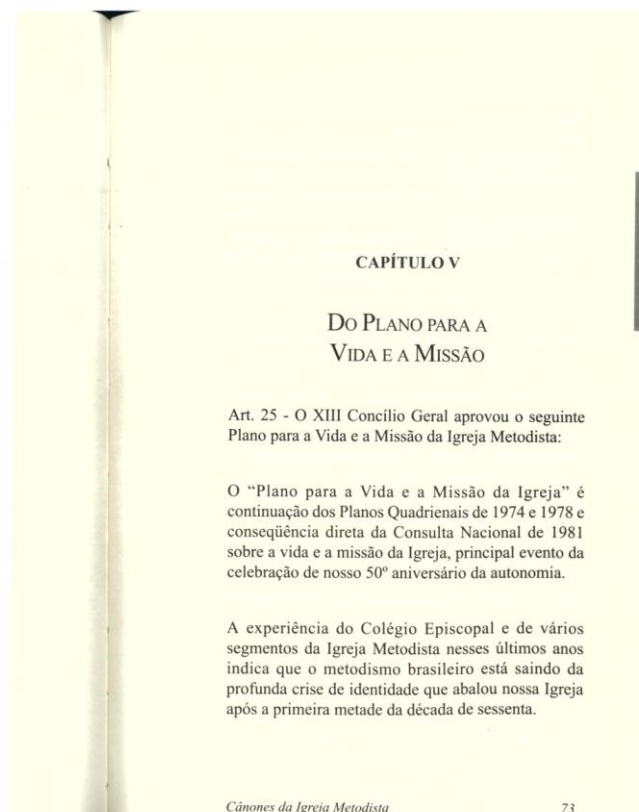
6. ... a Educação Cristã objetiva a transformação, a libertação.

... já que reconhece não ser a pessoa humana ainda transformada e libertada em toda a sua plenitude. A transformação da pessoa em nova criatura e do mundo em novo mundo, na perspectiva do Reino de Deus, são obra do processo educativo realizado por Deus em Cristo e continuado na vida da Igreja pela ação do Espírito Santo. Esta transformação significa também a libertação individual e social de todas as forças que se unem numa ação opressora. Indivíduo e comunidade recebem, pela educação cristã, meios para perceberem criticamente aquelas opressões que dominam a vida e impedem sua plena realização, segundo os propósitos de Deus, na implantação final de seu Reino. Isto envolve o arrependimento pessoal e comunitário, bem como uma luta incessante contra as forças opressoras. Importa hoje que a Igreja denuncie mais intensa e corajosamente a gravidade do pecado social, na medida em que este se disfarça quase despercebidamente nas estruturas da sociedade. Os direitos humanos desprezados, a injustiça social, o preconceito contra as minorias, a marginalização de pessoas e grupos, o processo de empobrecimento da maior parcela da população, fazem parte deste pecado.

Na medida em que participam deste processo de transformação e libertação o cristão e a comunidade de fé se nutrem, crescem e se santificam...

Anexo 10

Plano para a Vida e Missão da Igreja



- b) O Metodismo afirma que a vida cristã comunitária e pessoal deve ser a expressão verdadeira da experiência pessoal do crente com Jesus Cristo, como Senhor e Salvador (Ef 3.14-19). Pelo testemunho interno do Espírito, sabemos que somos feitos filhos de Deus, pela fé no Cristo que nos salva, nos liberta, nos reconcilia e nos oferece vida abundante e eterna (Rm 8.1-2, 14-16; Jo 10.10; 2Co 5.18-20).
- c) O Metodismo proclama que o poder do Espírito Santo é fundamental para a vida da comunidade da fé, tanto na piedade pessoal como no testemunho social (Jo 14.16-17). Somente sob a orientação do Espírito Santo a Igreja pode responder aos imperativos e exigências do Evangelho, transformando-se em meio de graça significativo e relevante às necessidades do mundo (Jo 16.7-11; At 1.8, 4.18-20).
- d) O Metodismo requer vida de disciplina pessoal e comunitária, expressão do amor a Deus e ao próximo, a fim de que a resposta humana à graça divina se manifeste através do compromisso contínuo e paciente do crente com o crescimento em santidade (1Pe 1.22; Tt 2.11-15). A santificação do cristão e da Igreja em direção à perfeição cristã é proclamada pelos metodistas em termos de amor a Deus e ao próximo (Lc 11.25-28) e se concretiza tanto em atos de piedade (participação na Ceia do Senhor, leitura devocional da Bíblia, prática da oração, do jejum, participação nos cultos, etc., At 2.42-47) como em atos de misericórdia (solidariedade ativa junto aos pobres, necessitados e marginalizados sociais, At 2.42-47). Os

metodistas, como Wesley, crêem que tornar o cristianismo uma religião solitária é, na verdade, destruí-lo (Lc 4.16-19, 6.20-21; Rm 14.7-8).

- e) O Metodismo caracteriza-se por sua paixão evangelística, procurando proclamar as boas-novas de salvação a todas as pessoas, de tal sorte que o amor e a misericórdia de Deus, revelados em Jesus Cristo, sejam proclamados e aceitos por todos os homens e mulheres (1Co 1.22-24). No poder do Espírito Santo, por meio do testemunho e do serviço prestados pela Igreja ao mundo em nome de Deus, da maneira mais abrangente e persuasiva possível, os metodistas procuram anunciar a Cristo como Senhor e Salvador (1Co 9.16; Fp 1.12-14; At 7.55-58).
- f) O Metodismo demonstra permanente compromisso com o bem-estar da pessoa total, não só espiritual, mas também seus aspectos sociais (Lc 4.16-20). Este compromisso é parte integrante de sua experiência de santificação e se constitui em expressão convicta do seu crescimento na graça e no amor de Deus. De modo especial, os metodistas se preocupam com a situação de penúria e miséria dos pobres. Como Wesley, combatem tenazmente os problemas sociais que oprimem os povos e as sociedades onde Deus os tem colocado, denunciando as causas sociais, políticas, econômicas e morais que determinam a miséria e a exploração e anunciando a libertação que o Evangelho de Jesus Cristo oferece às vítimas da opressão. Esta compreensão abrangente da salvação faz com que os metodistas se comprometam com as lutas que visam a eliminar

a pobreza, a exploração e toda forma de discriminação (Tg 5.1-6; Gl 5.1).

- g) O Metodismo procura desenvolver de forma adequada a doutrina do sacerdócio universal de todos os crentes (1Pe 2.9). Reconhece que todo o povo de Deus é chamado a desempenhar com eficácia, na Igreja e no mundo, ministérios pelos quais Deus realiza o Seu propósito, ministérios essenciais para a evangelização do mundo, para a assistência, nutrição e capacitação dos crentes, para o serviço e o testemunho no momento histórico em que Deus os vocaciona (1Co 12.7-11).
- h) O Metodismo afirma que o sistema conexional é característica fundamental e básica para a sua existência, tanto como movimento espiritual quanto como instituição eclesial (Ef 1.22-23). Deus lhe deu essa forma de articulação unificadora para cumprir a vocação histórica de "reformatar a nação, particularmente a Igreja, e espalhar a santidade bíblica sobre toda a terra" (Wesley) (At 17.4-6; Jo 17.17-19).
- i) O Metodismo é parte da Igreja Universal de Jesus Cristo. Procura preservar o espírito de renovação da Igreja dentro da unidade conforme a intenção da Reforma Protestante do século XVI e do Movimento Wesleyano na Igreja Anglicana do século XVIII, que, por circunstâncias históricas, resultaram em divisões. Por isso, dá sua mão a todos cujo coração é como o seu e busca no Espírito os caminhos para o estabelecimento da unidade visível da Igreja de Cristo (Jo 17.17-23).
- j) O Metodismo afirma que a vivência e a fé do cristão e da Igreja se fundamentam na revelação e ação

da graça divina. A graça divina é o fundamento de toda a revelação e ação histórica de Deus e se manifesta de forma preveniente, justificadora e santificadora, na vida do crente e da Igreja, pela fé pessoal e comunitária (Tt 2.11-15). A vivência cristã se fundamenta na fé (Rm 1.16-17). Fé obediente, amorosa e ativa, centralizada na ação histórica de Deus, na pessoa, vida e obra de Cristo e na ação atualizadora do Espírito Santo (Hb 1.1-3, 12.1-2). A Palavra de Deus, testemunha da ação e da revelação de Deus, é elemento básico para o despertamento e a nutrição da fé (2Tm 3.15; Lc 24.25-27; Gl 3.22).

- k) O Metodismo afirma que a Igreja, antes de ser organização, instituição ou grupo social, é um corpo, um organismo vivo, uma comunidade de Cristo (Ef 1.22-23; 1Co 12.27). Sua vivência deve ser expressa como uma comunidade de fé, adoração, crescimento, testemunho, amor, apoio e serviço (At 2.42-47; Rm 12.9-21). Nessa comunidade, metodistas são despertados, alimentados, crescem, compartilham, vivem juntos, expressam sua vivência e fé, edificam o Corpo de Cristo, são equipados para o serviço e expressam junto das pessoas e das comunidades (1Co 12.16-26; 2Co 9.12-14; Ef 4.11-16).
- l) O Metodismo afirma o valor da prática e da experiência da fé cristã. Essa prática e experiência são confirmadas pela Palavra de Deus, pela tradição da Igreja, pela razão e pela comunidade da Igreja (At 16.10). A prática da fé é característica básica do metodismo, pois ele é um "cristianismo

prático". Esse cristianismo prático tem como fonte de conhecimento de Deus a natureza, a razão, a tradição, a experiência cristã, a vivência na comunidade de fé, sempre confrontadas pelo testemunho bíblico, que é o elemento básico da revelação divina, interpretada a partir de Cristo (2Tm 3.14-17; 2Ts 2.13-15; 1Co 15.1-4).

B) Entendendo a vontade de Deus

- 1 - A missão de Deus no mundo é estabelecer o Seu Reino. Participar da construção do reino de Deus em nosso mundo, pelo Espírito Santo, constitui-se na tarefa evangelizante da Igreja.
- 2 - O reino de Deus é o alvo do Deus Trino e significa o surgimento do novo mundo, da nova vida, do perfeito amor, da justiça plena, da autêntica liberdade e da completa paz. Tudo isso está introduzido em nós e no mundo como semente que o Espírito Santo está fazendo brotar, como lemos em Romanos 8.23: "Nós temos as primícias do Espírito, aguardando a adoção de filhos", ou ainda em 2 Coríntios 7.21-22: "Mas aquele que nos confirma convosco em Cristo, e nos ungiu, é Deus, que também nos selou e nos deu o penhor do Espírito em nossos corações".
- 3 - Jesus iniciou a sua Missão no mundo com a pregação: "O tempo está cumprido e o reino de Deus está próximo, arrependei-vos e crede no Evangelho" (Mc 1.15).
- 4 - O propósito de Deus é reconciliar consigo mesmo o ser humano, libertando-o de todas as coisas que o escravizam, concedendo-lhe uma nova vida à

imagem de Jesus Cristo, através da ação e do poder do Espírito Santo, a fim de que, como Igreja, constitua, neste mundo e neste momento histórico, sinais concretos do reino de Deus.

- 5 - A missão é de Deus – Pai, Filho e Espírito Santo. O objetivo é construir o Reino de Deus. O Seu amor é a força motivadora de Sua presença e ação. "Ele trabalha até agora" (Mt 28.19; Jo 3.16):
 - a) criando as pessoas e comunidades, dando-lhes condições para viver, trabalhar e construir suas vidas como pessoas e como comunidades (Gn 1.26-31; Gn 2; 2Co 5.17);
 - b) ajudando as pessoas e comunidades a superar seus conflitos e pecados, trabalhando juntos e participando da vida abundante, concedida em Cristo por meio da reconciliação (Gn 3.8-21; Gn 12.1-13; Jo 10.10; 2Co 5.19);
 - c) possibilitando às pessoas e comunidades se encontrem como irmãos e irmãs, reconhecendo-O e aceitando-O como Pai (Mt 6.8-10);
 - d) abrindo, pela ação do Espírito Santo, novas possibilidades e fontes de vida (At 2.17-21; 1Co 12.4-11; Rm 12.6-8);
 - e) sarando as pessoas e as instituições, podando delas o que não convém, por meio de Seu juízo e graça (Ef 2.11-21; Fp 4.2-9; Jo 15);
 - f) envolvendo todas as pessoas e comunidades e todas as coisas nesse Seu trabalho.
- 6 - Na História e, especialmente, na do povo de Israel, Deus revela a Sua ação salvadora a favor das pessoas e do mundo. A concretização plena dessa ação deu-se na encarnação de Jesus Cristo. Ele

assumiu as limitações humanas, trouxe as boas-novas do reino de Deus, confrontou os poderes do mal, do sofrimento e da morte, vencendo-os em Sua ressurreição (Hb 1.1-14).

- 7 - Na construção da vida e na realização dessa obra, as pessoas e comunidades sofrem com o domínio das forças satânicas e do pecado. O pecado e o domínio dessas forças manifestam-se de diferentes maneiras em pessoas, grupos e instituições, impedindo a vida abundante e contrariando a vontade de Deus.
- 8 - Por meio de Jesus Cristo, Sua vida, trabalho e mensagem, Sua morte, ressurreição e ação redentora, podemos compreender a ação de Deus no passado; as oportunidades à esperança da vida plena no futuro que Ele nos oferece no presente, e a possibilidade de participar da construção desse futuro agora. É de Jesus Cristo que vem o poder para essa participação.
- 9 - A Igreja, fiel a Jesus Cristo, é sinal e testemunha do reino de Deus. É chamada a sair de si mesma e se envolver no trabalho de Deus, na construção do novo ser humano e do reino de Deus. Assim, ela realiza sua tarefa de evangelização (Hb 2.18).
- 10 - A Igreja Metodista no Brasil é parte da Igreja Metodista na América Latina e no mundo, ramo da Igreja Universal de Nosso Senhor Jesus Cristo. Sensível à ação do Espírito Santo, reconhece-se chamada e enviada a trabalhar com Deus neste tempo e lugar onde ela está. Neste tempo, fazemos uma escolha clara pela vida, manifesta em Jesus Cristo, em oposição à morte e a todas as forças que a produzem.

C) Necessidades e oportunidades

Na realização do trabalho de Deus, a Igreja Metodista reconhece grandes necessidades, que são também desafios da missão:

- 1 - Há necessidade de estar em comunhão com Deus, ouvir e atender a Sua voz e de se fortalecer no poder de Deus (1Jo 1.1-4; 1Co 11.17-34).
- 2 - Há necessidade de conhecer a Igreja, especialmente a igreja local, descobrir suas possibilidades e seus dons e valorizar seus ministérios para alcançar a participação total do povo na missão de Deus (1Co 12.1-30; Ef 4.5).
- 3 - Há necessidade de conhecer o bairro, a cidade, o campo, o país, o continente, o mundo e os acontecimentos que os envolvem, por que e como ocorrem e suas conseqüências. Isso inclui conhecer a maneira como as pessoas vivem e se organizam, são governadas e participam politicamente, e como isso pode ajudar ou atrapalhar a manifestação da vida abundante.
- 4 - Há necessidade de apoiar todas as iniciativas que preservem e valorizem a vida humana (1Sm 2.1-10; Lc 1.46-55).
- 5 - Há necessidade de denunciar por palavras e pela prática, todas as forças e instrumentos que oprimem e destroem a vida humana (Sl 42.1-9, 49.1-6, 50.13-53.12, 82; Is 1.17, 58.6-7, 61.1-3, 65.20-23; Tg 5.1-6).
- 6 - Há necessidade de entender e unir, no trabalho, de modo positivo, as igrejas locais, a Igreja e as demais Igrejas cristãs (Jo 17);
- 7 - Há necessidade de entender e superar as tensões existentes entre pastores e leigos, liderança local e

demais membros, liderança em todos os níveis. Isso deve dar-se por meio de uma confrontação que expresse amor e justiça, unindo a todos num trabalho participativo na missão (1Co 3.4-11, 3.21-23, 12.4-11).

A Missão acontece quando a Igreja sai de si mesma, envolve-se com a comunidade e se torna instrumento da novidade do reino de Deus (Mt 4.16-24, 28.18-20). À luz do conhecimento da Palavra de Deus, em confronto com a realidade, discernindo os sinais do tempo presente, a Igreja trabalha assumindo os dramas e esperanças do nosso povo (1Co 5.17-21; Ap 21.1-8; Is 43.14-21; 2Tm 2.9-10).

D) O que é trabalhar na Missão de Deus?

- É trabalhar para o Senhor do Reino num mundo espremido pelas forças do pecado e da morte, participando, como comunidade, com dons e serviços para o nascer da vida (Jr 1.4-10; Fp 1.18-26, 3.10-11; 2Tm 1.10; 1Jo 3.14);
- É somar esforços com outras pessoas e grupos que também trabalham na promoção da vida (Mc 9.38-41; At 10.28, 15.8-11).

E) Como participar a Missão de Deus?

A Igreja participa na Missão e cresce em santificação, o que acontece quando produz atos de piedade e obras de misericórdia. Os atos de piedade são, principalmente, o culto e o cultivo da piedade pessoal e comunitária, e as obras de misericórdia são, preferencialmente, o trabalho que valoriza e realiza a

pessoa enquanto constrói, em amor e justiça, a nova comunidade e o Reino de Deus. Assim, a Igreja participa da Missão e cresce quando:

1 - Cultua a Deus

- no oferecimento de nós mesmos, em comunidade, na adoração, no louvor, na confissão, na afirmação da fé, na consagração e no compartilhar de nossas experiências e dons (Rm 12.1-2; 1Co 14.26);
- no recebimento da palavra de renovação, de alimento, de fortalecimento mútuo e do poder de Deus (Cl 3.16; Is 1.6, 2.13).

Recebemos de Deus a vida e a ofertamos novamente a Deus. A celebração da vida por meio de Jesus Cristo se torna visível no seu início, pelo Batismo, e sua continuidade, pela proclamação da Palavra e da Ceia do Senhor, que são atos centrais do culto, e nele celebramos a vitória do Reino de Deus sobre as forças do mal e da morte (1Co 11.26; Lc 22.18; Mt 26.29; Jo 14.16-18, 25-27; Ap 1).

O Culto deve:

- ser amplamente participativo, em que a comunidade tenha vez e voz;
- ser inserido no dia-a-dia da comunidade na qual a igreja está localizada;
- expressar as angústias, lutas, alegrias e esperanças do povo, ofertando-as a Deus (1Co 14.26; Cl 3.16-17; Sl 150; Ef 5.19-21; Mt 6; Sl 71; Rm 8.15-39; Ef 3.14-17, 20-21).

O Culto continua por meio da oração e meditação pessoais, da família e de grupos. Ele se completa no

oferecimento da vida em atos de amor e justiça (Ef 6.10-20; Dt 6.4-9; Sl 15).

Ser uma oportunidade para "apelos" a todos os homens e mulheres para aceitarem a Jesus Cristo como Salvador.

2 - Aprende em comunidade

A Igreja participa da Missão de Deus educando-se a partir:

- da vida prática, aprendendo na experiência uns com os outros, corrigindo-se e descobrindo a ação de Deus na vida de cada dia;
- do compartilhamento com outras pessoas e grupos que preservam e valorizam a vida (At 2.42-47);
- da Palavra de Deus, buscando em conjunto, no confronto com os acontecimentos, alternativas que renovam a vida (Mt 7.24-27; Jo 5.39, 14, 15.3, 20; At 17.11-13);
- da Doutrina da Igreja, particularmente da herança metodista, descobrindo o valor histórico e atualizado de suas expressões para a nossa situação.

3 - Trabalha

O trabalho é algo próprio do ser humano porque é próprio do Criador. O trabalho pode ser experiência de sofrimento ou de libertação. Nossa participação no Reino de Deus renova a nossa compreensão acerca do trabalho. Seus resultados e seus benefícios tornam-se fontes de realização da vida pessoal e comunitária

(Jo 5.17; 2Tm 2.6; 1Co 15.58; 2Co 6.5ss, 11.22-27; Tg 5.4; 1Tm 5.18; Gn 2.15).

Essa experiência nos leva a:

- concretizar nossos dons e ministérios como trabalho a serviço do Reino de Deus, compartilhando com os outros a fé em Jesus Cristo como Senhor, Salvador e Libertador (Mt 25.14-30; 1Co 12.6-7; Rm 12.3-8; Ef 4.7-16; Is 9.1-6; Mc 10.42-43);
- colocarmo-nos a favor de relações justas entre empregadores e empregados, estando ao lado daqueles que são explorados em seu trabalho e daqueles que sequer conseguem trabalhar (Jr 22.13-19; Dt 24.14-15; Is 65.21-23; Am 2.6-7; Mt 25.40).

4 - Usa ferramentas e métodos adequados

Na experiência do trabalho no Reino de Deus, vamos descobrindo a necessidade de ferramentas apropriadas para a sua execução. Na Igreja e na comunidade, hoje, encontramos novos desafios que exigem ferramentas adequadas. Uma delas, por exemplo, é a participação de todos os membros da Igreja, homens e mulheres, nos diferentes níveis de decisão (At 16.9-10; At 13.1-3; Ef 4.1ss).

F) Situações nas quais acontece a Missão

A Missão acontece na promoção da vida e do trabalho.

- Para que haja vida, são necessários comunhão e reconciliação com Deus e com o próximo, direito

à terra, habitação, alimentação, valorização da família e dos marginalizados da família, saúde, educação, lazer, participação na vida comunitária, política e artística, e preservação da natureza (At 2.42; 2Co 5.18-20; Jo 10.10, 15.5; 1Jo 1.7);

- Para que haja trabalho, é necessário haver humanização do trabalho, melhor distribuição da riqueza, organização e proteção do trabalhador, segurança, valorização, oportunidade de salários e empregos para todos (Êx 23.12-13, Jr 23.12; Lv 19.13-14, 25.35-38; Dt 24.14-15; Sl 72).

G) Os frutos do trabalho na Missão de Deus

Colhemos a nova vida em Cristo como fruto do trabalho de Deus em nós, por meio de nós e do mundo (Mt 12.33, 13.8, 23, 7.16-17; Jo 15.12-16).

Essa nova vida se expressa:

- na descoberta do novo relacionamento com Deus e com os outros (Mt 22.36-40);
- na redescoberta contínua do sentido pleno da vida em nosso compromisso com a vontade de Deus na História (Mt 6.10; Mc 3.35; Jo 4.34, 6.40);
- no crescimento – em nós, entre nós e no mundo – da presença do Reino e de suas manifestações de amor, justiça, paz, respeito, sustento mútuo, liberdade e alegria (Gl 5.22-25; Mt 13.33; Rm 14.17; 1Co 4.20).

H) Esperança e vitória na Missão de Deus

Nosso trabalho tem sua raiz e força na confiança de que Deus está conosco, vai à frente e é a garantia da

concretização do Reino de Deus no presente e no porvir. Ainda que as forças do mal e da morte lutem para dominar o nosso mundo, nossa esperança reside naquele que as venceu, Jesus Cristo, que tornou reais a ressurreição e a vida eterna. A vitória da vida já pode ser percebida na luta que travamos contra as forças da morte, pois já temos os primeiros frutos do Reino (primícias), que nos nutrem e nos levam a perseverar na caminhada orando “VENHA O TEU REINO” (Êx 3.7-15; Mt 28.20; Sl 2; Rm 8.37-39; Gl 5.5; Ef 4.4; 1Co 15.55-58).

PLANO PARA AS ÁREAS DE VIDA E TRABALHO

(Ver nota explicativa, pág. 71)

Apresentamos, a seguir, o plano específico para cada área de vida e trabalho da Igreja Metodista.

O que é Missão? Missão é a construção do Reino de Deus, sob o poder do Espírito Santo, pela ação da comunidade cristã e de pessoas, visando ao surgimento da nova vida, trazida por Jesus Cristo, para a renovação do ser humano e das estruturas sociais, marcados pelos sinais da morte.

A) Área de Ação Social

1 - Conceito: A ação social da Igreja, como parte da Missão, é nossa expressão humana do amor de Deus.

É o esforço da Igreja para que na Terra seja feita a vontade do Pai. Isso acontece quando, sob a ação do Espírito Santo, nos envolvemos em alternativas de amor e justiça que renovam a vida e vencem o pecado e a morte, conforme a própria experiência e vida de Jesus Cristo.

2 - Objetivos

- 2.1 - Conscientizar o ser humano de que a sua responsabilidade é participar da construção do reino de Deus, promovendo a vida, num estilo que seja acessível a todas as pessoas.
- 2.2 - Cooperar com a pessoa e a comunidade a se libertarem de tudo que as escraviza.
- 2.3 - Participar da solução de necessidades pessoais, sociais, econômicas, de trabalho, saúde, escolares e outras fundamentais para a dignidade humana. Propugnar por mudanças estruturais da sociedade que permitam a desmarginalização social dos indivíduos e das populações pobres.

3 - Campos de Atuação

A Igreja Metodista cumpre a sua Missão na área de Ação Social atuando nas seguintes ocasiões:

- 3.1 - em qualquer situação em que a opressão e a morte negaram a realidade da vida com a qual Deus se comprometeu desde o começo do mundo;
- 3.2 - nas estruturas sociais que se tornaram obsoletas e desumanizantes, opressoras e injustas;
- 3.3 - na pessoa visando à restauração da sua integridade e do seu ambiente de vida;
- 3.4 - nos sofrimentos humanos, participando de soluções para sua superação;
- 3.5 - nos conflitos humanos, buscando promover a paz, combater a guerra e toda a violência;
- 3.6 - na educação integral da pessoa.

4 - Meios de Atuação

- 4.1 - exercer a justiça e o amor como sinais da vinda do Reino de Deus;
- 4.2 - prática dos princípios manifestados no Credo Social da Igreja Metodista;
- 4.3 - conhecer a Igreja, especialmente a igreja local, descobrir suas possibilidades e seus dons e valorizar seus ministérios para alcançar a participação total do povo na missão de Deus (1Co 12.1-30; Ef 4.5);
- 4.4 - conhecer o bairro, a cidade, o campo, o país, o continente, o mundo e os acontecimentos que os envolvem, por que e como ocorrem e suas conseqüências. Isso inclui conhecer a maneira como as pessoas vivem e se organizam, são governadas e participam politicamente, e como isso pode ajudar ou atrapalhar a manifestação da vida abundante;
- 4.5 - apoiar todas as iniciativas que preservem e valorizem a vida humana (1Sm 2.1-10; Lc 1.46-55);
- 4.6 - denunciar todas as forças e instrumentos que oprimem e destroem a vida humana (Sl 82, 42.1-9, 49.1-6, 50.4-11, 52.13-53.12; Is 1.17, 58.6-7, 61.1-3, 65.20-23; Tg 5.1-6);
- 4.7 - perseverar e zelar no exercício da ética cristã como princípio de toda ação social, principalmente nas relações político-econômicas;
- 4.8 - estimular o desenvolvimento de uma cidadania responsável e o preparo para maior participação nas estruturas e processos de decisões;
- 4.9 - criar estruturas e instrumentos que visem ao desenvolvimento da consciência nacional para

- promoção dos discriminados e marginalizados: o negro, o índio, a mulher, o idoso, o menor, deficientes, aposentados e outros;
- 4.10 - promover e praticar uso racional e sadio do lazer;
 - 4.11 - empenhar-se pela "liberdade de expressão legítima de convicções religiosas, éticas e políticas", conforme preceitua o Credo Social (IV, 4c);
 - 4.12 - apoiar, incentivar e participar das iniciativas em defesa da preservação do meio ambiente;
 - 4.13 - estimular o uso dos meios de comunicação e demais recursos das igrejas locais, como instrumentos de esclarecimento quanto aos males sociais, como a exploração da mulher e do sexo, dos jogos de azar e loterias, bebidas alcoólicas e fumo, que contribuem para a destruição da saúde física, mental e espiritual do ser humano e da família;
 - 4.14 - identificar-se com o povo das periferias em seus problemas e lutas, empenhando-se em ajudá-lo a se unir em comunidades de reflexão sobre a Palavra de Deus, de ajuda mútua, e de ação libertadora em seu próprio favor, pela descoberta de suas próprias possibilidades e direitos.

B) Área de Comunicação Cristã

1 - Conceito: Comunicação Cristã, como parte da Missão, é o processo de transmissão da mensagem do Evangelho de Jesus Cristo pelos veículos da comunicação social, visando à transformação da pessoa e da sociedade segundo as exigências do Reino de Deus.

2 - Objetivos

- 2.1 - despertar a Igreja e estimulá-la, em todas as suas áreas, a usar os meios da comunicação social como veículos de divulgação, propagação e efetiva realização da Missão;
- 2.2 - orientar a Igreja, em todas as suas áreas, quanto ao uso das comunicações sociais;
- 2.3 - conscientizar a população sobre o uso dos meios de comunicação de massa, esclarecendo-lhe os aspectos positivos e negativos dos mesmos, e como afetam a própria concepção da vida, podendo ser utilizados como instrumentos de sustentação da atividade;
- 2.4 - produzir ou fazer produzir o material de comunicação social necessário aos programas e atividades da Missão;
- 2.5 - atender às solicitações de prestação de serviço, dentro das prioridades da Igreja, em todos os setores de sua atuação;
- 2.6 - criar ou estimular a criação de programas de comunicação social, especialmente em áreas carentes da presença evangelizante da Igreja.

3 - Campos de Atuação

A Igreja Metodista cumpre a sua missão na área de Comunicação Cristã atuando nos seguintes campos:

- 3.1 - na totalidade da sociedade;
- 3.2 - nos veículos principais da comunicação social, imprensa, rádio, TV, editoras, cinema e outros;
- 3.3 - na Imprensa Metodista;

- 3.4 - nas áreas de Comunicação das instituições metodistas;
- 3.5 - nas igrejas locais.

4 - Meios de Atuação

A Igreja Metodista cumpre a sua Missão na área de Comunicação Cristã usando os seguintes meios:

- 4.1 - desenvolvimento da Imprensa Metodista como agência publicadora e divulgadora no contexto da Missão;
- 4.2 - dinamização do Expositor Cristão como instrumento da unidade, formação e comunicação, visando ao envolvimento da Igreja na Missão;
- 4.3 - dinamização das revistas da Escola Dominical e outros periódicos oficiais, como veículos de preparação para a Missão;
- 4.4 - pesquisas para uma contínua avaliação do material didático usado na Igreja, a fim de manter o equilíbrio entre as necessidades do povo metodista e as diretrizes e ênfases bíblico-teológicas do Plano para a Vida e a Missão;
- 4.5 - pesquisa para conhecer a realidade do povo brasileiro;
- 4.6 - pesquisa entre o povo metodista, visando a conhecer sua realidade e potencialidade;
- 4.7 - aproveitamento do Instituto Metodista de Ensino Superior e outras instituições de ensino para a produção de recursos audiovisuais e o treinamento de obreiros na área de comunicação social, na medida de suas possibilidades;

- 4.8 - organização de um cadastro de todas as pessoas da Igreja Metodista que trabalham nos meios de comunicação social;
- 4.9 - preparo de pessoas para a utilização dos meios de comunicação social como instrumento da Missão;
- 4.10 - organização de um cadastro dos meios de comunicação que estão sendo utilizados pela Igreja Metodista, relacionando-os;
- 4.11 - utilização de uma assessoria de imprensa junto ao Colégio Episcopal e ao Conselho Geral, para divulgar pronunciamentos e informações oficiais da Igreja Metodista;
- 4.12 - utilização de espaços disponíveis em veículos de comunicação social para divulgação de matérias e assuntos da Igreja;
- 4.13 - muniamento da igreja local com sugestões e idéias para atividade da comissão de comunicação local;
- 4.14 - dinamizar a atividade musical, inclusive instrumental, como veículo de comunicação na adoração, proclamação, testemunho e serviço.

C) Área de Educação

A educação, como parte da Missão, é o processo que visa oferecer à pessoa e à comunidade uma compreensão da vida e da sociedade, comprometido com uma prática libertadora, recriando a vida e a sociedade segundo o modelo de Jesus Cristo e questionando os sistemas de dominação e morte à luz do Reino de Deus.

C.1) Educação Cristã

1 - Conceito: A Educação Cristã é um processo dinâmico para a transformação, libertação e capacitação da pessoa e da comunidade. Ela se dá na caminhada da fé e se desenvolve no confronto da realidade histórica com o Reino de Deus, num comprometimento com a Missão de Deus no mundo, sob a ação do Espírito Santo, que revela Jesus Cristo segundo as Escrituras.

2 - Objetivos

- 2.1 - Proporcionar a formação cristã da pessoa em comunidade, levando-se em consideração as diversas fases de seu desenvolvimento;
- 2.2 - preparar o cristão para viver no Espírito de Deus nas suas relações, anunciar o Evangelho e cumprir seu ministério no mundo;
- 2.3 - ajudar a comunidade a saber o que é e o que significa sua situação humana a partir do indivíduo que integra o processo social;
- 2.4 - levar os cristãos a se integrarem na prática missionária à luz do Evangelho e da realidade social.

3 - Campos de Atuação

A Igreja Metodista cumpre sua Missão na área de Educação Cristã atuando nos seguintes campos:

- 3.1 - no lar;
- 3.2 - na igreja local;
- 3.3 - nas instituições de ensino da Igreja, escolas oficiais do Estado e universidades, grupos comunitários;
- 3.4 - na sociedade.

96

Cânones da Igreja Metodista

4 - Meios de Atuação

A Igreja Metodista cumpre sua Missão na área de Educação Cristã usando os seguintes meios:

- 4.1 - criação de instrumentos de análise da realidade social e da Bíblia, de modo a permitir uma compreensão cristã da pessoa e da história para o cumprimento da Missão;
- 4.2 - adequação dos instrumentos que favorecem a Educação Cristã na igreja local à luz do Plano para a Vida e a Missão (Escola Dominical, sociedades, pregação, liturgia, vida comunitária);
- 4.3 - revisão do estilo de vida da família, adequando-o ao exercício da Missão;
- 4.4 - organização de grupos comunitários para estudo (conforme 4.1) e ação comunitária;
- 4.5 - Educação Cristã abrangente nas escolas da Igreja, e ensino religioso nas escolas oficiais e da Igreja;
- 4.6 - classes permanentes de catecúmenos, preparando-os para a Missão;
- 4.7 - cursos visando à orientação de pais e testemunhas para batismo de crianças;
- 4.8 - cursos visando à orientação de noivos para o casamento;
- 4.9 - dinamização da organização e das atividades do setor de laicato, visando à Missão;
- 4.10 - criação de serviços de apoio e sustentação cristã do jovem universitário;
- 4.11 - incentivo às atividades criativas especiais e às expressões artísticas relacionadas com a Missão;
- 4.12 - desenvolvimento de uma nova hinologia engajada na Vida e na Missão da Igreja;
- 4.13 - funcionamento de Seminários Regionais Teológicos como centros de formação e enriqueci-

Cânones da Igreja Metodista

97

mento bíblico, doutrinário e teológico dos professores e obreiros de Educação Cristã da Escola Dominical, e formação do professor de ensino religioso nas escolas públicas e instituições da Igreja;

- 4.14 - estímulo da consciência da Igreja ao cumprimento do compromisso de sustentação financeira da Missão;
- 4.15 - desenvolvimento de novas formas de Educação Cristã.

C.2) Educação Teológica

1 - Conceito: A Educação Teológica é o processo que visa à compreensão da história em confronto com a realidade do reino de Deus, à luz da Bíblia e da tradição cristã reconhecida e aceita pelo metodismo histórico como instrumento de reflexão e ação para capacitar o povo de Deus, leigos e clérigos para a Vida e Missão numa dimensão profética.

2 - Objetivos

- 2.1 - criar instrumentos para a reflexão teológica que propicie a ação pastoral de todo o povo de Deus;
- 2.2 - preparar pastores e pastoras, bem como leigos e leigas para a Missão;
- 2.3 - capacitar o/a pastor/a para o preparo dos membros com vistas à Missão;
- 2.4 - analisar os fundamentos bíblico-teológicos das doutrinas cristãs enfatizadas pelo metodismo, à luz da sociedade brasileira;

98

Cânones da Igreja Metodista

- 2.5 - preparar obreiros para exercer ministérios em áreas especiais;
- 2.6 - manter o ministério pastoral e leigo atualizado para a Missão;
- 2.7 - aprofundar a pesquisa teológica no contexto brasileiro e latino-americano;
- 2.8 - integrar a Educação Teológica em um programa nacional de educação teológica.

3 - Campos de Atuação

A Igreja Metodista cumpre sua Missão na área de Educação Teológica atuando nos seguintes campos:

- 3.1 - Faculdade de Teologia e outras instituições de ensino teológico;
- 3.2 - instituições de ensino secular da Igreja, por meio de departamento de teologia, pastorais escolares e capelarias, cursos e outros;
- 3.3 - Igreja Local.

4 - Meios de Atuação

A Igreja Metodista cumpre sua Missão na área de Educação Teológica usando os seguintes meios:

- 4.1 - criação de instrumentos que aprimorem a compreensão da ação de Deus (Bíblia e História) na sociedade brasileira;
- 4.2 - programa de atualização a fim de alcançar a todos os pastores e pastoras;
- 4.3 - cursos de Bacharel em Teologia, Educação Cristã e outros, segundo as necessidades da Missão;
- 4.4 - cursos básicos de Teologia;

Cânones da Igreja Metodista

99

- 4.5 - cursos de formação de obreiros especiais, em regime formal e não formal, visando às novas fronteiras na Missão;
- 4.6 - cooperação com instituições de ensino teológico de outras Igrejas, visando a interesses e serviços comuns.

C.3) Educação secular

1 - Conceito: É o processo que oferece formação melhor qualificada nas suas diversas fases, possibilitando às pessoas desenvolvimento de uma consciência crítica e seu comprometimento com a transformação da sociedade segundo a Missão de Jesus Cristo.

2 - Objetivos

- 2.1 - capacitar a comunidade para cooperar no processo de transformação da sociedade, na perspectiva do Reino de Deus;
- 2.2 - ser a instituição educacional agente para atuar na sociedade na perspectiva do Reino de Deus;
- 2.3 - apoiar todas as decisões que promovam a vida, denunciar e combater todas as ações que destruam a vida;
- 2.4 - responder às necessidades do povo pela criação de escolas em áreas geográficas em desenvolvimento e em áreas carentes;
- 2.5 - propiciar possibilidades de estudos a alunos carentes;
- 2.6 - deixar claro o chamado de Jesus Cristo para o comprometimento da fé num espírito não sectarista.

3 - Campos de Atuação

A Igreja Metodista cumpre a sua Missão na área de Educação Secular atuando nos seguintes campos:

- 3.1 - na comunidade, sobretudo nas áreas carentes;
- 3.2 - nas instituições de ensino em todos os graus;
- 3.3 - no processo de reformulação do sistema educacional do país;
- 3.4 - nos órgãos educacionais da Igreja.

4 - Meios de Atuação

A Igreja Metodista cumpre a sua Missão na área de Educação Secular usando os seguintes meios:

- 4.1 - estabelecimento de programas para as atividades educacionais da Igreja, inclusive de suas instituições, com base em filosofia educacional coerente com a missão por ela aprovada;
- 4.2 - adequação dos currículos de curso à filosofia educacional da Igreja Metodista;
- 4.3 - estabelecimento de pastorais escolares nas instituições;
- 4.4 - desenvolvimento de sistemas de bolsas que atendam alunos carentes e projetos de interesse da Missão;
- 4.5 - capacitação e integração do pessoal da Escola na Missão;
- 4.6 - preparo de pessoal qualificado para exercício das diversas funções docentes e administrativas nas instituições da Igreja.

D) Área de Ministério Cristão

1 - Conceitos

- 1.1 - Ministério Cristão, como parte da Missão, é serviço de todo o povo a partir do batismo e da vocação divina. O cumprimento da Missão, em todas as áreas da existência e da sociedade, sob ação do Espírito Santo, requer preparo oferecido pela Igreja.
- 1.2 - Ministério Cristão é também exercido de modo especial por pessoas a quem Deus chama dentre os membros da Igreja, como pastores e pastoras, para a tarefa de edificar, equipar e aperfeiçoar a comunidade da fé, capacitando-a para o cumprimento da Missão (Ef 4.11-12).
- 1.3 - A Igreja afirma a existência de dons para o exercício de outros ministérios – tais como capelanias, serviços sociais, evangelistas, músicos, etc. –, cabendo-lhe perceber e definir prioridades e facilitar o desenvolvimento e o uso desses dons (Ef 4.7-13; Rm 12.12-14; 1Co 12, 13 e 14; 1Pe 4).

2 - Objetivos

- 2.1 - proporcionar ao cristão a oportunidade de confrontar-se com o mundo como fermento, sal e luz para a construção do Reino de Deus;
- 2.2 - proporcionar o encontro da pessoa com Deus, e o reencontro da Igreja com sua Vocação e Missão;
- 2.3 - desenvolver a consciência de que, pelo batismo, profissão de fé ou confirmação, o cristão se torna membro do corpo de Cristo; por isso, participa da Missão;

- 2.4 - o ministério pastoral visa à capacitação e o desenvolvimento da vida e ação dos membros da Igreja em todas as áreas de existência.

3 - Campos de Atuação

A Igreja Metodista cumpre a sua Missão na área de Ministério Cristão atuando nos seguintes campos:

- 3.1 - na sociedade;
- 3.2 - na Igreja em geral;
- 3.3 - na igreja local;
- 3.4 - nas instituições da Igreja;
- 3.5 - nas áreas de ministérios especiais, particularmente com jovens, juvenis e crianças;
- 3.6 - no exercício profissional consciente de estar operando os sinais do Reino de Deus.

4 - Meios de Atuação

A Igreja Metodista cumpre a sua Missão na área de Ministério Cristão usando os seguintes meios:

- 4.1 - a comunidade cristã em geral e o cristão em particular, encarnando o Reino de Deus nas mais diferentes situações humanas;
- 4.2 - currículo de Escola Dominical voltado para o preparo missionário dos leigos;
- 4.3 - pastorais, proclamações, documentos e outros que orientem a ação dos membros da Igreja, respondendo a situações concretas;
- 4.4 - cursos, encontros apropriados e literatura específica para o preparo do leigo, leiga, pastor e pastora para o exercício dos diferentes ministérios;

- 4.5 - Comunicação Social: televisão, rádio, jornal e telefone, etc.
- 4.6 - cursos e programas de educação continuada, visando à capacitação do laicato, organizados pela Faculdade de Teologia e Seminários Regionais, tendo em vista melhor desempenho no cumprimento da Missão;
- 4.7 - celebração do culto como forma de adoração, testemunho e serviço.

E) Área de evangelização

1 - Conceito: A evangelização, como parte da missão, é encarnar o amor divino nas formas mais diversas da realidade humana, para que Jesus Cristo seja confessado como Senhor, Salvador, Libertador e Reconciliador. A evangelização sinaliza e comunica o amor de Deus na vida humana e na sociedade pela adoração, proclamação, testemunho e serviço.

2 - Objetivos

- 2.1 - confrontar o ser humano e as estruturas sociais com Jesus Cristo e o Reino por Ele proclamado, a fim de que as pessoas e a sociedade O confessem como Senhor, Salvador e Libertador, e as estruturas sejam transformadas segundo o Evangelho;
- 2.2 - libertar a pessoa e a comunidade de tudo que as escraviza e conduzi-las à plena comunhão com Deus e o próximo.

3 - Campos de Atuação

A Igreja Metodista cumpre sua Missão na área de evangelização atuando nos seguintes campos:

- 3.1 - pessoas, grupos e estruturas;
- 3.2 - lares e instituições;
- 3.3 - zona rural, suburbana e urbana;
- 3.4 - grupos periféricos, marginalizados e minorias étnicas (pobres, menores, presos, prostitutas, idosos, toxicômanos, alcoólatras e outros).

4 - Meios de Atuação

A Igreja Metodista cumpre a sua Missão na área de Evangelização usando os seguintes meios:

- 4.1 - presença de Jesus Cristo, por meio do cristão e da comunidade cristã, nas mais diferentes situações da vida humana;
- 4.2 - conscientização e preparo do cristão para o exercício da Missão;
- 4.3 - estudos bíblicos com pessoas capacitadas;
- 4.4 - literatura adequada, visando ao preparo e à tarefa do evangelista;
- 4.5 - Pontos missionários locais;
- 4.6 - Campos missionários regionais e gerais, com envolvimento das igrejas locais;
- 4.7 - atividades e programas regulares da igreja local;
- 4.8 - culto comunitário e familiar;
- 4.9 - serviço de capelanía em hospitais, prisões, escolas e outros;
- 4.10 - visitação nos lares;
- 4.11 - realização de séries de pregações que incluam o preparo, a realização e o acompanhamento dos que se mostrarem interessados na nova vida em Cristo;

- 4.12 - igreja local como comunidade solidária em situações de crise;
- 4.13 - veículos de comunicação social;
- 4.14 - Escolas Dominicais.

F) Área de Patrimônio e Finanças

1 - Conceito: Patrimônio e Finanças, como parte da Missão, são todos os recursos materiais, como móveis, imóveis, veículos e financeiros, a serviço da missão, pela ação da Igreja (Ag 1.9; Ne 5).

2 - Objetivos

- 2.1 - providenciar e organizar os recursos patrimoniais e financeiros para o cumprimento da Missão (1Rs 5.15-9.25);
- 2.2 - administrar o patrimônio e os recursos financeiros da Igreja, mantendo-os a serviço da Missão (1Rs 4);
- 2.3 - desenvolver programas de capacitação de recursos, visando às exigências da Missão dentro da perspectiva bíblica da mordomia cristã (Lv 25; 1Co 9.7-8);
- 2.4 - desenvolver uma política cristã de pessoal (serventuários e outros) à luz do Credo Social da Igreja (Sl 82; 2Sm 8.15; Lv 19.9-14);
- 2.5 - observar os princípios da ética cristã no uso do patrimônio e das finanças (Êx 23.1-9; Pv 2.6-9);
- 2.6 - manter todos os recursos patrimoniais e financeiros em nome da Associação da Igreja Metodista e em regularidade legal.

3 - Campos de Atuação

A Igreja Metodista cumpre a sua Missão na área de Patrimônio e Finanças atuando nos seguintes campos:

- 3.1 - Concílio e conselhos geral, regional e local;
- 3.2 - órgãos e instituições gerais, regionais e locais;
- 3.3 - igrejas locais;
- 3.4 - programas e atividades da Igreja.

4 - Meios de atuação: A Igreja Metodista cumpre a sua missão na área de Patrimônio e Finanças usando os seguintes meios:

- 4.1 - utilização do patrimônio da Igreja, inclusive os das instituições, a serviço da Missão, extensiva à comunidade em que a Igreja ou instituições estão localizadas;
- 4.2 - desenvolvimento de programas de conservação e reparos das propriedades;
- 4.3 - utilização das dependências dos templos e outros prédios para proveito da comunidade, na formação de creches, jardins de infância, capacitação profissional e outros;
- 4.4 - aquisição de novas propriedades e aceitação de doações e legados patrimoniais, sem ônus e encargos, para a Missão;
- 4.5 - participação generosa nas contribuições na perspectiva bíblica da mordomia cristã, visando à manutenção e ao avanço da missão, incluindo ofertas, dízimos, legados e outras formas de contribuição (At 5.4-34; Fp 4.15-19);
- 4.6 - aplicação responsável dos recursos financeiros de acordo com os objetivos da missão (At 4.35);

- 4.7 - busca e aplicação de recursos externos oriundos das igrejas cooperantes, de outras agências, da comunidade e dos poderes públicos, para uso na Missão;
- 4.8 - construções para uso polivalente, de acordo com as exigências da Missão;
- 4.9 - valorização dos ministérios especializados, mediante o sustento dos respectivos obreiros, inclusive de leigos, pelas igrejas locais (1Co 9.1-15; Mt 10.9-10; Dt 25.4).

G) Área de Promoção da Unidade Cristã

1 - Conceito: A busca e vivência da unidade da Igreja, como parte da Missão, não são optativas, mas uma das expressões históricas do Reino de Deus. Elas procedem do Senhor Jesus Cristo e são realizadas por meio do Espírito Santo, pela rica diversidade de dons, ministérios, serviços e estruturas que possibilitam aos cristãos trabalhar em amor na construção do Reino de Deus até a sua concretização plena (Jo 10.17; 17.17-23; 1Co 1.10-13, 12.4-7, 12 e 13; Ef 4.3-6; 2.10-11).

2 - Objetivos

- 2.1 - cumprir a ordem do Senhor Jesus Cristo: "que todos sejam um para que o mundo creia";
- 2.2 - fortalecer o sistema de conexão por meio de um processo dinâmico de inter-relacionamento das Igrejas Metodistas em termos locais, regionais e gerais;
- 2.3 - cultivar a identidade histórica do metodismo como contribuição para a unidade do Corpo de Cristo;

- 2.4 - dentro da unidade cristã, cultivar a riqueza da diversidade de dons e serviços cristãos, na unidade do Espírito (1Co 12.4-11; Ef 4.3-6; Rm 12.1);
- 2.5 - dar continuidade aos esforços e à participação da Igreja Metodista em favor da unidade cristã, bem como incentivo à participação e cooperação da Igreja em sinais visíveis que enriqueçam a unidade cristã;
- 2.6 - dar continuidade à tradição metodista, reconhecendo que ela oferece uma base própria e condizente para o diálogo entre posições.

3 - Campos de Atuação

A Igreja Metodista cumpre sua missão na área de Unidade Cristã atuando nos seguintes campos:

- 3.1 - áreas de ação mencionadas neste Plano;
- 3.2 - metodismo brasileiro, latino-americano e mundial;
- 3.3 - outras Igrejas, organizações e movimentos cristãos;
- 3.4 - movimentos e organizações ecumênicas;
- 3.5 - comunidade local: em atividades de alcance social e comunitário nas quais Igrejas ou grupos de diferentes confissões encontrem uma missão comum.

4 - Meios de Atuação

A Igreja Metodista cumpre sua missão na área de Unidade Cristã usando os seguintes meios:

- 4.1 - divulgação e análise, nos órgãos de comunicação, das decisões do Concílio Geral;

- 4.2 - desenvolvimento de uma teologia que fortaleça nossa identidade wesleyana, visando a uma prática pastoral comum e uma abertura para a unidade dos cristãos;
- 4.3 - ação permanente do Colégio Episcopal, dos/as Bispos/as, dos/as Pastores/as, dos/as leigos/as em geral na direção da unidade da Igreja;
- 4.4 - continuação e fortalecimento da integração da Igreja Metodista brasileira com o metodismo latino-americano e mundial;
- 4.5 - participação em organizações cristãs nacionais, continentais e mundiais, visando a uma ação profética comum;
- 4.6 - formação de consciência de uma identidade metodista, em nível comum na Missão com outros grupos cristãos, respeitadas as diversidades de dons e estruturas;
- 4.7 - diálogo com as demais Igrejas de tradição metodista existentes no Brasil, para conhecimento mútuo e busca de caminhos de aproximação;
- 4.8 - declarações oficiais, definições doutrinárias e pastorais emanadas do Colégio Episcopal.

Parágrafo único - Os organismos integrantes de Administração Superior, Intermediária e Básica elaboram os Planejamentos e Programas Nacionais, Regionais e Locais, respectivamente, com base no Plano para a Vida e a Missão, consubstanciando-os em seus níveis correspondentes.

Anexo 11

Diretrizes para a Educação na Igreja Metodista

CAPÍTULO VI

DIRETRIZES PARA A EDUCAÇÃO NA IGREJA METODISTA

Art. 26 - O XIII Concílio Geral aprovou as seguintes diretrizes para a educação na Igreja Metodista:

Prefácio Histórico

Na continuidade de um processo iniciado há longo tempo e de projetos elaborados anteriormente, e tentando responder a anseios já existentes, a Igreja Metodista iniciou, em 1979, um processo formal para definir posições que servissem como diretrizes para a tarefa educativa de suas escolas. Após pesquisas em igrejas e instituições metodistas no País, realizou-se um seminário no Rio de Janeiro, em julho de 1980, convocado pelo Conselho Geral, quando se elaborou um documento intitulado *Fundamentos, Diretrizes e Objetivos para o Sistema Educacional Metodista*. Esse documento, voltado para as instituições de ensino secular e teológico, foi publicado pelo *Expositor*

Cristão e encaminhado a várias igrejas, instituições e órgãos regionais e gerais para que fosse avaliado.

Enquanto se desenrolava esse processo, a Secretaria Executiva de Educação Cristã do Conselho Geral promovia, a mando deste, a busca de um posicionamento acerca da educação cristã. Certas afirmações básicas, intituladas *A Educação Cristã: um posicionamento metodista*, foram também publicadas e propostas à Igreja em 1981. Por outro lado, tendo em vista a necessidade de preparação do Plano Para a Vida e a Missão da Igreja, o Conselho Geral procurou também definir a maneira metodista de se entender a vida e a missão da Igreja. Isso foi levado a efeito por meio de pesquisa da Igreja e, especialmente, por meio de uma Consulta Sobre Vida e Missão. Um documento sobre essa compreensão foi também elaborado e publicado no órgão oficial da Igreja. Tendo em vista as colocações alcançadas, o Conselho Geral determinou que elas fossem consideradas quando da revisão final dos *Fundamentos, Diretrizes, Políticas e Objetivos para o Sistema Educacional Metodista*. Esses deveriam ser ampliados, de modo a incluir também as responsabilidades da Igreja no campo de Educação Cristã. Com essa finalidade, em janeiro de 1982, reuniu-se o seminário Diretrizes para um Plano Nacional de Educação, no Instituto Metodista de Ensino Superior. Foram convocados os bispos, os membros do Conselho Geral, representantes dos Conselhos Regionais, das Federações Regionais de Homens, Senhoras, Jovens e Juvenis, bem como das respectivas Confederações. Cada instituição de ensino (secular e teológico) foi convidada a enviar dois

representantes. Os alunos de cada instituição de ensino teológico também foram convidados a enviar um representante.

O seminário pretendia elaborar um posicionamento que levasse em conta, além das propostas dos documentos acima citados, a análise do opinamento recebido das igrejas, órgãos e instituições. A complexidade da matéria mostrou que não se alcançaria a redação apropriada. Uma comissão foi então eleita pelo seminário e encarregada de reunir essas conclusões, aproveitando também os estudos ali realizados.

O documento *Diretrizes para a Educação na Igreja Metodista* é o resultado do trabalho, aprovado pelo Conselho Geral e sancionado pelo XIII Concílio Geral da Igreja Metodista.

I - O que estamos vendo

A educação tem sido um dos instrumentos sempre presentes na ação da Igreja Metodista no Brasil. Como instrumento de transformação social, ela é parte essencial do envolvimento da Igreja no processo da implantação do Reino de Deus.

A ação educativa da Igreja acontece de diversas maneiras: por meio da família, da igreja local em todas as suas agências (comissões, Escola Dominical, o púlpito, os grupos societários, etc.), das suas instituições de ensino secular, teológico, de ação comunitária e de comunicação.

Levando-se em conta o Evangelho e sua influência sobre todos os aspectos da vida, a ação educativa metodista trouxe muitas contribuições positivas. Especialmente por meio da igreja local, muitas pessoas foram convertidas e transformadas, modificando suas vidas e seu modo de agir. Por intermédio das instituições, a Igreja buscou a democratização e a liberalização da educação brasileira. Suas propostas educacionais eram inovadoras e humanizantes, pois ofereciam um tipo de educação alternativa aos rígidos sistemas jesuíta e governamental.

A ação educativa da Igreja, entretanto, deu muito mais valor às atitudes individualistas em relação à sociedade. O mais importante era uma participação pessoal e isolada. No caso específico das nossas escolas, à medida que a sociedade brasileira foi se desenvolvendo, elas perderam suas características inovadoras e passaram a ser reprodutoras da educação oficial. Esvaziaram-se, perdendo sua percepção de que o Evangelho tem também dimensões políticas e sociais, esquecendo, assim, sua herança metodista. Em razão de suas limitações históricas e culturais, a ação educativa metodista tornou-se prejudicada em dois pontos importantes: primeiro, porque não se identificou plenamente com a cultura brasileira; segundo, por ter apresentado pouca preocupação em descobrir soluções em profundidade para os problemas dos pobres e desvalidos, que são a maioria do nosso povo.

Hoje, no Brasil, vivemos situações que exigem de nós resposta concreta. Os problemas que afligem nosso povo, desde a família até os aspectos mais amplos da vida

nacional, colocam um grande desafio, e todos precisamos contribuir para encontrar as soluções que atendam aos verdadeiros interesses da maioria da nossa população. Percebemos que muitas são as forças contrárias à vida. Mas também acreditamos que o Evangelho nos capacita a encontrar aquelas soluções que possibilitam a realização dos verdadeiros interesses do povo brasileiro. Por isso, nós, metodistas, à luz da Palavra de Deus, examinamos nossa ação educativa presente, dispendo-nos a buscar novas linhas para essa ação.

II - O que nos diz a Bíblia

O Deus da Bíblia – que é Pai, Filho e Espírito Santo – Se revela na história humana como Criador, Senhor, Redentor, Reconciliador e Fortalecedor. Esse Deus trino, em Seu relacionamento com o ser humano, cria uma nova comunidade, sinalizada historicamente por meio da vida do povo de Israel e da Igreja. A ação divina sempre nos aponta para a realização plena do Reino de Deus.

A esperança desse Reino é vivida e experimentada parcialmente na vida do povo de Deus, na promessa a Abraão (Gn 12.1-4, 13.14-17, 17.8-9, 22.15-18), na experiência do êxodo (Êx 3.7-8, 6.1-9, 13.21-22, 14.15-16, 15.26, 16.4; Dt. 7.6-8), na conquista da terra (Js 1.1-9, 13-15, 24.14-25; Lv 25.8-55), na pregação dos profetas (Is 49.8-26, 55.1-13; Ez 36.22-37; Jl 2.12-32; Mq 2.12-13, 4.1-13) e em outras formas.

Essa esperança foi manifestada de maneira completa na vida de Jesus de Nazaré (Mc 1.15, Mt 6.9-13; Lc 4.16-21; Mc 14.23-25; 1Co 11.23-26). Por meio da vitória de Jesus Cristo sobre o pecado e a morte, temos a certeza de que se completará a realização total do Reino de Deus (Mt 28.1-10; 1Co 15.50-58; Ap. 21.1-8).

A ação de Deus se realiza por meio do Espírito Santo (Jo 16.7-14). O dom do Espírito é a força e o poder que faz brotar entre nós os sinais do Reino de Deus e sua justiça, da nova criação, do novo homem, da nova mulher, da nova sociedade (2Co 5.5, 14-17). O Espírito nos revela que o reino de Deus é maior que qualquer instituição ou projeto humano (Mt 12.1-8).

Toda a nossa prática deve estar de acordo com o Reino de Deus (Mt 6.33; Jo 14.26), e o Espírito Santo é quem nos mostra se essa concordância existe ou não. O Espírito de Deus age onde, como e quando quer (Jo 3.5-8) a fim de criar as condições para o estabelecimento do Reino. Só quando compreendemos isso é que nos comprometemos com o projeto de Deus. Então percebemos claramente que Deus quer dar ao ser humano uma nova vida, à imagem de Jesus Cristo, pela ação e poder do Espírito Santo. Por isso, Ele condena o pecado individual e social, gerador das forças que impedem as pessoas e os grupos de viver plenamente.

Sendo assim, a salvação é entendida como resultado da ação de Deus na História e na vida das pessoas e dos povos. Bíblicamente, ela não se limita à idéia da salvação da alma, mas inclui a ação de Deus na realidade de cada povo e de cada indivíduo. Isso atinge todos os aspectos da vida: religião, trabalho, família, vizinhança, meios

de comunicação, escola, política, lazer, economia (inclusive meios de produção), cultura, segurança e outros. A salvação é o processo pelo qual somos libertados por Jesus Cristo para servir a Deus e ao próximo e para participar da vida plena no reino de Deus.

A revelação do Reino de Deus em Jesus Cristo é motivo de esperança para todos nós (Rm 8.20-25). O Reino se realiza parcialmente na história (Mt 12.28) por meio de sinais que apontam para a plenitude futura. Ele é o modelo permanente para a ação do povo de Deus (Mt 20.24-28), criando em nós consciência crítica (1Co 2.14-16) capaz de desmascarar todos os sistemas de pensamento que se julgam donos exclusivos da verdade. A esperança no Reino permite que participemos de projetos históricos que visam à libertação da sociedade e do ser humano. Ao mesmo tempo, nos liberta da idéia de que os projetos humanos são auto-suficientes e nos leva a qualquer atitude de endeuamento de instituições.

A ação de Deus atinge, transforma e promove as pessoas, à medida que as desafia a um relacionamento pleno e libertador com Deus e o próximo, para o serviço concreto na comunidade. A natureza do Reino exige compromisso do novo homem e da nova mulher e sua sociedade, na direção da vida abundante da justiça e da liberdade oferecidas por Cristo.

Deus se manifesta sempre em atos de amor, pois Ele é amor (1Jo 4.7-8) e quer alcançar a toda a criação, pois nada foge à graça divina. Em Cristo, Deus nos ama de tal maneira que dá Sua vida por todos, alcançando especialmente os pobres, os oprimidos e marginalizados dos quais assume a defesa com justiça

e amor. Seu amor quebra as cadeias da opressão, do pecado, em todas as suas formas. Por Seu amor, Ele nos liberta do egoísmo para uma vida de comunidade em amor e serviço ao próximo.

O Reino de Deus alcança qualquer tipo de pessoa, quaisquer que sejam suas idéias, suas condições sociais, culturais, políticas, econômicas ou religiosas. Alcança igualmente a pessoa como um todo: corpo, mente e espírito, com todas as suas exigências.

Os atos de Deus, pelos quais Ele revela e inaugura o Seu Reino, nos ensinam também como devemos agir, e são o critério para a ação missionária da Igreja.

III - Algumas considerações das quais devemos nos lembrar

Toda a ação educativa se baseia numa filosofia, isto é, numa visão a respeito do mundo e das pessoas. Em nosso caso, a filosofia é iluminada pela fé, estando por isso sempre relacionada com a reflexão teológica à luz da revelação bíblica, em confronto com a realidade.

Até o momento, nossa ação educativa tem sido influenciada por idéias da chamada filosofia liberal, típicas de nossa sociedade, resultando num tipo de educação com características acentuadamente individualistas.

Alguns dos elementos fundamentais dessa corrente são:

- preocupação individualista com a ascensão social;
- acentuação do espírito de competição;
- aceitação do utilitarismo como norma de vida;

- colocação do lucro como base das relações econômicas.

Nenhum desses elementos está de acordo com as bases bíblico-teológicas sobre as quais se deve fundamentar a prática educativa metodista.

A educação, na perspectiva cristã, "como parte da Missão, é o processo que visa a oferecer à pessoa e à comunidade uma compreensão da vida e da sociedade, comprometida com uma prática libertadora, recriando a vida e a sociedade segundo o modelo de Jesus Cristo e questionando os sistemas de dominações e morte à luz do reino de Deus" (Plano Para a Vida e a Missão da Igreja Metodista – *Cânones 2007, página 93*). Por isso, a Igreja precisou definir novas diretrizes educacionais, voltadas para a libertação das pessoas e da sociedade.

A partir dessas diretrizes, a Igreja desenvolverá sua prática educativa, de tal modo que os indivíduos e os grupos:

- desenvolvam consciência crítica da realidade;
- compreendam que o interesse social é mais importante que o individual;
- exercitem o senso e a prática da justiça e solidariedade;
- alcancem a sua realização como fruto do esforço comum;
- tomem consciência de que todos têm direito a participar de modo justo dos frutos do trabalho;
- reconheçam que, dentro de uma perspectiva cristã, útil é aquilo que tem valor social.

IV - O que devemos fazer

A ação educativa da Igreja tem que estar mais firmemente ligada aos objetivos da Missão de Deus, visando à implantação do Seu Reino. Além disso, nossos esforços educacionais de todo tipo têm também que se identificar mais com a cultura brasileira e atender às principais necessidades do nosso povo. Por isso, é preciso que busquemos novos caminhos.

A busca desses novos caminhos deve procurar a superação do modelo educacional vigente. Não se pode mais aceitar uma educação elitista, que discrimina e reproduz a situação atual do povo brasileiro, impedindo transformações substanciais em nossa sociedade. Também não podemos nos conformar com a tendência que favorece a imposição da cultura dos poderosos, impedindo a maior participação das pessoas e aumentando cada vez mais seu nível de dependência.

Uma tomada de decisão nesse sentido não deve ser entendida como simples reação às falhas que encontramos na ação educativa, mas como uma atitude necessária de uma Igreja que deseja ser serva fiel, participando ativamente da construção do Reino de Deus.

A partir dessas constatações, declaramos que a ação educativa da Igreja Metodista – realizada por todas as suas agências, isto é, a Escola Dominical, comissões, púlpito, grupos societários, instituições de ensino secular, teológico, de ação comunitária, etc. – terá por objetivos:

1 - Dar continuidade, sob a ação do Espírito Santo, ao processo educativo realizado por Deus em Cristo, que

promove a transformação da pessoa em nova criatura e do mundo em novo mundo, na perspectiva do Reino de Deus;

- 2 - motivar educadores e educandos a se tornarem agentes positivos de libertação, com uma prática educativa de acordo com o Evangelho;
- 3 - confrontar permanentemente as filosofias vigentes com o Evangelho;
- 4 - denunciar todo e qualquer tipo de discriminação ou dominação que marginalize a pessoa humana e anunciar a libertação em Jesus Cristo;
- 5 - respeitar e valorizar a cultura dos participantes do processo educativo, na medida em que estejam de acordo com os valores do Reino de Deus;
- 6 - apoiar os movimentos que visem à libertação dos oprimidos dentro do espírito do Evangelho libertador de Jesus Cristo;
- 7 - despertar consciência crítica e sensibilizada para o problema da justiça num mundo marcado pela opressão.

Com base nesses posicionamentos, ficam estabelecidas as seguintes Diretrizes Gerais:

- 1 - toda e qualquer iniciativa educacional da Igreja, especialmente a organização de novos cursos e projetos, levará sempre em consideração os objetivos da Missão, de acordo com os documentos oficiais da Igreja e as necessidades locais;
- 2 - quanto aos cursos, currículos e programas já existentes, as agências da Igreja se empenharão para que, no menor prazo possível, estejam de acordo com as orientações estabelecidas neste documento;

3 - será buscado um estreito relacionamento com as comunidades em que nossos trabalhos estão localizados, compartilhando com elas os seus problemas;

4 - em todos os lugares em que a Igreja atua serão colocadas, à disposição da comunidade, das organizações de classe e das entidades comunitárias, as instalações de que dispomos, tanto para a realização de programas quanto para a discussão de temas de interesse comunitário, de acordo com os objetivos da Missão;

5 - as igrejas e instituições devem atuar também por meio de programas de educação popular, destinando, para isso, recursos financeiros específicos;

6 - toda a ação educativa da Igreja deverá proporcionar aos participantes condições para que se libertem das injustiças e males sociais que se manifestam na organização da sociedade, tais como: a deterioração das relações na família e entre as pessoas, a deturpação do sexo, o problema dos menores, dos idosos, dos marginalizados, a opressão da mulher, a prostituição, o racismo, a violência, o êxodo rural resultante do mau uso da terra e da exploração dos trabalhadores do campo, a usurpação dos direitos do índio, o problema da ocupação desumanizante do solo urbano e rural, o problema dos toxicômanos, dos alcoólatras, e outros;

7 - a educação da criança deverá merecer especial atenção, notadamente na faixa pré-escolar (de 0 a 6 anos), e de preferência voltada para os setores mais pobres da população;

8 - visando à unidade educacional da Igreja em sua Missão, as igrejas locais e instituições se esforçarão no sentido de uma ação conjunta em seus projetos educacionais;

9 - a Igreja e suas instituições estabelecerão programas destinados à formação de pessoas capacitadas para todas as tarefas ligadas à ação educacional e social;

10 - todas as agências de educação da Igreja Metodista, tanto igreja local quanto instituição, procurarão orientar os participantes de seu trabalho sobre as diretrizes ora adotadas, empenhando-se igualmente para que elas sejam vividas na prática.

A - No caso específico da Educação Secular

A Igreja entende a Educação Secular que promove como o "processo que oferece formação melhor qualificada nas suas diversas fases, possibilitando às pessoas o desenvolvimento de uma consciência crítica e seu comprometimento com a transformação da sociedade segundo a Missão de Jesus Cristo" (Plano Para a Vida e a Missão da Igreja Metodista – Cânones 2007, página 100).

Por isso:

1 - o ensino formal praticado em nossas instituições não se limitará a preparar para o mercado de trabalho, mas, além disso, igualmente, deverá despertar uma percepção crítica dos problemas da sociedade.

2 - as instituições superarão a simples transmissão repetitiva de conhecimentos, buscando a criação de novas expressões do saber, a partir da realidade e da expectativa do povo.

3 - terá prioridade a existência de pastorais escolares que atuem como consciência crítica das instituições, em todos os seus aspectos, exercendo suas funções profética e sacerdotal dentro e fora delas.

4 - toda a prática das instituições se caracterizará por um contínuo aperfeiçoamento no sentido de democratizar cada vez mais as decisões.

5 - os órgãos competentes farão com que essas diretrizes sejam cumpridas em suas instituições.

6 - as instituições participarão em projetos da Igreja compatíveis com suas finalidades estatutárias, atendendo aos fins da Missão.

B - No caso específico da Educação Teológica

1 - "A Educação Teológica é o processo que visa à compreensão da história em confronto com a realidade do Reino de Deus à luz da Bíblia e da tradição cristã reconhecida e aceita pelo metodismo histórico como instrumentos de reflexão e ação para capacitar o povo de Deus, leigos e clérigos para a Vida e a Missão, numa dimensão profética" (Plano para a Vida e a Missão da Igreja Metodista – Cânones 2007, página 98).

2 - Os currículos serão fundamentados nas bases teológicas reconhecidas pela Igreja Metodista como identificadas no presente documento, com vistas a mudanças na metodologia do trabalho teológico a partir das necessidades do povo.

3 - No recrutamento e seleção dos professores de Teologia, se observará não apenas a sua adequada qualificação aos cursos a serem ministrados mas,

também, a sua vivência pastoral e a consciência que tenham de que a tarefa teológica deve ser feita a partir da revelação, no contexto do povo brasileiro e tendo em vista o atendimento de suas necessidades.

4 - O processo de recrutamento dos que aspiram ao pastorado incluirá, sistematicamente, um programa pré-teológico de estudos, que os iniciará no processo de reflexão sobre as preocupações da Igreja como definidas nos seus documentos.

5 - A Educação Teológica será desenvolvida observando-se os seguintes relacionamentos:

- Relacionamento com o contexto social: a metodologia do trabalho teológico, em todos os níveis, terá relação direta com a realidade da sociedade brasileira, na perspectiva do oprimido, visando ao processo de sua libertação.

- Relacionamento com outras áreas do conhecimento humano: o trabalho teológico deverá ser desenvolvido de uma forma integrada a outras áreas do conhecimento, incluindo tanto as ciências humanas como as áreas de tecnologia, de ciências exatas, de saúde, ciências aplicadas e outras.

- Relacionamento entre as instituições de ensino: o trabalho teológico deverá ser realizado de maneira integrada, de tal modo que todo o ensino teológico na Igreja promova a sua unidade de pensamento e ação naquilo que seja fundamental.

- Relacionamento ecumênico: a Educação Teológica será enriquecida pelo contato com outras Igrejas cristãs, inclusive de outros países.

6 - As instituições de ensino teológico oferecerão cursos de formação e atualização teológica para pastores/as e leigos/as, com a finalidade de os/as ajudar a reexaminar continuamente seu ministério e serviço, desde a perspectiva do Reino de Deus.

7 - As instituições de ensino teológico desenvolverão esforços na pesquisa junto à igreja local e outras fontes para a renovação litúrgica levando em conta as características culturais do povo brasileiro.

8 - Os órgãos competentes estudarão uma maneira de uniformizar o tratamento dos seminaristas pelas regiões eclesiais, em termos de ajuda financeira (bolsas), apoio e requisitos dos estudantes para ingresso e continuação dos estudos na Faculdade de Teologia e nos Seminários.

C - No caso específico de Educação Cristã

1 - "A Educação Cristã é um processo dinâmico para transformação, libertação e capacitação da pessoa e da comunidade. Ele se dá na caminhada da fé e se desenvolve no confronto da realidade histórica com o Reino de Deus, num comprometimento com a Missão de Deus no mundo, sob a ação do Espírito Santo, que revela Jesus Cristo segundo as Escrituras" (Plano para a Vida e a Missão da Igreja Metodista – *Cânones 2007, página 94*).

2 - O currículo de Educação Cristã na Escola Dominical será fundamentado na Bíblia e tratará de relacionar os relatos bíblicos com a realidade na qual a Igreja se encontra.

3 - As secretarias executivas regionais de Educação Cristã estabelecerão cursos e programas com vistas à formação

e aperfeiçoamento dos obreiros da Escola Dominical, para que desenvolvam uma metodologia de ensino compatível com as diretrizes contidas neste documento.

4 - A Igreja retomará especial cuidado para com a criança e o adolescente, redefinindo a organização desses grupos e provendo material educativo adequado para essas idades.

5 - Os grupos societários desenvolverão estudos e programas que auxiliem os seus participantes a compreender e viver a ação libertadora do Evangelho e serão municiados pela Igreja com literatura e sugestões apropriadas para alcançar esse objetivo.

6 - Tendo em vista o fato de que a liturgia é um processo educativo, os/as pastores/as e obreiros/as leigos/as serão incentivados/as a descobrir novas formas litúrgicas que promovam a educação do povo de Deus.

7 - O Conselho Geral estabelecerá programas mínimos de educação religiosa para as instituições metodistas de ensino secular, em todos os níveis, levando em conta as diretrizes aqui estabelecidas.

8 - O Conselho Geral providenciará programas mínimos de educação religiosa a serem desenvolvidos, quando isso for possível, em escolas públicas.

9 - O Conselho Geral providenciará material educativo a ser utilizado na igreja local e capacitação do catecúmeno, novo convertido, pais e testemunhas quanto ao batismo, e noivos, quanto ao casamento.

10 - O Conselho Geral providenciará material educativo a ser utilizado na igreja local visando a conscientizar a família acerca de seu papel à luz da missão.

Parágrafo único - As instituições educacionais da Igreja, de qualquer nível e grau, são regidas pelas Diretrizes para a Educação da Igreja Metodista, devendo toda a sua vida administrativa e acadêmica ser planejada e desenvolvida segundo os ditames contidos nessas Diretrizes.